

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Jean Silveira Rossi

**“ANTES ERA SÓ LER, HOJE EM DIA É LER E COMENTAR”:
LEITURAS COMPARTILHADAS PELA INTERNET NOS CLUBES *LEIA
MULHERES***

Santa Maria, RS
2022

Jean Silveira Rossi

“ANTES ERA SÓ LER, HOJE EM DIA É LER E COMENTAR”:
LEITURAS COMPARTILHADAS PELA INTERNET NOS CLUBES *LEIA MULHERES*

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Comunicação.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Liliane Dutra Brignol

Santa Maria, RS
2022

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Rossi, Jean Silveira

"Antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar":
leituras compartilhadas pela internet nos clubes Leia
Mulheres / Jean Silveira Rossi.- 2022.
209 p.; 30 cm

Orientadora: Liliane Dutra Brignol
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2022

1. Usos sociais das mídias 2. Práticas de leitura 3.
Etnografia digital 4. Clubes de leitura 5. Leia Mulheres
I. Dutra Brignol, Liliane II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, JEAN SILVEIRA ROSSI, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Jean Silveira Rossi

**“ANTES ERA SÓ LER, HOJE EM DIA É LER E COMENTAR”:
LEITURAS COMPARTILHADAS PELA INTERNET NOS CLUBES *LEIA MULHERES***

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Comunicação**.

Aprovada em 04 de abril de 2022.

Liliane Dutra Brignol, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora) (por videoconferência)

Isabel Siqueira Travancas, Dra. (UFRJ - RJ)
(por videoconferência)

Sandra Dalcul Depexe, Dra. (UFSM - RS)
(por videoconferência)

Santa Maria, RS
2022

NUP: 23081.033865/2022-19

Prioridade: Normal

Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação

134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de aprovação	Folha de Aprovação - Jean Silveira Rossi (1) (1).pdf

Assinaturas

05/04/2022 17:31:22

LILIANE DUTRA BRIGNOL (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

06.10.35.00.0.0 - CURSO-PROGRAMA PG EM COMUNICAÇÃO - CPPCom

05/04/2022 17:46:38

SANDRA DALCUL DEPEXE (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

06.09.19.00.0.0 - CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL - CCSPE

11/04/2022 23:26:39

Isabel Siqueira Travancas (Pessoa Física)

Usuário Externo (760.***.***.**) 

Código Verificador: 1298877

Código CRC: 1237f30b

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



AGRADECIMENTOS

Estes dois anos de pandemia e mestrado foram marcados por mudanças de planos, dificuldades e adaptações de inúmeras ordens que felizmente foram amenizadas pela companhia e apoio de diversas pessoas.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Marfisa e Iran, pelo amor, suporte e por compreenderem meus momentos de ausência e introspecção. Mãe, a semente desta pesquisa começou a germinar quando você me presenteou com os primeiros livros.

À minha irmã, Daiane, por compartilhar comigo o gosto por tantas narrativas midiáticas e estar sempre me apoiando, aconselhando e protegendo. Você é meu orgulho pessoal e inspiração profissional.

À Giulia, Iasmin, Bia, João, Nathalie, Mateus, Selena, Cíntia, Sianne, Camila e Ana, pela amizade on ou offline. À Alexandra, Vitor e Nina, pelas fofocas edificantes via #PEnaPós.

À Liliane, pela orientação atenta, profissional, paciente e sensível. Você foi a principal responsável por tornar tranquilo o meu percurso no mestrado. Obrigado pelos escalafrios epistemológicos provocados ao longo da nossa parceria em temporalidades tão desafiadoras.

À Depexe, por ensinar que design também combina com trabalhos acadêmicos, pelas contribuições cirúrgicas à dissertação, tanto da disciplina de Desenho de Pesquisa quanto em banca, e por seguir, junto à Liliane, auxiliando na formação de produtores editoriais na pós-graduação. As nossas trocas são “de milhões”.

À Isabel, pelo olhar antropológico e editorial tão importante à investigação. Agradeço a oportunidade enquanto aluno visitante da UFRJ. As discussões em aula e os seus apontamentos em banca foram basilares para as reflexões etnográficas aqui apresentadas.

Ao Leandro, pelo aceite na parceria docente da disciplina de PE para Mídias Digitais.

À comunidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM-UFSM) que ajudou neste estudo em frentes distintas, desde o auxílio da secretaria e coordenação do programa até os debates com colegas e professores nas disciplinas e grupos de pesquisa. Menciono especialmente os amigos Camila Pereira, Carla Ernesto e Maurício Fanfa, com quem dividi a representação discente em 2021.

Às criadoras, mediadoras e leitoras dos grupos *Leia Mulheres*, por tornarem possível esta investigação remota com clubes de leitura de norte a sul do Brasil. Obrigado pela recepção, carinho e disposição durante a construção empírica deste estudo.

À CAPES, pelo subsídio que proporcionou a realização desta pesquisa.

O futuro, por seu turno, comporta uma série de desafios e questões ligadas às grandes mutações comunicacionais, tecnológicas e socioculturais que estamos atravessando. Estas são especialmente importantes para o campo da produção editorial, na medida em que afetam a natureza, a produção, a circulação e o consumo de objetos que, em diversos níveis, usufruíam de certa estabilidade.

Ana Gruszynski, Márcio Souza Gonçalves e Ana Elisa Ribeiro

Las crisis del libro y la lectura remiten entonces al ámbito más ancho de cambio cultural, el que conecta las nuevas condiciones del saber con las nuevas formas de escribir, y ambas con transformaciones de la sensibilidad y la sociabilidad ciudadana.

Jesús Martín-Barbero (in memoriam) e Gemma Lluch

RESUMO

“ANTES ERA SÓ LER, HOJE EM DIA É LER E COMENTAR”: LEITURAS COMPARTILHADAS PELA INTERNET NOS CLUBES *LEIA MULHERES*

AUTOR: Jean Silveira Rossi
ORIENTADORA: Liliane Dutra Brignol

Delimita-se como tema desta dissertação o estudo das práticas de leitura compartilhada e usos sociais das mídias por leitoras integrantes dos clubes *Leia Mulheres*, iniciativa brasileira que propõe o reconhecimento de escritoras por meio da leitura coletiva de suas obras. A questão central, intitulada “Como se configuram as mutações culturais e comunicacionais em leituras compartilhadas pela internet?”, possibilita investigar as práticas de leitura compartilhada em encontros online dos clubes *Leia Mulheres*, a partir das mediações narrativas, identidades, tecnicidades, ritualidades e sociabilidades, sendo este o objetivo geral do trabalho. Tomamos como objetivos específicos: a) observar as práticas de leitura compartilhada em encontros online de cinco clubes pertencentes ao projeto *Leia Mulheres* no país; b) entender a importância do clube de leitura para as mediadoras e leitoras participantes; c) analisar os usos dos livros e da internet pelas integrantes do projeto *Leia Mulheres* a partir das cinco mediações já citadas. A pesquisa, de caráter qualitativo, fundamenta-se nos estudos culturais, especialmente na abordagem teórico-metodológica das mediações de Jesús Martín-Barbero (2018). Metodologicamente, realizamos um estudo etnográfico na internet, organizado em três momentos. Em 2020, aplicamos questionários online com 52 mediadoras de leitura integrantes do projeto *Leia Mulheres*. Na segunda etapa, de março a agosto de 2021, realizamos observação participante em três encontros dos *Leia Mulheres* de Marechal Deodoro (AL), Belém (PA), Mauá (SP), Sinop (MT) e Caxias do Sul (RS), totalizando quinze reuniões. Por último, em novembro de 2021 entrevistamos cinco leitoras desses grupos para aprofundarmos nossa análise. Como resultados, identificamos que a organização do *Leia Mulheres* perpassa pelas mediações das tecnicidades, no que se refere aos usos da internet pelos clubes com produção e compartilhamento de conteúdo, nos encontros online mediados por aplicativos de mensagens, plataformas de reuniões e por redes sociais; ritualidades, por meio dos hábitos individuais de leitura, escolha dos livros, organização e repetição dos encontros; sociabilidades, através do compartilhamento de leituras, criação de vínculos e o impacto da pandemia nas relações sociais; narrativas, diante dos relatos pessoais e coletivos motivados pelos livros enquanto produtos midiáticos; e identidades, a partir do reconhecimento de si e das autoras mulheres, do projeto literário feminista e do clube como espaço de pertencimento e resistência.

Palavras-chave: Usos sociais das mídias. Práticas de leitura. Etnografia digital. Clubes de leitura. *Leia Mulheres*.

ABSTRACT

“BEFORE IT WAS JUST READING, NOW IT'S READING AND COMMENTING”: READINGS SHARED ON THE INTERNET IN *LEIA MULHERES* CLUBS

AUTHOR: Jean Silveira Rossi

ADVISOR: Liliane Dutra Brignol

The theme of this dissertation is limited to the study of shared reading practices and social uses of media by female readers who are members of the *Leia Mulheres* clubs, a Brazilian initiative that proposes the recognition of female writers through the collective reading of their works. The central question, entitled "How are cultural and communicational mutations configured in readings shared over the internet?", makes it possible to investigate shared reading practices in online meetings of *Leia Mulheres* clubs, based on narrative mediations, identities, technics, rituals and sociabilities, which is the general objective of the work. We take as specific objectives: a) to observe the shared reading practices in online meetings of five clubs belonging to the *Leia Mulheres* project in the country; b) understand the importance of the book club for the participating mediators and readers; c) analyze the uses of books and the internet by members of the *Leia Mulheres* project, based on the five mediations already mentioned. The qualitative research is based on cultural studies, especially on the theoretical-methodological approach of the mediations of Jesús Martín-Barbero (2018). Methodologically, we carried out an ethnographic study on the internet, organized in three moments. In 2020, we applied online questionnaires to 52 reading mediators who are part of the *Leia Mulheres* project. In the second stage, from March to August 2021, we carried out participant observation in three meetings of the *Leia Mulheres* de Marechal Deodoro (AL), Belém (PA), Mauá (SP), Sinop (MT) and Caxias do Sul (RS), totaling fifteen meetings. Finally, in November 2021 we interviewed five readers from these groups to deepen our analysis. As a result, we identified that the organization of *Leia Mulheres* goes through the mediations of technicalities, with regard to the use of the internet by clubs with production and sharing of content, in online meetings mediated by messaging applications, meeting platforms and social networks; rituals, through individual reading habits, choice of books, organization and repetition of meetings; sociability, through sharing readings, creating bonds and the impact of the pandemic on social relationships; narratives, in the face of personal and collective reports motivated by books as media products; and identities, based on the recognition of the self and the women authors, the feminist literary project and the club as a space for belonging and resistance.

Key-words: Social uses of media. Reading practices. Digital ethnography. Reading Clubs. *Leia Mulheres*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Fusão dos quatro mapas das mediações.....	37
FIGURA 2 – Quarto mapa das mediações	41
FIGURA 3 – Síntese da problemática da pesquisa.....	43
FIGURA 4 – Articulações entre as mediações priorizadas para investigação.....	45
FIGURA 5 – Perspectivas teórico-metodológicas da pesquisa	46
FIGURA 6 – Etapas metodológicas da pesquisa	84
FIGURA 7 – Registro do 25º encontro do Bem Ditas em Santa Maria - RS	89
FIGURA 8 – Aba “clubes” do website <i>Leia Mulheres</i>	99
FIGURA 9 – Localização geográfica dos municípios de cada clube	104
FIGURA 10 – Parte superior dos cards para divulgação das 15 reuniões analisadas	112
FIGURA 11 – Desafio <i>Leia Mulheres</i> 2021	148
FIGURA 12 – Exemplo do registro fotográfico ao final dos encontros.....	151
FIGURA 13 – Encontro das leitoras caxienses em protesto político	154
FIGURA 14 – Ranking das narrativas mais lidas nos clubes <i>Leia Mulheres</i> durante 2019 ...	168

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – País de origem das 15 escritoras lidas.....	111
GRÁFICO 2 – Número de leitoras e leitores nos encontros observados	113

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Estado da arte das pesquisas sobre o projeto <i>Leia Mulheres</i> no Brasil.	52
QUADRO 2 – Calendário dos quinze encontros observados.....	107
QUADRO 3 – Dispositivos e formatos de leitura das entrevistadas.....	137
QUADRO 4 – Hábitos de leitura das entrevistadas	139
QUADRO 5 – Ritualidades dos clubes investigados	145

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	23
2.	MUTAÇÕES CULTURAIS E COMUNICACIONAIS DA LEITURA.....	32
2.1	LEITORES NOS ESTUDOS CULTURAIS	32
2.2	ABORDAGEM DAS MEDIAÇÕES	36
2.2.1	Os mapas de Jesús Martín-Barbero.....	37
2.2.1.1	Investigando o sensorium contemporâneo da leitura	40
2.3	PESQUISAS ANTERIORES	48
2.3.1	Mulheres e livros: antessala para debater identidades e narrativas.....	56
3.	LIVROS, LEITURAS E LEITORES	64
3.1	TEMPORALIDADES E MATERIALIDADES DO LIVRO E DA LEITURA.....	65
3.1.1	Breve história das leituras compartilhadas.....	68
3.2	MEDIADORES E CLUBES DE LEITURA.....	69
3.2.1	Comunidades leitoras	72
3.3	SOCIABILIDADES LITERÁRIAS NA INTERNET.....	75
3.3.1	Plataformização da leitura.....	78
4.	TRAVESSIAS METODOLÓGICAS: PERCURSO ETNOGRÁFICO	84
4.1	MUDANÇA DE PLANOS: A TEMPORALIDADE PANDÊMICA	88
4.2	CONHECENDO O <i>LEIA MULHERES</i> : QUESTIONÁRIOS EXPLORATÓRIOS ..	91
4.2.1	Perfil das mediadoras de leitura	95
4.3	DIÁRIOS DE UM LEITOR: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	97
4.3.1	Negociação com o campo: (des)encontros literários	98
4.3.2	Leituras coletivas do norte ao sul: os cinco clubes observados	103
4.3.2.1	Narrativas de autoria feminina: quem lê e quem é lida	107
4.3.3	Meu diário é um livro aberto: reflexões etnográficas	114
4.4	DO ROTEIRO À ESCUTA DAS LEITORAS: ENTREVISTAS	118
4.4.1	Conceição: a bibliotecária do clube de Caxias do Sul - RS	123
4.4.2	Gloria: a revisora do clube de Belém - PA	123
4.4.3	Djamila: a universitária do clube de Sinop - MT	123
4.4.4	Melissa: a escritora do clube de Mauá - SP	124
4.4.5	Agatha: a professora do clube de Marechal Deodoro - AL e outros	124
5.	ANÁLISE DAS MEDIAÇÕES NOS CLUBES <i>LEIA MULHERES</i>	125
5.1	“É CONFUSO, MAS A CULPA É DO GOOGLE MEET”: TECNICIDADES	126
5.1.1	Leitoras plataformizadas	126
5.1.2	Formatos de leitura.....	134
5.2	“MEU RITMO DE LEITURA FOI AFETADO, PORQUE PASSEI MUITO TEMPO EM CASA”: RITUALIDADES.....	138
5.2.1	Hábitos individuais de leitura.....	139
5.2.2	Organização e funcionamento dos encontros.....	144
5.3	“QUANDO DÁ UMA DISCUSSÃO E VOCÊ TÁ ALI FALANDO, É MUITO LEGAL”: SOCIABILIDADES.....	152
5.3.1	Redes literárias.....	153
5.3.2	Compartilhamento em comunidade.....	160
5.4	“SÃO LEITURAS QUE CONVERSAM COMIGO”: NARRATIVAS.....	165
5.4.1	Trajetórias com os livros	165
5.4.2	Autoras e leitoras.....	168

5.5	“ESSA É A MISSÃO DO LEIA, ESTE É NOSSO ESPAÇO”: IDENTIDADES.....	174
5.5.1	Resistência e pertencimento.....	174
5.5.2	Gênero e feminismos.....	180
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
	REFERÊNCIAS	197
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	203
	APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	207
	APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	209

1. INTRODUÇÃO

O imaginário coletivo sobre a leitura geralmente a associa ao momento solitário de contato entre leitor e livro, desde o folhear do códex por monges nos mosteiros europeus da Idade Média até o toque na tela do Kindle por leitoras brasileiras em seus quartos após um dia exaustivo de trabalho. Os dois exemplos, opostos em seus tempos e espaços, remetem ao silêncio de quem lê concentrado em um texto, acompanhado apenas por seus próprios pensamentos e pelas ideias do escritor. É como se existisse uma “aura” ao redor do objeto-livro: intocável, sagrado, “culto”. Mas, e se a leitura individual fosse subvertida? E se as leitoras desejassem compartilhar as suas impressões sobre a narrativa, seus rituais de leitura ou comentar acerca dos sentimentos despertados pelo livro? E se uma pandemia impedisse o contato presencial entre pessoas? É diante desse contexto que nossa investigação qualitativa está inserida na temática dos clubes de leitura, tendo como objeto de pesquisa as práticas de leitura compartilhada pela internet nos clubes *Leia Mulheres* no Brasil.

No país, podemos observar que a internet impulsiona diversas problemáticas emergentes com o auxílio de *hashtags*, como visto em mobilizações sociais feministas nas redes. Com base em dados do *Google Trends*, Josemira Silva Reis e Graciela Nathanson (2017) demonstram que as campanhas *#primeiroassedio*, *#meuamigosecreto* e *#mulherescontracunha* alcançaram mais de 11 milhões de buscas em 2015, quando as temáticas ultrapassaram o espaço digital privado para as esferas públicas e midiáticas.

O *Leia Mulheres*, projeto no qual nossa pesquisa foca seus esforços, constitui-se em mais um exemplo de iniciativa impulsionada pela internet. Sua criação é resultado da *hashtag* *#ReadWomen*, mobilização internacional que circulou no *Twitter*¹ em 2014, reivindicando maior visibilidade e participação de mulheres no mercado editorial. Dessa forma, fundado em 2015 pelas paulistas Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, o projeto político-literário tem como propósito, sobretudo, promover maior igualdade de gênero no mercado editorial nacional, por meio de clubes de leitura para discussão de obras de autoria feminina.²

A constituição dessas comunidades literárias, estruturadas com o auxílio de redes sociais digitais, suscita investigações acerca das maneiras como as pessoas utilizam a internet para compartilhar suas relações com os livros. Com base nisso, entendemos que a formação de

¹ Rede social online e servidor para microblogging que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais instantâneas.

² Site do projeto disponível em <www.leiamulheres.com.br>. Acesso em 12 set. 2020.

comunidades online de leitores não acontece motivada exclusivamente pelo interesse em literatura, podendo também iniciar diante de questões socioculturais que atravessam e medeiam o cotidiano de cada leitora e leitor, a exemplo dos clubes *Leia Mulheres*.

Guiados por Michel de Certeau (2014), situamos o ato de ler enquanto uma prática, um fazer, um movimento astucioso que ocorre por meio de táticas inventivas, criativas e desviantes da suposta linearidade textual ou intenção autoral. Geram-se, portanto, múltiplas significações mediante diferentes usos dos livros. Estes modos de ler, como explora Roger Chartier (2011) dependerão dos contextos espaço-temporais dos leitores, além de suas vivências, relações e atravessamentos individuais e coletivos.

Neste tensionamento entre o literário e o comunicacional, pesquisar a leitura em comunidade é uma maneira de buscar os processos comunicativos que se manifestam na prática do compartilhamento dos textos. É um movimento em prol de reconhecer em clubes de leitura contemporâneos outras modalidades com as quais as pessoas relacionam-se com os livros. Reunir-se em torno de uma narrativa, como sinaliza Eliana Yunes (2002), é uma atividade existente há centenas de anos, principalmente em culturas baseadas na oralidade.

No Brasil, as pesquisas sobre clubes de leitura fora de contextos escolares integram um campo fértil de estudos ainda pouco mapeado (FADANELLI; DALL'AGNOL, 2020), pois geralmente estão vinculadas com a formação de leitores durante a infância. Nesse horizonte, longe de apagar a extensa trajetória de estudos brasileiros sobre leitura pela perspectiva da educação, nossa análise posiciona-se pelo viés comunicativo, no que se refere ao papel da comunicação midiática na constituição de dinâmicas interacionais e identitárias. Ressaltamos, assim, a aderência da temática às investigações provenientes da linha de pesquisa *Mídias e Identidades Contemporâneas* do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria.

Em busca³ por teses e dissertações exclusivamente sobre clubes de leitura na área da Comunicação no Brasil, encontramos apenas uma dissertação de 2019, cujo objeto também é o *Leia Mulheres*. Ao expandir nosso recorte para estudos comunicacionais com leitores, observamos que a questão da leitura geralmente é historicizada e posteriormente abordada empiricamente nas pesquisas, mediante articulação com outras temáticas/conceitos, a exemplo:

³ Levantamento realizado em novembro de 2020 no Banco de Teses e Dissertações da Capes, Repositório IBCT, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Google Acadêmico, além dos anais do Congresso Internacional de Comunicação e Consumo (Comunicon), do Intercom Nacional e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Biblioteca da Compós). A discussão completa relativa ao nosso estado da arte está disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/pe/jean-silveira-rossi.pdf>>. Acesso em 06 dez. 2021.

consumo, recepção, letramento, adolescência, educação e redes sociais. No entanto, em nosso levantamento da Comunicação, a interface com os estudos sobre mulheres leitoras aparece em apenas três trabalhos (dois artigos e uma dissertação).

Durante um segundo momento, em consulta nas demais áreas de conhecimento, foi possível notar uma extensa quantidade de resultados nos campos da Educação, Letras, Biblioteconomia, Ciência da Informação, História e até mesmo estudos inseridos em Ciências da Saúde, como Psicologia, Enfermagem e Terapia Ocupacional. Essa interface com diferentes perspectivas demonstra o caráter multidisciplinar de abordagens dos clubes de leitura, ao mesmo tempo em que revela a escassa produção acadêmica sobre essa temática na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo na Comunicação. Nessa etapa encontramos nove⁴ estudos cujo objeto de pesquisa concentra-se no *Leia Mulheres* (cinco artigos e quatro dissertações), sobre os quais discorreremos ao final do primeiro capítulo teórico.

Ainda a respeito do campo da Comunicação, em mapeamento das dissertações e teses publicadas entre 1972 e 2015 nos programas de pós-graduação em Comunicação no país, Tainan Tomazetti (2019) indicou que somente 2,3% das 13.265 pesquisas encontradas possuem interface com os estudos de gênero. Quando analisados estes 316 trabalhos, apenas 2% relacionam-se à literatura e 4% abordam consumo e apropriação de múltiplas mídias. (TOMAZETTI, 2019).

Defendemos, assim como Isabel Travancas (2013, 2020), o livro no estatuto de produto midiático integrante da indústria cultural que pode e deve ser mais investigado nas pesquisas em Comunicação. Sandra Reimão e Felipe Quintino (2013) sugerem que o baixo índice de cursos de Produção Editorial ou Editoração no país seria um dos fatores que explicariam essa lacuna. São apenas sete, três deles em universidades públicas: UFRJ, USP e UFSM.

Minha⁵ trajetória pessoal/acadêmica, enquanto leitor e produtor editorial formado pela UFSM, igualmente motivou o interesse na temática da leitura. Desde a infância fui incentivado pela minha mãe, hoje professora aposentada, a ler as mais diferentes coleções de livros infantis. Minhas professoras também não mediram esforços em expandir esse gosto, mesmo com as limitações da pequena biblioteca na escola pública onde estudei, situada na zona rural de Santa Maria. Somada a esse grupo de mulheres incentivadoras da leitura, minha irmã apresentou-me o universo das sagas literárias e a partir daí percebi que os livros abriam portas para amizades.

⁴ Após sugestão durante a banca de qualificação, foi acrescentada uma nova pesquisa relacionada aos clubes *Leia Mulheres*: a tese de Clarice de Mattos Goulart, defendida em 2021 no PPG de Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF).

⁵ Aqui justifico o uso da primeira pessoa do singular, considerando o interesse pessoal em pesquisar leitura.

Descobri grupos de leitores na cidade que realizavam eventos de séries como *Harry Potter* e *Percy Jackson*, sendo por meio desses encontros que conheci estudantes do curso de Produção Editorial da UFSM, ainda em 2013, quando estava no ensino médio.

Desde então, o interesse compartilhado por livros e demais narrativas midiáticas esteve presente no meu cotidiano. Materializou-se no tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso⁶, e na presente dissertação, vinculada à abordagem dos usos sociais das mídias, uma das vertentes teórico-metodológicas investigadas no grupo de pesquisa *Comunicação em Rede, Identidades e Cidadania* (CNPq-UFSM), coordenado pela professora Liliane Dutra Brignol, orientadora deste estudo.

Destaco a admiração pessoal e curiosidade profissional pela proposta político-literária dos clubes voltados ao reconhecimento da escrita de autoria feminina. Conforme sinaliza a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2012, 2021), o mercado editorial brasileiro é desigual em termos de gênero tanto na publicação de mulheres quanto na representação das personagens femininas. Nesse sentido, como indicado por outros trabalhos sobre a iniciativa, os clubes de leitura *Leia Mulheres* simbolizam um dos movimentos literários brasileiros de maior oposição a esta lógica editorial excludente.

Nesse sentido, nossa pesquisa soma-se ao emergente campo acadêmico da Produção Editorial no Brasil, estabelecendo-se como o terceiro⁷ estudo com leitores desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM⁸. Sublinhamos, igualmente, a importância do Grupo de Pesquisa Produção Editorial da Intercom, como espaço consolidado para discussões envolvendo diferentes abordagens sobre os produtos e práticas editoriais no campo brasileiro da Comunicação.

Assim, em complemento às **justificativas** citadas, a escolha pelo *Leia Mulheres* enquanto objeto de pesquisa também ocorreu em razão da sua cobertura em todas as unidades federativas do Brasil, sendo considerado o maior clube de leitura sem fins lucrativos do país⁹.

⁶ Estudo sobre a comunidade santa-mariense de leitores do clube de assinaturas TAG – Experiências Literárias, orientado pela professora Marília Barcellos (ROSSI, 2018).

⁷ As egressas de Produção Editorial, Marina Machiavelli e Andressa Spencer de Mello, tornaram-se mestras em Comunicação pelo POSCOM com dissertações sobre leitura de adolescentes em Santa Maria – RS, defendidas respectivamente em 2018 e 2020 e presentes em nosso estado da arte. Atualmente, além do autor, há mais três mestrands, também egressos do curso, com investigações inseridas no campo editorial: Alexandra Martins, João Vítor Bittencourt e Marina Freitas, pesquisando, respectivamente, revistas femininas, publicações independentes e influenciadoras literárias negras.

⁸ No programa também já foram defendidas dissertações sobre consumo de sagas fantásticas e sobre representações afro-brasileiras na produção editorial didática. Disponível em <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/17473>> e <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/637>>. Acesso em 22 jul. 2021.

⁹ Matéria do jornal Estadão, disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,clubes-de-leituraaproximam-pessoas-distraem-e-proporcionam-trocas-de-experiencia-no-isolamento,70003342172>>. Acesso em 12 set. 20.

O projeto é liderado por mais de 400 mediadoras, – atuantes em 161 municípios e no exterior – as quais gerenciam páginas e grupos em redes sociais digitais para divulgação de encontros online abertos ao público em geral.¹⁰

Convém lembrar que o início desta pesquisa de mestrado coincide com o começo da pandemia de Coronavírus no Brasil, logo, as medidas de distanciamento social impactaram nos rumos epistemológicos da dissertação. A ideia inicial era pesquisar um clube de leitura existente em Santa Maria – e que também lê apenas escritoras, mas não está vinculado à marca “Leia Mulheres” –, porém acabamos descartando a proposta submetida, devido à possibilidade de participação online nos clubes inseridos no projeto nacional.¹¹ Assim, o início dos encontros na modalidade remota, através de plataformas digitais para reunião, possibilitou a mudança do campo empírico, ao considerarmos que seria viável participar dos encontros mediados pela internet de um projeto brasileiro de maior abrangência, reconhecimento e impacto social.¹²

Nesses grupos, observamos o surgimento de novas vozes, barulhos, espaços, interações, rituais, narrativas e identidades que se combinam às práticas de leitura, ainda mais potencializadas quando mediadas pela ambiência digital. Partimos, portanto, da compreensão que a leitura coletiva se reveste de diferentes usos, mutações e mediações que transformam os processos comunicativos e culturais no ato de se ler com os outros.

Nessa perspectiva, abrem-se possibilidades para se investigar as mutações culturais e comunicacionais da leitura, tendo em vista o contexto brasileiro dos clubes de leitura. Mutações estas que são menos uma questão “evolutiva” do livro, e mais uma problemática da reconfiguração no *sensorium* contemporâneo em que está situada a leitura no século XXI, durante um contexto pandêmico em que diversas telas, dispositivos e tecnologias predominam e redefinem constantemente as relações em sociedade. Tratamos das mutações presentes, sobretudo, no quarto mapa das mediações, idealizado por Jesús Martín-Barbero e interpretado por Omár Rincon (2019, p. 18), o qual enfatiza a investigação da “mutação cultural que habitamos”. Segundo os autores latino-americanos, o ponto de partida para entender as mutações contemporâneas está em “ler o *sensorium* atual como habitado pela instabilidade e caos do indivíduo, da política, da sociedade” (RINCÓN; MARTÍN-BARBERO, 2019, p. 19).

¹⁰ Dados coletados no site do projeto *Leia Mulheres* em julho de 2020.

¹¹ No período anterior à pandemia, os encontros eram realizados presencialmente em livrarias, cafés, bibliotecas e parques de cidades por todo país.

¹² Nos anos de 2018 e 2019, o projeto *Leia Mulheres* foi finalista na categoria “Mídia” do prêmio *IPL – Retratos da Leitura*, promovido pelo Instituto Pró-Livro e destinado à ações de fomento à leitura e à difusão do livro no Brasil.

Por outro ângulo, Chartier (2011, p. 231) demarca que sobre o terreno da leitura “encontram-se colocados, como num microcosmo, os problemas passíveis de ser reencontrados em outros campos e com outras práticas”. Em vista disso, as práticas de leitura são analisadas aqui como práticas culturais inseridas em diferentes contextos individuais e coletivos dos leitores, daí a proposta de pensar as mediações no projeto *Leia Mulheres*. Em interlocução com Chartier, Pierre Bourdieu (2011, p. 248) reitera que há distintos “pré-saberes” que orientam a leitura. O autor adiciona que no campo da sociologia da leitura, a pergunta-chave a ser realizada aos leitores é *como* eles leem, não apenas *quais* livros.

Levando em consideração essa abordagem sociocultural das práticas de leitura, propomos que nos clubes *Leia Mulheres* as *narrativas, identidades, tecnicidades, ritualidades e sociabilidades* são importantes “pré-saberes” ou “mediações” que configuram e orientam com maior ênfase os modos de ler nessas comunidades literárias. Podemos imaginar as leitoras¹³ e suas práticas individuais de leitura como pontos de um mapa a ser explorado há medida que se vinculam em redes por meio de comunidades literárias.

A frase que inaugura o título desta dissertação corrobora justamente para exemplificar tais mutações da leitura: “antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar”¹⁴. A dimensão comunicacional dos clubes, então, reconfigura a prática do ler, não mais solitária, redesenhando o mapa da leitura mediante novas topografias a ser exploradas.

Ao apropriar-nos da perspectiva dos usos sociais das mídias para entender as práticas de leitura nos clubes *Leia Mulheres*, devemos rever as “novas mutações que movem o mapa até torná-lo inimaginável, unir os pontos, com os números, com as perguntas que agora nos habitam” (PARDUCCI, 2019, p. 15). Neste jogo teórico-metodológico, a apropriação das mediações guiou-nos também na construção e nomenclatura do sumário, fazendo-se presente direta ou indiretamente em todas as seções.

Tendo isso em vista, delimita-se como **tema** desta dissertação o estudo das práticas de leitura compartilhada e usos sociais das mídias por leitoras integrantes dos clubes de leitura *Leia Mulheres* no Brasil. A **questão** norteadora, intitulada “Como se configuram as mutações culturais e comunicacionais em leituras compartilhadas pela internet?”, possibilita investigar as práticas de leitura compartilhada nos encontros online dos clubes *Leia Mulheres*, a partir das mediações *narrativas, identidades, tecnicidades, ritualidades e sociabilidades*, sendo este o **objetivo geral** do trabalho.

¹³ Optamos pelo uso da palavra no feminino em virtude do público dos clubes *Leia Mulheres* constituir-se em sua grande maioria de leitoras. Conforme veremos ao longo da pesquisa, a participação de homens é rara ou esporádica.

¹⁴ Sentença proferida por Agatha, professora e leitora entrevistada que reside em Juazeiro (BA).

Os **objetivos específicos** da pesquisa desdobram-se em: (1) observar as práticas de leitura compartilhada em reuniões online de cinco clubes pertencentes ao projeto *Leia Mulheres* no país; (2) entender a importância do clube de leitura para as mediadoras e leitoras participantes; (3) analisar os usos dos livros e da internet pelas integrantes do projeto *Leia Mulheres* a partir das mediações *narrativas, identidades, tecnicidades, ritualidades e socialidades*. Em outras palavras, utilizamos a abordagem teórico-metodológica das mediações de Jesús Martín-Barbero (2018) para compreender as práticas de leitura compartilhada e os usos dos livros e da internet em cinco clubes do *Leia Mulheres*.

A dissertação organiza-se, portanto, em quatro capítulos. No primeiro capítulo, resgatamos pesquisas com leitores nos estudos culturais/comunicacionais, abordamos a perspectiva dos usos sociais das mídias, discutindo sua proposta teórico-metodológica a partir dos mapas das mediações e como eles foram apropriados à nossa investigação. Também apresentamos um resumo do nosso estado da arte e delineamos uma discussão sobre as interfaces da nossa pesquisa com as perspectivas de gênero e feminismos. No segundo capítulo, efetuamos um olhar histórico para as *temporalidades* que cercam o livro, os clubes, as comunidades de leitores, juntamente dos modos pelos quais a internet reconfigurou as *sociabilidades* literárias nesta atual sociedade governada por plataformas. No terceiro capítulo, de caráter metodológico, discorreremos acerca das etapas pelas quais organizamos a aproximação ao nosso objeto e como construímos metodologicamente nosso estudo. Igualmente, trazemos algumas considerações analíticas iniciais sobre os perfis das mediadoras respondentes dos questionários, a negociação para inserção nos encontros, uma breve apresentação sobre os clubes e seu contexto local, além do perfil das cinco entrevistadas. No quarto capítulo, empreendemos a análise dos dados, identificando como as mediações estão articuladas às práticas de leitura compartilhada em encontros online dos cinco clubes *Leia Mulheres* observados. Nos capítulos metodológico e analítico, optamos pela escrita em primeira pessoa do singular, justificada pela dimensão reflexiva do pesquisador inserido enquanto observador e leitor participante em reuniões das cinco comunidades.

Isto posto, utilizamos neste trabalho a etnografia em sua dimensão metodológica, combinando diferentes técnicas para nos aproximar dos clubes: diário de campo, questionários, observação participante e entrevistas. Nossa perspectiva toma como ponto de partida a não demarcação de dualismos, como real e virtual, online e offline, digital e analógico. Ao contrário, a etnografia digital fundamenta-se nas relações contextuais e nos diversos deslizamentos possíveis entre os dois polos. Conforme Denise Cogo e Liliane Brignol (2011), falamos em

múltiplas internetes, delimitadas e construídas a partir dos usos, das práticas e das variadas relações sociotécnicas. Assim, consideramos, para além dos sujeitos e suas ações, o aparato tecnológico, perceptível e invisível, que possibilita conexões, acesso e navegações.

Seguindo essa linha de pensamento, optamos por observar cinco clubes, um em cada região do país, referentes aos municípios de Marechal Deodoro (AL), Belém (PA), Mauá (SP), Sinop (MT) e Caxias do Sul (RS). A escolha de cada núcleo local se deu por pesquisa no site do projeto no dia 24 de março de 2021, com base nos primeiros resultados encontrados de reuniões que aconteceriam nos próximos dias. Todos os encontros ocorreram por meio da plataforma *Google Meet*¹⁵, com duração média de duas horas, o que nos levou à delimitação da análise em três reuniões para cada clube, ou seja, totalizamos quinze encontros, ocorridos entre os meses de março a agosto de 2021. Adentramos o nosso campo pelas mediações como guias na investigação das práticas de leitura, e estas por sua vez ajudaram-nos a demarcar quais dimensões dos clubes *Leia Mulheres* mais demandavam atenção pelo nosso objeto.

Inicialmente desenvolvemos uma observação exploratória em ambientes online onde o projeto oficial está ativo, sobretudo na rede social *Instagram*¹⁶. Em um segundo momento, construímos no *Google Forms*¹⁷ um questionário exploratório online direcionado às mediadoras dos clubes, a fim de levantarmos algumas informações sobre o perfil das responsáveis pelas reuniões em cada cidade e o funcionamento dos encontros. O instrumento foi aplicado em junho de 2020 via contato com as fundadoras do projeto, as quais o divulgaram em um grupo no aplicativo *WhatsApp*¹⁸ onde participam mais de 400 mediadoras dos clubes. A partir dessas etapas, em março de 2021, consultamos o site do projeto a fim de escolhermos os cinco clubes para realização da inserção etnográfica e contatamos seus perfis institucionais no *Instagram*, administrados pelas mediadoras locais. Usando o *Google Meet*, empreendemos tanto a observação participante em quinze encontros, quanto as entrevistas com cinco leitoras para aprofundarmos nossa análise perante as mediações das *socialidades, ritualidades, identidades, narrativas e tecnicidades*.

Perante os demais trabalhos já desenvolvidos e consultados para o estado da arte, nossa pesquisa diferencia-se, sobretudo, pelo contexto pandêmico: os clubes acontecem via mediação

¹⁵ Plataforma utilizada para reuniões online. De abril de 2020 a abril de 2021, o uso do Google Meet no Brasil aumentou 20 vezes. Disponível em <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/04/google-meet-completa-um-ano-gratis-e-cresce-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 08 ago. 2021.

¹⁶ Rede social online para compartilhamento de fotos e vídeos.

¹⁷ Plataforma para criação de pesquisas quantitativas e/ou qualitativas.

¹⁸ Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. Segundo acompanhamento no *Instagram* oficial do *Leia Mulheres*, notei encontros apenas via *Google Meet* e *Zoom*. Os cinco clubes investigados usam apenas o *Google Meet*.

da internet durante um período de isolamento social que afeta não apenas as práticas de leitura de seus membros, como também os modos de participação e de funcionamento dos encontros. Por conta das atividades online, também destacamos o caráter multilocalizado dos nossos campos empíricos, no que se refere à observação sistematizada de cinco clubes integrantes do projeto *Leia Mulheres*, sendo possível traçar paralelos entre práticas de leitura compartilhada provenientes das cinco regiões do Brasil. É, assim, um registro histórico da importância da leitura coletiva, das trocas, da escuta do Outro em um momento atípico de um país governado pela instabilidade sanitária, política, econômica, ambiental e social. Nessa perspectiva, a antropóloga francesa Michèle Petit (2010) defende que a leitura compartilhada em tempos de crise auxilia na construção de si mesmo e pode atuar como margem de manobra para superação de adversidades.

O estudo aqui apresentado consiste, portanto, em um convite para conhecermos uma modalidade de leitura em comunidade realocada durante um período de isolamento, quando pessoas apaixonadas por livros usaram das tecnologias digitais para a solução de um problema concreto impelido pelo distanciamento social. Buscamos romper, assim, com o senso comum sobre a leitura: longe de ser ato solitário, é uma prática solidária envolta por diversas mediações.

2. MUTAÇÕES CULTURAIS E COMUNICACIONAIS DA LEITURA

Neste capítulo, aprofundamos a perspectiva teórico-metodológica dos usos sociais das mídias, partindo da trajetória de pesquisas com leitores nos estudos culturais até chegarmos na abordagem cultural latino-americana inaugurada por Jesús Martín-Barbero em 1987. Além disso, apresentamos nossa apropriação empírica dos mapas como guias para investigação da leitura no horizonte das mutações culturais e comunicacionais. Por último, realizamos uma breve incursão pelos indicadores do nosso estado da arte¹⁹ e discutimos acerca das possibilidades e limitações nas perspectivas de gênero e feminismos incorporadas ao estudo.

2.1 LEITORES NOS ESTUDOS CULTURAIS

Os leitores são objeto de pesquisa nos estudos culturais desde suas primeiras investigações, como podemos observar em *As utilizações da cultura* (1957), uma das obras inaugurais dessa perspectiva. Nela, Richard Hoggart analisa as mudanças nos hábitos de leitura de publicações da imprensa popular inglesa por leitores da classe operária. Segundo Itania Maria Mota Gomes (2000), ele criticava as publicações populares, pois, assim como os demais meios de comunicação da época, elas não conseguiam representar o contexto concreto, local e pessoal dos seus receptores.

Por meio de métodos etnográficos, Hoggart indicou que os leitores da classe operária criavam formas culturais específicas a partir das lógicas de produção, em uma interligação profunda entre vida material e cultural. Diante dessa imbricação, mostra que a cultura se expressa nas práticas sociais básicas. Assim, juntamente de Raymond Williams, com *Cultura e sociedade* (1958), e Edward Palmer Thompson, com *A formação da classe operária inglesa* (1963), foram considerados os fundadores do que futuramente seria o grande campo dos estudos culturais. A institucionalização viria entre as décadas de 1960 e 1970, com pesquisas ligadas ao *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de Birmingham na Inglaterra. Dessa forma, os estudos culturais surgem “preocupados e compreender as ‘culturas vivas’, as práticas e as instituições culturais e suas relações com a sociedade e as transformações sociais” (GOMES, 2000, n.p.).

¹⁹ Em sua versão completa publicada nos anais do GP Produção Editorial da Intercom. (ROSSI, 2021).

O processo de recepção começou a integrar com mais ênfase as discussões do instituto a partir da publicação do texto *Encoding and decoding in the television discourse*, por Stuart Hall, em 1973. Essa ocasião marca uma virada epistemológica, pois o interesse passa “do que está acontecendo na tela para o que está na frente dela, ou seja, do texto para a audiência” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 37). Logo em seguida, outro marco ocorreu quando David Morley saiu a campo para realizar a primeira pesquisa empírica sobre audiências, intitulada *The nationwide audience: structure and decoding*, publicada em 1980.

Diante dos resultados de Morley sobre a complexidade do processo de interpretação, ele identificou que o modelo de Hall sobre codificação e decodificação necessitava de uma atualização que o afastasse da noção de que a decodificação seria apenas um processo de concordância ou discordância sobre um texto. Para Morley, o processo de decodificação constituiria, então, uma série de processos interpretativos. (GOMES, 2004).

Ainda no contexto anglo-saxão, a estadunidense Janice Radway publica a obra *Reading the Romance: women, patriarchy, and popular literature* (1984) em desafio aos críticos literários das décadas de 1970 e 1980, os quais se concentravam exclusivamente no texto em vez de no leitor. Considerada uma das autoras clássicas da relação entre feminismo e estudos culturais, Radway reúne preocupações relativas à análise da recepção e produtos culturais populares, diante da apropriação de literatura do gênero romance por mulheres estadunidenses. Com base em métodos etnográficos que combinaram questionários, observação e entrevistas, ela discorre que as leitoras de Smithton – nome fictício para a cidade onde realizou seu estudo – ao mesmo tempo em que demonstram certa adesão aos valores tradicionais expostos nas narrativas, também “envolvem-se em uma forma de comportamento que é, em si mesma, subversiva desses valores” (RADWAY, 1984, p. 118).

A pesquisadora afirma que para essas mulheres a leitura de romances é um ato emancipatório, um momento em que se constrói um espaço próprio, de rompimento com suas funções enquanto esposas e donas de casa. Radway (1984, p. 213) coloca que “a leitura do romance é uma declaração de independência e uma maneira de dizer aos outros ‘este é o meu tempo, meu espaço, agora me deixe em paz’”. Nesse sentido, ela não nega que haja determinados controles e convenções incorporados em um texto, mas aponta que as leitoras têm a capacidade de se apropriar, roubar e interpretar por conta própria. Perante a diversidade de leituras que as mulheres estadunidenses trazem para o gênero romance, difamado pela crítica literária da época, Radway (1984) defende que as pessoas usam os livros por diferentes razões que vão além do texto em si.

Sobre esse estudo, Gomes (2004) aponta ainda o fator industrial como mediador no processo de consumo: as editoras e suas estratégias de produção e distribuição também afetam a decisão das leitoras em comprar e consumir o gênero romance. O consumo literário, portanto, estaria subordinado a três termos de uma mesma estrutura: o autor, o mercado editorial e o prazer dos leitores. Nesse sentido, o trabalho de Radway indica que a indústria teria entendido como chegar ao seu público de modo certo, e isso seria uma variável importante para a popularidade dos romances entre as mulheres estudadas. Por meio da leitura, elas também estariam, de certa maneira, desafiando a estrutura patriarcal em que viviam. (GOMES, 2004).

Por último, voltamos nosso olhar ao estudo da pesquisadora brasileira Ecléa Bosi, intitulado *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias* (1973), diretamente inspirado pelo trabalho de Hoggart. Bosi investiga relações da cultura impressa (livros, jornais e revistas) com o cotidiano de 52 operárias de uma fábrica na Zona Oeste de São Paulo, em 1970. Por meio de entrevistas, a autora informa que elas buscam nos jornais, sobretudo, os acontecimentos; nas revistas, a fotonovela; e nos livros, o enriquecimento cultural. Bosi (1973) relata que essas operárias viam na leitura potenciais (aspirações, interesses, desejo de conhecimento), porém a principal barreira das entrevistadas consistia na precariedade laboral: trabalhavam 8 horas por dia de segunda a sábado em atividades insalubres menos remuneradas que as de colegas homens com os mesmos cargos, além do acréscimo às tarefas domésticas.

Dessa forma, o contato das leitoras com a cultura impressa se dava majoritariamente através de doação, empréstimo e pelo jornal circulado no espaço da fábrica, ou seja, quando os produtos da cultura de massa atravessavam seu caminho, e não o contrário. Segundo Bosi (1973, p. 154), o conteúdo geral das histórias apresentava moral conservadora, onde “os valores defendidos são os de um modelo de mulher, fiel, abnegada, voltada ao lar, para quem o amor é um sentimento sagrado, imutável”. Entre os livros mais lidos na temática do conhecimento, constavam: *Educação Sexual e Afetiva*, *Lições práticas de enfermagem*, *Como cuidar da criança*, *Manual da perfeita dona de casa* e *A arte de amar*.

Optamos por descrever brevemente os estudos de Hoggart, Radway e Bosi como exemplos de pesquisas inaugurais com leitores pelo viés culturalista, porém acentuamos que existem várias outras inspiradas ou não por eles. Como pontua Ana Carolina Escosteguy (2010):

Isto não concede autoridade apenas aos autores consagrados ou à uma determinada narrativa sobre os estudos culturais, nem muito menos desmerece o trabalho de autores contemporâneos e de outras versões de estudos culturais. Reivindica, apenas, a formação de um ponto de vista histórico, vinculada sim a uma determinada versão de estudos culturais. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 16).

Dito isso, o que nos interessa é demonstrar que a perspectiva dos estudos culturais possui interfaces com a leitura desde suas bases teóricas fundadoras. Aproximando-se do cotidiano dos leitores, seja no âmbito de trabalho ou de lazer, os três autores compreendem os usos da cultura impressa a partir dos espaços populares, práticas sociais e experiências dos sujeitos pesquisados em um determinado contexto social. De acordo com Escosteguy (2001, p. 47), esse posicionamento teórico-político questiona a “produção de hierarquias sociais e políticas a partir de oposições entre tradição e inovação, entre a grande arte e as culturas populares”.

Nessa trajetória, Gomes (2004) evidencia que as pesquisas latino-americanas de comunicação começam a se desenvolver na década de 1980, com base nas contribuições de Gramsci sobre hegemonia, em busca da construção de uma teoria própria de acordo com as problemáticas comunicacionais da América Latina, seu contexto histórico de colonização e conflitos sociais. Entre as principais abordagens teórico-metodológicas dos estudos culturais latino-americanos, Gomes (2004) destaca as correntes conhecidas como *frentes culturais*, de Jorge Gonzalez; *recepção ativa*, de Valerio Fuenzalida e Maria Elena Hermisilla; *consumo cultural*, de Nestor Garcia Canclini; *enfoque integral da audiência*, de Guillermo Orozco Gómez; e *usos sociais das mídias*, de Jesus Martín-Barbero.

Inspirados pela corrente inglesa, os estudos de recepção na América Latina propõem a análise das “interpretações que o público dá aos textos midiáticos ou, mais amplamente, o consumo ou uso que o público faz dos textos e das tecnologias da comunicação” (GOMES, 2004, p. 174). As pesquisas nessa área tentam traduzir o interesse pelo modo ativo e criativo com o qual telespectadores, leitores e ouvintes se colocam diante dos meios de comunicação. Assim, para os estudos de recepção, a audiência seria sempre ativa e o conteúdo presente na mídia estaria aberto a diversas interpretações dos receptores, entendidos como sujeitos sociais situados, com sua própria história cultural complexa e vivências particulares atravessadas por marcadores sociais.

Traçamos uma possível e breve genealogia dos estudos clássicos com leitores por diferentes perspectivas inseridas no leque teórico-metodológico dos estudos culturais, a fim de fundamentar nossas escolhas empíricas-conceituais-políticas ao trabalhar a leitura ancorada na abordagem das mediações. Nos termos de Martín-Barbero (2009, p. 14), o “importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem”. Assim, se a ele interessava mais os *modos de ver* das audiências, nossa problemática se encontra nos *modos de ler* em clubes de leitura de obras escritas por mulheres.

2.2 ABORDAGEM DAS MEDIAÇÕES

A perspectiva teórico-metodológica dos usos sociais das mídias, ou abordagem das mediações, reconhece que “a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade” (LOPES, 2014, p. 72). Principal expoente e propositor dessa mirada latino-americana, Jesús Martín-Barbero (JMB) revisita constantemente o conceito de mediações ao longo de sua produção como cartógrafo da cultura, o que resultou em quatro mapas das mediações. Ele se apropria do método cartográfico para construção das relações entre comunicação, cultura e política a partir das mediações, lançando mão de pistas metodológicas que orientam tanto o seu trabalho quanto os pesquisadores que o leem. Como explica Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2018a, p. 48), “as pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa”.

Na introdução mais atualizada do livro *Dos meios às mediações*, referente ao terceiro mapa, o autor resiste em definir seu próprio conceito:

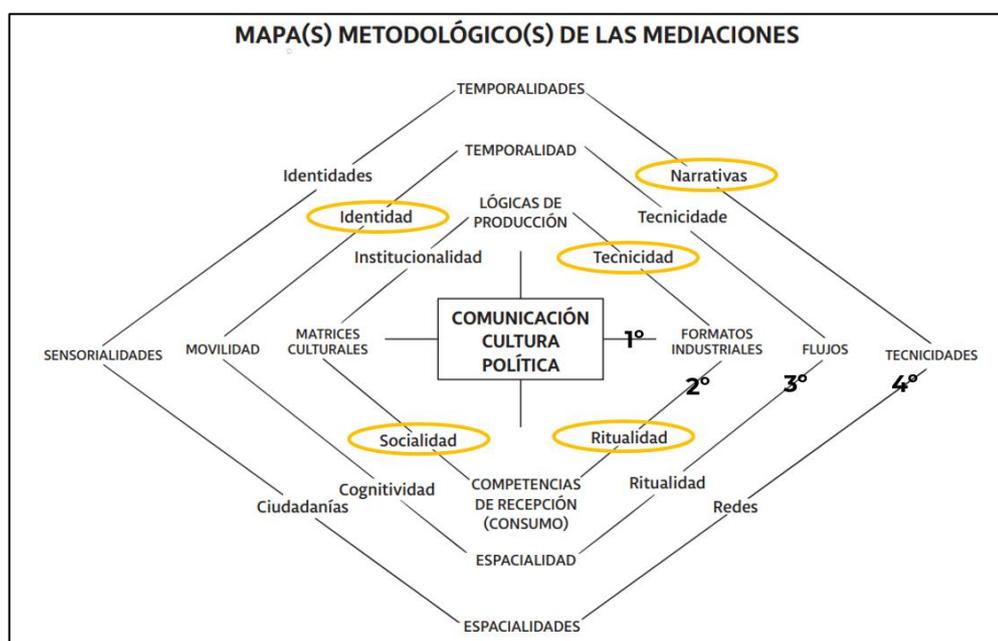
Mediações, então, referem-se mais ao traçado que conecta em rede os pontos e linhas dispersos, diferentes e distantes que tecem um mapa para uma realidade que é verificada ou para um conceito que é mantido e gerenciado. Daí minha tenaz resistência em definir mediações, e minha aposta para ir desdobrando-as e delimitando-as à medida que os processos de comunicação, as práticas culturais e os movimentos sociais estavam se tornando próximos, impondo uma relação densa entre o mundo da produção de mídia nas indústrias culturais e os mundos do consumo, massivo, mas diferenciado, ativo e cidadão. (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 22).

Sendo assim, sublinhamos que o conceito de mediações não possui caráter fixo, afinal Martín-Barbero oferece os mapas das mediações como guias para compreensão dos processos de comunicação, e não enquanto um conceito essencialista a ser aplicado instrumentalmente para encontrar respostas sobre a produção e a recepção. Para Lopes (2018b, p. 14), a teoria das mediações difere de uma teoria da recepção, pois “seu alcance está em compreender o inteiro processo da comunicação, tal como é concebido dentro de cada um dos mapas propostos.”. Nesse sentido, nos estudos em comunicação, o uso dos mapas pelos pesquisadores dependerá da estratégia metodológica adotada em sua pesquisa empírica, de maneira que a escolha pode recair em algumas mediações, e não em outras. Ressaltamos ainda que os mapas não buscam uma superação ou substituição dos anteriores, mas sim a contemplação de outras novas

mediações, conforme as articulações entre cultura, política e comunicação se transformam e se confrontam nos objetos de pesquisa. (LOPES, 2014).

Em resgate do percurso teórico-metodológico do autor, Lourdes Ana Pereira Silva e Maria Auxiliadora Fontana Baseio agrupam os quatro mapas das mediações, propostos respectivamente nos anos de 1987, 1998, 2010 e 2017 (Figura 1).

FIGURA 1 – Fusão dos quatro mapas das mediações



Fonte: Adaptado de Silva e Baseio (2019, p. 171).

Acompanhando essa linha de pensamento cronológica, a seguir discorreremos sobre os mapas e suas interpretações, enquanto bases teórico-metodológicas para observarmos as mutações culturais e comunicacionais da leitura ao longo da dissertação mediante as cinco mediações elegidas, circuladas na imagem acima.

2.2.1 Os mapas de Jesús Martín-Barbero

O primeiro mapa das mediações começa a ser pensado quando JMB experencia o que ele denomina de *calafrio epistemológico*, durante a exibição do filme *La Ley del Monte* (1976) em uma sala de cinema no México. Ele percebe que as reações dos espectadores eram diferentes da sua visão erudita, pois eles assistiam com outros olhos aquilo que a tela mostrava, notavam detalhes distintos em sua interpretação do filme, conforme suas próprias experiências

socioculturais. (ESCOSTEGUY, 2018). Desse momento surgiu a motivação do filósofo para deslocar sua análise comunicacional *dos meios às mediações*, uma concepção baseada em

[...] mudar o lugar das perguntas, para tornar investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processos de degradação cultural. E para isso, investigá-los a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir das articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 30).

Em seu primeiro mapa, publicado em 1987, JMB concentra sua análise nas mediações culturais da comunicação, ou seja, um olhar sobre a comunicação que parte da cultura. Tendo como objeto a televisão, propõe a hipótese de que nesse processo há mediações em três instâncias: *cotidianidade familiar*, *temporalidade social* e *competência cultural*. Segundo Escosteguy (2001, p. 108), a mediação da *cotidianidade familiar* “trata da família como unidade básica de audiência ou recepção, por isso, seria um dos espaços-chave de recepção e decodificação”. A segunda, *temporalidade social*, remete “à relação entre o tempo produtivo do sistema social e o tempo repetitivo do cotidiano” (Ibid.). Por fim, a *competência cultural* diz respeito “à presença de uma matriz cultural e um modo de perceber/ler/usar os produtos culturais” (Ibid.).

No segundo mapa, de 1998, Martín-Barbero propõe que as hipóteses citadas sejam transformadas em três dimensões: a *socialidade*, a *ritualidade*, e a *tecnicidade*, acrescidas de uma mediação chamada *institucionalidade*. Com olhar semelhante, Veneza Ronsini (2010, p. 6) trabalha com a ideia de que as três mediações do primeiro mapa “estão imbricadas e podem ser absorvidas nas noções de ritualidade e de socialidade”, e a *tecnicidade* estaria mediando o circuito comunicacional inteiro.

Enquanto o primeiro mapa tratava das mediações a partir da cultura, o conceito em seu segundo mapa passa a contemplar um olhar que parte da comunicação. Desloca-se, portanto, das *mediações culturais da comunicação* para as *mediações comunicativas da cultura*, o que não deve confundir-se com um deslocamento das mediações para os meios, e sim, da cultura para a comunicação. (LOPES, 2018a). Nesse sentido, Nilda Jacks e Daniela Schmitz (2018, p. 122) acompanham o pensamento do autor com as mudanças trazidas pelo campo digital, ao afirmar que ele “está atento tanto aos meios que operam pontualmente quanto aos que estão operando transversalmente, como é o caso da internet.”. Seria perante essas transformações que o segundo mapa surgiria.

A mediação de *institucionalidade*, ausente no primeiro mapa, surge para contemplar concretamente o “âmbito dos meios, ou seja, dos discursos públicos, carregados de interesses e poderes contraditórios, mas que tendem à homogeneidade” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 123). Por meio desta mediação podem ser pensadas as configurações entre os regimes do Estado (meios como serviço público) e do mercado (empresas privadas), formando o espaço público contemporâneo, local de disputas de valores geralmente antagônicos.

Conforme Martín-Barbero (2018, p. 18), as mediações de *ritualidade* dizem respeito “ao nexos simbólico que sustenta toda comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição”. Para Ronsini (2010), essas mediações, baseadas nos usos dos meios técnicos comunicacionais, também auxiliam na definição das identidades móveis e transitórias que o receptor possui de si mesmo e do seu pertencimento coletivo.

Em paralelo, a *socialidade* é encarada enquanto um espaço da práxis comunicacional e “resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 17). A *tecnicidade*, por fim, nos remete à constituição de novas práticas por meio de distintas linguagens midiáticas e aos “modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais” (RONSINI, 2010, p. 9). Assim, Martín-Barbero (2018) sempre deixou claro que seria um conceito menos focado em aparatos e mais relacionado à lógica dos usos, a partir de operadores perceptivos e destrezas discursivas.

Consideramos relevante a proposição de Ronsini (2010, p. 6), acerca das mediações *tecnicidade*, *socialidade* e *ritualidade* estarem “intrinsecamente ligadas ao estudo de recepção”, e a mediação de *institucionalidade*, neste caso, se daria no contexto das outras mediações. Nessa lógica, o conceito de mediações englobaria contextos socioculturais dos receptores em relação com os meios, como classe social, gênero, etnia, família, escola e grupos de amigos.

Ao deslocar o olhar dos meios de comunicação para as mediações socioculturais, Jesús Martín-Barbero não deixa de considerar o importante papel da mídia no processo comunicacional, nas agências políticas, culturais e sociais, nem mesmo oculta o caráter econômico vinculado à sociedade. Pelo contrário, ele aprofunda-se nas mediações que se relacionam diretamente aos meios de comunicação (*institucionalidade* e *tecnicidade*). Os meios perpassam, assim, as discussões do autor, adquirindo certa centralidade, de acordo com “as formas como eles interpelam e configuram as práticas sociais, dando ênfase principalmente em como se dão essas práticas no emprego dos meios” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 118).

Quando retoma sua discussão em 2009, o autor coloca uma terceira proposta, um mapa cognitivo no qual as “mediações passam a ser transformação do tempo e transformação do espaço a partir de dois grandes eixos, ou seja, migrações e fluxos de imagens” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 14). Ele insere esses eixos para contemplar, respectivamente, as grandes migrações de população e os fluxos digitais, indicando como mediações fundamentais a *identidade* e a *tecnicidade*, e retirando as mediações da *socialidade* e *institucionalidade*. Nesse mapa, as mediações de *identidade* relacionam migrações e tempos; a *cognitividade* estaria entre migrações e espaços; a *ritualidade*, na conexão entre fluxos e espaços; e a *tecnicidade* mediando entre tempos e fluxos. Desse modo, o terceiro mapa das mediações “vincula os anteriores com a investigação das mutações culturais contemporâneas, cujas mediações básicas são a temporalidade e a espacialidade, a mobilidade e os fluxos” (LOPES, 2018b, p. 19).

Em uma entrevista a Omar Rincón, realizada em 2017, o pesquisador aponta para um quarto mapa, envolvendo as mutações culturais e comunicacionais contemporâneas (LOPES, 2018a). Essa última proposta é desenvolvida por diversos pesquisadores da América Latina no livro *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero* (2019), obra que nos inspira do início ao fim desta dissertação. Considerando sua importância, destacamos este mapa dos demais, cientes que não se trata de uma superação ou substituição, e sim porque a ideia de um “mapa sobre o *sensorium* contemporâneo para investigar a mutação cultural que habitamos” (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 18) possui uma relação intrínseca com nosso objeto de pesquisa, conforme indicado brevemente na introdução e ao longo da pesquisa.

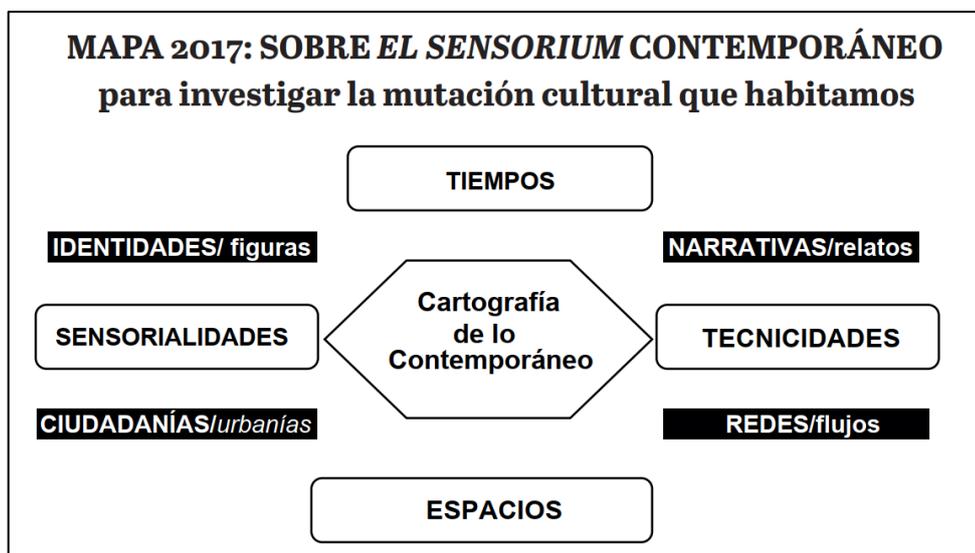
2.2.1.1 Investigando o *sensorium* contemporâneo da leitura

A noção de *sensorium* guia toda a elaboração do quarto mapa, investigador das práticas e movimentos sociais, matrizes culturais e formatos industriais antigos e contemporâneos, como podemos perceber no relato de Rincón com base nos argumentos de Martín-Barbero.

[...] *sensorium* tem a ver com tempos e espaços, aí coloco muitas coisas, tempos e espaços é o mais geral, mas isso me levou a “tecnicidades” e sensorialidades. Quis colocar aqui neste mapa o contemporâneo que nomeia o antigo (“identidades, rituais, figuras, histórias”) mas também o novo (cidadania e urbanismo, a dimensão política, a dimensão cotidiana das sensibilidades, redes e fluxos). (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 18).

É nesse sentido que os autores apresentam esta cartografia do contemporâneo ancorada no eixo diacrônico das *temporalidades* e *espacialidades* e sincrônico das *sensorialidades* e *tecnicidades*, conforme a figura 2.

FIGURA 2 – Quarto mapa das mediações



Fonte: Martín-Barbero e Rincón (2019, p. 285).

As *temporalidades* remetem desde as primeiras formas de comunicação e registro histórico da humanidade até os tempos atuais da globalização, sendo indissociáveis das *espacialidades*. Se hoje “habitamos uma diversidade de tempos” em cidades e telas digitais, a relação é sempre espaço-tempo, onde habitamos espaços por determinados tempos. Segundo os autores, nessa imbricação “estão as espacialidades dos tempos da história e, assim, aparecem as infinitas temporalidades da história que habitamos hoje” (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 20).

Enquanto “coproduções que se habitam”, as *sensorialidades* e as *tecnicidades* também são eixo interdependentes. Há medida que as *tecnicidades* – na figura dos usos das linguagens midiáticas com as quais se lê, vê, escreve etc. – produzem *sensorialidades*, isto é, o sensível em termos coletivos e individuais, as *sensorialidades* mobilizam o desenvolvimento da “inteligência sensorial” de uma época com suas *tecnicidades* próprias. (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 20-21).

A *tecnicidade*, presente na maioria dos mapas e realocada como eixo no quarto, pode ser vista como uma mediação que “circunscreve toda a dinâmica do mapa proposto, assumindo a ideia de entorno/contorno” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 126). Dessa forma, compreendemos

que o tecnocomunicativo estaria articulado às demais mediações: *institucionalidade*, *ritualidade* e *socialidade* (segundo mapa); *identidade*, *cognitividade* e *ritualidade* (terceiro mapa); e *narrativas*, *identidades*, *cidadanias* e *redes* (quarto mapa), pois é estruturado por e estrutura todas as relações sociais. Nessa mesma linha de pensamento, Ronsini (2010, p. 7) adiciona que a *tecnicidade* “modela todas as relações porque se define como o estatuto social da técnica”, podendo ser compreendida em sentido estrito, enquanto aspecto dos textos, narrativas ou discursos midiáticos que funciona como organizador perceptivo. De acordo com Lopes (2018b, p. 20), na técnica coexistem “novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender, novas linguagens, novos modos de expressão, de textualidades e escrituras”, ou seja, não seria uma questão de aparatos tecnológicos, mas sim dos usos e apropriações na vida cotidiana.

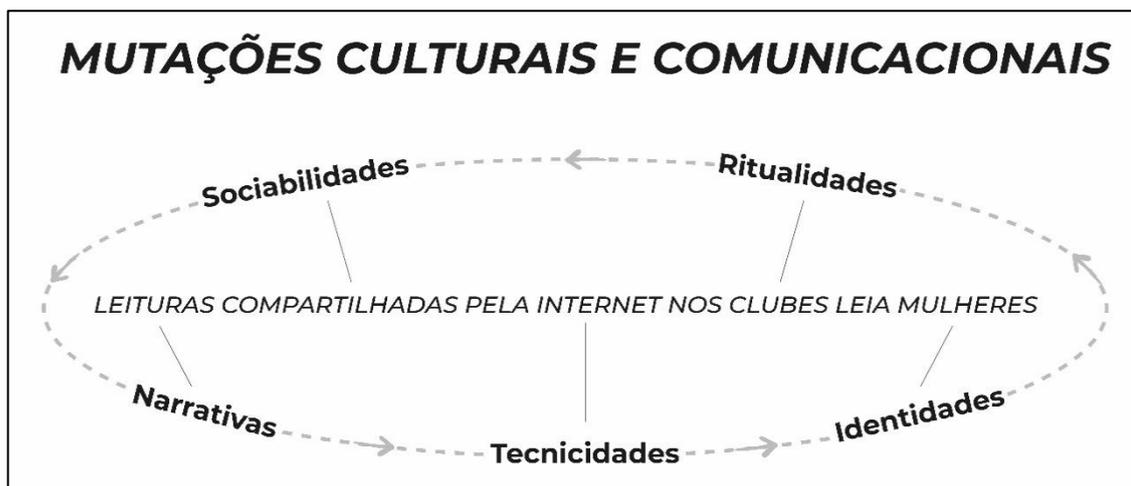
A mediação das *identidades* contempla a diversidade e pluralidade dos sujeitos, definida por estratégias de posicionamento, reconhecimento, relacionamentos e expressões político-culturais dos corpos. Já as *narrativas* estão entrelaçadas com as *temporalidades*, pois tempo e relato são indissociáveis. Visualizadas na expansão dos diferentes modos de narrar em telas e dispositivos, além dos diálogos entre enunciadores diversos, trazem novas dinâmicas interculturais para as culturas narradas, sejam orais ou escritas. Assim, há maiores possibilidades de explorar os relatos não-hegemônicos inscritos nos territórios, nas *identidades* e nas *sensibilidades* do Outro. As *cidadanias*, por sua vez, são pensadas em relação aos habitantes das cidades, urbanas ou rurais, seus direitos enquanto cidadãos e formas de ganhar poder na vida cotidiana. Tratam de temas políticos emergentes como os direitos das mulheres, jovens e culturas ancestrais que “transformam a cidadania em outra coisa, uma forma de existir politicamente” (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 22). Por fim, as *redes* são esta ambiência, espaço de interações, de fluxos e de relações na linguagem falada na contemporaneidade.

Os fluxos são a profundidade desses tempos que habitamos. Os fluxos dão a entender que vivemos em mutação, em mudança, em transformação. A ideia de essência e de estática é abandonada não só no digital, mas no cultural e político. Fluxos são mobilidade que produz e gesta formas que estão por sua vez em movimento. E chegamos na instabilidade. O fluxo é a expansão que vem de dentro, a rede é a visão de fora. O fluxo expressa a alteridade que o movimento produz. A rede tece os fluxos com algum significado. E os fluxos são entendidos em rede, em sua articulação, em seu tecido. (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 23).

Diante dessa explanação cartográfica sobre as quatro propostas barberianas, voltamos o olhar para o nosso objeto de pesquisa: as leituras compartilhadas pela internet nos clubes *Leia Mulheres*. Compreendemos que as especificidades contemporâneas da nossa problemática

mobilizam ou recaem em determinadas mediações mais do que outras. Assim, a figura 3 esquematiza²⁰ os entrecruzamentos da argumentação teórica com o objeto empírico, resultando na nossa problemática.

FIGURA 3 – Síntese da problemática da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor.

O esquema teórico da pesquisa foi construído no formato de um circuito de modo a representar o conceito móvel e dinâmico das mediações, sugerindo a ideia do *círculo de leitura* onde é possível inclusive articular mediações de diferentes mapas, como sugerido por Lopes (2014). Concordamos com Lopes (2014, p. 70) quanto à possibilidade de vislumbrar as mediações enquanto um conceito movente, sem uma definição única, acompanhado constantemente pelas “mutações da sociedade especificamente no que diz respeito ao papel da comunicação”. Nesse sentido, a autora expõe seu modo de compreensão da noção de mediações:

A mediação deve ser entendida como o processo estruturante que configura e reconfigura tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos. Ela exige pensar ao mesmo tempo o espaço da produção, assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas. (LOPES, 2018b, p. 17).

²⁰ As representações gráficas de nossa autoria foram elaboradas com o auxílio teórico-metodológico-visual proporcionado pela disciplina “Estudos Avançados IV - Desenho de Pesquisa”, ministrada pela professora Sandra Depexe em 2021/1 no POSCOM/UFSM.

Em nossa apropriação empírica dos mapas, as *narrativas* estariam representadas tanto pelas histórias contidas nos livros quanto nos relatos pessoais das leitoras motivados pelas suas impressões acerca do enredo, personagens etc. A oralização da leitura também é um fator que remete tanto ao passado, quando eram comuns relatos coletivos de mitos e histórias ao redor das fogueiras, ágoras e monastérios, quanto ao presente, por exemplo, das culturas africanas e indígenas onde a voz ainda segue como um dos eixos na comunicação e memória.

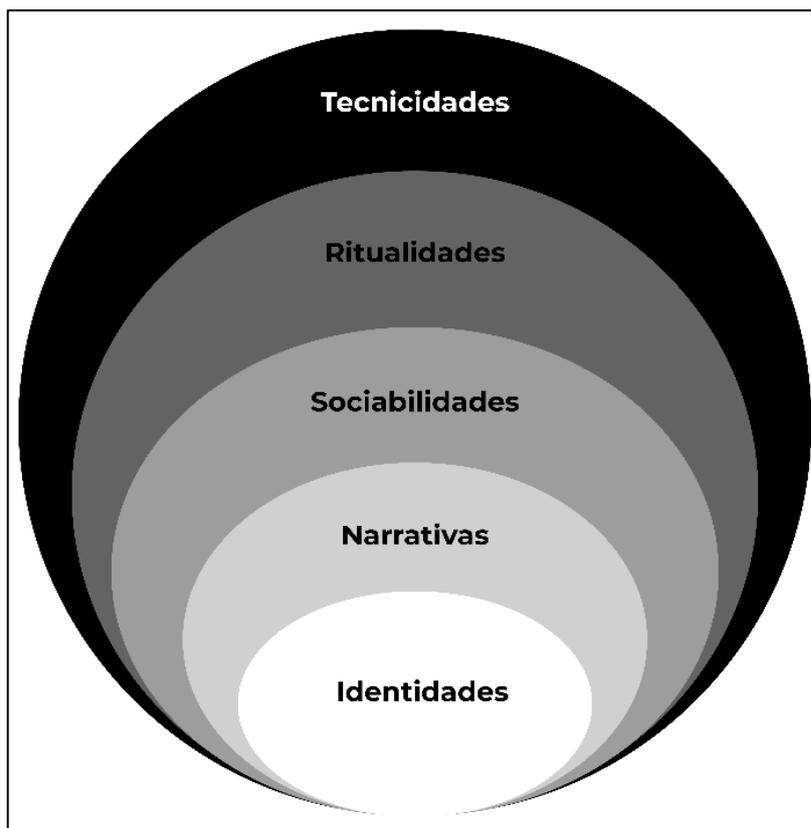
Em seguimento, o fato dessas *narrativas* estarem sendo compartilhadas mobiliza as *sociabilidades* ao redor do livro, na criação de uma comunidade de leitoras com laços de amizade e pertencimento, fomentados pelas manifestações públicas de suas práticas de leitura individuais, nos debates, discordâncias e demais interações. Já as *tecnicidades* consistem na mediação estrutural dos clubes através do uso de plataformas. Fora do momento da reunião coletiva mensal, há a mediação das redes sociais digitais utilizadas pelas organizadoras para criação dos perfis de cada clube local e compartilhamento de conteúdo literário, servindo também como repositório de fotos dos encontros. Somado a isso, os clubes possuem grupos privados em aplicativos de mensagens, por onde as leitoras podem conversar diariamente.

As formas e dinâmicas de funcionamento do clube de leitura são construídas pelas *ritualidades* no que se refere à repetição mensal dos encontros, às escolhas das narrativas e calendários de leitura, à organização das falas pelas mediadoras, além do próprio ritmo de leitura de cada participante, seus rituais e modos de ler (local, horário, frequência...).

As *identidades* se fazem presentes na proposta política do projeto *Leia Mulheres* para leitura e valorização de obras de escritoras dos mais variados países e etnias. O reconhecimento das autoras mulheres em suas complexidades, além da consciência das desigualdades sociais de gênero no mercado editorial, também estariam articulados nesta mediação. Nesse sentido, o clube funcionaria como um espaço seguro de pertencimento onde leitoras e autoras possuem protagonismo.

Todas essas dimensões em movimento incorporam um potencial para ser desenvolvidas na investigação dos clubes *Leia Mulheres*. Dito isso, na figura 4 representamos graficamente a ordem de relações entre as mediações escolhidas.

FIGURA 4 – Articulações entre as mediações priorizadas para investigação



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entendida como mediação estrutural por diversos autores já citados, as *tecnicidades* estão relacionadas e possuem implicações nas demais mediações, sobretudo quando o contexto do distanciamento social impele os clubes de leitura a migrar para plataformas digitais de reunião. Nesse sentido, toda a dinâmica do encontro, desde seu ritual de funcionamento, a socialização literária, até os modos de participação e conversa sobre as obras de autoras mulheres são ressignificados pela internet enquanto uma ambiência não apenas com limitações de ordem técnica como também revestida de novas potencialidades de uso pelas leitoras.

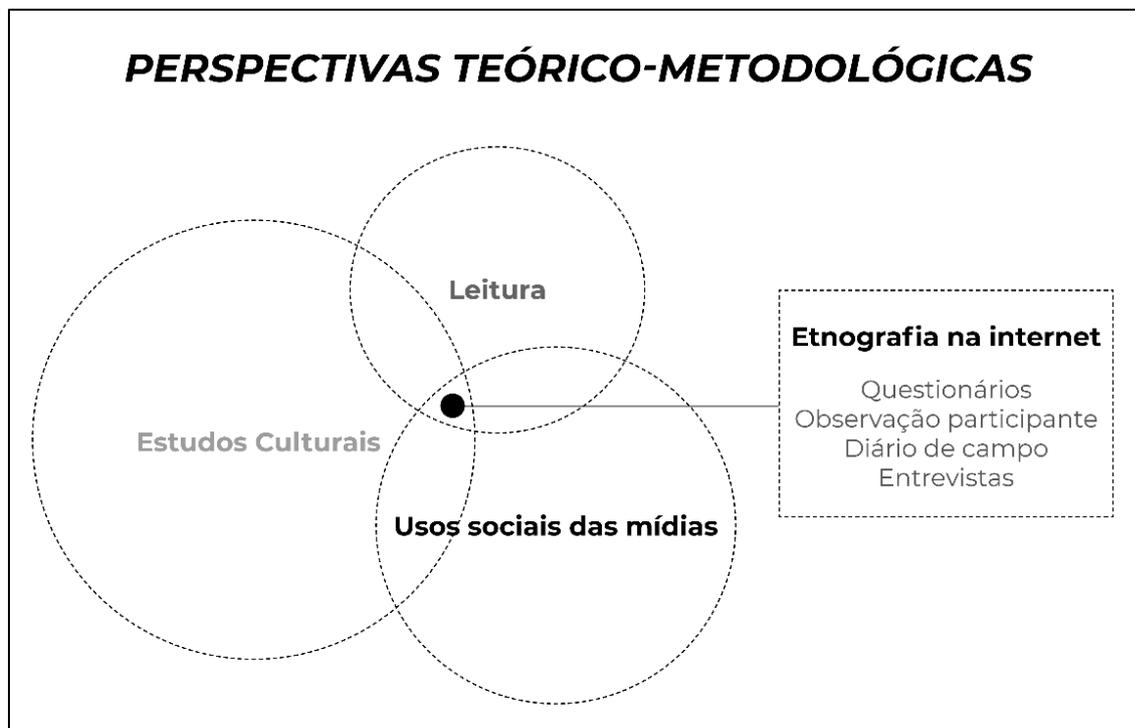
Longe de colocar as *ritualidades*, *sociabilidades*, *narrativas* e *identidades* “dentro” das *tecnicidades*, como se estivessem fechadas em si mesmas, nosso objetivo é exteriorizar as articulações dos campos empírico e teórico, justificando a escolha das cinco mediações para a investigação do nosso objeto de pesquisa em detrimento – mas não em substituição – às demais.

Embora a *institucionalidade* não esteja entre as mediações para análise, pontuamos que ela pode ser percebida nas interpelações do mercado editorial e demais instituições, como bibliotecas, livrarias e editoras que, mesmo sem a presencialidade dos clubes, mobilizam-se

para facilitar o acesso e a aquisição das obras previstas nos calendários de leitura de cada núcleo local do projeto *Leia Mulheres*.

Em seguimento, a figura 5 indica as interfaces teórico-metodológicas da dissertação.

FIGURA 5 – Perspectivas teórico-metodológicas da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor.

Sua construção remete à teoria no formato circular, já utilizado como recurso visual na síntese da problemática (figuras 3 e 4), aliada com os “retângulos metodológicos” para demarcar aspectos distintos que dialogam no “epicentro teórico-metodológico” representado pelo alvo central. Em complemento, as bordas dos círculos e do retângulo foram criadas com traçados pontilhados, a fim de não transparecer conceitos ou métodos circunspectos, mas sim elementos flexíveis e abertos ao que se revela no campo, segundo o olhar do etnógrafo.

A tipografia, com tons de cinza distintos, alude à delimitação teórica do trabalho: ancorado nos estudos culturais como grande “guarda-chuva”, voltado à leitura já mais aparente e concentrado nos usos sociais das mídias (abordagem principal). O mesmo com a metodologia: etnografia como a dimensão metodológica em destaque a qual combina diferentes técnicas.

Esclarecemos, portanto, que nossa pesquisa com clubes de leitura dialoga com os pensamentos dos estudos culturais e da recepção em sua dimensão ampla, alinhando-se ao viés dos usos sociais das mídias. Assim como os estudos pioneiros apresentados, também lançamos

mão de abordagem etnográfica na combinação de técnicas para investigação de leitores, em nosso caso no ambiente digital.

Isto posto, o método etnográfico vem ao auxílio da compreensão deste recorte empírico integrante do *sensorium* contemporâneo da leitura no século XXI, pois se as *sensorialidades*, mediação básica do quarto mapa, nos aproximam do humano, emocional e cultural das coletividades para ver com os outros (RINCÓN, 2019), a escolha pelo trabalho etnográfico se mostra ainda mais pertinente.

Em consonância com Yunes (2013), contemplamos um potencial produtivo na observação etnográfica com clubes de leitura, principalmente porque nesses espaços os leitores estão naturalmente abertos à fala, a narrar a si mesmos a partir dos livros que os tocam.

Trabalhar em círculos de leitura, longe de criar tumulto, suscita um acolhimento do outro como leitor, abrindo espaço para suas memórias e suas falas, suscitando como diz Barthes, que ele levante a cabeça ao ler, e reflexivamente, leia o texto em contraponto com sua vida de leitor. Dizemos, pois, que este clima de troca, rememorações, diálogo resulta numa ambiência de leitura, espaço e tempo não apenas externos, mas internos para exercer a prática leitora que leva a “saber das coisas”. Pois aí, lemos mais que o texto, o quadro, o filme, lemo-nos, lemos o mundo, tiramos os olhos do papel para refletir, pensar. (YUNES, 2013, p. 16).

Com base na escuta e na abertura para alteridade das nossas interlocutoras, é possível adentrar nas práticas cotidianas de leitura presentes nos encontros online dos cinco clubes investigados. *Narrativas* estas mobilizadas tanto pelos usos do livro – enquanto um suporte e produto midiático da indústria cultural (TRAVANCAS, 2013, 2020) – quanto da internet, na figura das plataformas, da constituição desta *rede* de clubes de leitura em *espacialidades* e *temporalidades* brasileiras distintas. Entendemos que, para além da experiência subjetiva, os usos perpassam a materialidade dos aparatos tecnológicos: conexão de internet, computadores, *smartphones*, *e-readers* e livro impresso.

Dito isso, as leituras e apropriações dos mapas expostas até aqui não pretendem esgotar ou categorizar antecipadamente nossa análise. Ao contrário, aceitamos que partir dos usos sociais das mídias é abrir-se às brechas, às bordas e aos potenciais da leitura, sem nunca enclausurar ou afirmar enfaticamente processos sempre em mutação. Tal como propõe Jesús Martín-Barbero, tateamos no escuro, pisando em um terreno teórico-metodológico movediço, mas simultaneamente possível de ser mapeado, desde que estejamos dispostos a ir desdobrando as páginas do *sensorium* cultural e comunicacional conforme se manifestam as pistas provocadas pelas mediações.

Tendo contextualizado nosso ponto de partida, necessitamos avançar no posicionamento do nosso estudo perante os demais já realizados no campo brasileiro da Comunicação.

2.3 PESQUISAS ANTERIORES

Entre os imbricamentos teóricos da comunicação e da leitura, concordamos com Gomes (2004) no que se refere à “recepção” englobar um termo “guarda-chuva” que abrange diferentes processos de pesquisas, desde a interpretação dos textos midiáticos, o consumo cultural até os usos sociais das mídias. Nessa linha, defendemos, assim como Isabel Travancas (2013, 2020), que o livro também é um produto midiático que pode ser investigado pelo viés da recepção na comunicação.²¹

Entendo o livro como um suporte midiático que serve de base para diversas estratégias, por meio das quais aquele migra para outras plataformas digitais nas quais sua narrativa ganha espaço e passa a circular mais velozmente em territórios longínquos. Busco aqui pensar o livro também como um produto midiático, não obstante certa “resistência” do próprio universo acadêmico de entender o livro enquanto um produto da indústria cultural, tirando do livro a suposta “aura” de objeto sagrado, de valor intelectual e que, portanto, não pode ser concebido dentro dos mesmos padrões de um filme, uma série de TV ou um CD. (TRAVANCAS, 2020, n.p.)

As provocações de Travancas (2020) igualmente revelam um dado que coincide com nossa pesquisa de estado da arte²²: o livro é um objeto pouco investigado na Comunicação, especialmente se comparado aos demais produtos midiáticos como telenovelas, filmes, campanhas publicitárias, rádio, jornal e até mesmo revistas. Notamos, por exemplo, adaptações literárias para os cinemas, teatros, novelas, plataformas audiovisuais de *streaming*, jogos digitais e vice-versa, desses produtos ao livro. Essa convergência midiática nos parece mais estabelecida nas lógicas da indústria cultural do que nas reflexões acadêmicas da Comunicação.

Entre diversos fatores que poderiam explicar essa lacuna, Reimão e Quintino apontam o baixo índice de cursos de Produção Editorial ou Editoração no país. São apenas sete, três deles em universidades públicas: UFRJ, USP e UFSM. Os autores observam a oferta de outras habilitações da área a partir do Cadastro de Instituições de Educação Superior e dos Cursos

²¹ Os estudos literários investigam a recepção de literatura pela perspectiva da Estética da Recepção, vertente da qual nos afastamos teoricamente nesta dissertação. Pensamos, portanto, a leitura pela abordagem teórico-metodológica dos usos sociais das mídias.

²² Rossi (2021) apresenta a lista de trabalhos e discussão completa deste estado da arte mediante investigações com leitores na Comunicação, de 2015 a 2020, e de estudos sobre clubes de leitura, de 1990 a 2020.

cadastrados no e-Mec, os quais indicavam a existência de “367 cursos de jornalismo, 440 de publicidade, 133 de relações públicas e 36 de radialismo” (REIMÃO; QUINTINO, 2013, p. 266). Por sua vez, o pequeno número de cursos especializados estaria relacionado à própria história e configuração do mercado editorial no Brasil: editoras brasileiras formadas mais ao redor de núcleos familiares do que profissionais; desconhecimento do trabalho editorial com livros; grande oferta de cursos técnicos sobre a temática; e sobreposição de funções entre editores literários e jornalistas. (REIMÃO; QUINTINO, 2013).

No que se refere ao paradigma da recepção da leitura, concordamos com o posicionamento de Marina Machiavelli (2018) sobre os estudos com leitores na Comunicação buscarem uma identidade própria – proporcionada pela brecha teórico-metodológica dos usos sociais das mídias – distante da Estética da Recepção, investigada no campo literário.

A estética da recepção permite um olhar sobre o leitor enquanto sujeito que interpreta e dá significados distintos ao que lê. Embora a concepção tenha grandes contribuições para os estudos culturais, a leitura, enquanto prática social e que envolve a relação com diversas mídias e suportes midiáticos, será tratada pelo viés dos estudos culturais, pela perspectiva latinoamericana. Esta vertente permite a compreensão do contexto no qual os sujeitos estão inseridos, levando em consideração os usos e apropriações feitos pelos leitores e a forma com que vem se alterando com o tempo, considerando as novas tecnologias e observando isso de acordo com as mediações envolvidas nesse processo, não tratando da obra em si e de suas questões estéticas. (MACHIARELLI, 2018, p. 77).

Em busca por trabalhos anteriores em diálogo com nossa proposta, partindo do pressuposto que a temática dos estudos com leitores não é exclusiva do campo comunicacional, optamos por realizar o estado da arte desta pesquisa em dois momentos. Primeiro entre as pesquisas e eventos na Comunicação dos últimos cinco anos e posteriormente entre as todas as áreas desde 1990²³, neste caso, delimitando apenas por estudos com leitores de clubes de leitura em ambientes não-formais de educação. Destacamos que o levantamento excluiu trabalhos no formato de relatos de experiência e contemplou estudos publicados por pesquisadores a partir da categoria de mestrados no Brasil (ou graduandos com coautoria de doutores), de acordo com correspondência para palavras-chave exatas.

Entre nossos critérios de seleção, ressaltamos que foram coletados trabalhos com foco, a partir de seu título ou resumo, nos usos e apropriações de leitores de livros. Excluíram-se estudos de leitores de jornais e revistas, bem como pesquisas cuja metodologia baseia-se apenas

²³ Década marcada pela expansão de políticas públicas de fomento à leitura no Brasil, a exemplo do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), instituído pelo Ministério da Cultura a partir de 1992.

em revisão bibliográfica²⁴. Por fim, frisamos que nossa temática envolve clubes de leitura fora de contextos escolares e/ou formais de educação, por isso trabalhos com um viés pedagógico, embora importantes para discussão da leitura na infância e adolescência, não foram incorporados no nosso estado da arte.

No campo da Comunicação, entre 258 resultados provenientes de bancos acadêmicos e anais de eventos²⁵, encontramos 20 trabalhos. Em análise do levantamento realizado na Comunicação, encontramos apenas quatro trabalhos que investigam explicitamente a leitura pelo viés dos estudos culturais latino-americanos (duas teses, uma dissertação e um artigo). Isso indica a carência de pesquisas também pela perspectiva teórico-metodológica, não apenas quando considerada a temática dos clubes de leitura, presente em apenas um trabalho de Pós-Graduação em Comunicação no país.²⁶

No aspecto metodológico, todos os 20 estudos analisados contemplam pesquisas qualitativas, entre as quais 12 articulam com métodos quantitativos. O questionário foi a ferramenta mais utilizada, presente em 13 trabalhos, entre os quais apenas três não o combinam com outras técnicas. Em segundo lugar, tem-se 10 trabalhos com entrevistas e quatro com observação participante. Notamos que nove dos trabalhos coletados (seis artigos, duas dissertações e uma tese) empregam apenas uma ferramenta metodológica.

Em análise do levantamento – específico sobre clubes de leitura – realizado de 1990 a 2020 nas demais áreas, encontramos 25 estudos. Destes, dez trabalhos articulam a leitura com questões relacionadas às mulheres, entre os quais oito possuem como objeto de pesquisa leitoras dos clubes *Leia Mulheres*. Ressaltamos a discrepância entre trabalhos na última década (19) e estudos dos anos 2000 (5) e 1990 (1), o que pode sugerir o aumento de estudos com clubes de leitura e sociabilidade literária juntamente com a popularização das tecnologias digitais e da internet. Relacionado a isso, visualizamos igualmente que as discussões sobre leitura e gênero se intensificaram a partir do surgimento da iniciativa e demais mobilizações feministas nas redes, isto é, o projeto *Leia Mulheres* revelou-se precursor na problematização das questões de gênero inerentes ao mercado editorial brasileiro.

²⁴ As pesquisas exclusivamente bibliográficas relacionadas a nossa temática foram desconsideradas para o estado da arte.

²⁵ A consulta foi realizada em novembro de 2020 no Banco de Teses e Dissertações da Capes, Repositório IBCT, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Google Acadêmico e nos anais dos seguintes eventos: Congresso Internacional de Comunicação e Consumo (Comunicon), Intercom Nacional e Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Biblioteca da Compós).

²⁶ A dissertação, desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, é de Gabriela Pacheco (2019).

Notamos também que, mesmo com a abertura dessa etapa do estado da arte para todas as áreas do conhecimento, de 1990 a 2020 não foram obtidos trabalhos da Comunicação²⁷. Este dado reforça as lacunas já apontadas acerca da ausência de investigações que observem o livro como um produto midiático relevante a ponto de ser escolhido enquanto objeto de pesquisa no campo comunicacional.

No aspecto metodológico, todos os 25 estudos analisados contemplam pesquisas qualitativas, entre as quais somente três articulam com métodos quantitativos (questionários). A observação participante foi a ferramenta mais utilizada, presente em 13 trabalhos. Em seguida, aparecem dez trabalhos com entrevistas. Tem-se nove trabalhos com apenas uma ferramenta metodológica. Se comparado ao levantamento da Comunicação, há mais estudos de caráter etnográfico (sete).

Nas demais áreas, o uso de técnicas qualitativas, sejam elas nomeadas como observação ou etnografia, desponta perante a irrisória aplicação exclusiva de técnicas quantitativas, mostrando que as pesquisas com leitura seguem orientadas pelas práticas cotidianas e complexas dos leitores, já presentes no início dos estudos culturais. Na Comunicação, destacamos e nos aproximamos do caráter multimetodológico da maioria dos trabalhos, na combinação quanti-qualitativa de dados provenientes de duas ou mais técnicas.

Somados os recortes em todas as disciplinas, temos nove investigações (cinco artigos e quatro dissertações) que focam seus esforços no projeto *Leia Mulheres*²⁸. Percebemos que as discussões sobre gênero perpassam todos os trabalhos, principalmente abordagens sobre “reconhecimento”, “empoderamento”, “feminismo”, “literatura” e “feminino”. Nesse sentido, entendemos que a nossa pesquisa possui interface com questões de gênero, as quais se apresentam mais em nosso campo empírico, com maior aderência nas mediações das *identidades e narrativas* do que em nosso referencial teórico. Evidenciamos no quadro 1 os estudos cujo objeto de pesquisa incidiu na iniciativa *Leia Mulheres*.

²⁷ Além da dissertação sobre o clube *Leia Mulheres Belo Horizonte*, de Gabriela Pacheco (2019), já reunida na primeira fase do levantamento.

²⁸ Excluímos da contagem o nosso artigo exploratório, publicado nos anais do 43º Intercom Nacional. Por meio de indicação durante a banca de qualificação, foi adicionada ao quadro a tese de Clarice Goulart, totalizando dez investigações.

QUADRO 1 – Estado da arte das pesquisas sobre o projeto *Leia Mulheres* no Brasil

Título	Autoria	Ano	Tipo/Área/Inst.	Métodos de pesquisa
Leia Mulheres: literatura, empoderamento e divulgação da autoria feminina em Goiânia	LOUSA, Pilar Lago; SANTOS, Maria Clara Dunck	2016	Artigo/ Letras/ UFG e UnB	Observação Participante
Lendo “Hibisco Roxo” num clube de leitura de autoria feminina	SCARAMUSSA, Taiga Bertolani; DALVI, Maria Amélia	2016	Artigo/ Letras/ Ufes	Observação Participante
Literatura entre feminismo(s) e reconhecimento: notas sobre o #leiamulheres Porto Alegre	ALEIXO, Mariah Torres	2018	Artigo/ Antropologia/ UFRGS	Etnografia (Observação Participante e Entrevistas)
Literatura e feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília	XAVIER, Ana Laura Laura Silva	2018	Artigo/ Ciência da Informação/ UNESP	Observação Participante
‘Literatura feminina’ do <i>Wattpad</i> e o projeto ‘Leia Mulheres’: repertórios em discussão no sistema literário brasileiro	PIRES, Michelle Claudino	2019	Dissertação/ Letras/ Centro Universitário Ritter dos Reis	Análise Textual
Leia Mulheres: leitura literária e ressignificação da subjetividade feminina	SANTOS, Jeniffer Geraldine Pinho	2019	Artigo/ Letras/ Uneb	Entrevistas
#leiamulheres: campo literário e ciberespaço	SOARES, Raysa Ferreira	2019	Dissertação/ Literatura/ UnB	Análise Documental
Mediações no clube de leitura Leia Mulheres: Reconhecimento e sociabilidade a partir da literatura escrita por mulheres	PACHECO, Gabriela Barbosa	2019	Dissertação/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PUC-Minas)	Etnografia (Questionários, Entrevistas e Observação Participante)
Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura	SALOMÃO, Amanda	2020	Dissertação/ Ciência da Informação/ UFRJ	Entrevistas, Questionários, Observação Participante
Pequenos retratos de gestos: histórias sobre mulheres e livros	GOULART, Clarice de Mattos	2021	Tese/ Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura/ UFF	Entrevistas e Observação Participante

Fonte: Elaborado pelo autor

Relativo às principais contribuições das propostas acima, o primeiro ponto destacado encontra-se no fato de que todas as investigações se concentram em dados coletados durante um período pré-pandêmico, ou seja, enfatizam principalmente a presencialidade dos encontros.

Até mesmo o trabalho mais recente foca em reuniões presenciais de quatro clubes pertencentes ao *Leia Mulheres* em cidades localizadas no eixo Rio - São Paulo. (GOULART, 2021). Em virtude da interrupção de seu objeto de pesquisa, a partir de 2020 a pesquisadora precisou reestruturar seu planejamento, mediante dados registrados em 2018 e 2019. Desse modo, aquilo que antes eram relatos exploratórios provenientes da escuta das coordenadoras de cada núcleo transformou-se no material analítico de sua tese.

Goulart (2021, p. 31) investiga relações de leitoras, escritoras e editoras independentes com livros, perguntando-se “Como essas leitoras expressam seu olhar sobre a leitura? Que práticas e que alianças constroem nesse sentido? Que agendas e demandas apresentam quando o tema é a produção e a circulação de livros em um cenário contemporâneo?”. Em suas considerações, lança pistas instigantes acerca do impacto dessas agentes no mercado editorial, por meio de reivindicações coletivas, plurais, colaborativas e autônomas.

[...] localizo a experiência dos clubes de leitura em intensas relações de influência em um cenário no qual diversas e diversos agentes reivindicam a participação de mulheres na esfera da produção literária. Acredito, também, que há uma transformação em curso, uma vez que diversos atores do campo literário têm se posicionado em relação à necessidade de garantir visibilidade à produção de autoria de mulheres. Ao mesmo tempo, editoras de grande porte também têm encontrado nessas leitoras um público disposto a investir seu poder aquisitivo na compra de livros. A pesquisa, no entanto, aponta para um importante dado: não são as grandes editoras o que alimenta as mudanças; as mudanças estão nos pequenos grupos, pequenos núcleos, pequenos gestos, pequenos catálogos. Em vozes que se somam para ecoar sua potência. (GOULART, 2021, p. 190).

Expomos o trabalho de Goulart (2021), pois visualizamos uma convergência de suas ideias e achados com as demais pesquisas sobre o *Leia Mulheres*, inclusive com a nossa. Certamente há diferenças entre as investigações, por vezes encontradas nas perspectivas teórico-metodológicas acionadas, a exemplo das que optam por análises do projeto *Leia Mulheres* com base em documentos ou textos advindos do ambiente digital (PIRES, 2019; SOARES, 2019). Para além do campo empírico exclusivamente documental/textual, é possível classificar as demais pesquisas em distintas *especialidades*, desde uma maioria que foca em clubes de leitura localizados na região sudeste (SCARAMUSSA, DALVI, 2016; XAVIER, 2018; PACHECO, 2019; SALOMÃO, 2020; GOULART, 2021); até aquelas efetuadas nas regiões centro-oeste (LOUSA; SANTOS, 2016); sul (ALEIXO, 2018); e nordeste (SANTOS, 2019).

Nesse empreendimento, percebemos que todos os estudos consultados sugerem um compromisso pessoal-profissional com a equidade e pluralidade de mulheres no mercado

editorial do país, por meio do desenvolvimento crítico de investigações voltadas a cada um de seus respectivos microcosmos analíticos. Estes, por sua vez, recaem em reflexões voltadas à proposta nacional. Nesse ângulo, Soares (2019) chama-nos a atenção para a proximidade da iniciativa com o próprio universo acadêmico, isto é, através da divulgação da autoria feminina em redes sociais digitais, o projeto “constrói uma crítica literária mais livre e justa para essa literatura. Apesar de estar inserido fora da academia, o *Leia Mulheres* é muito mais um aliado das pesquisas acadêmicas do que um contraponto” (SOARES, 2019, p. 11). Entendemos, no entanto, que o projeto é mais um aliado do mercado editorial, pois realmente não se propõe a ter objetivos acadêmicos.

É produtivo captar as nuances das pesquisas tratando-se de suas *temporalidades* e *espacialidades*, ou seja, de um momento em que os clubes possuíam encontros mensais configurados na presencialidade, sem desconsiderar a importante mediação da internet. Nesse aspecto, ao observar a organização dos encontros do *Leia Mulheres Belo Horizonte* entre agosto de 2018 e maio de 2019, Pacheco (2019, p. 132) aponta para um terceiro lugar onde o grupo se instaura: “um espaço presencial, que não prioriza suas mídias sociais, mas que só pôde existir por causa delas”, onde é consolidada a formação de vínculos sociais e de resistência na comunidade de leitoras e leitores. Pacheco (2019) nota que as redes sociais contribuem para a popularização do clube, porém reitera que seria no âmbito presencial onde as mediadoras locais veem as potencialidades comunicativas da leitura coletiva.

A busca das mediadoras da iniciativa gira em torno de discussões que possam trazer desdobramentos, com pontos que se desenvolvem a partir da fala de cada leitora, sem os ruídos e as limitações que o âmbito digital carrega. O cenário físico, apesar de também conter suas insuficiências, se revela, a partir das intenções do *Leia Mulheres* de Belo Horizonte, como o lugar de trocas mais significativas e propício para a criação de uma comunidade. (PACHECO, 2019, p. 110).

Sua descrição do espaço presencial possibilita entender a importância do local para as integrantes do grupo, de modo que se constitua em um território seguro para serem ouvidas e ouvirem as demais. O ritual dos encontros presenciais é descrito com precisão, desde informações básicas como horário, localização e número de participantes, até o relato sobre a dinâmica horizontal do compartilhamento de leitura entre mediadoras e leitoras. Tais práticas do clube mineiro não se restringem apenas ao lugar do encontro, pois a criação de vínculos sociais estende-se a outros espaços, a exemplo do evento que as integrantes nomearam de “Beba mulheres”, um *happy hour* ocorrido em um bar próximo após as reuniões presenciais e com a

adição de acompanhantes (maridos, namorados e irmãos) não-frequentadores do clube. (PACHECO, 2019).

Em outra via, Salomão (2020) aborda a presencialidade em sua análise como um fator limitador para leitoras que residam em regiões distantes da Blooks Livraria (bairro Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro), onde ocorreram as reuniões que observou no período de outubro a novembro de 2019²⁹.

Ainda que o público que frequenta o Leia Mulheres Rio de Janeiro não seja tão variado em termos econômicos e sociais, aspecto bastante comentado pelas entrevistadas, o clube também conta, dependendo do título selecionado, com a participação de mulheres moradoras de bairros além da Zona Sul da cidade, como Zona Oeste e Baixada Fluminense que, em muitas vezes, trazem vivências que as participantes mais assíduas (pertencentes à realidades significativamente distintas) não vislumbram com tanta profundidade. A maioria das entrevistadas afirma lamentar a pouca pluralidade das participantes, conscientizando-se sobre sua condição de privilégio e sabedoras de que, ao propor reuniões à noite, no meio da semana, e em um bairro “nobre” da cidade do Rio de Janeiro, acabam por restringir a participação de leitoras pertencentes a outros contextos socioeconômicos. (SALOMÃO, 2020, p. 139).

Longe de esgotar as especificidades de cada estudo, reforçamos que nossa perspectiva traz um novo olhar para os clubes, com base em uma análise multirregional possibilitada pela modalidade online. Quais vantagens e desvantagens decorre deste outro *ritual* em que as *tecnicidades* ganham ainda mais destaque? Como as leitoras e mediadoras se sentem perante a crise sanitária? Qual o papel das reuniões online em um período de isolamento? Novas questões para um mesmo objeto que se viu transformado, ou melhor, sofreu mutações em diferentes ordens a fim de não perder seu propósito: conectar leitoras por meio da literatura escrita por mulheres.

Por último, adicionamos que foi uma escolha difícil priorizar algumas teorias em detrimento de outras, mas consideramos que as contribuições das pesquisadoras citadas se mostram de grande relevância para a discussão sobre literatura e mulheres no país. Ainda assim, não podemos ignorar a relação dos clubes *Leia Mulheres* com as questões de gênero e feminismos, por isso na seção seguinte delineamos uma aproximação com essas temáticas à luz dos estudos em produção editorial, subcampo de formação do autor.

²⁹ No caso de Salomão (2020), seria interessante uma pesquisa posterior a fim de entender se, com a virtualidade dos encontros, impelida pelo momento pandêmico, foi possível perceber maior adesão de outros públicos.

2.3.1 Mulheres e livros: antessala para debater identidades e narrativas

Como ponto de partida, guiados por Joan Scott (1995), compreendemos que toda investigação envolvendo mulheres também é uma análise que informa direta ou indiretamente sobre os homens. Assim, em virtude desta pesquisa dialogar majoritariamente com leitoras situadas em grupos que leem *narrativas* de autoria feminina, faz-se necessário abordar alguns apontamentos vinculados à perspectiva dos estudos de gênero e feminismos para que possamos avançar em futuras discussões sobre a mediação das *identidades e narrativas*.

Relativo ao complexo conceito de gênero, neste trabalho não desejamos resgatar exaustivamente seus desdobramentos teórico-metodológicos, afinal isso já foi empreendido por diversas obras especializadas (ESCOSTEGUY, 2008). No entanto, sinalizamos que “gênero” diz respeito a uma construção social distanciada de determinismos biológicos, em que nos interessa a sua significação no cotidiano: “implica na existência de valores, regras, posturas, obrigações e deveres que expressam o que é ser homem ou ser mulher numa dada cultura ou sociedade” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 6). Nessa perspectiva, o gênero é, sobretudo, “uma arena de tensões sobre questões basilares da vida humana: diz respeito à identidade, à justiça, ao simples fato de existir e, até mesmo, sobreviver nessa existência” (TOMAZETTI, 2019, p. 13).

Em seguimento a isso, a intelectual estadunidense bell hooks (2020, p. 13) coloca que o feminismo se constitui em “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”. Ela complementa que há vários feminismos com reivindicações aos direitos das mulheres em campos distintos, sendo uma mobilização política de interesse universal, voltada à justiça social e articulada às questões de gênero, raça, classe, sexualidade, entre outras. Logo, além da categoria “gênero”, os sujeitos da pesquisa possuem outros marcadores de diferença que igualmente devem ser considerados, principalmente em trabalhos etnográficos.

A pesquisadora canadense DeNel Rehberg Sedo (2004) sugere que é possível traçar paralelos entre a história dos clubes de leitura e dos movimentos feministas, considerando seu percurso de lutas em conjunto. Historicamente, tal cenário é mais aparente nos Estados Unidos e Canadá entre as décadas de 1960 e 1970, quando houve uma expansão desses espaços de leitura e conscientização dos direitos das mulheres. Assim, a construção de espaços coletivos através de reuniões de mulheres auxiliou no desenvolvimento de clubes de leitura e vice-versa. Nas palavras de Sedo (2004, p. 230) “depois que uma mulher entra em um clube de leitura, a própria associação torna-se parte de sua identidade, ou melhor, a associação molda sua identidade”.

Deste modo, enquanto pesquisadores nestes espaços, também possuímos a responsabilidade de estar sempre vigilantes em relação às nossas próprias identidades, pré-julgamentos, percepções e posições de poder.

Reconhecemos nessa prática de pesquisa o risco de fundir o discurso do investigador com o do grupo investigado. Por essa razão, não desconheço que o próximo desafio a enfrentar está em demonstrar que a ação dos protagonistas – os atores sociais - é multiplamente estruturada – classe, gênero, geração, sexualidade, raça, etnia, entre outros – e que, portanto, essas posições delimitam de forma crucial todas as nossas atuações. (ESCOSTEGUY, 2008, p. 9-10).

Destacamos que não se colocou diretamente uma discussão teórica sobre classe e raça nesta investigação, embora consideremos importantes instâncias em nosso objeto de pesquisa. Como afirma Martín-Barbero, (2009, p. 302) “o plural das lógicas do uso não se esgota na diferença social das classes, mas essa diferença articula as outras”, ou seja, se os clubes investigados fossem constituídos por mulheres de classe baixa da periferia urbana de determinado município, por exemplo, os usos dessas leitoras teriam outras formas – o que não significa que seriam menos ou mais “válidos”, mas sim distintos.

Voltando-se à literatura, já no início do século XX, Virgínia Woolf (2014) apontava que as lógicas do mercado editorial historicamente retratavam uma sociedade patriarcal em que escritoras foram silenciadas por séculos. Em complemento, a estudiosa brasileira Ana Elisa Ribeiro (2018) denuncia que no campo da História do Livro e da Leitura, o ofício de profissionais do gênero feminino pertencentes à indústria de livros (para além da profissão “autora”) muitas vezes foi omitido por pesquisadores. Ribeiro, Paula Renata Melo Moreira e Paula Andréa Martin Colorado (2021, p. 4) reiteram que as mulheres ocupam posições diversas na cadeia do livro, “desde chefias a funções mais técnicas, mas quase nunca encontram ressonância na historização de suas práticas [...] como importantes agentes no campo da edição”.

Nesta interface, ao mesmo tempo em que as cinco edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* apontam que as mulheres leem mais do que os homens (FAILLA, 2020), um mapeamento³⁰ brasileiro das publicações de títulos – em três momentos do país (1965-1979, 1990-2004, 2005-2014) nas editoras Rocco, Record e Companhia das Letras – comprovou que ainda se publicam mais autores do que autoras no país. No primeiro período, os números

³⁰ Pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, sob coordenação da professora Regina Dalcastagnè. Os números anteriores à década de 1990 e posteriores a 2004 foram publicados pela Revista CULT. Disponível em: < <https://bit.ly/2kNp6H0/>>. Acesso em 16 set. 2019.

indicavam 82,6% de escritores e 17,4% de escritoras publicadas. No último recorte analisado, a diferença foi de 70,6% para 29,4%. Colocamos em evidência este contraste literário como uma possível variável para popularização dos clubes de leitura de mulheres no Brasil.

Outro fator observado no contexto nacional ocorreu em 2018, quando o país presenciou a maior manifestação de mulheres em sua história, devido aos comentários machistas e misóginos do então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro. Conforme Maria Simone Schwengber e Naira Leticia Pinheiro (2020), a mobilização partiu do grupo *Mulheres unidas contra Bolsonaro* na rede social *Facebook*, o que indica a importância das redes sociais digitais no século XXI como espaço de ativismo, reconhecimento e resistência política no Brasil.

Somado a isso, as pesquisadoras Vitória Galvão e Manuela Vieira (2020) observam as manifestações ocorridas na edição de 2019 da Bienal do Livro do Rio de Janeiro³¹, devido à tentativa de censura de obras com temática LGBT pelo prefeito da cidade carioca, Marcelo Crivella. Durante o evento, autores, editores, influenciadores e leitores mostraram seu repúdio à prefeitura em protestos locais e nas redes sociais, transformando a Bienal em um lugar de resistência não só a Marcelo Crivella, como também às ações do Governo Bolsonaro no cenário educacional, principalmente. (GALVÃO; VIEIRA, 2020).

Ainda na temática do mercado editorial, em 29 de maio de 2021, a artista visual Johanna Stein inaugurou na cidade de São Paulo a “Gato sem Rabo”, primeira livraria brasileira dedicada somente a obras de autoria feminina³². Embora a maioria dessas ações sejam pontuais e localizadas no eixo Rio-São Paulo, podemos notar que auxiliam no tensionamento das discussões contemporâneas brasileiras sobre mulheres e/ou literatura.

Tratando-se de iniciativas voluntárias nessa linha político-literária, as pesquisadoras Bárbara Duhau, Taluana Wenceslau Rocha e Antonella Flamini (2021) apresentam sete organizações na América Latina que se valem da internet para construção de redes articuladoras de mulheres com a literatura. São elas: *LibrosB4Tipos*³³, no México; *La Ventana del Sur*³⁴, no Chile; *Nosotras proponemos literatura*³⁵, na Argentina; e, no Brasil, *Mulherio das Letras*³⁶, *Leia Mulheres, Mulheres que escrevem*³⁷ e *Mulheres Negras na Biblioteca*³⁸.

³¹ Maior evento literário do Brasil. Disponível em: <<http://bit.ly/2OnqvjF>>. Acesso em 21 ago. 21.

³² Disponível em: <<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2021/05/livraria-so-de-autoras-celebra-producao-feminina.html>>. Acesso em 10 set. 21.

³³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/librosb4tipos/>>. Acesso em 26 jan. 22.

³⁴ Disponível em: <<http://www.laventanadelsur.cl/portal/>>. Acesso em 26 jan. 22.

³⁵ Disponível em: <<http://nosotrasproponemos.org/np-literatura/>>. Acesso em 26 jan. 22.

³⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/mulheriodasletras/>>. Acesso em 26 jan. 22.

³⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/mulheresqueescrevem/>>. Acesso em 26 jan. 22.

³⁸ Disponível em: <<https://www.mulheresnegrasnabiblioteca.com.br/>>. Acesso em 26 jan. 22.

As autoras colocam alguns pontos em comum desses grupos, entre eles o recente surgimento, a partir de *hashtags* como *#ReadWomen* em 2014 e *#NiUnaMenos*³⁹ em 2015, além do uso da internet e redes sociais digitais para construção, organização e ampliação dos debates nessas comunidades voluntárias. Também ressaltam o intercâmbio de experiências, a criação de vínculos (no online ou em formato híbrido), a valorização de autoras e obras fora do cânone literário ou mesmo as desconhecidas pela maioria da população, sobretudo escritoras negras, independentes, estreadas, bem como novas temáticas e gêneros literários geralmente pouco associados às mulheres. (DUHAU; ROCHA; FLAMINI, 2021).

Elas expõem o uso de sites, plataformas e aplicativos controlados por grandes corporações lideradas por homens, ao invés de espaços mais alternativos para articulação. Outra questão complexa sobre essas organizações é o caráter voluntário e gratuito, que por um lado pode engajar pessoas de distintas classes às ações, mas por outro, em virtude da falta de um modelo de financiamento sustentável, pode comprometer a continuidade a longo prazo desses projetos, sem recursos para patrocínio e promoção de suas atividades a outros públicos.

Na América Latina, constatamos que o ativismo digital ainda está em processo de constituição de um cenário significativo a partir do qual construir redes para transformar estruturas culturais que ignoram as experiências literárias das mulheres, tanto da escrita quanto da leitura. Da mesma forma, concluímos que iniciativas deste tipo possuem um enorme potencial para questionar e romper estruturas de desigualdade, embora precisem de aprimorar suas estratégias. (DUHAU; ROCHA; FLAMINI, 2021, p. 20).

Por isso, é cada vez mais importante a existência de espaços institucionais para o debate teórico acerca das perspectivas de gênero(s) e feminismos no mercado editorial. Esta estratégia de resgate histórico, conforme posto por hooks (2020) disputa espaço, visibilidade e legitimação com o cânone literário e acadêmico majoritariamente masculino. Para a autora, a produção de “um corpus de literatura feminista junto com a demanda de recuperação da história das mulheres foi uma das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo” (hooks, 2020, p. 42).

Convém aqui também destacar a atuação do grupo de estudos Mulheres na Edição (CNPq/CEFET-MG)⁴⁰, coordenado pelas professoras Ana Elisa Ribeiro, Paula Renata de Melo Moreira e Maria do Rosário Alves Pereira. O coletivo de pesquisadoras e pesquisadores de todo

³⁹ Mobilização para protesto contra a violência de gênero que ocorreu em várias cidades da Argentina, Chile e Uruguai no dia 3 de junho de 2015.

⁴⁰ Em virtude da pandemia, desde maio de 2020 o autor pôde integrar-se às discussões do grupo por meio de encontros online mensais. Disponível em: <www.instagram.com/mulheres_edicao/>. Acesso em 21 ago. 21.

o país configura-se enquanto um dos principais âmbitos acadêmicos para as discussões acerca das brasileiras que editam, traduzem, publicam e leem livros.

A partir da criação da iniciativa *Leia Mulheres* em março de 2015, percebemos a popularização de clubes de leitura voltados às discussões de gênero, raça, sexualidade e etnia. Embora não tenhamos encontrado um mapeamento de grupos leitores no Brasil, buscamos matérias em jornais que indicam um crescimento na procura por livros escritos por mulheres⁴¹. Entre alguns exemplos, tem-se o “Lendo Mulheres Negras”⁴², projeto baiano fundado por Adriele Regine e Evelyn Sacramento em 2016 com o propósito de resgatar e visibilizar a produção das mulheres negras, por meio de resenhas de livros e filmes com criação, atuação, produção e direção pautadas pela interseccionalidade entre gênero e raça.

O clube Lesbos⁴³, criado em 2017, coloca em discussão obras literárias e audiovisuais produzidas por mulheres lésbicas ou bissexuais. Assim como o *Leia Mulheres*, o projeto possui núcleos locais, estes presentes nas cidades de Brasília, Curitiba, Florianópolis, Goiânia, Guarulhos, Salvador, São Carlos, São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Recife.

Apesar de não possuir um recorte de gênero, evidenciamos o grupo de *Facebook* “Literatura dos Povos Indígenas”⁴⁴, fundado em 2011 pela escritora, poeta, professora e ativista indígena, Eliane Potiguara, enquanto um exemplo de difusor das narrativas produzidas por pessoas indígenas. Sua criação, no entanto, não iniciou em 2011, remetendo aos anos 2000, como informado na descrição do grupo:

O GRUPO LITERATURA INDÍGENA já existia há muitos anos no Yahoogroups e Orkut. Agora ampliamos para literatura e artes indígenas. O grupo objetiva difundir a cultura indígena através da nossa literatura étnica e ancestral, trazendo para a visibilidade, os escritores e artistas indígenas. Estão todos convidados a fazer parte dessa comunidade, com o objetivo de contribuir com a nossa luta e divulgar a nossa arte. O objetivo também é intercambiar com outros escritores e artistas não indígenas. (LITERATURA INDÍGENA, administradores, 2021).

Empreendidas algumas relações teóricas e contextuais que não esgotam as possibilidades de vínculo das mulheres na literatura, veremos que as questões de gênero estão presentes direta ou indiretamente nos capítulos metodológico e analítico, tanto na proposta político-literária dos clubes *Leia Mulheres*, quanto nas relações subjetivas das leitoras com as

⁴¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/crescem-no-brasil-clubes-de-leitura-de-obras-feministas-autoras-mulheres-23816620>>. Acesso em 10 set. 21.

⁴² Disponível em: <<https://www.lendomulheresnegras.com.br/quem-somos>>. Acesso em 10 set. 21.

⁴³ Disponível em <<https://www.atados.com.br/ong/clube-lesbos/sobre>>. Acesso em 10 set. 21.

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/literaturadospovosindigenas/>>. Acesso em 10 set. 21.

obras e com os feminismos. O que elas dizem sobre as personagens, enredos e temáticas? Por que as mediadoras locais decidiram aderir à iniciativa *Leia Mulheres* em suas cidades? O que estes usos dos livros de autoria feminina indicam sobre a comunidade leitora analisada? Qual a importância do clube de leitura no cotidiano das participantes? Tais questionamentos tangenciam nossa problemática e objetivos, demandando esta breve discussão a fim de que nossas escolhas de pesquisa sejam devidamente justificadas.

Se resgatarmos os trabalhos já desenvolvidos sobre os clubes *Leia Mulheres* (expostos no Quadro 1), poderemos vislumbrar significativas explicações acerca das perspectivas de gênero vinculadas à leitura/literatura. Entre as referências bibliográficas, são articuladas intelectuais estrangeiras tais como: Chimamanda Ngozi Adichie, bell hooks, Angela Davis, Audre Lorde, Virgínia Woolf, Michele Perot, Simone de Beauvoir, Judith Butler, Donna Haraway, Naomi Wolf, Nancy Fraser, Teresa de Lauretis, Rita Felski... Já enquanto exemplos de teóricas brasileiras: Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Heloísa Buarque de Hollanda, Guacira Lopes Louro, Regina Dalcastagnè, Constância Lima Duarte, entre outras.

Nessa lógica, longe de invisibilizar as pertinentes contribuições dos estudos de gênero e feministas, esclarecemos que nesta pesquisa o uso da “categoria de análise gênero” não se coloca explicitamente como abordagem principal. Isso significa que “as diferenças e aproximações entre os mundos femininos e masculinos não estão problematizadas teoricamente como elemento constituinte do problema de pesquisa” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 6), embora obviamente estejam articuladas ao nosso objeto empírico. Logo, se este trabalho for lido orientado exclusivamente pelos debates em torno das relações de gênero, os resultados encontrados podem ser considerados insatisfatórios, pois, afinal de contas, não nos propomos a fazer o que se avaliaria enquanto um “estudo de gênero”.

Todavia, as contribuições da nossa investigação podem ser percebidas como indicadoras de outras *mediações* na iniciativa *Leia Mulheres* que *não somente* as discussões de gênero, incidindo também como referencial de pesquisa em produção editorial, formação basilar e campo de atuação do autor. Em defesa de uma perspectiva multidisciplinar e interseccional aos estudos em edição, como propõem Ribeiro, Moreira e Colorado (2021, p. 1), interessam-nos as interfaces da produção editorial com “questões de raça, gênero, classes sociais, mercado, criação, entre outros, e seus necessários entrecruzamentos como campo da produção e do consumo de livros e de outras mídias”. Portanto, longe de contemplar todas as abordagens que nosso objeto empírico mobiliza, esta dissertação consiste mais em um tensionamento acadêmico com aproximações a outras possíveis perspectivas, considerando que “os estudos

editoriais como área de pesquisa são um campo ainda em consolidação - vide a inexistência da área em plataforma de fomento nacionais (encontra-se apenas a “editoração” com subárea da Comunicação)” (Ibid. p. 4).

O trabalho soma-se igualmente aos estudos no amplo campo da Comunicação com interface em Gênero, pois houve um processo sistemático de escuta do Outro, este composto quase em sua totalidade por leitoras, sejam as organizadoras dos clubes ou demais participantes. Entendemos que, ao debater um livro, ou seja, um produto midiático (TRAVANCAS, 2013), as leitoras também estão falando sobre suas *identidades*. Evidentemente, as *narrativas* são mediadoras fundamentais para as *sociabilidades* em um clube de leitura, mas segundo Escosteguy (2008, p. 31), “estudos que convocam as mulheres a falar sobre sua relação com a mídia revelam como elas pensam a si mesmas como mulheres”.

Diante disso, abre-se espaço para ideia de que no clube de leitura não se compartilham leituras circunscritas apenas ao objeto livro, isto é, as *narrativas* imbricam-se também aos relatos individuais das e dos participantes em uma teia de sentidos simbólicos e mediados, conforme indicado por nossos dados quantitativos e qualitativos. Em última instância, os capítulos metodológico e analítico configuram-se em “descrições de determinadas condições de vida, contribuindo para entender que não existe uma identidade única entre as mulheres” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 7).

Portanto, relembramos que nossa problemática se concentra nas abordagens dos usos sociais das mídias e das práticas de leitura. Visamos entender os usos dos livros e da internet em encontros online de cinco clubes integrantes do *Leia Mulheres*, com base nas mediações das *tecnicidades*, *ritualidades*, *sociabilidades*, *narrativas* e *identidades*. Deste modo, embora algumas preocupações acerca das relações de gênero, etnia, raça e feminismos estejam assinaladas empiricamente na análise das *narrativas* e *identidades*, julgamos apropriado elucidar e discutir brevemente tais atravessamentos.

Frente à lacuna de pesquisas em produção editorial relacionadas aos estudos de gênero/feministas e do instável momento brasileiro com vistas às políticas públicas para o livro, é fundamental que estudos em Comunicação trabalhem para compreender como leitoras mobilizam-se socialmente. Nesse processo, a extensa e relevante trajetória das abordagens feministas e de gênero atuam enquanto eixos auxiliares e basilares para a compreensão desta dissertação em suas possibilidades, aproximações e limitações teórico-metodológicas.

Sendo assim, nosso levantamento anterior apontou que as pesquisas sobre leitura e clubes de leitura são um campo emergente, não somente em diversidade teórica e metodológica quanto em delimitações temáticas. A própria popularização da internet auxiliou na visibilidade

dessas comunidades leitoras que vêm se adaptando às transformações nos âmbitos da produção, recepção e circulação de livros, fazendo-se presentes na história da leitura desde a Antiguidade. Assim, há diversos caminhos para se entender as relações entre agentes, práticas e processos editoriais contemporâneos. Em nosso caso, estamos guiados, sobretudo, pela esfera da recepção, das práticas de leitura, atentando aos usos sociais das mídias, individuais e coletivos, por leitoras participantes de clubes de leitura online.

Após a exposição teórico-metodológica da perspectiva das mediações, a apresentação do breve estado da arte e as considerações sobre os estudos editoriais de gênero/feministas, no capítulo seguinte exploramos o referencial teórico da leitura. Ao manter nosso olhar no horizonte das mutações culturais e comunicacionais do livro, para além de conectar dois pontos de um mesmo mapa, poderemos vislumbrar novas aproximações entre este produto midiático e seus leitores com mediações que não necessariamente foram as escolhidas para análise.

3. LIVROS, LEITURAS E LEITORES

Entendemos que a leitura, em um sentido amplo, ajuda-nos a compreender criticamente o contexto no qual habitamos, auxilia-nos a pensar, a conhecer o Outro, a intervir socialmente. Longe de ser mera atividade decifradora de códigos, o ato de ler “é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 2009, p. 77).

Em um cenário brasileiro de crises sociais, sanitárias e políticas, que afetam diretamente o incentivo à educação, alfabetização e à formação de leitores, a leitura se configura em um dos principais pilares para a prática da cidadania. Contudo, somente por meio do alinhamento da educação com outras políticas públicas (alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, transporte, lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais) a leitura terá garantido plenamente seu papel social de intervenção e fomento na formação de cidadãos críticos.

Sem dúvida, a leitura por si só, não resolve os problemas sociais e/ou individuais, mas ter opções, compreender as situações é menos amargo que ser levado, sem domínio ao que se passa em torno. O conhecimento de outras vidas, de outros tempos, de outras histórias, de outras culturas se oferece como contraponto [...]. (YUNES, 1995, p. 187).

Nesse sentido, Vera França e Paula Simões (2016, p. 21) apontam que para conhecer um objeto de estudo é preciso voltar-se para a sua realidade e deixar que ele “fale”, mas também considerar aquilo que já se conhece ao “identificar no novo a permanência de algo já existente ou reconhecível.”. Nesse movimento reflexivo entre os campos empírico e teórico, a ação de conhecer não significa somente reconhecer a prática, mas sim “antecipá-la, revesti-la de sentidos, projetá-la, isto é, abrir o ato para seu significado cultural” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 24).

O pensamento das autoras auxilia-nos a entender como um estudo sobre clubes de leitura pode posicionar-se no campo da Comunicação, partindo da noção de mutações culturais e comunicacionais. Como já pontuado anteriormente, trabalhamos com uma proposta teórico-metodológica que situa a leitura e os leitores diante de transformações contemporâneas, atravessadas por diferentes questionamentos, longe de serem respondidos completamente nesta dissertação: Como se lê hoje em um clube de leitura mediado pela internet? Que aparatos tecnológicos são utilizados? Quais suportes, competências e técnicas são acionadas nesse processo? Quais livros e autoras são escolhidos e por quê? Quem participa? Onde se localizam

essas leitoras? Em um momento de distanciamento social, ainda podemos dizer que um clube, antes alocado em uma biblioteca do centro de uma cidade, terá os mesmos frequentadores e rituais em uma plataforma digital de reuniões? Conforme postula Yunes (2002, p. 38), interessam-nos as “práticas de leitura que interrogam mais que informam”, porque imersas em uma sociedade denominada por Omar Rincón (2019, p. 266) como “novo sensorium cultural, não só de tecnologias e narrativas, mas de identidades, políticas, corpos e migrações físicas e culturais”.

No primeiro ponto do nosso capítulo, encontramos uma oportunidade de vislumbrar a história do livro e da leitura situando-a no eixo das *temporalidades*, proposta de Martín-Barbero (2018)⁴⁵. Convém destacar que embora essa mediação não seja foco da nossa análise empírica, entendemos que a história das práticas de leitura perpassa a história do livro e vice-versa.

Assim, as *temporalidades* foram utilizadas enquanto ponto de partida teórico para a contextualização das mudanças que acompanharam o livro e a leitura ao longo dos séculos, até chegarmos em leituras compartilhadas por meio de clubes de leitura na internet. Tais bases teóricas nos auxiliarão na análise das práticas de leitura de obras escritas por mulheres no contexto da comunidade literária do projeto *Leia Mulheres* no Brasil.

3.1 TEMPORALIDADES E MATERIALIDADES DO LIVRO E DA LEITURA

Como provoca Chartier (1998), a leitura possui distintas histórias que marcaram os usos dos livros ao longo dos tempos e espaços, resultando em diferentes revoluções nos modos de ler e na cadeia produtiva dos livros. Essas transformações modificaram e alteraram as lógicas da produção, do acesso, da distribuição e da recepção das obras.

A primeira grande mutação do livro no mundo ocidental se deu em sua estrutura fundamental, seu formato. Segundo Chartier (1998, p. 101), essa mudança incidiu nos “suportes e formas que transmitem o escrito”, quando o rolo (ou *volumen*) cede espaço ao códex (caderno manuscrito) entre os séculos I e IV. O autor francês postula que o rolo impunha limites à intervenção de quem o lia, pois se caracterizava em “uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-la” (CHARTIER, 2009, p. 24). Com as mãos imobilizadas, não era possível escrever anotações durante a leitura do rolo, a não ser que fossem ditadas em voz alta para um escriba.

⁴⁵ Mediação presente ainda no seu primeiro mapa noturno das mediações, publicado em 1987, e posteriormente regressa no terceiro (2010) e quarto mapas (2017).

Por outro lado, o códex assemelhava-se ao livro impresso pela sua organização em folhas dobradas reunidas em cadernos colados uns aos outros, contudo sua reprodução só acontecia pela cópia escrita a mão, seguindo assim até meados da década de 1450, quando a técnica dos tipos móveis e da prensa de Johannes Gutenberg “transfigurou a relação com a cultura escrita” (CHARTIER, 2009, p. 7). O autor reitera que a revolução da imprensa não alterou a estrutura essencial do livro, considerando que os livros impressos imitavam elementos já presentes nos manuscritos. A mudança, está, portanto, na existência de uma outra maneira – mais rápida e barata – para a produção e circulação de textos. (CHARTIER, 1998).

Dito isso, uma nova mutação “radical” no livro só iniciaria ao final do século XX, com a revolução eletrônica dos textos, colocada por Chartier (1998, p. 97) como mais relevante do que a prensa, pois “Ela não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores”. Com a tela, há outros modos de intervenção, consulta, organização e estruturação do suporte.

A revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura. Ler sobre uma tela não é ler um códex. Se abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto livro ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. (CHARTIER, 1998, p. 100-101).

Até o momento, discutimos mais a respeito das revoluções do livro, no entanto, como apontado por Chartier (1998; 2009), as revoluções da leitura conectam-se às revoluções dos suportes, especialmente tratando-se da leitura do texto em tela. Nessa perspectiva, a leitura igualmente sofreu mutações acompanhadas pelo desenvolvimento das sociedades no que se refere às passagens da leitura oralizada à leitura silenciosa, da leitura intensiva à leitura extensiva e, como citado, da leitura do papel à leitura da tela.

Conforme exposto por Yunes (2002), a oralidade precedeu a escrita quando a socialização de narrativas era o principal meio de comunicação entre os seres humanos no relato de mitos e costumes presentes na memória coletiva. Foi a partir do surgimento da escrita, na Antiguidade, que a leitura em voz alta possibilitou a povos menos favorecidos o acesso à cultura letrada, embora apenas na condição de ouvintes.

A primeira mutação na longa história da leitura incide, portanto, no corpo do leitor. Chartier (1998, p. 98) afirma ser uma “transformação na modalidade física, corporal, do ato da leitura”, datada durante a Idade Média, quando a leitura silenciosa se expande pelas escolas e

universidades do século XII. Essa modalidade, introduzida pela separação entre as palavras, possibilita leituras mais rápidas, e conseqüentemente maior número e complexidade dos textos.

Ressaltamos que a leitura em voz alta ou em público não desaparece com a implementação e incorporação da leitura silenciosa; sua intensidade diminui. Chartier (1998) atenta que ambas as leituras coexistiram, embora na antiguidade greco-romana fosse mais comum a prática da leitura oralizada, tendo em vista uma cultura voltada ao texto e à voz. Por isso não devemos supor inexistências ou movimentos inflexíveis entre a leitura em público e a leitura solitária, assim como entre as materialidades sobrepostas dos suportes para os textos. De qualquer forma, a relevância e as conquistas da leitura silenciosa não podem ser ignoradas, nem “separar-se da mutação maior que transforma a própria função da escrita” (CHARTIER, 1998, p. 99).

Relacionada à primeira revolução da leitura, o movimento da leitura intensiva à extensiva consolida-se na segunda metade do século XVIII. O leitor “intensivo” caracterizava-se pelo número limitado de textos que possuía ao seu alcance, livros estes que eram relidos, memorizados e passados entre gerações, a exemplo de textos religiosos, como a Bíblia. Já o leitor “extensivo” é voraz, consome rapidamente numerosos e diversos textos de forma crítica. Sobre essa dualidade, novamente Chartier (1998) coloca-se contra determinismos, porém constata que a segunda revolução da leitura se mostrava claramente no cotidiano europeu, sobretudo na Inglaterra, Alemanha e França.

[...] o crescimento da produção do livro, a multiplicação e a transformação dos jornais, o sucesso dos pequenos formatos, a redução do preço do livro, graças às cópias, a proliferação das sociedades de leitura (*book-clubs*, *Lesegesellschaften*, salas de leitura) como as bibliotecas de empréstimo (*circulating libraries*, *Leihbibliotheken*, gabinetes de leitura). (CHARTIER, 1998, p. 100).

Como citado pelo autor francês, os clubes de leitura podem ser considerados consequência da expansão do livro e das transformações da leitura, o que fundamenta não apenas o caminho histórico percorrido, como também os desdobramentos que incidem em pensar nas mutações que partem do livro e da leitura até chegarmos nos clubes literários.

A partir das discussões apresentadas, podemos vislumbrar brevemente uma cronologia das *temporalidades* do livro e da leitura em suas principais mutações, até alcançarmos o livro contemporâneo, seja ele impresso, digital, em áudio ou outros formatos – para notarmos como as materialidades continuam em movimento. Voltaremos a refletir sobre as *temporalidades* e materialidades das práticas de leitura ao longo deste trabalho, compreendendo que estão em

constante mutação e sujeitas à intervenção de quem lê, afinal “cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção escrita afeta profundamente os seus possíveis usos e interpretações” (CHARTIER, 1998, p. 105).

Na próxima seção, aprofundamos o debate acerca das *temporalidades* que cercam as leituras compartilhadas, da Antiguidade à Idade Contemporânea.

3.1.1 Breve história das leituras compartilhadas

A prática de compartilhar leituras é compreendida por Sedo (2011) enquanto um fenômeno comunicativo de longa data que serviu a diferentes funções para leitores de vários lugares e tempos. Independente do contexto, diversos pesquisadores que se aventuraram por essa temática acordaram que a leitura compartilhada consiste simultaneamente em um processo e uma formação social (SEDO, 2011).

Na concepção da estudiosa brasileira Eliana Yunes (2002), a socialização de narrativas situa-se na História antes mesmo do início da escrita, quando a oralidade ainda era o principal meio de comunicação entre os seres humanos no relato de mitos e costumes presentes na memória coletiva. Com o desenvolvimento da escrita, na Antiguidade, a oralização de textos possibilitou às classes populares o contato com a cultura letrada, ainda que na situação de ouvintes. Em seguimento, durante a Idade Média, Sedo (2011) aponta que o ato de se reunir para ler ou ouvir alguém ler um texto cresceu em popularidade e tornou-se comum nas práticas cotidianas. Apesar dos altos índices de analfabetismo e do número restrito de pessoas com poder aquisitivo, artistas itinerantes e trovadores europeus vagavam o campo lendo em voz alta para quem quisesse ouvir. Já nos lares da minoria privilegiada, servos instruídos liam para seus mestres.

Como exemplifica Alberto Manguel (2004), as reuniões entre o povo eram frequentemente de natureza utilitária, em que a atividade laboral era acompanhada da leitura de livros. O autor relata que no século XV, um grupo de leitura formado por mulheres tecelãs solicita a um ancião erudito que atue como escrivão das suas reuniões enquanto elas leem trechos de obras, trabalham e conversam.

Diante dessa perspectiva, podemos pensar que as primeiras leituras coletivas aconteciam através de um processo comunicativo unilateral, no qual uma pessoa instruída (geralmente um filósofo, monge ou cátedro) lia textos em voz alta para grupos de pessoas não alfabetizadas. Essa figura, considerada um mediador entre texto e ouvintes, era responsável pela narração e

entonação das palavras, logo podendo conduzir a leitura de acordo com interesses individuais e institucionais. Nas palavras de Yunes (1995, p. 193), a “mediação exigia, pois, um autor ou intérprete autorizado, o que conduzia a interpretação para o lugar do ideológico, isto é, dos valores aparentemente consensuais que dominavam tal sociedade”.

Com a invenção da prensa de tipos móveis, em meados do século XV, e sua difusão posterior pelo mercado editorial ocidental, houve o crescimento de sociedades literárias nos salões da elite europeia, frequentados em sua maioria por homens brancos com alto grau de escolaridade. Do outro lado do Oceano Atlântico, em meados do século XIX a prática dos círculos literários se estabelece na América do Norte, liderada por grupos de leitoras que fundaram bibliotecas públicas, instituições de caridade e até mesmo mobilizavam-se politicamente pelos direitos das mulheres. (SEDO, 2011).

Diante desta breve apresentação de uma possível linha temporal das práticas de leitura compartilhada, adentramos propriamente nas conceituações e características dos clubes de leitura e seus agentes.

3.2 MEDIADORES E CLUBES DE LEITURA

Majoritariamente empregado em salas de aula e bibliotecas, o formato de círculos de literatura contribui para a formação leitora, acompanhando em maior intensidade o período escolar da infância à adolescência. No entanto, observarmos que o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)⁴⁶, instituído em 2006, esclarece que a prática da mediação de leitura não integra somente o âmbito educacional. Um dos quatro eixos principais do documento é dedicado à formação de mediadores atuantes em ações literárias voltadas ao público adulto, com o intuito de incentivar a leitura para além dos jovens. Dito isso, a organização de círculos ou clubes de leitura é uma importante aliada, não apenas para os jovens como também na manutenção de leitores após o período estudantil.

A última edição⁴⁷ da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* indica que, para os leitores de livros de literatura, os professores e a escola representam os principais motivadores do primeiro incentivo à literatura (52%). Nesta mesma questão, os clubes de leitura⁴⁸ aparecem

⁴⁶ Disponível em <<http://antigo.cultura.gov.br/pnll>>. Acesso em 10 set. 20.

⁴⁷ Pesquisa promovida pelo Instituto Pró-Livro, a qual mede o comportamento dos leitores em âmbito nacional. A quinta edição do estudo foi realizada de outubro de 2019 a janeiro de 2020. O estudo considera “leitores” aquelas pessoas que leram pelo menos um livro (inteiro ou em partes) nos últimos três meses.

⁴⁸ A alternativa de resposta englobava grupos, oficinas e clubes de leitura.

com 20% de participação no contato inicial com os livros, acima até mesmo das bibliotecas – quase ao fim da lista –, representando 16% das respostas. Os dados do estudo demonstram que no país a prática de clubes de leitura está associada a uma atividade pedagógica para despertar o interesse por literatura durante a infância. Como podemos notar em outra questão, apenas 1% dos leitores são influenciados por clubes de leitura no momento de compra de um livro, ou seja, os círculos representam pouco espaço nos hábitos de consumo literário pela população brasileira leitora. (FAILLA, 2020).

Apesar dessas informações conduzirem a uma limitada participação dos clubes de leitura na vida dos leitores brasileiros, o estudo não se preocupa em aprofundar essa temática, explorada em eventuais menções ao longo da pesquisa. Convém sublinhar que a *Retratos da Leitura* não informa seu conceito para o termo “clube de leitura”, talvez considerando conjuntamente clubes de assinatura de livros, os quais se diferem de círculos ou clubes de leitura sem fins mercadológicos.

No sentido de assinalar algumas questões conceituais sobre a temática, Rildo Cosson (2019, p. 154) discorre que existem vários tipos de círculos de leitura, mas, em geral, podem ser descritos enquanto “espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos”. Em concordância, para Yunes (1999) os encontros podem consolidar-se em reuniões periódicas e regulares, com vistas à construção colaborativa de sentidos sobre o texto. A autora reitera que “ler em círculo não é novo: novo é o uso do círculo para aproximar os leitores na troca de suas interpretações [...] para o estímulo intensivo da própria experiência de *dizer e dizer-se*” (YUNES, 1999, p. 21, grifos da autora).

Considerando o caráter comunicativo nesses espaços públicos, tanto Yunes (1999) quanto Cosson (2019) afirmam a importância da coordenação dos encontros para o funcionamento dos clubes, ou seja, alguém que realize a mediação das falas dos participantes. Essa pessoa, denominada por Yunes (1999, p. 19) como *leitor-guia*, “mobiliza, provoca, costura as demais falas, sem fazer prevalecer a sua própria”, devendo atentar para não impor a sua interpretação perante o grupo. Assim, trata-se de uma atividade qualitativa que pode mobilizar diferentes perfis de leitores interessados. Em pensamento similar, Petit (2010) complementa:

[...] a leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina, é o que demonstram vários estudos. Estes revelam que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente. Na maioria das vezes, tornamo-nos leitores porque vimos nossa mãe ou nosso pai mergulhado nos livros quando éramos pequenos, porque os ouvimos ler histórias ou porque as obras que tínhamos em casa eram tema de conversa. (PETIT, 2010, p. 22).

Tratando-se do incentivo à leitura, aproximamo-nos de Yunes (2002; 2014a) no que diz respeito ao papel conjunto do Estado, da família e da sociedade para a formação e manutenção de leitores. Antes de cobrarmos um adolescente que não lê, por exemplo, os pais deveriam questionar sobre os seus próprios hábitos de leitura. Entendemos que todo mediador deve ser antes de tudo um leitor e todos possuímos potencial para nos tornarmos mediadores culturais capazes de aproximar outras pessoas aos livros que nos tocam.

Nesse sentido, a partir de observações com grupos de mediadores culturais na América Latina, Petit (2010, p. 131) adverte que “os espaços de leitura compartilhada podem desencadear coisas bastante fortes”, por isso durante os encontros é preciso uma certa vigilância para que as mediadoras literárias, em sua maioria mulheres, não sejam tomadas por terapeutas. O papel das mediadoras, portanto, localiza-se no nível cultural, sendo fundamental para o desenvolvimento e manutenção das reuniões como espaços prazerosos e acolhedores. (PETIT, 2010).

O contato da antropóloga com as coordenadoras dessas reuniões sugeriu que a maior parcela dessas agentes culturais está ligada a uma prática militante. Carentes de partidos políticos democráticos em seus países, as mediadoras utilizam-se das potencialidades da leitura compartilhada para criar coletivos literários de modo a “eliminar a repressão da fala e de produzir experiências estéticas transformadoras”, atividade semelhante aos círculos freirianos de cultura. (PETIT, 2010, p. 142). Dessa forma, o ponto central dos clubes de leitura está na comunicação entre leitores, principalmente se concebemos a leitura como uma “prática cultural que se adquire e enriquece na interação com os outros e com o mundo” (YUNES, 2014b, p. 7).

Para a pesquisadora brasileira Tauana Jeffman (2017, p. 70), nesses espaços quando “as pessoas se reúnem para discutir e conversar, o livro torna-se o gatilho para o diálogo, que muitas vezes ultrapassa o campo da literatura”. Esse entrecruzamento de diferentes campos do saber acionados pelo nosso próprio objeto empírico é reivindicado por Martín-Barbero enquanto proposta de olhar transdisciplinar para as relações entre comunicação e cultura.

Transdisciplinaridade que em modo algum significa a dissolução dos problemas-objeto do campo da comunicação nos de outras disciplinas sociais, mas sim a construção das articulações e intertextualidades que fazem possível pensar os meios e as demais indústrias culturais como matrizes de desorganização e reorganização da experiência social e da nova trama de atores e estratégias de poder. (MARTÍN-BARBERO, 1996, p. 62).

Diante das discussões inerentes à leitura e à comunicação no fenômeno dos clubes de leitura, podemos adicionar uma nova práxis estruturada na articulação entre as pessoas participantes nesses grupos: a formação de comunidades leitoras.

3.2.1 Comunidades leitoras

A partir do final do século XX, os clubes de leitura passaram a ser reconhecidos pelos estudos acadêmicos como uma forma de cultura vinculada a uma prática social. Incorporados ao cotidiano de seus leitores, permitem por exemplo, o estabelecimento de relações de pertencimento e amizade entre integrantes. (SEDO, 2011). Nessa perspectiva, Petit (2010) coloca em evidência o papel da internet enquanto impulsionadora para a própria visibilidade e interesse de pesquisadores nos clubes literários, antes pouco investigados na perspectiva das Ciências Sociais e Humanas.

Essa virada cultural nos leva à concepção de Chartier (1998, p. 13) de que “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos”. Por isso, embora não possamos – nem devamos – “isolar” as práticas de leitura, é possível compreendê-las de forma aprofundada a partir da cultura, aqui entendida como o cotidiano em que as práticas sociais acontecem.

Em estudo com leitores, mesmo se tratando de práticas individuais, os âmbitos privado e coletivo não podem ser analisados na ordem de fenômenos separados, afinal “não podemos chegar a um entendimento completo de práticas particulares de leitura, sem ao mesmo tempo considerar o papel das relações sociais e instituições” (SEDO, 2011, p. 2). Dessa maneira, nosso interesse recai no momento do encontro dos leitores, na comunidade formada em um determinado espaço, o qual está sujeito aos contextos situacionais de interação dos leitores em comunicação.

Yunes (2014b, p. 9) explica que “Como uma história puxa outra, desde que o mundo é relato, uma rede de leituras pode ser tecida pela comunidade ouvinte e logo leitora das obras que lhe chegarem”. A partir disso, compreendemos que as comunidades de leitores contemporâneas remontam às práticas da leitura em voz alta, da leitura coletiva ou compartilhada. (ALBARELLO; ARRI; LUNA, 2020).

Conforme Chartier (1998, p. 13), essas comunidades literárias constroem, portanto, diferentes normas e convenções de leitura que definem os “usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação”. Os distintos contrastes nas práticas

de leitura em cada comunidade também englobam competências de leitura, interesses e expectativas investidos pelos leitores. Se a leitura e os leitores nos escapam, como afirma Petit (2010), a observação das práticas de leitura compartilhada em comunidades possibilita “chegar a uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador” (CHARTIER, 1998, p. 14).

Nesse sentido, para Muniz Sodré (2014, n.p.), os conceitos de comunicação e comunidade estão permanentemente vinculados, na medida que a comunidade é “algo em que sempre estamos na medida em que sempre nos comunicamos, no interior da distribuição dos lugares e das identificações constitutivas do laço coesivo.” O autor afirma que existem diversas formas de comunidade (políticas, científicas, jurídicas, artísticas etc.), onde cada uma delas é resultado de uma subjetivação que, conseqüentemente, organiza um novo comum.

Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade, não como uma entidade agregada, mas como uma vinculação, portanto, como um nada constitutivo, pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem. (SODRÉ, 2014, n.p.).

Eduardo Yuji Yamamoto (2014) aponta que as pesquisas em comunicação, sobretudo inseridas nas problemáticas da cibercultura e da comunicação comunitária, frequentemente tratam o “comum” de forma generalista, como se a criação de comunidades fosse resultado de ações de ordem natural, acidental ou espontânea. Diante de observações do campo comunicacional, ele constata que os estudos sobre a comunicação comunitária se preocupam com demandas de locais urbanos marginalizados, enquanto os trabalhos no setor da cibercultura contemplam “solidariedades digitais, interessadas tanto na economia colaborativa entre os diferentes grupos, quanto na afirmação identitária e nas trocas e negociações intersubjetivas” (YAMAMOTO, 2014, p. 440).

Nossa pesquisa encontra-se vinculada à perspectiva dos usos sociais das mídias em comunidades formadas por leitoras na internet. Podemos compreender que as proposições de Yamamoto (2014) vão ao encontro de uma epistemologia da Comunicação que adota a incerteza dos objetos comunicacionais (FERRARA, 2016), sobretudo relativos a estudos com comunidades. Isso não significa posicionar as comunidades como entes difusos e incapazes de observação, mas sim declarar a complexidade dos fenômenos comunitários e das subjetividades por trás das mobilizações que utilizam as mídias como fator de vinculação, propagação, reconhecimento, entre outros.

Concordamos com Yamamoto (2014) em criticar pesquisas que tratam exclusivamente uma noção essencialista das comunidades, como se os discursos e práticas nesses grupos fossem verdades absolutas. Há diversos problemas para quem adota esse tipo de perspectiva, entre os quais:

[...] o autoritarismo micropolítico; a exclusão das diferenças (e do diferente) a partir de uma vontade comum transcendente; a eliminação das singularidades humanas conforme a vulgarização de temas comunitários (a cultura popular autêntica, a afetuosidade e a solidariedade exagerada, o caráter exótico e criminal da periferia etc.); a subsunção do vínculo humano a partir de sua pressuposição no estabelecimento de uma rede técnica e intersubjetiva de compreensão mútua; entre outros. (YAMAMOTO, 2014, p. 441).

Desse modo, Yamamoto (2014) propõe a busca por uma ontologia do conceito de comunidade que considere, em um contexto midiático, a coexistência de elementos internos específicos do grupo e da abertura para questões que dizem respeito ao Outro, que escapam ao espaço fechado da comunidade. Nessa direção, Sedo (2011, p. 11) indica que as comunidades de leitores são construídas e mantidas socialmente, e o sentimento comunitário de possuir uma vinculação está na “formação social chave que surge quando as pessoas constroem e compartilham conexões através de um livro, de uma série, de um mediador de leitura, ou mesmo de uma resenha literária”. Isso, todavia, não significa que clubes de leitura não possuem divergências ou conflitos políticos e culturais internos e externos (SEDO, 2011).

Também podemos associar a noção de comunidades de leitura com o que Jesús Martín-Barbero denomina “comunidades hermenêuticas”, as quais contemplam

novas formas de perceber e narrar a identidade, e da conformação de identidades com temporalidades mais curtas e precárias, mas também mais flexíveis, capazes de amalgamar, de fazer coexistir no mesmo sujeito, ingredientes de universos culturais muito diversos. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 4).

Em complemento às reflexões teóricas de Sodr e e Yamamoto, Lucrécia Ferrara (2016) nos guia a confiar na empiria, nos métodos e técnicas a serem empregados para apreender a complexidade dos objetos comunicacionais. Tais procedimentos, no nosso caso, devem atentar para o que   específico e para o que nos escapa dentro dos clubes *Leia Mulheres* na internet, ambiente este ainda mais desafiador por apresentar fronteiras espaciais t nuas e indivíduos com diferentes níveis de rela o e de acesso   internet, entre outras particularidades de ordem subjetiva e prática.

Buscamos uma aproximação teórica com o conceito de comunidade nos estudos em Comunicação, tendo em vista que os clubes de leitura *Leia Mulheres*, nosso objeto de pesquisa, organizam-se na internet enquanto comunidades literárias. Assim, a problematização fez-se necessária a fim de compreendermos de que maneira o estudo dos fenômenos comunitários contribui e articula-se à investigação de clubes literários online, demonstrando que toda leitura está enraizada no tecido social. (SEDO, 2011). Tendo isso em vista, concebemos que as sociabilidades literárias nesses grupos são uma relevante mediação para compreendermos, especialmente, as mutações comunicacionais nas leituras compartilhadas na internet.

3.3 SOCIABILIDADES LITERÁRIAS NA INTERNET

Nos últimos anos, podemos notar o crescimento de círculos de leitura, tanto em iniciativas de professores, bibliotecários, empresas do mercado editorial, ONGs e demais associações culturais, como também por grupos de amigos (em cafés, livrarias, bibliotecas, parques) ou ainda através da mediação da internet (por meio de booktubers⁴⁹, comunidades de discussão online e influenciadores digitais literários⁵⁰).

Com a incorporação e corporificação da internet ao cotidiano, cada vez mais as pessoas têm usado os recursos digitais para inúmeras atividades sem nem mesmo dar-se conta das implicações dessa prática, cabendo aos pesquisadores da Comunicação compreender as distintas e complexas relações que os indivíduos estabelecem com as mídias a partir de seus usos. (HINE, 2016). Nesse contexto desafiador, os estudos articuladores do campo comunicacional com a leitura ganham novas configurações e problemáticas, entre as quais se destaca a busca pelos rastros midiáticos das atividades dos leitores no ciberespaço.

Percebemos que o uso de computadores e dispositivos móveis, como suportes digitais aliados à internet, permitiu o desenvolvimento de sociabilidades literárias em rede, a exemplo dos clubes de leitura, podendo abrigar leitores de diversos lugares, desde que possuam os aparatos tecnológicos necessários e uma conexão razoável. Neste ponto, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica que 40 milhões de pessoas não possuem acesso à internet no país.⁵¹ Entre os motivos para não utilização estão: falta de interesse (32,9%); custo

⁴⁹ Criadores de conteúdo que falam sobre livros na plataforma Youtube.

⁵⁰ Além dos booktubers, notamos a presença de comunidades de produtores de conteúdo literário para outras plataformas digitais como Instagram (bookstagram), Twitter (booktwitter) e TikTok (booktok).

⁵¹ Dados referentes ao ano de 2019, divulgados em 2021. Disponível em

caro do acesso (26,2%); e ausência de competência para usar a internet (25,7%). Se forem considerados domicílios localizados em áreas rurais, uma das principais razões para não utilização da internet se materializa na indisponibilidade do serviço (19,2%).

A quinta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* indica que as atividades mais realizadas pelos 100, 1 milhões de leitores brasileiros em seu tempo livre são: usar a internet (75%), usar o aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp* (68%); assistir televisão (66%) e escutar música ou rádio (65%). As redes sociais digitais *Facebook*, *Twitter* ou *Instagram* são usadas por 50% do público leitor em seu tempo livre. (FAILLA, 2020).

Como podemos inferir diante dos dados apresentados, a popularização das tecnologias digitais ainda não é uma realidade para um considerável número de brasileiros. Por outro lado, não se pode menosprezar que a internet é uma ferramenta presente no cotidiano da maior parte da população. Nesse sentido, os leitores no país também podem ser visualizados enquanto espectadores, internautas, ouvintes e usuários, como constata Néstor García Canclini (2008).

Ao partirmos do entendimento das redes sociais digitais enquanto uma “ambiência mediada” (COGO; BRIGNOL, 2011, p. 75), é preciso pensarmos de que maneira elas se relacionam à organização da sociedade contemporânea e como suas lógicas de funcionamento articulam os usos das mídias e os processos de recepção. Além disso, Cogo e Brignol (2011) exploram a multiplicidade de características dessa ambiência, não sendo possível falar em uma única e homogênea rede. Para as autoras, entre diversas possibilidades de usos, a internet

[...] permite a produção, circulação e troca de conteúdos e informações, a aproximação entre diferentes formatos e lógicas de mídias, a interação interpessoal e o diálogo, o estabelecimento de vínculos, a construção de projeções das identidades de seus usuários, a configuração de uma memória compartilhada e o estabelecimento de lógicas colaborativas. (COGO; BRIGNOL, 2011, p. 88).

Entendemos, portanto, que coexistem tantas internets quantos forem os usos sociais (individuais ou coletivos, negociados ou subvertidos) que as pessoas farão neste “ambiente comunicacional múltiplo e complexo” (COGO; BRIGNOL, 2011, p. 86). Como consequência desta ambiência mediada que oportuniza a geração de sociabilidades literárias, a internet pode funcionar como porta-voz dos leitores, a partir do momento em que eles se tornam produtores de conteúdo na web, fomentam o mercado e se conectam a leitores de todo o mundo.

De acordo com as reflexões discorridas na seção anterior, percebemos que as comunidades leitoras que usam a internet “são um componente a mais da cultura participativa que forma a web, particularmente no espaço das redes sociais” (ALBARELLO; ARRI; LUNA, 2020, p. 28). Dito isso, é possível traçarmos paralelos sobre o aspecto contemporâneo da leitura compartilhada entre as práticas de *booktubers* e de clubes de leitura na internet.

Em poucos anos eles se tornaram referências, mediadores culturais que criam comunidades de leitores e, usando as ferramentas oferecidas pelos dispositivos digitais, estão expandindo as histórias dos livros em uma multiplicidade de mídias, formatos e gêneros, e estão resgatando o aspecto social da leitura, transformando isso em conversa. (ALBARELLO; ARRI; LUNA, 2020, p. 35).

A fim de não decairmos em determinismos tecnológicos que colocam a internet como “salvadora” ou seus usos pelos leitores como totalmente livres e desconectados das lógicas de produção, torna-se indispensável ponderarmos que as esferas de produção cada vez mais incorporam táticas mercadológicas voltadas aos leitores conectados em rede.

Ana Elisa Ribeiro (2018) discute que a chegada das tecnologias digitais implica em novas maneiras de se ler, escrever, publicar e conversar sobre livros. Esse processo alterou a cadeia do mercado editorial, potencializando ações que seriam impossíveis ou mais difíceis sem a mediação da internet, como a criação de uma rede de autores, editores e leitores. Nesta rede sociotécnica, os livros podem existir de forma autossuficiente como objeto ou ser dependentes de dispositivos.

Tecnologias da edição, sobretudo softwares, estão disponíveis para manipulação de qualquer pessoa conectada, o que borra as fronteiras entre esses atores sociais dos livros e seus usos: ora produtores, ora receptores. Somado a isso, as redes sociais digitais contribuem para que os leitores deixem rastros, gostos e preferências mensuráveis à disposição de instituições comerciais que, em certa medida podem mapear e monitorar interesses e práticas de leitura. Desse modo, nos movimentos das culturas escrita e digital, as relações entre tecnologia, leitura e edição se retroalimentam. (RIBEIRO, 2018).

Como partes de um todo, as duas instâncias do mercado editorial, referentes à produção e à recepção, “em muitas situações se aproximam e se rearranjam” (COGO; BRIGNOL, p. 90). Nessa lógica, o uso crescente de plataformas digitais por suas instituições já era perceptível em um período anterior à pandemia de Covid-19, a exemplo da intensa inserção de grandes *players* mundiais do *e-commerce*, como a *Amazon*, os quais ameaçam modelos de negócios tradicionais (CHARTIER; SCOLARI, 2019).

Contudo, a partir do momento em que as medidas de distanciamento social entraram em vigor no Brasil, em março de 2020, editoras, livrarias, bibliotecas e demais agentes do livro necessitaram repensar suas estratégias para se aproximarem dos leitores. Estes, da mesma maneira, foram impelidos a modificarem as formas com as quais adquiriam obras, participavam de eventos literários, entre outras sociabilidades.

No caso da participação em clubes de leitura presenciais, como observado nos grupos integrantes do projeto *Leia Mulheres*, foi oportuno para muitos dos núcleos locais a reorganização do funcionamento dos encontros na modalidade remota, mediados por plataformas digitais de reunião. As coordenadoras do projeto também criaram um canal no *YouTube* como maneira de se aproximar das mediadoras, leitoras e leitores. (ROSSI; BRIGNOL, 2020).

Este rearranjo das *sociabilidades* devido às condições sanitárias não é uma exclusividade apenas do mercado editorial ou dos leitores, porém interessa-nos a continuidade, potencialização e incidência desses movimentos durante o período da pandemia, por se tratar também do recorte temporal, ou melhor, das *temporalidades* habitadas pelos participantes do nosso estudo. Assim sendo, estas mutações culturais e comunicacionais – relativas ao mercado, ao livro, à leitura e aos leitores –, já observadas desde a popularização da internet e aceleradas nos últimos anos, resultaram em um fenômeno tecno-social contemporâneo denominado por Fabio Malini (2021) como *plataformização da leitura*.

3.3.1 Plataformização da leitura

Leituras manuseadas por *smartphone*, computador, tablet, Kindle... Narrativas hipertextuais lidas, assistidas e ouvidas (com ou sem Wi-fi ativado). Perfis públicos em sites de redes sociais para autores, profissionais do livro, mediadores de leitura, bibliotecas, editoras, livrarias e, claro, leitores. Poemas imagéticos postados no *Instagram*, contos e crônicas publicados no *Medium*⁵², apostas de romances lançadas no *Wattpad*⁵³, fios literários desenrolados em até 280 caracteres pelo *Twitter*, audiovisuais de clássicos a bestsellers viralizados no *TikTok*⁵⁴, maratonas literárias cronometradas em canais do *YouTube*, leituras

⁵² Plataforma para escrita e publicação de textos.

⁵³ Plataforma de compartilhamento de histórias entre escritores e leitores.

⁵⁴ Aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos.

coletivas transmitidas “ao vivo” no *Twitch TV*⁵⁵ e *Discord*⁵⁶, círculos literários enquadrados em interfaces do *Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams*⁵⁷... Leitores reunidos em grupos de *Facebook*, *Telegram*⁵⁸, *WhatsApp*... Classificação de notas para acervos pessoais e compartilhamento de resenhas públicas no *Skoob*, *Goodreads*⁵⁹... Aplicativos de audiolivros, de metas de leitura, de leitura de PDFs em voz alta.... Distribuição, autopublicação e aquisição de livros pela *Amazon*⁶⁰... Campanhas de financiamento coletivo no *Catarse*, via *Pix*⁶¹... Lançamentos, feiras, bienais e lives na internet... Ler, escrever e (sobre)viver em meio a telas. Este é apenas um retrato que não esgota os variados usos de plataformas online por atores sociais envolvidos no circuito editorial, sobretudo durante a pandemia mundial de Coronavírus, decretada em março de 2020 e ainda sem previsão concreta para acabar.

Como um fenômeno emergente, Malini (2021, p. 134) defende que a plataformação da leitura “tenderá a ser mediada cada vez mais pelo poder dos algoritmos criados por corporações digitais, num momento histórico em que o acesso a esses serviços on-line se acelera.”. Ele ressalta que nesse cenário as figuras de influenciadores digitais, de leitores-seguidores-produtores e autores-celebridades estarão cada vez mais presentes na conversação sobre livros e no agenciamento de assuntos de debate e opinião pública.

[...] a produção de tendências temáticas e os sistemas de recomendação pessoa a pessoa são determinados hoje pela sociedade mediada pelas plataformas digitais. Os temas de debate, a conversação e as controvérsias são alimentadas em dispositivos de visibilidade lançados em ferramentas interativas como Trending Topics, volume de curtidas, compartilhamentos e threads, visualizações e inscrições em canais, que são gerados coletivamente pelos participantes desse espaço público elástico que a internet ampliou. (MALINI, 2021, p. 136).

Nesse contexto, os leitores conectados ultrapassam o conceito de “público-leitor” da cultura livresca tradicional para a noção “amigo-seguidor” incluído na cultura digital. Nessas relações construídas coletivamente, os leitores engendram comportamentos de fãs ao mobilizarem “comunidades de resenhas, críticas, compartilhamentos, participação em eventos,

⁵⁵ Serviço de streaming de vídeos ao vivo.

⁵⁶ Aplicativo de comunicação instantânea para troca de mensagens em áudio, texto e vídeo.

⁵⁷ Zoom e Microsoft Teams são softwares para realização de reuniões em vídeo e com chat de bate-papo.

⁵⁸ Serviço multiplataforma de mensagens instantâneas. Os usuários podem fazer chamadas com vídeo, enviar mensagens e trocar fotos, vídeos, adesivos e arquivos de qualquer tipo.

⁵⁹ Skoob e Goodreads são redes sociais colaborativas para leitores e escritores. Os usuários têm a possibilidade de adicionar livros a suas estantes pessoais, avaliar e resenhar obras.

⁶⁰ Empresa multinacional de tecnologia voltada a e-commerce, computação em nuvem, streaming e inteligência artificial.

⁶¹ Meio de pagamento eletrônico instantâneo e gratuito, iniciado em 2020 no Brasil.

organização de encontros”. Um dos pontos centrais dos “leitores plataformizados” consiste em um “engajamento no entorno subjetivo dos autores, que vende não apenas histórias e ideias, mas acesso a um repertório político e cultural para essas audiências nas redes” (MALINI, 2021, p. 136).

Malini (2021, p. 137) também coloca em questão a importância determinante da “narrativização do social” na internet para o interesse na leitura. Ele evidencia casos como a eclosão mundial do movimento social *#BlackLivesMatter*⁶² no primeiro semestre de 2020 como um fator que impulsionou a venda de livros com temáticas antirracistas em diversos países, incluindo o Brasil. Em poucos dias, a filósofa e militante do movimento negro, Djamila Ribeiro, tornou-se a escritora com a obra mais vendida no país, o *Pequeno Manual Antirracista*. Isso indica que o sucesso editorial não foi proveniente de influenciadores, mas sim de “um processo de conversação temática que capta a atenção de uma multiplicidade de internautas” (MALINI, 2021, p. 138). A situação assemelha-se à origem do projeto *Leia Mulheres*, quando a *hashtag #ReadWomen2014* pautou manifestações e conversações em redes sociais digitais em 2014 acerca da participação de mulheres no mercado editorial, sendo apropriada no Brasil para criação de uma rede de clubes de leitura direcionados a obras de autoria feminina.

Segundo Carlos d’Andréa (2020, p. 18), na utilização automática do termo “redes sociais”, corremos o risco de “enfaticarmos apenas a dimensão relacional das plataformas, inviabilizando os aspectos materiais, econômicos, políticos etc. da conectividade online”. O autor parte do entendimento que em estudos de plataformas, devemos reconhecer a instabilidade desses espaços mediados por algoritmos como parte do nosso problema de pesquisa.

A partir dos exemplos citados, com recortes de raça e gênero, respectivamente, entendemos que, longe de se esgotar no ciberespaço ou na cultura online, a cultura digital “se agrega à hipertextualidade entre os distintos meios de comunicação social e indústrias culturais [...] e nos processos de interação social no contexto cultural mais amplo” (BRIGNOL; COGO; MARTINEZ, 2019, p. 194). A partir de uma abordagem direcionada aos usos sociais nas redes, Brignol, Cogo e Silvia Lago Martínez (2019) refletem sobre os tensionamentos sociais e políticos entre o público e o privado como estruturantes das *sociabilidades* em rede:

⁶² Organização iniciada em 2013 por três ativistas norte-americanas. Em 2020, sucessivos assassinatos de pessoas negras nos Estados Unidos, principalmente a morte de George Floyd, gravada e repercutida na internet, levaram a *hashtag #BlackLivesMatter* à visibilidade mundial, utilizada nas redes sociais digitais como forma de protesto e apoio à luta antirracista.

[...] nas redes sociais digitais se instalam eixos-temas econômicos, sociais e políticos que constroem sentido e subjetividade nos próprios usuários-consumidores, produzindo enormes lucros aos donos das plataformas comerciais. Assim, nas redes surgem novas esferas públicas e privadas onde é difícil discriminar quais questões, entre tudo o que é publicado e trocado nelas, correspondem ao interesse comum ou ao interesse particular. Podemos perceber que as redes digitais ocupam um lugar central na vida social e política e, portanto, são um espaço de disputa que permite popularizar, ampliar e tornar visíveis as ações de organizações e coletivos sociais [...]. (BRIGNOL; COGO; MARTÍNEZ, 2019, p. 197).

Nesse sentido, é preciso que reflitamos ao longo das travessias empíricas do nosso estudo acerca da complexidade dos usos nas plataformas online – tomadas como um termo guarda-chuva para designar sites de redes sociais, websites, aplicativos etc. Suas articulações enquanto “modelos de negócio, infraestruturas, bases de dados, algoritmos, regras de governança” (ANDRÉA, 2020, p. 8) são fundamentais para delinear o ecossistema midiático em que se insere a leitura nos anos 2020 e tentarmos vislumbrar possíveis rumos das práticas de leitura compartilhadas em rede. A própria aplicação do *Big Data*⁶³ à leitura em dispositivos como Kindle desponta como uma forma de editoras, livrarias e autores acessarem informações pessoais dos leitores, desde os trechos mais sublinhados até abandonos de livros, confundindo as fronteiras entre o que é público e privado na leitura. (CHARTIER; SCOLARI, 2019).

Pontuamos nossa preocupação com as discussões epistemológicas dos Estudos de Plataforma, compreendendo que as leitoras investigadas estão inseridas nesta “sociedade de plataforma” que organiza e medeia as práticas de leitura, complexificando ainda mais a atual “ordem dos livros” discutida por Chartier (1998).

Ressaltamos que o caráter tecnológico desta reflexão não descarta que “usos inesperados ou subversivos aconteçam” (ANDRÉA, 2020, p. 10). Pelo contrário, a abordagem dos usos sociais das mídias enfoca, justamente em “olhar as tecnologias de comunicação em suas implicações culturais como mais do que conjuntos de aparatos fechados em si mesmos” (BRIGNOL, 2021, p. 10). Não foi por acaso que neste subcapítulo partimos primeiro das *sociabilidades* dos leitores para depois adentrar nas plataformas, compreendendo essa sociedade plataformizada desde “seus múltiplos e contraditórios modos de acesso, de aquisição e de usos” (Ibid.).

Isso posto, concebemos que o contexto da plataformização da leitura, na nossa pesquisa, estabelece encadeamentos teóricos e metodológicos com as mediações, sobretudo, das

⁶³ Área do conhecimento que estuda como tratar, analisar e obter informações a partir de conjuntos de dados grandes demais para serem analisados por sistemas tradicionais.

tecnicidades e *redes*. Afirmamos que esta dissertação só existe, na sua estrutura, problemática e metodologia, em decorrência dessa acelerada plataformização, observada em nosso próprio objeto de pesquisa com a migração dos encontros presenciais para o *Google Meet*, logo, sendo possíveis de serem investigados concomitantemente. Conforme Brignol, Cogo e Martínez (2019), o caráter constitutivo das *redes* na atualidade não revela apenas desigualdades sociais de acesso, mas também demarca potencialidades criativas e redesenhos dos usos das tecnologias que nem sempre serão previsíveis.

Ainda, a própria epistemologia das mutações culturais enfatiza as instabilidades subjetivas e tecnológicas da sociedade contemporânea, provocando investigações sobre a complexidade nas relações entre comunicação, cultura e política.

Martín-Barbero está interessado em entender o novo *sensorium* que habitamos no século XXI com a chegada da internet, telefones celulares, redes e plataformas digitais; com a hegemonia do entretenimento e da cultura pop; com o predomínio do sujeito jovem e do adolescente; com o poder político e inovador das mulheres, novas sexualidades, povos indígenas, afro e outros na vida pública. (RINCÓN, 2019, p. 264).

Por fim, embora não tenhamos optado pela exploração empírica da mediação das *redes*, e sim das *tecnicidades*, salientamos e nos aproximamos da sua dimensão epistemológica (BRIGNOL; COGO; MARTÍNEZ, 2019), em paralelo às discussões dos estudos de plataforma (ANDRÉA, 2020; MALINI, 2021). Partimos da premissa que as redes e as plataformas, ambos conceitos de ordem técnica, são constitutivas dos – e constituídas pelos – usos sociais das mídias de leitoras nos clubes *Leia Mulheres*. Não só interferem na lógica das fronteiras geográficas e simbólicas, como também “reorientam os caminhos de leitura, escrita e produção de conhecimento” (BRIGNOL; COGO; MARTÍNEZ, 2019, p. 205-206). Articuladas junto ao grande eixo das *tecnicidades*, portanto, as *redes* arquitetam bases teórico-metodológicas para pensarmos as mutações comunicacionais e culturais da leitura no nosso tempo.

Passamos agora ao capítulo metodológico, igualmente com implicações da plataformização imposta pelo ensino remoto desde a segunda semana de aulas na UFSM, em março de 2020. Isso incidiu em repensarmos tanto os rumos empíricos da pesquisa, como também a nossa rotina acadêmica na pós-graduação: outras maneiras de participação em eventos científicos, possibilidades de interlocução com outras universidades, novos aparatos e competências para acompanhar aulas, reuniões, grupos de pesquisa e orientações. Os impactos do próprio contexto pandêmico afetaram a vida pessoal e profissional de todos nós, logo, não

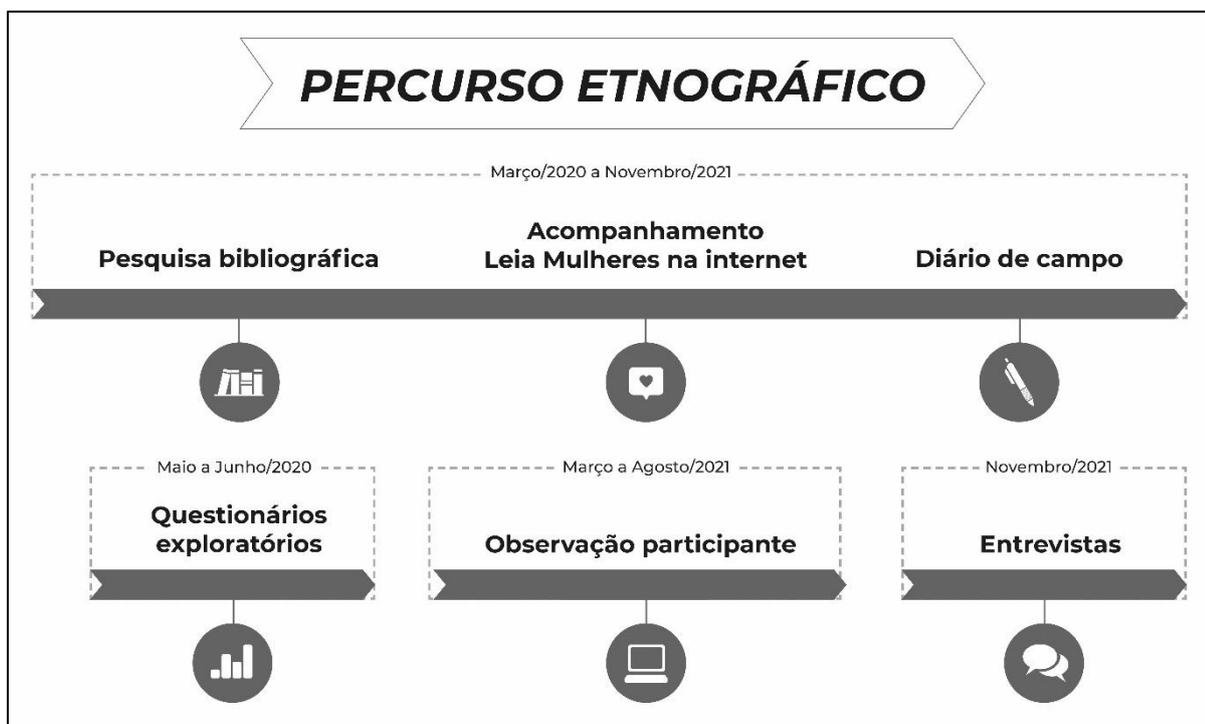
estão descolados do *sensorium* contemporâneo que habitamos enquanto cidadãs e cidadãos brasileiros, sejam pesquisadores ou sujeitos da pesquisa.

4. TRAVESSIAS METODOLÓGICAS: PERCURSO ETNOGRÁFICO

A partir deste ponto, peço licença a quem lê para escrever em primeira pessoa do singular. Isso não significa que o texto foge ao diálogo com minha orientadora ou demais autores que direta ou indiretamente contribuíram com esta pesquisa. Ao contrário, como exploro ao longo deste capítulo, a opção pela etnografia tensiona as experiências vividas na pesquisa, das trocas intensas com as leitoras observadas até o compartilhamento científico em orientações, disciplinas, grupos de pesquisa e eventos. Ainda assim, o contexto situacional do trabalho etnográfico – e da pesquisa qualitativa em geral – impele essas experiências a serem individuais, arbitrárias, construídas a partir do meu olhar, da minha vivência, das minhas escolhas, sejam elas planejadas com antecedência ou realizadas durante o momento de contato direto com os cinco clubes observados.

Neste capítulo, portanto, reflito acerca do projeto *Leia Mulheres* e da etnografia enquanto o método da pesquisa que combina diferentes técnicas para aproximação, inserção e relação com os clubes locais. Nessa lógica, em síntese desta seção, a figura 6 representa os instrumentos dos quais lanço mão para mapeamento e investigação do objeto de pesquisa.

FIGURA 6 – Etapas metodológicas da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em virtude da extensão do capítulo metodológico, optei por representar graficamente todo o percurso como uma estratégia de preparação aos elementos que virão. Assim, as flechas-etapas simbolizam o andamento da pesquisa, demonstrando que alguns procedimentos se estenderam do início ao fim do mestrado e outros tiveram menor duração.

Ao longo desta travessia, também sinalizo algumas considerações analíticas sobre os questionários com as mediadoras e a negociação para entrada nos clubes, apresentando o *Leia Mulheres* no decorrer do texto, em alusão ao meu próprio trajeto de conhecimento perante o campo empírico de observações nas redes sociais da iniciativa e nos percalços até a definição dos cinco clubes. Ao final, focalizo nas primeiras impressões gerais sobre a observação participante nas reuniões via *Google Meet*.

Iniciada nas investigações antropológicas, a etnografia contempla pesquisas de cunho qualitativo caracterizadas por descrever e buscar a compreensão da cultura de um grupo social em um sentido amplo. Essa abordagem caracteriza-se pela tentativa de apreender “razões, emoções e sentimentos em circulação” (MARTINO, 2018, p. 129) com base em observações sistematizadas, desde a escolha do grupo a ser analisado até a elaboração de estratégias para aproximação e estabelecimento de relações de confiança entre o pesquisador e os participantes de determinada comunidade observada.

Desse modo, conforme postula a antropóloga argentina Rosana Guber (2011), a etnografia não apenas é um relato de uma observação empírica. Ela também está associada à visão, escuta e interpretação por parte do etnógrafo. Assim, ganham destaque a reflexividade do pesquisador, o trabalho de campo, os bastidores da pesquisa, os *insights* durante o caminho, o imprevisível, as negociações com a comunidade, entre outras circunstâncias ofertadas pelo tensionamento entre sujeitos observados e etnógrafo. Isso significa abrir-se para o desconhecido, partindo de uma “ignorância metodológica” (GUBER, 2011, p. 19) sobre o objeto de pesquisa até chegar ao processo de construção do conhecimento *com* as protagonistas do estudo.

Um pesquisador social dificilmente poderá compreender uma ação se não entender os termos que a caracterizam seus protagonistas. Nesse sentido, os agentes são informantes privilegiados, pois só eles podem dar conta do que pensam, sentem, dizem e fazem sobre os eventos que os envolvem. (GUBER, 2011, p. 16).

Assim como vivenciam a Antropologia e as demais Ciências Sociais, o trabalho etnográfico vem passando por diversas transformações epistemológicas potencializadas pelas tecnologias digitais. A antropóloga inglesa Christine Hine (2016) afirma que a possibilidade de

conhecer densamente as atividades de grupos online, a partir do seu acompanhamento contínuo, traz ao etnógrafo da internet desafios de ordem técnica, cultural e metodológica. Ela aponta que a internet se tornou cotidiana, corporificada e incorporada na sociedade, de modo que as fronteiras entre online e offline estão cada vez mais difusas. Essa integração – que não significa a inexistência de especificidades em cada âmbito – altera tanto a construção das relações entre pesquisadores e grupos investigados quanto a prática do trabalho etnográfico, desde a pesquisa exploratória até o aparato tecnológico para coleta de dados.

Hine (2016, p. 12) também alerta que o etnógrafo não deve pressupor os efeitos da mídia ou julgar o modo como as pessoas se apropriam dela, mas tentar entender o “engajamento com os detalhes confusos contidos naquilo que as pessoas realmente fazem com a mídia na prática”. Com base nesse pensamento, a pesquisadora evidencia os diversos usos que as pessoas fazem da internet, sem se dar conta das implicações dessas atividades, tamanha é incorporação e corporificação da internet no cotidiano. Sendo assim, um dos maiores desafios para o etnógrafo digital é fazer com que as pessoas falem sobre a sua relação com a internet, por isso é tão importante a imersão etnográfica no campo, seja ele online, offline ou híbrido. Participar ativamente da pesquisa “encoraja as pessoas a refletirem, em voz alta, sobre suas experiências. Isso sem esperar que elas estejam aptas a construir respostas completas sobre a importância dessas infraestruturas em suas vidas” (HINE, 2016, p. 17).

Em auxílio a essas questões metodológicas, a pesquisadora sugere três estratégias etnográficas para o estudo da internet na contemporaneidade. A primeira é a realização de trabalhos com *abordagens multilocalizadas, móveis e conectivas*, de modo a seguir as conexões dos sujeitos em sua amplitude de esferas sociais, conforme se desenvolve e complexifica a entrada no campo. Este, por sua vez, não deve ser encarado com pré-existente, mas sim enquanto uma construção arbitrária resultado das escolhas do pesquisador. Mesmo em estudos de comunidades específicas, os rastros das conexões podem conduzir a relações com outros territórios, o que é ainda mais potencializado em estudos de grupos na internet, onde são maiores as possibilidades hipertextuais entre usuários e comunidades. (HINE, 2016).

Por conta da internet se tratar de um ambiente onde as informações tendem a estar mais acessíveis, além da ocorrência simultânea de atividades nesse espaço, a segunda estratégia de Hine (2016) baseia-se no *mapeamento, visualização e associação* dos dados. Esse procedimento pode ser efetuado através da escolha por uma duração temporal e por uma localidade específica para investigação ou, ainda, a partir de métodos quanti-qualitativos para manuseio de dados.

A terceira estratégia reforça a importância da *percepção, sentido e reflexão* pelo etnógrafo ao lidar com situações imprevistas durante a pesquisa, onde cada escolha deve estar descrita e desenvolvida de forma reflexiva, pois até mesmo os dispositivos utilizados para o trabalho etnográfico implicam em consequências para o estudo. Do mesmo modo, deve-se atentar para ferramentas de busca, algoritmos e demais estruturas do ambiente digital, pois a experiência com a internet é diversa e individual. (HINE, 2016).

Na medida em que uma ferramenta de busca nos leva em uma direção em particular ou um anúncio ao lado da tela chama nossa atenção, o mundo on-line se revela para um etnógrafo, como faria para outros usuários, e a dimensão reflexiva da etnografia se torna especialmente significativa. Uma reflexão crítica sobre as formas de agenciamento empregadas na formação da experiência de campo, à medida que nos sentimos orientados para certas direções ou envolvidos em caminhos específicos, vem a ser um corretivo útil para qualquer tendência residual que tenhamos para tratar o campo como se simplesmente o tivéssemos encontrado e descrito como ele era. (HINE, 2016, p. 22).

Em razão desse percurso reflexivo e imersivo, Hine (2016, p. 23) postula que “qualquer pesquisa realizada on-line é de alguma forma uma pesquisa ‘insider’, já que se deve usar as mesmas ferramentas utilizadas pelos participantes para interagir com eles on-line”. O esforço metodológico está em encontrar maneiras criativas de adentrar nas comunidades online, afinal esses grupos tendem a ocupar espaços privados onde se sentem mais confortáveis para interagir. Por isso, estabelecer relações de confiança com os participantes é fundamental para uma etnografia que vá além da superficialidade dos dados públicos e possibilite observações que dialoguem também com as práticas offline, sempre atentando para os princípios éticos da pesquisa.

Desse modo, a etnografia pode ser definida como integrante do trabalho de campo do pesquisador, “entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas” (TRAVANCAS, 2011, p. 126). Nesta dissertação, então, aproximo-me da etnografia principalmente na sua dimensão metodológica para entender o fenômeno social dos clubes *Leia Mulheres* durante o período de distanciamento social a partir dos seus membros tomados como “atores”, “agentes” ou “sujeitos sociais”. Todavia, reitero que a etnografia é mais do que método, é também abordagem e texto (GUBER, 2011).

Tomo como ponto de partida a não demarcação de dualismos, como real e virtual, online e offline, digital e analógico. Ao contrário, a etnografia na internet fundamenta-se nas relações contextuais e nos diversos deslizamentos possíveis entre os dois polos. São múltiplas internets, delimitadas e construídas a partir dos usos, das práticas e das variadas relações sociotécnicas

estabelecidas em rede. Para além dos sujeitos e suas ações, é importante considerar o aparato tecnológico, perceptível e invisível, que possibilita conexões, acesso e navegações. (COGO; BRIGNOL, 2011).

Diante dos primeiros acercamentos metodológicos apresentados, o percurso na ambiência digital é guiado pela reflexividade etnográfica (GUBER, 2011; TRAVANCAS, 2011; HINE, 2016), tendo em vista à observação dos clubes *Leia Mulheres*. Assim, construí a problemática do estudo diante da observação exploratória das principais mediações que se apresentaram nos clubes *Leia Mulheres* com foco às *tecnicidades, ritualidades, sociabilidades, identidades e narrativas* (MARTÍN-BARBERO, 2018; RINCÓN, 2019). Por conseguinte, as mutações culturais e comunicacionais guiaram todo o processo de artesanaria teórico-metodológica empreendido nesta dissertação.

4.1 MUDANÇA DE PLANOS: A TEMPORALIDADE PANDÊMICA

Antes de chegar ao *Leia Mulheres*, porém, gostaria de retroceder algumas etapas e relatar o começo desta empreitada, após a aprovação no Mestrado e início das aulas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, em 9 de março de 2020. Naquela época, meu pré-projeto submetido pretendia a investigação do Bem Ditas, um clube de leitura santa-mariense focado em livros escritos por mulheres, que acontecia presencialmente a poucas quadras da minha residência. O primeiro contato com esse clube se deu em 2018, ao final da minha graduação em Produção Editorial, durante o período de observação dos encontros literários dos assinantes da TAG – Experiências Literárias em Santa Maria para o meu TCC.

Ambos os clubes aconteciam mensalmente na cafeteria Salu's Casa Café, localizada no centro da cidade e conhecida por abrigar diversas atividades culturais. O primeiro encontro exploratório do TCC, em um dia chuvoso de março de 2018, foi em uma data em que as duas reuniões literárias coincidiram, sendo motivo para lotar o pequeno espaço do estabelecimento com leitoras e leitores espalhados em almofadas pelo chão. Este momento é brevemente citado no relato da minha monografia de graduação: “o pesquisador notou a presença de várias outras mulheres em uma roda de discussão dentro da cafeteria, e posteriormente descobriu que elas faziam parte de um grupo para debate de causas feministas [...]” (ROSSI, 2018, p. 84).

Desde aquele dia, estive em contato com o Bem Ditas Clube de Leitura. Percebi no debate das mulheres presentes um caráter além do literário, indo ao encontro de questões políticas, de gênero e identidade, abrindo uma discussão com potencial para um estudo

aprofundado. Em 2019, após decidir participar dos encontros e solicitar inclusão no grupo de *Facebook*, descobri que a proposta local dialogava com um projeto nacional chamado *Leia Mulheres*. O grupo virtual contém a seguinte descrição:

Nosso intuito é ler literatura de autoria feminina e promover um espaço para conversar sobre as obras de diversas escritoras incríveis. Em 2014, a ilustradora e jornalista britânica Joanna Wash criou o #ReadWomen2014 (#LeiaMulheres2014), visando problematizar a (in)visibilidade das mulheres na literatura e convidar a leitura de obras escritas por mulheres. Inspiradas também por esse projeto, convidamos todas as pessoas interessadas a participar do grupo e a construir o clube de leitura de literatura de autoria feminina em Santa Maria! (BEM DITAS, administradoras, jul. 2019).

Assim, conforme registrado na figura 7, em julho de 2019 participei do 25º encontro do clube, quando foi discutido o livro *Frankenstein*, da escritora inglesa Mary Shelley.

FIGURA 7 – Registro do 25º encontro do Bem Ditas em Santa Maria – RS



Fonte: Instagram “Bem Ditas - Clube de Leitura”. Disponível em: <<https://www.instagram.com/bemditasclubedeleitura/>>. Acesso em 21 jul. 2021.

Além desta, estive presente em mais duas reuniões: a segunda em setembro de 2019, sobre o livro *A Vegetariana*, da sul-coreana Han Kang, e a última da modalidade presencial, em fevereiro de 2020, dedicada ao romance *Fique Comigo*, da nigeriana Ayòbámi Adébéyò.

Nos três encontros, observei livremente a dinâmica de interações entre leitoras e leitores. O primeiro ponto que destaquei foi a participação de poucos homens, fato que futuramente iria se repetir na observação dos encontros online do *Leia Mulheres*. Em segundo lugar, a

presencialidade do estabelecimento: o cheiro de cafés e bolos, a decoração do espaço e até mesmo a dificuldade de comportar tantos leitores. Também entendi que a maioria dos participantes possuía algum vínculo com a UFSM, seja docente ou discente. Penso que isso se explica porque a coordenadora e fundadora do clube é professora da instituição, além de que Santa Maria é conhecida como cidade universitária. Por último, notei que a conversa sobre os livros não possuía regras: falava quem se sentia à vontade, sobre os tópicos mais diversos, do momento da apresentação em roda até o debate. Era um espaço de acolhimento e amizade, e eu, como novo integrante, me senti confortável para falar desde o primeiro encontro⁶⁴, inclusive manifestando a possibilidade de investigação, a qual foi bem recebida por todas e todas. Antes mesmo de qualquer orientação, já previa a observação participante do Bem Ditas durante os anos de 2020 e 2021.

Todavia, na segunda semana de aulas, em março de 2020, o contexto sanitário mundial de isolamento social implicou no redesenho da minha proposta. Ao mesmo tempo em que via o Bem Ditas migrando seus encontros para plataformas online de reunião, percebi o mesmo movimento nas redes sociais digitais do *Leia Mulheres*⁶⁵: dezenas de encontros cancelados ou realocados para o *Google Meet*, *Zoom* e similares. Aqui pontuo, baseado em Hine (2016), que a escolha por investigações etnográficas na internet implica em diversas reflexões acerca dos desafios e das oportunidades que o ambiente online proporciona ao interpelar a maior parte das etapas metodológicas das pesquisas, seja a observação e a inserção no campo ou a coleta e a análise dos dados. Nessa linha de pensamento, estava visualizando na prática o que Hine discute: os limites entre o online e o offline não são tão visíveis, ofuscados pelo crescimento dos usos sociais da internet mediados pela vida social, onde o cotidiano é incorporado ao digital e vice-versa. (HINE, 2016).

Desse modo, um pouco triste pelo “abandono” do grupo de leitores conterrâneos, optei pela troca do olhar: da presencialidade para a ambiência digital. Estava decidido e ciente da oportunidade⁶⁶ única em investigar clubes de diferentes cidades, pertencentes a um projeto nacional de incentivo à leitura que agora estava assustadoramente próximo de mim – a um hiperlink de distância, para ser mais preciso.

⁶⁴ O vínculo dos participantes com instituições de ensino, o debate livre e o sentimento de acolhimento também se mostraram comuns na inserção posterior com os clubes online do *Leia Mulheres*.

⁶⁵ Eu já seguia o Instagram do *Leia Mulheres* desde 2019, por conta da relação com o Bem Ditas.

⁶⁶ Infelizmente esta “oportunidade” aparece relacionada ao distanciamento social em virtude da pandemia de um vírus que, por negligência do governo Bolsonaro, levou a vida de mais de 650 mil brasileiras e brasileiros.

4.2 CONHECENDO O *LEIA MULHERES*: QUESTIONÁRIOS EXPLORATÓRIOS

Bruno Campanella e Carla Barros (2016, p. 8) apontam que “na abordagem etnográfica, o fato social não é percebido como isolado, mas sim articulado com outras esferas da vida que se relacionam e ganham sentido dentro de um todo que as precede”. No digital, esse processo não seria diferente, pois essa ambiência se apresenta como um local onde variadas práticas sociais acontecem ao mesmo tempo, sendo questionável falar que a internet conduza a certas atitudes. Para os autores, seria a partir dos “códigos culturais particulares” de cada sujeito, em contato com as mídias, que tais práticas diversas seriam criadas no espaço online.

Pensando nisso, ao alterar meu objeto de análise de uma observação em uma cafeteria de Santa Maria – RS para uma investigação nas ambiências digitais de um projeto nacional, seria preciso reorganizar, sobretudo, a problemática e a metodologia da pesquisa. Destaco esses dois eixos, porque de modo geral mantive a base teórica da leitura e a perspectiva dos usos sociais das mídias como centros da dissertação desde o pré-projeto, certamente com focos ainda mais direcionados às tecnologias digitais após a mudança. Mesmo assim, sabia que haveria perdas e ganhos nesse processo, e o que definiria a qualidade do trabalho seriam as escolhas e delimitações metodológicas em constante diálogo com o campo. Inspirado por Travancas (2020, n.p.) estava consciente de que “uma etnografia é mais do que uma descrição densa, é um esforço intelectual em direção ao outro”.

Nessa lógica, antes de adentrar no campo, deixei que o *Leia Mulheres* “falasse”, como também sugerem França e Simões (2016). Esse processo se deu pela etapa exploratória. Inicialmente desenvolvi uma observação livre em ambientes online onde o projeto oficial está ativo, sobretudo nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Durante o primeiro trimestre de 2020, adentrei em quatro grupos online do *Leia Mulheres* referentes às cidades de São Paulo (onde o projeto começou), Belo Horizonte, Recife e Goiânia. Escolhi tais comunidades por ter identificado como as maiores em número de integrantes de todo o país⁶⁷. Ao longo desse processo, percebi que o início da pandemia impactou na migração de alguns clubes para encontros online e no adiamento das atividades de outros, como foi o caso de São Paulo, o maior clube – e que retornou suas reuniões apenas em agosto de 2021. Naquele período inicial da pandemia no Brasil, vi a participação nos grupos de *Facebook* diminuir, o que indica também um retraimento nas *sociabilidades* online entre leitoras e leitores. Esse cenário desafiador

⁶⁷ O grupo de Recife possui 1510 membros; Goiânia, 1266; Belo Horizonte, 2612; e São Paulo, 2778. Dados coletado em 27 jul. 2021.

levou-me a pensar estratégias para tentar mapear o projeto em termos iniciais, conseguir alguma informação além do que os grupos indicavam.

Em busca por informações sobre o *Leia Mulheres*, encontrei a ficha⁶⁸ de inscrição do projeto no prêmio IPL 2019, onde é possível ver algumas características e objetivos da iniciativa, dados estes cadastrados pelas três fundadoras: Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques.

Objetivos específicos: Aumento de visibilidade de autoras fora do Eixo Rio-SP, participação de autoras nos encontros. Editoras estão percebendo que esse público sempre existiu só precisava ser mostrado. Queremos lançar mais livros, estendermos nosso trabalho por mais cidades formando mais leitores e mediadoras.

Justificativa: Propomos pela importância da visibilidade das autoras. Um clube gratuito, feito através de cooperação por todo Brasil é algo raro. E a participação de mulheres das mais variadas profissões como mediadoras de leitura e o convite é feito pelas mídias sociais. A utilização das redes sociais para criar engajamento e ações do bem.

Metodologia: começou em SP em 2015 e através das redes sociais as pessoas foram entrando em contato para começar os clubes, sendo que várias cidades não conhecíamos as mulheres e todo contato foi feito pela página do facebook e instagram. Logo depois criamos site e apps para android e IOS. Atualmente são 116 cidades e já foram lidos mais de 3 mil títulos. No nosso site fazemos as propagandas dos encontros e nos apps também <https://leiamulheres.com.br/clubes/>. Utilizamos fotos das autoras nos banners para que as pessoas possam conhecê-las. (Ficha de inscrição Prêmio IPL, out. 2019, grifos nossos)

Com base no documento, observo a importância da internet para a propagação e institucionalização do *Leia Mulheres*, desde sua fundação em março de 2015 até a manutenção e construção desta rede cooperativa de mediadoras literárias por todo país. Igualmente destaco o compromisso das coordenadoras nacionais com a diversidade de obras e autoras lidas. Outros trechos da ficha apontam que o projeto voluntário impactou 20 mil pessoas até o ano de 2019.

Assim, tendo levantado algumas informações fundamentais sobre o *Leia Mulheres*, durante maio de 2020 julguei pertinente iniciar a elaboração de um questionário direcionado às mediadoras, a fim de obter dados diretamente das organizadoras locais dos encontros, conhecendo o perfil dessas mulheres, o funcionamento dos clubes, inclusive se estavam suspensos, e estabelecer alguns pontos de partida para a dissertação. As questões igualmente foram inspiradas pelos estudos etnográficos de Sedo (2004), com clubes de leitura de mulheres norte-americanas, e de Petit (2010), com mediadoras de leitura na América Latina,

⁶⁸ Disponível em <<http://plataformadolivro-com-br.umblr.net/projeto-exibe.php?p=1191&s=1398>>. Acesso em 27 jul. 2021.

À vista disso, construí o questionário na plataforma *Google Forms*. Sua versão completa está disponível no Apêndice A, mas informo que consistiu em 20 perguntas divididas em 4 seções (*perfil; funcionamento do clube; livro e leitura; e debates e mediação*).

Neste estudo, então, o uso de questionário online foi uma maneira sistematizar em dados quanti-qualitativos alguns usos do livro e da internet pelas mediadoras, possibilitando a construção de um perfil socioeconômico das organizadoras dos clubes. Além disso, o instrumento de coleta também se mostrou útil porque:

Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados; Atinge maior número de pessoas simultaneamente; [...] ; Economiza pessoal, tanto em adestramento quanto em trabalho de campo; Obtém respostas mais rápidas e mais precisas; Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato; Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas; Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador; Há mais tempo para responder e em hora mais favorável; Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento; Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 201-202).

Após o planejamento da técnica, em 6 de junho realizei o primeiro contato com as coordenadoras nacionais do projeto, através do e-mail institucional informado no site do *Leia Mulheres*. No texto, falei sobre minha vinculação acadêmica e acerca da ideia inicial da pesquisa, citando o cenário difícil das Ciências Humanas no Brasil, o interesse pelo *Leia Mulheres* e a possibilidade de ajuda pelas fundadoras para fazer os questionários chegarem até as mediadoras. Coloquei-me à disposição para o envio do questionário para uma pré-avaliação e me comprometi a repassar os resultados da dissertação após a finalização do trabalho, não só como uma “moeda de troca”⁶⁹, mas também pela admiração pessoal que tenho pelas três coordenadoras.

Feitas as devidas apresentações, Michelle Henriques respondeu ao e-mail no mesmo dia, agradecendo o interesse e solicitando mais informações como o link do questionário. Feliz pelo rápido retorno, expliquei melhor a problemática provisória, a importância do questionário como primeira etapa do trabalho e encaminhei para aprovação o link do *Google Forms*. Após esse contato inicial, houve uma demora na resposta, compreendida como necessária para análise do documento pelas três coordenadoras.

Duas semanas depois, ainda sem retorno, encaminhei um novo e-mail reforçando minha disponibilidade para esclarecer quaisquer dúvidas sobre as perguntas. Após seis dias, Michelle

⁶⁹ Expressão comum em trabalhos etnográficos. Designa uma retribuição (simbólica ou prática) do etnógrafo em troca do investimento de tempo e disposição por parte da comunidade pesquisada.

respondeu desculpando-se pela demora em decorrência do contexto pandêmico. Ela informa que respondeu ao questionário e indica que uma das “Julianas” (ela não especifica se a Gomes ou a Leuenroth) solicitou alteração em uma pergunta que envolvia os modos de acesso às obras, para trocar a palavra “PDF” por “e-book”, justificada pelas diretrizes das coordenadoras em não compactuar com a pirataria de livros. Referente ao restante, elas estavam de acordo e elogiaram as questões.

Contente pelo aceite e legitimação da pesquisa pelas promotoras nacionais do *Leia Mulheres*, agradei a disponibilidade. Dito isso, cogitei a possibilidade de envio do questionário para as mediadoras, não sabendo ao certo como se estabelecia a comunicação entre elas. No mesmo dia, Michelle informou que divulgaria em um grupo de *WhatsApp* que abriga todas as organizadoras dos clubes, dado relevante que aponta uma relação próxima das coordenadoras nacionais com as mediadoras locais, possibilitada pela conexão em rede.

Portanto, no dia 22 de junho, a mediadora Michelle Henriques divulgou o link do questionário no grupo de *WhatsApp* do clube. Igualmente, eu também divulguei o link para algumas mediadoras em suas redes sociais privadas, sobretudo no *Facebook* e *Instagram*. A maioria dessas mensagens individuais não foi visualizada, mas uma das mediadoras me respondeu que já havia respondido porque viu no *WhatsApp* e informou que o aviso do questionário foi reforçado pelas mediadoras nacionais alguns dias após o primeiro convite.

Convém sublinhar que neste mesmo período, acompanhando as redes sociais oficiais do *Leia Mulheres*, soube que elas promoveriam em julho um evento inaugural, chamado “Festival Leia Mulheres” no recém criado canal no *YouTube*⁷⁰, a fim de aproximar as mediadoras, leitoras e leitores de todo Brasil no difícil período inicial da pandemia. Assisti à mesa de abertura e transcrevi algumas falas das coordenadoras a título de reunir informações sobre os clubes e até mesmo divulgar no chat o questionário.⁷¹ Por meio do evento, descobri, por exemplo, que o grupo do *WhatsApp* continha 350 mediadoras na época.

Demarco a importância de o questionário ter chegado às mediadoras por intermédio da coordenação nacional, enquanto uma forma de legitimar, perante todas as centenas de participantes do grupo, que minha pesquisa estava em diálogo com as fundadoras e que, antes de qualquer inserção nos encontros, eu desejava ouvir o que elas tinham a dizer sobre a sua atuação frente aos clubes. Nesse sentido, o instrumento foi útil tanto à coleta de dados como na

⁷⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qsf0VFWYbrg&t=18s>>. Acesso em 01 ago. 2021.

⁷¹ Durante o evento, solicitei via chat autorização para divulgar o questionário. As coordenadoras autorizaram e reiteraram a quem estava assistindo para auxiliar na minha pesquisa. Publiquei o link, porém não obtive respostas além das já coletadas nos cinco primeiros dias desde o envio de Michelle no grupo de *WhatsApp*.

materialização do meu primeiro contato com o *Leia Mulheres*, ou seja, foi uma maneira formal de dizer às mediadoras “ei, olá, admiro o seu trabalho e gostaria de pesquisar com vocês!”.

Para mim, esta validação “institucional” foi importante, apesar de não ter percebido a existência de uma “hierarquia” rígida entre as criadoras e as mediadoras locais. Pelo contrário, durante meu tempo de pesquisa foi visível a proximidade de comunicação e parceria entre elas, afinal todo trabalho na manutenção dos clubes é voluntário. Como dizem nos questionários a seguir, essas leitoras-mediadoras investem seu tempo no *Leia Mulheres* pelo objetivo comum de promover a literatura de autoria feminina no país.

Desse modo, foram coletadas 54 respostas: 46 recebidas no dia da postagem e oito durante os quatro dias seguintes⁷². Pontuo que não limitei a participação de apenas uma mediadora por clube, logo consegui identificar 4 respostas provenientes de mediadoras de Florianópolis (SC) e três respostas de Mauá (SP)⁷³. Na situação de Mauá, os três textos preenchidos estavam iguais e provinham da mesma pessoa, então precisei excluir dois, restando 52 questionários válidos que compuseram a amostra. Há a possibilidade de que outras coordenadoras do mesmo clube tenham respondido o instrumento, porém não foi possível verificar além dos dois casos citados.

Os resultados preliminares da pesquisa exploratória com as mediadoras de leitura foram apresentados e publicados nos anais do Grupo de Pesquisa Produção Editorial da Intercom⁷⁴ (ROSSI, BRIGNOL, 2020). Neste capítulo, discorro sobre o perfil das mediadoras respondentes, deixando o detalhamento dos demais dados para o capítulo analítico.

4.2.1 Perfil das mediadoras de leitura

A maior parcela das respondentes foi proveniente da região Sudeste (40,4%), com maioria pertencente aos estados de Minas Gerais (19,2%) e São Paulo (15,4%), onde o clube iniciou. Entre as demais regiões, constam as mediadoras da região Nordeste (24,9%), Sul (23%), Norte (3,8%) com uma mediadora do Pará e uma de Roraima e Centro-oeste (3,8%) com duas mediadoras de Goiás. Também houve retorno de duas mediadoras que vivem no

⁷² O documento esteve aberto a respostas até o dia 15 de julho, após o *Festival Leia Mulheres*.

⁷³ Isso foi possível por meio de uma questão opcional onde solicitava a cidade e o e-mail de cada uma, caso desejassem seguir no estudo.

⁷⁴ Na análise exploratória publicada no GP do Intercom, por descuido, acabei não notando as respostas triplicadas. Artigo disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0752-1.pdf>>. Acesso em 28 jul. 21.

exterior (3,8%) as quais não identificaram a cidade. Apesar do baixo índice de respostas provenientes do Rio de Janeiro (5,8%), os dados relacionam-se à concentração editorial no sudeste brasileiro, o que pode indicar que em locais com grande número de livrarias e editoras, há maior incentivo para a formação de leitores e conseqüentemente de clubes de leitura.

Pela perspectiva racial, 65,4% das mediadoras autodeclararam-se brancas, enquanto 25% identificaram-se como pardas e 9,6% como negras ou pretas. Em relação à idade, a média das respondentes encontra-se na faixa dos 30 anos, sugerindo momento da vida adulta com certa estabilidade financeira. A faixa etária oscilou entre 18 e 54 anos, portanto, mulheres jovens.⁷⁵

Um dado marcante é que todas as 52 mediadoras indicaram, no mínimo, ensino superior incompleto, ou seja, possuem (ou possuíram) contato com o meio acadêmico. A maior parcela (38,5%) já está com pós-graduação completa; 23,1% apresentam o ensino superior completo, enquanto 21,2% ainda estão cursando uma graduação. O menor índice (17,3%) pertence às mediadoras estudantes da pós-graduação. Ainda, segundo critérios do IBGE, a maioria das mulheres pertenceria às classes D (42,3%) e C (36,5%), demonstrando que uma expressiva parcela das mediadoras do projeto está nas classes média baixa e média⁷⁶. Neste estudo concordamos com a declaração de Sandra Depexe (2015): a discussão sobre classe social não deve ser orientada somente por renda salarial.

Nessa perspectiva, não nos restringimos às estratificações de classe, nem aos padrões de classificação que segmentam as pessoas em função de critérios exclusivamente econômicos e buscamos pensar a classe social como uma categoria relacional, simbolicamente estruturada por meio de práticas vinculadas a fazeres cotidianos. Por ser relacional, a noção de classe social funciona pela oposição de dadas posições de classe. (DEPEXE, 2015, p. 130).

De acordo com esses dados, observo que embora as mediadoras refutem o caráter acadêmico em suas discussões, os encontros são organizados por mulheres com alto nível de escolaridade. Algumas informaram em resposta aberta que foram motivadas a integrar o projeto pela atuação em áreas da Educação e Letras, o que revelou a necessidade de uma pergunta acerca dos seus perfis profissionais. As próprias fundadoras atuam no mercado editorial, no entanto não foi possível mapear essa categoria referente às demais respondentes.

⁷⁵ A partir dos estudos de Jenny Hartley, Petit (2010) expõe que em países anglo-saxões dois terços dos participantes de clubes de leitura são mulheres com mais de quarenta anos e, em sua maioria, com ensino superior completo.

⁷⁶ Divisão do perfil socioeconômico de acordo com o critério por Faixas de Salário-Mínimo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 11 set. 2021.

Nas perguntas abertas, confesso que não esperava muitas manifestações, principalmente porque todas as alternativas eram opcionais. Entre as desvantagens de um questionário, conforme Lakatos e Marconi (2003), temia a impossibilidade de auxílio aos respondentes no caso de perguntas mal compreendidas e o grande número de perguntas em branco. Contudo, não fui notificado que o instrumento teria gerado dúvidas além da pré-avaliação das coordenadoras nacionais, e perante as três perguntas abertas, houve no máximo duas abstenções entre as 52 respostas. Relembro que o questionário foi divulgado no grupo de *WhatsApp* por Michelle, uma das cocriadoras do projeto, ou seja, de alguma forma isso também pode ter auxiliado no comprometimento e engajamento da comunidade literária.

Para Travancas (2011, p. 127), a etnografia pode incluir “questionários ou dados estatísticos como informações complementares, mas o seu cerne é observar e escutar os seus ‘nativos’”. Portanto, reitero que o questionário exploratório foi fundamental enquanto impulsionador para o avanço da problemática da dissertação, no sentido de corroborar nos âmbitos quantitativos e qualitativos para a concentração teórico-metodológica nas mediações das *identidades, narrativas, tecnicidades, ritualidades e sociabilidades*.

Orientado pela abordagem etnográfica, pontuo que os dados quantitativos remetem ao momento em que foram coletados, sendo trabalhados no capítulo analítico junto aos demais materiais, então, como um complemento à análise qualitativa, sem nunca esquecer que a prática sociocultural da leitura está sujeita a múltiplos usos por leitores situados no tempo e espaço (CHARTIER, 2011).

Assim, as pistas sobre a descrição densa iniciam na seção seguinte, por meio de algumas informações gerais provenientes da negociação para inserção nos encontros e o período de observação.

4.3 DIÁRIOS DE UM LEITOR: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A partir dos questionários, compreendi que era necessário participar nos encontros online. Ansiava por aprofundar a investigação dos clubes de leitura *Leia Mulheres*, realizar a imersão e observação sistemática das práticas de leitura compartilhada. Em consonância com Hine (2016), penso que o processo etnográfico consiste na construção exploratória do campo ao longo da investigação. É por meio das leituras, escolhas e tentativas do pesquisador na busca por possíveis respostas a respeito do objeto empírico, que são identificadas as temáticas e problemáticas principais para proceder à análise aprofundada.

Por esse ângulo, a delimitação da problemática viria a se estabelecer diante das discussões contemporâneas acerca da abordagem das mediações⁷⁷, dando lugar a outras perguntas que levariam a novas etapas nesta travessia metodológica pela leitura. Isto posto, os questionários, mais do que instrumental exploratório, trouxeram ricas informações-base para conhecimento da cultura dos clubes *Leia Mulheres*.

Assim, planejei a inserção nos encontros antes do início do calendário letivo 2021/1 da UFSM, a fim de prever o período de “estranhamento” tão discutido na Antropologia. De acordo com Travancas (2011, p. 126), ao entrarmos no campo, encontramos uma “infinidade de possibilidades e variáveis que na realidade estão mais relacionadas ao universo pesquisado do que ao método propriamente dito”. Nessa lógica, como os clubes acontecem mensalmente, só haveria uma oportunidade ao mês para realizar a empreitada etnográfica em cada núcleo. Em decorrência destas *ritualidades* desafiadoras, enfrentei algumas dificuldades até delimitar quais seriam os cinco clubes investigados.

4.3.1 Negociação com o campo: (des)encontros literários

Embora o questionário tenha revelado 43 mediadoras interessadas em realizar entrevistas, acabei seguindo por outro trajeto. Todavia, considerei que era uma lista de possíveis entrevistas, não de possíveis inserções nos encontros. Temendo o contato com mediadoras de clubes que poderiam estar em recesso ou com encontros em datas e horários incompatíveis, entre outras variáveis, optei por seguir o caminho da consulta no site do projeto, onde poderia encontrar grupos com reuniões nos próximos dias, os quais eu teria mais chances de encaixar na minha agenda de atividades durante os próximos meses.

Desejava observar cinco clubes, um de cada região do país. A ideia surgiu ao final de 2020 quando visualizei no *Instagram* do *Leia Mulheres* um “desafio literário” para os doze meses de 2021, proposto pelas coordenadoras nacionais. Entre as sugestões, havia a valorização de escritoras do sul, norte, nordeste, centro-oeste e sudeste. Desse modo, mensalmente, o projeto se propunha a divulgar livros indicados pelas próprias mediadoras de cada região.

Assim, no dia 24 de março de 2021, consultei o site do projeto a fim de escolher os cinco núcleos para realização da inserção etnográfica. Os critérios de busca consistiram, então, em contatar as mediadoras cujos clubes aparecessem nos primeiros resultados encontrados. Nesse

⁷⁷ Esta dissertação acabou tornando-se mais um dos tributos em homenagem a Jesús Martín-Barbero, pesquisador que tanto contribuiu e seguirá instigando *calafrios epistemológicos* e miradas criativas para objetos de pesquisa tão singulares quanto as suas provocações.

sentido, a aba “clubes” do website (figura 8) foi o recurso utilizado para a pesquisa, pois concentra informações no formato de cards⁷⁸ sobre os encontros marcados em datas próximas.

FIGURA 8 – Aba “clubes” do website *Leia Mulheres*

The screenshot shows the 'clubes' page of the 'Leia Mulheres' website. At the top, there is a navigation bar with the logo 'Leia MULHERES' and links for 'clubes', 'sites parceiros', 'sobre nós', 'resenhas', 'leia mulheres por aí', and 'contato'. Below the navigation bar, there is a section titled 'Veja mais eventos em:' followed by a list of states and countries: AC, AL, Alemanha, AM, AP, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PB, PE, PI, Portugal, PR, RJ, RN, RO, RR, RS, SC, SE, SP, Suíça, TO, União dos Palmares. The main content area displays three event cards. The first card is for 'MARYSE CONDÉ' with the book 'EU, TITUBA BRUXA NEGRA DE SALEM' on July 31, 2021, at 19H00, in Umuarama. The second card is for 'A Face Serena' by Maria Valéria Rezende on June 27, 2021, at 10H30, in Guaratinguetá. The third card is for 'Imigram meus Pássaros' by Luciana Nabuco on July 17, 2021, at 16H00, in Guaratinguetá. Each card includes the event title, author, date, time, and location.

Fonte: Disponível em: <<https://leiamulheres.com.br/clubes/>>. Acesso em 1 ago. 21.

A busca mostrou-se complicada, pois o site não apresenta uma ordem necessariamente cronológica para a distribuição dos cards referentes aos encontros de todas as localidades, na página inicial. O primeiro card-convite que identifiquei em uma data próxima foi relativo ao município de Marechal Deodoro, em Alagoas, previsto para 26 de março, sexta-feira, às 19h30, ou seja, aconteceria em dois dias. Primeiramente hesitei, em virtude do prazo restrito, porém a ansiedade pela imersão foi maior, então pesquisei o *Instagram* do núcleo e, às 19 horas e 12 minutos da noite, contatei o perfil via chat privado com a seguinte mensagem, replicada a todos os demais contatos futuros:

⁷⁸ A maior parte dos cards são elaborados pelas coordenadoras nacionais, a partir dos calendários de cada clube local enviados para o e-mail do projeto. Algumas mediadoras locais, que possuem as competências necessárias, realizam a edição das imagens.

Olá, prezada(s) mediadora(s), tudo bem? Meu nome é Jean e sou mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, sob a orientação da profa. Liliane Brignol. Minha pesquisa trabalha com os clubes de leitura *Leia Mulheres* e como a internet é apropriada para o compartilhamento literário. No momento, após contato com as mediadoras nacionais do projeto e autorização para aplicação de questionários, estou na fase da pesquisa de campo, a qual se desenvolverá por meio de observações exploratórias em um clube de cada região do país. Gostaria de saber se poderíamos contar com a autorização do seu clube para minha participação no próximo encontro como ouvinte. Lembramos que esta participação seria de caráter exploratório e apenas com finalidades acadêmicas, preservando o anonimato de todas e todos envolvidos. Fico à disposição para esclarecer qualquer dúvida, muito obrigado pela atenção!

Em menos de cinco minutos uma das mediadoras respondeu. Ela não apenas autorizou a participação, manifestando alegria pelo contato, como também solicitou meu e-mail para registrar a participação no *Google Agenda*. Na mesma mensagem, informou o livro a ser discutido, *Mulheres e a caça às bruxas*, da italiana Silvia Federici, e reencaminhou o convite do encontro. Confesso que fiquei espantado e em êxtase com o aceite, afinal foram meses planejando a inserção e, logo na primeira tentativa, recebi prontamente o retorno do clube⁷⁹. Pelo lembrete do e-mail, foi possível observar 30 pessoas na lista de inscritos. A mediadora parecia acostumada a receber pedidos de ingresso via *Instagram*. Sua recepção tranquilizou-me, pois temia a recusa, considerando que era um pesquisador desconhecido de outro estado. Assim, segui o perfil do *Leia Mulheres Marechal Deodoro* no *Instagram* e salvei o e-mail encaminhado via *Google Agenda* com o link para o encontro no *Google Meet*. Estava feita a negociação que levaria às três observações do clube representante da região nordeste, a ser descritas detalhadamente no último capítulo.

Como restava definir os clubes das outras quatro regiões, segui a busca no site. Localizei que o *Leia Mulheres Belém*, no Pará, e o *Leia Mulheres Mauá*, em São Paulo, indicavam reuniões nos próximos dias (respectivamente em 27 de março, sábado às 15h, e 31 de março, quarta-feira, às 19h). Já com menor receio, contatei seus perfis no *Instagram* na tarde do dia 26 de março.

Uma das mediadoras de Belém respondeu no dia seguinte, cerca de três horas antes do encontro previsto para o debate da obra *Terra das mulheres*, escrita pela estadunidense Charlotte Perkins Gilman. Primeiro ela perguntou se eu estava em diálogo com as “meninas da coordenação geral” e na mesma mensagem afirmou que eu poderia participar, preocupando-se com meus horários: “Hoje temos encontro, inclusive, se não der pra vc, fica pra quando possível. Nós postamos o link do meet na Bio 14h”. Eu agradei e expliquei sobre a etapa

⁷⁹ Em retrospecto, não percebi naquele momento que a mediadora era uma das respondentes do questionário no ano anterior – inclusive uma das interessadas na entrevista – o que pode ter auxiliado na sua rápida autorização.

anterior com os questionários avaliados pelas três fundadoras do *Leia Mulheres*, reiterando que estava disponível a participar hoje, mas também poderia aguardar e contatar novamente a coordenação nacional, caso julgassem necessário. Em retorno, já mais próximo do horário, elas reforçaram que eu poderia integrar a reunião e avisaram que o link do *Google Meet* já estava disponível na biografia do perfil no *Instagram* com início às 15h10, prevendo tolerância no atraso de 10 minutos. Mais uma negociação realizada com sucesso, embora o intervalo “apertado” para o diálogo prévio com as mediadoras quase tenha atrasado a oportunidade de inserção no dia previsto. Assim, apesar de não se mostrar a estratégia adequada para contato dos clubes em qualquer dia do mês, até aquele momento notei que ela funcionava nas datas próximas aos encontros, pois as mediadoras pareciam atentas às mensagens de possíveis leitores interessados.

O clube de Mauá respondeu com três dias de antecedência ao seu encontro, dedicado ao livro *A menina submersa*, da irlandesa Caitlín R. Kiernan. Uma das mediadoras, em um primeiro momento, também me interrogou sobre as formalidades éticas da pesquisa, se estava autorizada pelas coordenadoras nacionais, e dispôs-se a conversar por e-mail. Entretanto, pela manhã – a primeira mensagem havia sido encaminhada à meia-noite – enviou um novo recado:

A Juliana [co-criadora do *Leia Mulheres*] acabou de confirmar que sabe do projeto e que está autorizado. Então, vamos fazer o que você precisar, pode ficar à vontade e contar conosco. Nosso próximo encontro é dia 31/03, quarta-feira que vem, se quiser participar, fique à vontade. Vamos postar o link para acesso. Me diga se precisar de mais alguma coisa. Somos duas mediadoras aqui em Mauá: [informa os nomes]. Se preferir, podemos conversar pelo WhatsApp. (MEDIADORAS MAUÁ-SP).

Coloco em evidência seu comunicado por três razões: (1) reitera, conforme indicado pelos questionários, a proximidade entre as organizadoras dos clubes; (2) sugere respeito ao trabalho das criadoras do projeto nacional, as quais respondem juridicamente⁸⁰ pela marca *Leia Mulheres*; (3) indiretamente, as cocriadoras receberam uma atualização da minha pesquisa. Eu não as contactava desde junho de 2020, após a liberação dos questionários⁸¹.

De volta ao site, enquanto possíveis opções para as regiões centro-oeste e o sul, contatei no dia 26 de março os grupos de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, e Londrina, no Paraná, com encontros marcados para 27 e 28 de março, respectivamente. Contudo, ao contrário dos núcleos

⁸⁰ Informação proferida por Juliana Gomes em novembro de 2020 durante um evento no YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WE_Fdj1weGU&t=2495s>. Acesso em 15 abr. 2021.

⁸¹ Com exceção das criadoras da iniciativa e de uma das entrevistadas, todas as demais integrantes tiveram suas identidades anonimizadas.

anteriores, o retorno do Leia Corumbá não ocorreu, e o clube de Londrina respondeu apenas duas semanas depois. Tendo em vista a demora, neste meio tempo busquei mais duas alternativas: Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, e Sinop, no Mato Grosso. Nesse sentido, quando o clube de Londrina retornou, em 8 de abril, eu já estava em diálogo com o grupo gaúcho, de reunião marcada para sábado, 10 de abril, às 14h. Por isso, expliquei a situação para a mediadora paranaense, agradei seu retorno e me coloquei à disposição para compartilhar a pesquisa após a finalização.

Dito isso, o contato com Caxias do Sul iniciou em 31 de março. No caso deste clube, percebi na página inicial do perfil no *Instagram* um link para inscrição no encontro via *Google Forms*, porém optei pela comunicação direta com a mediadora, a fim de não deixar para me apresentar no momento dedicado à discussão do livro, o quadrinho *Fun Home: uma tragicomédia em família*, da estadunidense Alisson Bechdel. Um dia depois, a mediadora respondeu à proposta com elogios e pediu um tempo para apresentá-la no grupo de *WhatsApp* das leitoras e leitores caxienses. Concordei prontamente com o combinado, ciente de que cada clube possui uma dinâmica própria, não cabendo a mim julgar como se estabelecem suas negociações internas. Dessa forma, no dia 8 de abril, ela retornou com o aguardado aceite unânime do grupo, até mesmo declarou que os integrantes ficaram “animados” com a novidade. Também informou que enviaria o link do encontro pelo chat do *Instagram*, recebido no dia seguinte. Assim, fiquei aliviado e curioso por saber que não apenas ela, como também os demais participantes estavam interessados no meu projeto.

Já a conversa com as mediadoras de Sinop teve início na tarde de 15 de abril, três dias antes do encontro para discussão do livro *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, da estadunidense Maya Angelou, previsto para 18 de abril, domingo, às 8h30min. Após a mensagem introdutória, elas autorizaram a participação: “Que legal! Sim. Te envio o link no dia da reunião. O card está nos destaques do insta em ‘próximo encontro’”. Agradei prontamente, animado por enfim ter alcançado os cinco núcleos para investigação.

Entre os desafios impostos pela comunicação assíncrona com os clubes, especialmente com as mediadoras de Londrina, e pela não-visualização referente ao clube de Corumbá, a inserção que apresentou mais contratemplos e ajustes da minha parte foi com o grupo de Sinop. Isso porque quando procurei o card no site do projeto e nos Destaques⁸² do perfil no *Instagram*, constatei que ocorreria em um domingo e por desatenção associei erroneamente “oito e meia” com “20h30”. Até pensei que seria relativamente “tarde” para um clube de leitura, mas isso não

⁸² Recurso que permite destacar histórias (fotos e vídeos) no topo dos perfis por tempo indeterminado, mantendo determinadas informações separadas das demais.

seria um impedimento para mim. Ocorreu, então, que no dia previsto eu acordei por volta de 11 horas da manhã e quando chequei o celular, vi a mensagem das mediadoras recebida há duas horas com o link para o *Google Meet*. Envergonhado pela situação, respondi que havia confundido os horários e pedi desculpas pelo erro de atenção. A mediadora pareceu se divertir com meu atrapalho e disse que não havia problemas.

Percebi que as *ritualidades* e *temporalidades* de cada clube de leitura eram um elemento importante, sobretudo em uma investigação digital multilocalizada (HINE, 2016), pois agora que o campo estava delimitado, necessitava equilibrar os calendários de encontros das cinco comunidades. Assim, até cogitei a busca por outro núcleo do centro-oeste para uma inserção ainda no mês de abril, porém a característica única de Sinop em realizar reuniões aos domingos, diferente dos outros quatro grupos – conforme chequei em seus *feeds* do *Instagram* –, mostrou-se proveitosa para minha própria organização. Optei, desse modo, em manter a observação da comunidade sinopense, ou seja, houve o reagendamento da primeira observação com novo livro e data: *A vida mentirosa dos adultos*, da italiana Elena Ferrante, no dia 23 de maio às 8h30min da manhã.

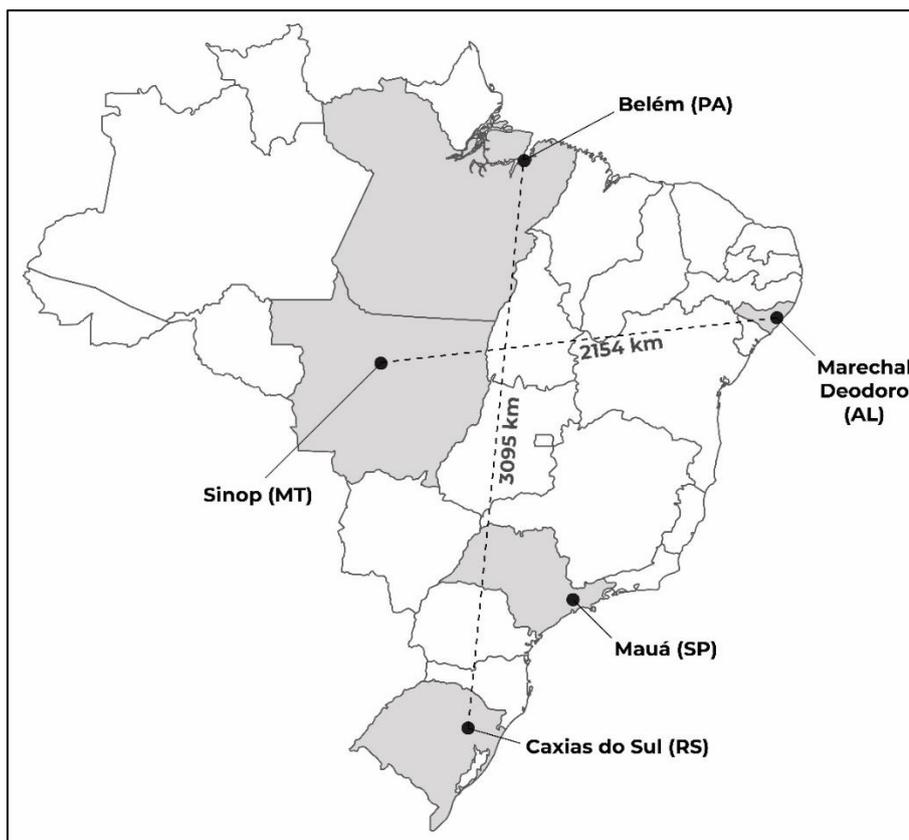
Discorridas as primeiras negociações com cada clube, relembro que o aprofundamento das discussões aparecerá no último capítulo. A abordagem das mediações, nesse sentido, revestiu-se também enquanto “filtro” teórico-metodológico para que o excesso de informações provenientes dos quinze encontros não se sobreponha à delimitação do problema e aos objetivos da pesquisa.

4.3.2 Leituras coletivas do norte ao sul: os cinco clubes observados

Empreendida a etapa das negociações, nesta seção faço uma breve contextualização geográfica sobre os municípios relativos aos clubes investigados. Além disso, apresento dados gerais sobre os 15 encontros durante as três oportunidades de observação em cada comunidade: as datas, a lista completa dos livros/autoras lidos, o número de leitores presentes, a duração das reuniões, entre outras informações-base para auxiliar na compreensão do último capítulo.

Na figura 9, exponho as diferentes *espacialidades* acionadas na pesquisa, em virtude dos múltiplos campos empíricos observados e analisados em ambiência digital. Traço linhas retas para demonstrar a distância em quilômetros entre os municípios localizados nas extremidades norte-sul e leste-oeste do Brasil.

FIGURA 9 – Localização geográfica dos cinco clubes pesquisados



Fonte: Elaborado pelo autor.

Iniciando pela ordem dos “aceites”, o nordeste é representado pelo clube de Marechal Deodoro, no leste do estado de Alagoas e pertencente à região metropolitana de Maceió. Segundo o IBGE, estima-se que em 2020 a cidade possuía população de 52.380 pessoas, sendo o salário médio mensal de Marechal Deodoro de 2.7 salários-mínimos.

Por meio de pesquisa pela expressão “livrarias Marechal Deodoro” no *Google Maps*⁸³, encontrei 25 estabelecimentos. Atualmente, a cidade conta com 19 escolas de ensino fundamental e 4 de ensino médio, além de duas bibliotecas públicas: uma municipal e outra localizada no campus Marechal Deodoro do Instituto Federal Alagoas (Ifal).

O núcleo deodoroense iniciou suas atividades em 2017, sendo o primeiro na iniciativa *Leia Mulheres* a estar vinculado como um projeto de pesquisa de uma instituição de ensino, informação relatada durante o primeiro encontro do núcleo por Elaine, uma das mediadoras que é geógrafa, doutora em Estudos Literários e professora do campus deodoroense do Ifal. Em coautoria com Edilma, também docente e coordenadora local do clube, possui artigos

⁸³ Coletas no Google Maps realizadas em 05 de agosto de 2021. Nas respostas havia sebos, livrarias e editoras.

publicados sobre o *Leia Mulheres Marechal Deodoro*, os quais carinhosamente me enviou por e-mail logo após o término da primeira reunião observada.⁸⁴

Por ocasião do Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha e do Dia Nacional de Tereza de Benguela, 25 de julho, realizou-se o primeiro encontro do *Leia Mulheres Marechal Deodoro*, com a discussão do livro *Quarto de despejo*, da escritora Maria Carolina de Jesus. A data especialmente escolhida para o início das atividades do grupo testemunha a perspectiva interseccional que norteia a criação e manutenção do clube. A partir dessa obra, questões como a importância do estudo para superar condições de pobreza e miséria, a importância da leitura e da escrita como ato político e as desigualdades de gênero, raça e classe, dentre outros temas, foram discutidas. (SILVA; SANTOS, 2020, p. 248)

Destaco, por hora, que o clube alagoano possuía quatro mediadoras e foi fundado há quatro anos com uma perspectiva crítica para formação de leitoras e leitores da educação básica. Durante minhas observações, no entanto, não percebi discentes pertencentes a esse contexto, talvez porque a maioria já havia saído do ensino médio, estava em um curso superior ou técnico e manteve sua participação no grupo de leitura. O grupo também realizou encontros especiais aglutinando leitores de dois núcleos próximos geograficamente: os *Leia Mulheres* de Maceió e Arapiraca.

Como representante da região norte, Belém é a única das cinco cidades que se localiza em uma capital estadual. Com salário médio mensal de 3,5 salários-mínimos, é o município mais populoso do Pará. São aproximadamente 1.500.000 habitantes, conforme estimativa do IBGE para o ano de 2020. A cidade portuária possui 546 escolas de ensino fundamental e 179 escolas de ensino médio, além de 20 bibliotecas⁸⁵. Pelo *Google Maps*, encontrei 151 estabelecimentos belenenses que comercializam livros.

O *Leia Mulheres Belém* iniciou suas atividades em 2016 com duas mediadoras que já não coordenam mais o núcleo. Após ser desativado por alguns meses, retornou em 2017 e durante minha observação, entre março e maio de 2021, foi coordenadora por Ana, graduada em letras, mestre em estudos literários e professora, e Laura, graduada em direito, advogada e funcionária pública.

Descendo o mapa brasileiro, Mauá foi o escolhido entre os clubes de leitura *Leia Mulheres* do sudeste. Situado na região metropolitana de São Paulo, no ABC Paulista, o município tinha salário médio mensal de 3,1 salários-mínimos em 2019 e população estimada

⁸⁴ Pontuo que as publicações não entraram no estado da arte em virtude dos critérios de seleção, que excluíam relatos de experiência.

⁸⁵ Não encontrei informações sobre quantas seriam públicas e privadas.

de 477.552 habitantes em 2020, segundo o IBGE. A cidade contabiliza 104 escolas de ensino fundamental, 42 de ensino médio e seis bibliotecas – uma no centro e outras cinco distribuídas nos bairros periféricos. Na busca do *Google Maps* por livrarias em Mauá, identifiquei 69 locais.

Com primeiro encontro em outubro de 2017, o clube de Mauá é mediado por Suzane, graduada em letras e Verônica, professora estadual. Durante minha inserção etnográfica, esse grupo me possibilitou analisar um encontro com uma autora, a brasileira Lu Ain-Zaila. Também se diferenciou por contar com um maior número de discussões em virtude de opiniões literárias divergentes, além de ter sofrido uma invasão em um dos encontros observados.

O clube de Caxias do Sul representa os três estados da região sul. Com população estimada de 435.564 pessoas e média salarial de 2,9 salários-mínimos, o município localiza-se no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, região da Serra Gaúcha. Possui seis bibliotecas, sendo três públicas e três privadas, além de 144 escolas de ensino fundamental e 44 de ensino médio. Em levantamento do *Google Maps* sobre lojas caxienses que comercializam livros, encontrei 87 resultados.

O Leia de Caxias do Sul iniciou suas atividades em julho de 2017 com o apoio da Secretaria de Cultura do município. Seu primeiro encontro foi na Biblioteca Parque Largo da Estação, no formato de uma roda de conversa com a autora do mês, Natália Borges de Polesso, e mediação de uma doutora em letras. Desde 2018, as reuniões são mediadas por Carla, graduada em letras e especialista em literatura infantil e juvenil.

Por último, o clube de Sinop, referente ao estado de Mato Grosso, aceitou a observação como representante da região centro-oeste. Único dos cinco municípios situado no interior de seu estado, possui estimativa de 146.005 habitantes e salário médio mensal de 2,3 salários-mínimos. Com 45 escolas de ensino fundamental e 18 de ensino médio, a cidade contabiliza uma biblioteca municipal e outras três vinculadas ao campus universitário da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Encontramos 13 resultados na busca por livrarias/sebos.

Mediado por Maria, professora universitária de letras, e Alice, graduada em letras, o clube de Sinop iniciou em maio de 2019. Destaco que dentre os cinco clubes observados, foi o primeiro e único que retornou à modalidade presencial a partir de setembro de 2021, realizando suas atividades ao ar livre em uma praça da cidade.

4.3.2.1 Narrativas de autoria feminina: quem lê e quem é lida?

Quando a gente fala em leitura, a gente relaciona sempre às mulheres, então é a professora que alfabetiza, é a mulher que lê, porque mulheres são a grande maioria de leitores no Brasil e provavelmente no mundo, enfim a gente tem essa relação direta, então “leitura é mulher, mas literatura é homem”, né, a gente tem essa imagem de que homem são mais letrados e literatos... de fato isso ainda é uma coisa muito difícil de tirar... a gente vai... eu acho que o *Leia Mulheres* é um passo de formiguinha quanto a isso. (FUNDADORAS LEIA MULHERES, 2020).

O relato das mediadoras nacionais condiz a uma das justificativas principais para a existência da iniciativa *Leia Mulheres*: a marginalização da escrita de autoria feminina, em contraste com o reconhecimento literário majoritariamente masculino. Dito isso, com o objetivo de evidenciar e visibilizar as *narrativas* encontradas ao longo da pesquisa, sintetizo no quadro 2 a lista de obras e escritoras escolhidas para leitura em cada um dos clubes durante o período de observação, juntamente do ano da primeira edição do livro.

QUADRO 2 – Calendário dos quinze encontros observados

	CLUBE	DATA	TÍTULO/GÊNERO	AUTORA	ANO
1	<i>Marechal Deodoro</i>	26/mar	<i>Mulheres e a caça às bruxas/ Acadêmico</i>	Silvia Federici	2019
2	<i>Belém</i>	27/mar	<i>Terra das mulheres / Romance</i>	Charlotte P. Gilman	1915
3	<i>Mauá</i>	31/mar	<i>A menina submersa / Romance</i>	Caitlín R. Kiernan	2012
4	<i>Caxias do Sul</i>	10/abr	<i>Fun Home: uma tragicomédia em família / HQ</i>	Alisson Bechdel	2006
5	<i>Belém</i>	24/abr	<i>A vegetariana / Romance</i>	Han Kang	2007
6	<i>Mauá</i>	28/abr	<i>Coração na aldeia, pés no mundo / Cordel</i>	Auritha Tabajara	2018
7	<i>Marechal Deodoro</i>	30/abr	<i>Eu, Tituba, bruxa negra de Salem / Romance</i>	Maryse Condé	1986
8	<i>Caxias do Sul</i>	08/mai	<i>As boas mulheres da China: vozes ocultas / Memórias</i>	Xinran	2002
9	<i>Sinop</i>	23/mai	<i>A vida mentirosa dos adultos/ Romance</i>	Elena Ferrante	2019
10	<i>Mauá</i>	26/mai	<i>Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismos / Contos</i>	Lu Ain-Zaila	2019
11	<i>Marechal Deodoro</i>	28/mai	<i>Quem tem medo do feminismo negro? / Acadêmico</i>	Djamila Ribeiro	2018
12	<i>Belém</i>	29/mai	<i>Sangue negro / Poesia</i>	Noémia de Sousa	2001
13	<i>Caxias do Sul</i>	12/jun	<i>A vida que ninguém vê / Memórias</i>	Eliane Brum	2006
14	<i>Sinop</i>	20/jun	<i>A nova mulher e a moral sexual / Acadêmico</i>	Alexandra Kollontai	1918
15	<i>Sinop</i>	22/ago	<i>Fique comigo/ Romance</i>	Ayòbámi Adébéyò	2017

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do quadro 2, pontuo que foram lidas três autoras publicadas no século XX, duas das quais já falecidas, e doze escritoras contemporâneas, com obras editadas a partir no início do século XXI. Tratando-se do gênero literário das publicações escolhidas para leitura nos encontros observados, é possível verificar sete estilos diferentes, embora o romance permaneça enquanto o gênero mais lido com seis obras, aspecto sublinhado nos questionários e demais estudos. A bibliodiversidade na curadoria das narrativas também é corroborada pelos relatos das cocriadoras da iniciativa no *Festival Leia Mulheres*.

A gente tenta sempre incentivar que os clubes escolham o mais diverso possível de países de origem das escritoras, de temas, de gêneros literários e afins, né, e tem livros que a gente não consegue ler, não consegue porque são caros, porque não tem acesso pessoal, só tem em ebook... então fica muito complicado a gente colocar para discutir um livro que só existe em ebook no clube porque não é todo mundo que tem um e-reader, né, então outra ideia do festival é colocar essas autoras para divulgar o trabalho dela nas nossas conversas, autoras mais desconhecidas, autoras de editoras independentes. (FUNDADORAS LEIA MULHERES, 2020).

Seguindo nessa direção, a seguir insiro uma breve contextualização acerca das narrativas e autoras, conforme a ordem do quadro anterior.

Mulheres e a caça às bruxas (2019), de Silvia Federici (1942-), filósofa, professora e ativista feminista italiana radicada nos Estados Unidos, historiciza o início das perseguições às mulheres acusadas de bruxaria. Ao examinar o contexto europeu, a autora articula essa forma de violência à ordem econômica, às marcas de controle da sexualidade feminina e à representação negativa das mulheres. Diante disso, Federici expõe como as denúncias e a punição de “bruxas” se mantêm atual, principalmente no Congo, Quênia, Gana, Nigéria e Índia.

Terra das mulheres (1915), romance da escritora feminista estadunidense Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), revela como seria uma sociedade composta exclusivamente por mulheres. Acompanha três homens exploradores curiosos pelos achados científicos do país utópico e por um impulso dominador masculino.

A menina submersa (2012), de Caitlín Rebekah Kiernan (1964-), paleontóloga de origem irlandesa e autora de obras de ficção científica, fantasia, séries de quadrinhos, contos, novelas e vinhetas, é um romance de fantasia sombria narrado por Imp, uma menina que se apoia nos livros como companheiros na luta contra seu histórico genético esquizofrênico e paranoico. Para tentar reconstruir seus pensamentos e evitar a maldição de sua mãe e avó suicidas, a protagonista começa a escrita de um livro de memórias, além de buscar lembranças sobre a relação com sua namorada e consigo mesma.

Fun Home: uma tragicomédia em família (2006) é um quadrinho de memórias da cartunista e ilustradora estadunidense Alison Bechdel (1960-). O livro autobiográfico narra a infância e juventude da autora lésbica na zona rural da Pensilvânia, enfatizando a difícil relação com o seu pai.

A vegetariana (2007), romance da escritora sul-coreana Han Kang, é narrado por três personagens, contando a história de Yeonghye, uma mulher que decide parar de comer carne. Isso, para sua família e marido, transforma-se em um pesadelo, pois durante sua vida inteira eles a pressionaram para ser “normal”. Foi baseado na obra original da autora, *The Fruit of My Woman*, de 1997.

Coração na aldeia, pés no mundo (2018) é o primeiro livro da cordelista indígena nordestina Auritha Tabajara (1980-). Ilustrado com xilogravuras de Regina Drozina, o cordel narra a jornada da autora que compartilha seus conhecimentos, tradições e histórias através da escrita. É publicado pela Uk’a Editorial, de Lorena-SP, selo comprometido com a literatura indígena contemporânea, e comercializado online na livraria Maracá, especializada em literatura indígena produzida no Brasil.

Eu, Tituba: bruxa negra de Salem (1986) é um romance da escritora guadalupense Maryse Condé (1937-). Reconta em ficção a história de Tituba, uma das primeiras mulheres julgadas por praticar bruxaria nos tribunais de Salem, em 1692. Órfã desde a infância, foi criada por uma mulher que a iniciou nos mistérios da cura. Quando adulta, foi escravizada e levada para a Nova Inglaterra. Apaixonou-se por um homem e abdicou, por ele, da própria liberdade.

As boas mulheres da China: vozes ocultas (2002), livro de estreia da jornalista chinesa Xinran (1958-), narra histórias verídicas coletadas entre 1989 e 1997, quando a autora era apresentadora de um programa de rádio em Nanquim, denominado “Palavras na brisa noturna”. Ela entrevistou mulheres de diferentes idades e condições sociais, com o objetivo de entender a situação da mulher na China moderna. A partir de memórias envolvendo humilhação e abandono, a exemplo de estupros, casamentos forçados, decepções amorosas, miséria e preconceito, ela discutia aspectos do cotidiano e dava conselhos aos ouvintes.

A vida mentirosa dos adultos (2019), da italiana Elena Ferrante⁸⁶ (1943-) narra a história de Giovanna, uma garota de doze anos que mora na parte alta e distante da cidade de Nápoles, no sul da Itália. Filha de dois professores de classe média, desde muito cedo ela possui acesso aos livros, educação, e discussões provenientes do grupo de intelectuais que frequentam a sua casa. Em meio a esse ambiente cultural efervescente, a realidade que conhece está prestes a ser

⁸⁶ Pseudônimo. A autora mantém segredo sobre sua verdadeira identidade.

rompida. Em 2020, foi anunciada a adaptação do romance para uma série original Netflix em parceria com a produtora italiana Fandango.

Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismos (2019) é um livro de contos da carioca, pedagoga, ativista social e escritora afro-brasileira de ficção científica e literatura fantástica, Lu Ain-Zaila⁸⁷. É composto por 12 contos de inspiração afrofuturista, que misturam, por exemplo, empregadas domésticas e terror social, Maracatu e *Sword & Soul*, patrimônio histórico e mistério e cultura e mitologia africana. A obra é publicada de forma independente pela autora que também elaborou a capa. Atualmente está disponível apenas em e-book distribuído pela Amazon.

Quem tem medo do feminismo negro? (2018) é um livro de teoria feminista, da filósofa e militante brasileira Djamila Ribeiro, que reúne um longo ensaio autobiográfico inédito e uma seleção de artigos publicados de 2014 a 2017 pela autora no blog da revista *Carta Capital*. Ao recuperar memórias de sua infância e adolescência, discute o que chama de “silenciamento”, processo de apagamento da personalidade, sendo um dos muitos resultados do racismo. Ao fim da adolescência, quando atua na Casa de Cultura da Mulher Negra, Djamila entrou em contato com autoras que a fizeram ter orgulho de suas raízes e querer tornar-se visível. Desde então, dialoga constantemente com intelectuais como Chimamanda Ngozi Adichie, bell hooks, Sueli Carneiro, Alice Walker, Toni Morrison e Conceição Evaristo. A obra é publicada pela editora Companhia das Letras, de São Paulo.

Sangue negro (2001) é o único livro de Noémia de Sousa (1926-2002), chamada “Mãe dos poetas moçambicanos”. Composto em 46 poemas escritos de 1948 a 1951, retrata a resistência da mulher e dos povos da África. Também questiona o processo de independência e libertação política de Moçambique, além de reivindicar ao ideal de nação africana.

A vida que ninguém vê (2006), da repórter, documentarista e escritora gaúcha Eliane Brum (1966), explora histórias de pessoas reais e acontecimentos cotidianos que não viram notícia. Apresenta desde o mendigo que jamais pediu esmola até o carregador de malas do aeroporto que nunca voou, provando, assim, que não existem vidas comuns. Publicado pela Arquipélago Editorial, de Porto Alegre, foi vencedor na categoria melhor livro de reportagem do Prêmio Jabuti em 2007.

A nova mulher e a moral sexual (1918) é uma obra de Alexandra Kolontai (1872-1952), líder revolucionária russa e teórica do marxismo, além de membro do partido bolchevique e militante ativa durante a Revolução Russa de 1917. É composta por dois textos que fazem uma

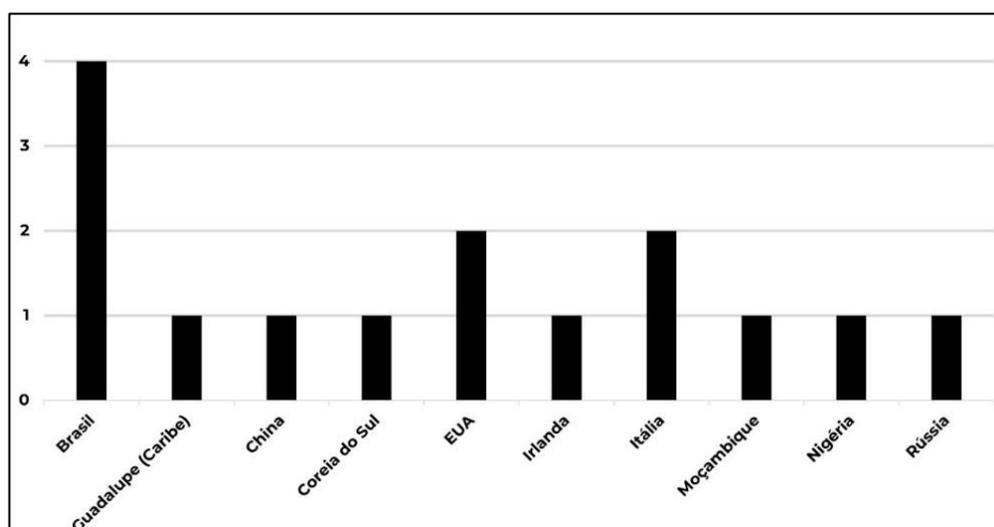
⁸⁷ Não encontrei informações referentes ao ano de nascimento da escritora.

análise da situação da mulher sujeitada aos códigos morais da propriedade privada na sociedade burguesa. Propõe a necessidade de refletir sobre o aprendizado político e as novas relações de classe e gênero, onde homens e mulheres possuiriam direitos e responsabilidades iguais, com respeito à individualidade e apoio mútuo.

Fique comigo (2017) é o romance de estreia da escritora nigeriana Ayòbámi Adébáyò (1988-). Ambientado na Nigéria dos anos 80, conta a história do casal Yejide e Akin em uma cultura onde se espera que os maridos possuam várias esposas. Apesar de Akin ser monogâmico, Yejide possui dificuldade em engravidar, o que leva a família dele a buscar uma segunda esposa. Em uma tentativa de salvar o casamento, a protagonista sofrerá consequências inesperadas. A obra ganhou diversos prêmios, entre eles *Prix Les Afriques* e *Future Awards África* de Arte e Cultura.

Após a exposição das sinopses, no gráfico 1 apresento a nacionalidade das 15 escritoras lidas, enquanto rastros das relações indissociáveis entre *narrativas e identidades* (MARTÍN-BARBERO, 2002; BRIGNOL, 2021). Pode-se perceber, apenas neste recorte de 15 mulheres, a existência de dez nacionalidades distintas, dentre as quais houve nove autoras situadas fora dos eixos norte-americano e europeu. Destaco ainda que, entre todos os países, as brasileiras foram as mais lidas, indicando a valorização da literatura nacional, tal como apontado pelos questionários e nos relatos das criadoras do *Leia Mulheres*.

GRÁFICO 1 – País de origem das 15 escritoras lidas



Fonte: Elaborado pelo autor

Complementando o dado anterior, evidencio o recorte étnico das escritoras: sete brancas, cinco negras, duas amarelas e uma indígena. Embora seja visível o alto número de

autoras brancas entre as quatro etnias, se consideradas todas as escritoras não-brancas, o índice torna-se maior, ou seja, há 8 mulheres não-brancas.

Na figura 10, apresento a foto e o nome das autoras lidas, os títulos de suas obras e as informações relativas às datas da observação concomitante em cada núcleo da iniciativa, simultaneidade esta perceptível principalmente quando considerados os calendários de Marechal Deodoro, Belém e Mauá.

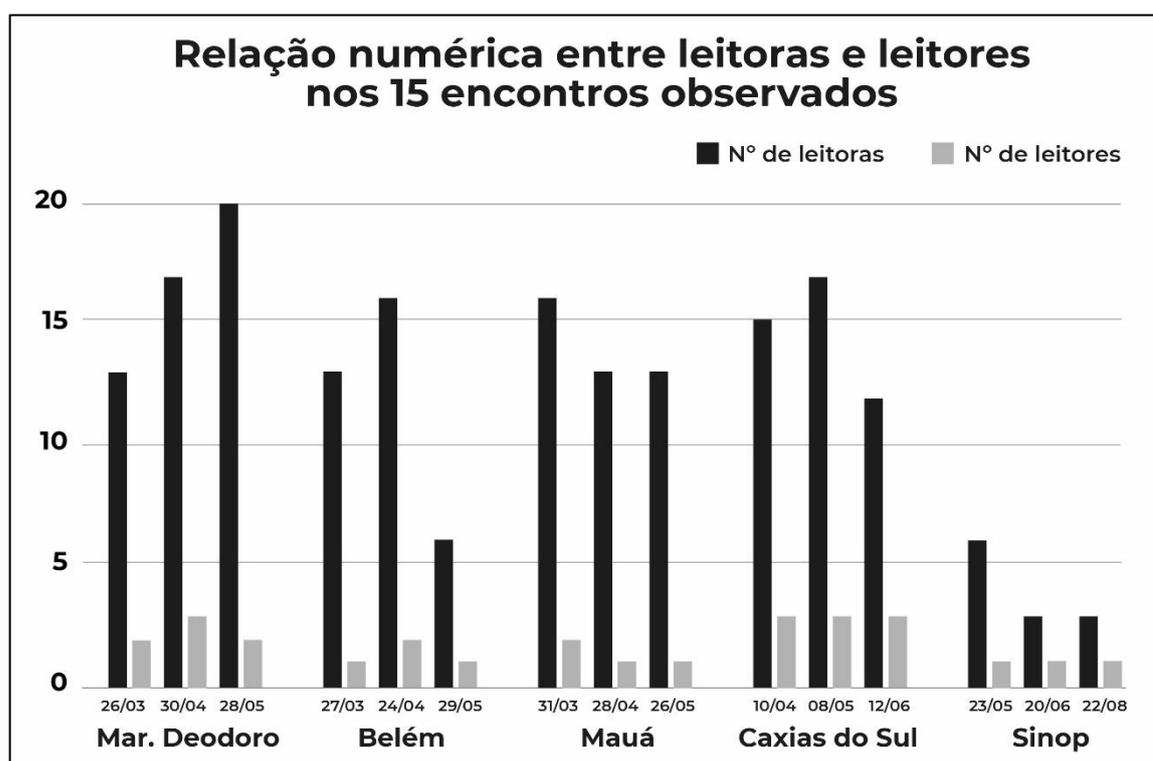
FIGURA 10 – Parte superior dos cards para divulgação das 15 reuniões analisadas



Tais imagens integram os cards-convites dos clubes *Leia Mulheres*, compartilhados no site oficial do projeto e nas redes sociais individuais, respectivamente, pelas mediadoras nacionais e locais. Na figura, pontuo que Sinop possui um intervalo temporal maior, porque o grupo optou em não realizar reunião em julho, devido ao calendário acadêmico da UNEMAT, campus Sinop, onde uma das mediadoras possuía vínculo docente e as demais participantes eram discentes. Todas estavam em época de provas e trabalhos finais.

Referente ao número de mulheres e homens participantes nas 15 reuniões observadas (gráfico 2), constato que 12 é a média aproximada de leitoras, enquanto a média de leitores está em dois. Ao total, quantifiquei 210 participações, com média de 14 participantes por encontro, número bem próximo de 15, média de leitoras e leitores indicada na etapa dos questionários com as coordenadoras dos clubes.

GRÁFICO 2 – Número de leitoras e leitores nos encontros observados



Fonte: Elaborado pelo autor.

Se não fosse contabilizada minha presença, em sete discussões só haveria integrantes do gênero feminino. O número máximo de homens nos debates foi três, e as mulheres atingiram 20. Na última observação de Marechal Deodoro, o número de leitoras superou em 10 vezes o número de leitores. Sinop foi o único núcleo em que não houve homens além de mim durante

a observação participante, embora eu tenha visualizado pelo *Instagram* do clube que em maio, mês relativo ao encontro “perdido” devido à confusão de horários, havia um leitor no registro fotográfico do evento online. Portanto, tal como percebido na etapa dos questionários e na consulta de outras investigações sobre clubes de leitura, a participação de homens nos clubes *Leia Mulheres* mostrou-se rara ou esporádica, indicadores relacionados sobretudo à mediação das *identidades*.

4.3.3 Meu diário é um livro aberto: reflexões etnográficas

Neste espaço, escrevo um panorama das minhas impressões etnográficas, considerando as observações *in loco digital*. Em consonância com Guber (2011), Travancas (2011) discorre sobre a importância do texto como um dos elementos fundamentais da etnografia.

É claro que o pesquisador não é apenas um transmissor de falas ouvidas. Para isso bastaria um gravador e alguém que transcrevesse as fitas. Seu papel fundamental é interpretar. Interpretar o que está sendo dito, observado e sentido. O trabalho final do antropólogo - seu texto - é fruto de muitas vozes. Das vozes nativas, das vozes dos autores com quem dialoga e da sua própria voz. E sabe-se que o texto produzido pelo pesquisador não pode ser visto como algo separado da sua pesquisa de campo. (TRAVANCAS, 2011, p. 138).

Compartilho que boa parte dos *insights* de pesquisa foram digitados primeiro no celular, onde para mim a escrita vem mais fácil; sinto maior autoria e liberdade criativa. Parece que estou contando a um amigo que logo irá responder questionando o que seriam as “tais mediações” que tanto falo. Se começo pelo computador, no *Microsoft Word*, o texto “nasce” vigilante e preocupado com regras da ABNT. Houve dias em que as ideias vieram antes do sono, então a praticidade do bloco de notas no *smartphone* teve maior sucesso enquanto suporte material para redação.

Quanto ao caderno utilizado durante os encontros, houve ocasiões com reuniões entre poucas leitoras em que não escrevi mais de uma página, pois me senti desconfortável se apenas eu estava com a câmera desligada. Da mesma forma, estar concentrado em tomar notas enquanto as pessoas me “assistiam” poderia soar falta de respeito e atenção aos seus relatos. Nesse processo, a câmera ligada foi essencial para demonstrar apoio ao que era dito por todas e todos, isto é, que eu estava atento a fala de cada um(a). Assim, durante a observação participante preferi anotar apenas o estritamente necessário, deixando maiores detalhamentos para momento posterior.

Ingressava nas reuniões ciente que minha entrada interferia no campo. Contudo, para participar do clube basta ser leitor e isso de alguma maneira me mobilizou a interagir nos encontros, a partir dos relatos das mediadoras, leitoras e os raros leitores que apareceram. Neste ponto, compreendo Travancas (2011, p. 131-132), tendo em vista meu pertencimento enquanto leitor que “não era ‘em si’ um problema ou ameaça. Mas o que eu poderia fazer com ele? Ou, invertendo a perspectiva, que vantagens eu poderia tirar deste fato?”.

Depois de me apresentar e contar minha proposta, vi que isso acabou gerando um senso de importância “nossa, estamos representando o nordeste inteiro!”. Posto que existem mais de 160 de clubes no país, a escolha individual ocasionou um “status”, circunstância que eu não tinha imaginado ou previsto. Escolhi os cinco clubes pensando mais no caráter comparativo e multilocalizado proposto por Hine (2016) e pelo desafio literário nacional do *Leia Mulheres* para o ano de 2021, contudo involuntariamente foi construída uma relevância. Ora, de todos os clubes da macrorregião, o delas havia sido “o escolhido”. Isso me levou a refletir ainda mais sobre a complexa relação simbólica construída durante essa interação com as leitoras. A percepção delas por se verem “transformadas” em objeto de pesquisa foi algo inesperado para mim naquele primeiro momento quando estava muito preocupado se seria ou não bem recebido nas reuniões abertas.

Julgo que a delimitação em acompanhar três encontros por clube foi suficiente para entender alguns padrões de comportamento das mediadoras, leitoras e leitores. A primeira inserção constituiu-se mais exploratória e com maior estranhamento de ambas as partes, ao menos nos primeiros minutos de chamada. Iniciei as observações em março justamente porque planejava um tempo maior dedicado ao período de estranhamento, o que no campo acabou revelando-se em apenas alguns primeiros minutos de nervosismo e apresentações mais formais. Há medida que mais pessoas novas ingressavam no grupo, às vezes coincidentemente no mesmo dia que eu, já não me sentia tão “forasteiro”. Ao longo desse processo etnográfico, notei que os clubes estavam acostumados com o fluxo de novos participantes. Isso oportunizava que contassem suas trajetórias e conhecessem os “novatos” e/ou “novatas”.

Na segunda e terceiras observações, já mais confiante, foi possível perceber alguns rituais que se repetiam nos cinco núcleos: roda de apresentação quando havia novos membros, introdução das mediadoras sobre a autora e o livro do mês, conversa geral sobre a narrativa, registro em *printscreen* dos participantes com os livros (em suporte impresso ou digital – *Kindle* ou *smartphone*) e avisos finais relativos ao próximo encontro. Alerta que se estivesse observando apenas um clube, seria um período relativamente curto. Todavia, em virtude de a

etnografia priorizar a descrição densa, avaliei que não haveria necessidade de estender o trabalho de campo, arriscando um excesso de informações ainda maior do que as 32 horas de gravação registradas.

Minha preparação para cada encontro consistiu em pesquisar resenhas das obras no *YouTube*, considerando que não teria disponibilidade para ler 15 livros em um intervalo de cinco meses⁸⁸. Desejei não apenas manter uma “ignorância metodológica” (GUBER, 2011), como também uma “ingenuidade literária”, pois julguei que poderia representar desinteresse perante os clubes se eu optasse em ler *algumas* narrativas quando infelizmente não conseguiria ler *todas*. Assim, estive aberto e curioso às surpresas provenientes do campo em sua dimensão midiática (do livro) e inventiva (dos seus usos).

Em retrospectiva do caminho trilhado, tento procurar por percalços metodológicos após a grande mudança representada pela pandemia com a troca de objeto no início do mestrado e os (des)encontros durante a escolha dos cinco núcleos. Porém, uma vez dentro das comunidades, foi fácil chegar até as leitoras e leitores. Os clubes são abertos e gratuitos por natureza; o que por si só levou à facilidade na entrada ao campo. Isso não significa que todos os clubes são iguais, muito menos que as opiniões e debates convergem para uma concordância unânime, conforme já alertado por Sedo (2011). Há várias divergências amistosas, decorrentes de impressões pessoais marcadas pelos usos das leitoras e leitores enquanto sujeitos sociais situados, com sua própria história cultural complexa e vivências particulares atravessadas por marcadores sociais. (GOMES, 2004).

Posso afirmar que não senti hostilidade de ninguém, nem mesmo quando levantei a possibilidade de gravar os encontros. Convém relatar que todas as reuniões online foram registradas com o auxílio da extensão “Screen Recorder”, recurso gratuito para uso no navegador *Google Chrome* que possibilita gravar janelas (ecrãs) em vídeo e áudio. As gravações foram autorizadas pelas mediadoras, elemento formalizado por meio do registro audiovisual de cada clube. Os arquivos somaram ao total 32 horas – referentes aos quinze encontros observados –, ou seja, uma duração aproximada de duas horas para cada.

Depois de inserido nas dinâmicas de cada comunidade, os receios praticamente se dissiparam. Estava tão preparado psicologicamente e teoricamente para o “temido” estranhamento que fui surpreendido pelo *acolhimento* das leitoras. Houve mediadora que me enviou artigo, outras que me seguiram no *Instagram*, todas dispostas a contribuir com a

⁸⁸ O romance *Fique Comigo*, indicado por mim às leitoras sinopenses, foi o único livro que conhecia entre os quinze escolhidos. Li a obra em 2018, durante o período de TCC, quando a recebi na caixinha do clube de assinaturas TAG – Experiências Literárias.

dissertação. No clube de Caxias, uma leitora contou uma história tão engraçada que a coordenadora pediu “Jean, depois compartilha [o vídeo] com a gente! Quero assistir quando estiver triste”. Solicitei entrada no grupo de *WhatsApp* do *Leia Mulheres* caxiense e enviei o recorte audiovisual, o que garantiu no mínimo a atualização da minha lista de adesivos no aplicativo.

Também houve momentos em que, quando notei, estava compartilhando experiências muito pessoais ou até alguns dados iniciais sobre os outros clubes analisados. Em Belém, as mediadoras perguntaram acerca dos livros de Sinop, porque em algum momento falei que recentemente havia “viajado” por lá em uma das observações. Em Sinop, por sua vez, as leitoras estavam “sem ideias” para a leitura de agosto e me pediram uma sugestão. Assim, indiquei meu livro favorito: *Fique Comigo*, da nigeriana Ayòbámi Adébayò que marcou simbolicamente a última reunião investigada da dissertação e talvez represente o “clímax etnográfico” da minha interlocução com os clubes de leitura *Leia Mulheres*.

Travancas (2011, p. 129) aponta que a aproximação excessiva com o objeto de pesquisa pode acarretar a eliminação da etapa do “estranhamento como forma de compreensão do outro”. Nessa lógica, embora soubesse que não era um nativo – e nem fingi ser um – no fim das contas sou um leitor. Somado a isso, em decorrência do período pandêmico e do fato de morar sozinho, eu ansiava por conversar sobre qualquer coisa, especialmente sobre livros. Experienciei algo já indicado por Travancas (2011, p. 131): “os produtos da indústria cultural funcionam como uma espécie de elemento comum em indivíduos distantes”. Assim, minha entrada e manutenção no campo ocorreu naturalmente, de forma prazerosa, ou seja, o amor compartilhado pela literatura facilitou minha participação enquanto etnógrafo. Demarco que foi um “privilegio etnográfico” poder realizar esta pesquisa com “pessoas dos livros” tão gentis, prestativas e acolhedoras.

Ainda assim, atentei para interagir apenas quando solicitado pelos integrantes dos clubes e não me preocupei em acompanhar sistematicamente as leitoras e leitores além do momento dos encontros, tentando permanecer o máximo possível “do outro lado”, apesar de ter cruzado em diversos momentos esta fronteira simbólica da proximidade. Concordo com Travancas (2011, p. 130): “nunca se alcançará o estranhamento absoluto, nem tão pouco a familiaridade plena. É acompanhando o movimento desse pêndulo que vive o antropólogo”.

Relembro que, ao “interpretar a interpretação” das leitoras e leitores sobre as obras, estava à procura dos usos sociais das mídias nas reuniões em cada comunidade, isto é, das marcas da relação individual e coletiva com a materialidade e o simbólico nos usos do livro e

da internet, engendrados pelas mediações das *narrativas, identidades, sociabilidades, ritualidades e tecnicidades*. (MARTÍN-BARBERO, 2018; RINCÓN, 2019).

Conforme Travancas (2011), as relações dos indivíduos com os meios de comunicação muitas vezes surpreendem, pois há muitos sentimentos envolvidos, nem sempre previsíveis ou óbvios. Por esse ângulo, na maior parte dos casos, a observação participante exigiu um exercício de *leitura* dos gestos, dos olhares, das conversas paralelas no chat, de quem estava com a câmera ligada ou desligada, de quem possuía uma conexão instável, quem falou mais, quem só ouviu, quem leu e mostrou o livro, quem não conseguiu vencer as 400 páginas do mês e mesmo assim exibiu orgulhosamente seu exemplar na *foto-print* ritualística ao final do encontro. Onde estava cada leitor(a)? A estante aparecia atrás? O espaço doméstico invadiu a tela? Quantos pets abrilhantaram os encontros sem pedir autorização? Confesso que houve diversas ações acontecendo ao mesmo tempo, misturando as fronteiras entre o público e o privado, não só interpolações de outras pessoas/animais ou da oralidade/escrita, mas também aspectos não-verbais de comunicação que competiam pela minha atenção enquanto leitor-observador.

Na avaliação geral desta etapa, ponderei se efetuei uma etnografia mais direcionada aos usos sociais do *Google Meet* do que ao compartilhamento de leitura mediado pelos limites e recursos da plataforma. Nesse ponto, cabe marcar a importância das orientações e da banca de qualificação para sanar preocupações e resgatar o foco da investigação nas práticas de leitura, as quais certamente foram atravessadas pelas *tecnicidades*, mas não se resumem ao ambiente digital ou ao momento de interação entre leitores. Contra visões redutoras (MARTÍN-BARBERO, 2009), prefiro pensar que nos clubes *Leia Mulheres* as disputas entre lógicas de produção e competências de recepção se con(fundem) no ato solidário do *ler com os outros*.

4.4 DO ROTEIRO À ESCUTA DAS LEITORAS: ENTREVISTAS

A indecisão relativa à necessidade de efetuar entrevistas manifestou-se após o período extenso de observação participante. Ora, como dar conta de 30 horas de gravações (que geraram 1850 páginas de transcrições automáticas pelo *YouTube*) somadas a 50 páginas de anotações no diário de campo, além dos dados obtidos nos questionários online? De que maneira as entrevistas poderiam revelar dados inéditos para a investigação? Quais assuntos priorizar, sem que a descrição etnográfica ficasse superficial? Nesse sentido, a exaustiva quantidade de material mostrou-se paralisante, e o momento da qualificação foi decisivo para eu perceber a relevância das entrevistas em profundidade para compreender em mais detalhes as relações das

leitoras com os livros e com o *Leia Mulheres*, enfatizando, sobretudo, as mediações das *ritualidades, narrativas e identidades*, isto é, seus hábitos, relatos e trajetórias com a leitura. Tais informações pessoais, embora presentes na observação, configuravam-se em falas difusas e às vezes não tão desenvolvidas por consequência da dinâmica grupal.

A escolha das leitoras se deu por dois critérios: em virtude do perfil profissional de cada uma, com base nas suas apresentações durante os encontros, sobretudo porque nos questionários não aprofundei essa temática referente às mediadoras; e pensando em leitoras com níveis distintos de participação, algumas que falavam menos e outras mais participativas.

O contato com elas se deu por mensagem direta via *Instagram* e posteriormente via *WhatsApp*. Nesse processo, fui surpreendido com a rápida disposição das entrevistadas, pois contabilizei apenas 15 dias entre o período do contato inicial com a primeira leitora até finalização da última entrevista. Se delimito apenas pelo intervalo de concretização das conversas (a primeira em 16 de novembro e a quinta em 23 do mesmo mês), foram somente sete dias. Penso que isso se explica em efeito da proximidade proporcionada pela observação nos encontros, isto é, elas já me conheciam de outros “meets”, o que facilitou nossa negociação. Quando as convidei, expliquei que era a última etapa metodológica da minha pesquisa, porém a dinâmica seria a de um bate-papo informal, assim como acontece nos clubes.

Assim, foi possível aprofundar algumas questões-chave observadas nos encontros com cinco leitoras escolhidas de modo que houvesse perfis distintos, não apenas geograficamente, mas também na dimensão profissional e relativa à faixa etária.

A entrevista é aberta, ou seja, novas questões podem ser levantadas, tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador. A princípio tudo que está sendo dito interessa e é importante porque ajuda na compreensão do entrevistado, do grupo a que pertence e das lógicas da sua cultura. As entrevistas costumam ser longas, têm várias horas de duração, podem ser realizadas em vários encontros em dias e locais diferentes e têm muitas vezes a função de contar histórias de vida. Começam do começo, com nascimento, data, local, dados biográficos do entrevistado e de sua família. (TRAVANCAS, 2020, n.p.).

Inspirado por Travancas (2020), portanto, deixei que a abertura para escuta individual das leitoras me levasse naturalmente a novas perguntas. Como diferenciais desta etapa, consegui apreender de que maneira cada uma iniciou sua relação com a leitura, conheceu o *Leia Mulheres*, apropriou-se da internet e, especialmente qual é a importância do clube na vida delas. Tratei de questionar sobre assuntos com aderência nas cinco mediações elegidas, ou seja, foram

perguntas⁸⁹ estratégicas a fim de evitar a dispersão da conversa com temáticas secundárias à problemática da dissertação.

Durante o período de agendamento das datas, a leitora de Caxias do Sul solicitou a possibilidade de eu enviar o roteiro das perguntas, enquanto a de Sinop indagou se as questões seriam “difíceis”. Ambas as preocupações revelaram a mim a expectativa delas em relação ao que se espera de uma investigação acadêmica, talvez consequências de um senso comum de ciência como algo complexo que necessitaria um preparo para estar “à altura” de contribuir com a pesquisa. De todo modo, utilizei a oportunidade para tranquilizá-las, explicando que as perguntas se caracterizavam mais em um “bate-papo sobre livros”, inclusive este foi o nome do evento que criei no *Google Agenda*, não apenas para a organização da etapa metodológica como também a fim de reforçar a dimensão descontraída das reuniões.

Tratando-se do momento das entrevistas, iniciei as conversas com agradecimentos pelo aceite, seguidos de uma breve contextualização sobre a investigação e os meses quando participei dos clubes de cada leitora. Com o objetivo de auxiliá-las a lembrar da minha presença e estabelecer um ponto de partida, mencionei também os livros daqueles encontros, pois percebi durante a observação participante que as *narrativas* são usadas como referência, mais do que as *temporalidades*. Foram frequentes as situações em que as leitoras citavam o encontro “do livro de fulana”, muito mais do que a reunião “do mês tal”, assim me vali disso para “quebrar o gelo” do início da entrevista. Em virtude de a observação em alguns clubes ter sido finalizada há seis ou cinco meses, julguei que essa estratégia introdutória colaborou para reativar as memórias dos encontros em que estávamos participando juntos, reestabelecendo um laço de confiança e segurança para dar seguimento ao diálogo.

Desse modo, todas as interlocuções foram efetuadas por meio da plataforma *Google Meet* e gravadas via extensão *Screen Recorder*, sempre considerando os apontamentos de Travancas (2020):

[...] o pesquisador não inquirir seu entrevistado, não julga seu discurso, suas atitudes, suas escolhas. Ele escuta. Ele não está em busca de uma resposta verdadeira, ainda que ele queira a “verdade” do seu entrevistado. Uma verdade pessoal, subjetiva. A falta de resposta a uma pergunta pode e deve ser encarada como uma resposta. O próprio fato de um entrevistado não querer responder a uma questão, por exemplo, pode dizer tanto dele e de sua visão de mundo quanto uma resposta. (TRAVANCAS, 2020, n.p.)

É importante salientar que houve situações nas quais as leitoras, sobretudo as de Belém e Sinop, mostraram-se vulneráveis ao compartilhar relatos íntimos sobre si e sua família. Isso

⁸⁹ O roteiro completo, que totalizou 25 perguntas abertas, está disponível no Apêndice B.

demandou novamente uma postura acolhedora baseada na escuta e, por vezes, na sensibilidade de alterar o assunto quando se percebia que determinada temática tocava em instâncias delicadas e difíceis de externalizar, a exemplo: casos de racismo e a descoberta da ancestralidade. Longe de indicar uma fuga ou falta de interesse pelos relatos, a mudança de tópico, nessas condições, foi necessária para atenuar dores de experiências passadas, evitando o possível risco de imprimir um tom terapêutico para a entrevista.

A fim de manter o anonimato no procedimento metodológico, propus que as leitoras escolhessem um pseudônimo com base em alguma autora que elas admirassem⁹⁰. No entanto, em virtude de Melissa, uma das entrevistadas, ser escritora iniciante, levantei a possibilidade de manter sua identidade enquanto maneira de divulgar seu trabalho através da minha pesquisa, ideia prontamente aceita pela leitora-autora⁹¹:

Eu acho que não vou revelar nada complicado, então seria legal ter o nome, porque escritor independente nesse país é guerra de guerrilha (risos). A gente pega o livro, bota na mochila e vai vender, então qualquer espaço de divulgação... a gente vai por todas as brechas. Podia tá matando, podia tá roubando, mas tô fazendo literatura (risos). Se fosse escolher um pseudônimo, seria Clarice [Lispector]. (MELISSA).

Um fato curioso durante o processo de escolha dos pseudônimos mostrou-se quando a segunda entrevistada desejou ser identificada como Conceição, o que não foi possível porque o nome já fora escolhido pela primeira leitora com quem conversei. Igualmente, a opção inicial da terceira entrevistada era Bell, a qual, por sua vez, havia sido apropriada como plano B pela segunda leitora⁹². Embora as situações tenham sido constrangedoras para mim, no sentido de intervir nas decisões para evitar confusões futuras, as leitoras levaram a mudança com bom-humor e rapidamente apresentaram alternativas. Em conjunto à homenagem da terceira leitora à Djamila Ribeiro, percebi a importância do reconhecimento às escritoras negras para o pequeno grupo de cinco entrevistadas, três delas mulheres negras.

Após finalização das reuniões, enviei por e-mail o termo de autorização (apêndice C) para anuência das leitoras em relação à participação no estudo e gravação das entrevistas apenas com finalidades acadêmicas.

⁹⁰ A ideia é inspirada pelo trabalho de Goulart (2021) cujos clubes *Leia Mulheres* observados foram anonimizados, recebendo os títulos de *Firmina* e *Ponciá*, em referência, respectivamente, à escritora Maria Firmina dos Reis e ao livro *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

⁹¹ Site da escritora disponível em: <<https://melissasuarez.com.br/>>. Acesso em 12 dez. 2021.

⁹² Depois da entrevista, a segunda leitora solicitou por e-mail a alteração do nome para Gloria, verdadeira identidade de beel hooks.

Alcancei um total de oito horas de entrevistas e um novo universo de dados, a começar pelas características individuais das interlocutoras. Melissa, com quem dialoguei por três horas, confessou ao longo da entrevista que era “muito falante” e ao final me parabenizou por ser um “excelente ouvinte”. Foram recorrentes os desejos mútuos de sucesso profissional, tendo em vista que todas as leitoras estavam ou já haviam passado pelo âmbito universitário – Agatha e Djamila em fase final da graduação; e Melissa, Gloria e Conceição com ensino superior completo, corroborando ao perfil das mediadoras já mapeado nos questionários.

As conversas tiveram duração de uma até três horas, fato que seguramente implica em maiores desafios para transcrição e análise, contudo também observei que nossas relações foram estreitadas de modo prazeroso, como um papo entre amigos. Fiquei aliviado pelas leitoras ainda lembrarem da minha pesquisa e pelo carinho especial que mostraram ao longo da entrevista. Essa relação próxima rendeu algumas fugas ao tema das perguntas quando, por exemplo, Melissa contou uma história de família sobre sua descendência espanhola para explicar por que era bastante enfática em suas colocações, seja nos clubes ou em sala de aula. Já Djamila confessou estar insegura com a defesa de seu TCC, a ser realizada na semana seguinte. Com Gloria (Bell), que foi assinante da TAG Inéditos assim como eu, troquei ideias sobre as pilhas dos livros recebidos, em sua maioria não-lidos, e a importância do aplicativo do clube de assinaturas. Outra circunstância inesperada deu-se logo no início da reunião com Gloria, em que meu interfone tocou (eram os Correios entregando um livro) e precisei me ausentar por 10 minutos. Retornei sem graça, pedindo desculpas, estas aceitas pela leitora com um singelo “tranquilo, acontece nos melhores momentos (risos)”.

Ainda em relação ao perfil, apesar de ciente sobre a complexidade do conceito de classe (DEPEXE, 2015), optei por deixar que cada entrevistada decidisse com qual estratificação mais se identificava (baixa, média baixa, média, média alta ou alta). Ao delimitar isso, escolhi, portanto, não explorar detalhadamente a condição social das leitoras para além da autodeclaração que, independentemente da veracidade em termos estatísticos, certamente oferece indícios de suas percepções sobre as posições que ocupam no espaço social. Gloria, por exemplo, respondeu “acho que sou média baixa né, porque a alta a gente já sabe bem qual é o nível, né? (risos)”, acredito que em alusão à parcela de eleitores do atual presidente.

A seguir, apresento o perfil das cinco entrevistadas: Conceição, no dia 16 de novembro, em uma reunião com duração de duas horas; Gloria, dia 17, uma hora e 15 minutos; Djamila, dia 20, uma hora; Melissa, dia 22, três horas; e Agatha, 23 de novembro, uma hora e 30 minutos. Demarco as profissões de cada uma, pois nos questionários não foi possível apreender esse

aspecto, que despontou como elemento importante para entender a relação das respondentes com o projeto *Leia Mulheres* e a leitura.

4.4.1 Conceição: a bibliotecária do clube de Caxias do Sul – RS

Natural de Lorena, no interior do estado de São Paulo, Conceição é uma mulher branca de classe média com 35 anos que reside com os pais em Caxias do Sul desde 1997. Graduada em Pedagogia e Biblioteconomia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), atualmente é bibliotecária na Biblioteca Central dos Capuchinhos, onde pesquisa livros raros dos séculos XVIII e XIX. Escolheu o pseudônimo em homenagem à escritora, educadora e pesquisadora Conceição Evaristo, além deste também ser o nome de sua mãe.

4.4.2 Gloria: a revisora do clube de Belém – PA

Oriunda de Teresina, capital do Piauí, Gloria é uma mulher negra de classe média baixa com 33 anos que reside em Belém desde 2016, ano em que assumiu um concurso público para o Instituto Federal do Pará. É graduada em Letras – Espanhol pela Universidade Estadual do Piauí e tem uma pós-graduação em revisão textual. Mora sozinha e atua como revisora tanto na editora quanto no centro de referência em educação à distância da instituição paraense. Optou pelo nome Gloria em deferência à escritora, educadora, feminista e ativista social estadunidense Gloria Jean Watkins, mais conhecida como bell hooks.

4.4.3 Djamila: a universitária do clube de Sinop – MT

Djamila é uma mulher negra de classe média baixa com 23 anos que nasceu e reside com a mãe em Sinop, no interior do Mato Grosso. Encontra-se no oitavo semestre do curso de licenciatura em Letras – Português pelo campus sinopense da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) e trabalha como recepcionista em uma clínica do município. Escolheu o pseudônimo Djamila por conta da escritora, filósofa brasileira e militante pelo movimento negro, Djamila Ribeiro.

4.4.4 Melissa: a escritora do clube de Mauá – SP

Melissa é uma mulher branca de classe média com 42 anos que teve seu nascimento em São Paulo, capital, mas desde os primeiros dias de vida reside em São Bernardo do Campo, município localizado a 14 km de Mauá, na região do ABC paulista, dividindo a casa com seus três gatos. É bacharel e licenciada em Letras – Português e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP) e possui uma especialização em língua portuguesa. É escritora, revisora e freelancer enquanto produtora de conteúdo para materiais didáticos, mas também já atuou como professora e dramaturga. Escolheu ser identificada com seu próprio nome, a fim de divulgar seu trabalho como autora estreada.

4.4.5 Agatha: a professora do clube de Marechal Deodoro - AL e outros

Natural de Mauá, Agatha é uma mulher negra de classe média baixa com 40 anos que reside há cerca de 20 anos em Juazeiro, no estado da Bahia. Vive sozinha, é graduanda em Biologia pela Universidade de Pernambuco, campus de Petrolina, e atua como professora de ciências – biologia e filosofia para alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Optou por homenagear a romancista inglesa Agatha Christie, de quem é grande fã. Apesar de não residir em Marechal Deodoro (AL), ela participa do clube deodorense, bem como dos *Leia Mulheres* de Mauá (SP), Juazeiro (BA) e Petrolina (PE)⁹³.

⁹³ Em virtude de sua múltipla participação, possibilitada pela virtualidade, fiz questão de entrevistá-la. Meu primeiro contato com ela foi no clube de Mauá, onde ela nasceu e residiu alguns anos.

5. ANÁLISE DAS MEDIAÇÕES NOS CLUBES *LEIA MULHERES*

Neste capítulo conecto os dados da pesquisa, relacionando-os com a fundamentação teórica, a partir de diversas frentes empíricas: questionários, observação participante e entrevistas. Assim, o material é composto por uma pluralidade de vozes leitoras advindas de diferentes contextos brasileiros. Tal articulação empreendeu-se por meio do “filtro” teórico-metodológico das mediações elegidas (*tecnicidades, ritualidades, sociabilidades, narrativas e identidades*). Suas propostas de ordem distintas, quando colocadas em fricção, frequentemente deslizavam entre si, em movimentos de atração e distanciamento desafiadores à própria coerência da escrita acadêmica. Por exemplo, ao considerar o papel estruturante das *tecnicidades*, pontuo que essa mediação é transversal à maior parcela dos dados coletados, visto que ela perpassa tanto o *ritual* e a *sociabilidade* dos encontros online, quanto as *narrativas* e *identidades* acionadas nas reuniões e entrevistas. A própria mediação das *narrativas*, segundo Martín-Barbero (2002), é um modo de narrar as *identidades*, isto é, as *identidades* têm uma dimensão *narrativa*, sobretudo no momento quando as leitoras elaboram relatos sobre si mediante as histórias discutidas. Em síntese, desejo explicitar que a divisão por “categorias” é meramente a título de sistematizar o conceito flexível de *mediações* apropriado à pesquisa (LOPES, 2014).

Nessa perspectiva, a dimensão etnográfica do estudo auxiliou na apreensão, aos poucos, das regularidades e recorrências de comportamento das leitoras e mediadoras dos clubes, ou seja, alguns códigos e regras sociais perceptíveis apenas há medida que a imersão no campo começava a tomar forma. É preciso notificar, contudo, que não foi possível uma descrição densa de todos os encontros. Privilegiei a densidade proveniente das entrevistas e tentei equilibrar com os dados dos questionários e observação. Assim, com base na minha aproximação- interpretação deste *sensorium* contemporâneo brasileiro dos clubes *Leia Mulheres*, escolhi algumas ocasiões em que mais percebi elementos articulados empiricamente pelas mediações estudadas. Isto posto, neste capítulo delineio a operacionalização das mutações culturais e comunicacionais em leituras compartilhadas pela internet⁹⁴, a começar pelas *tecnicidades*, em respeito à ordem das mediações, proposta e desenvolvida na figura 4, presente no primeiro capítulo teórico.

⁹⁴ Cada subtítulo possui uma frase proferida pelas interlocutoras ao longo do trabalho de campo.

5.1. “É CONFUSO, MAS A CULPA É DO GOOGLE MEET”: TECNICIDADES

Como já exposto anteriormente, a reconfiguração das *tecnicidades* para participação dos encontros, isto é, das linguagens e lógicas de uso dos aparatos e dispositivos tecnológicos (MARTÍN-BARBERO, 2018), possibilitou que eu, um mestrando residente em Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, pudesse desenhar minha pesquisa a partir do contexto pandêmico enquanto observador participante das práticas de leitura em reuniões online de cinco clubes *Leia Mulheres* de norte a sul do país ao longo de seis meses.

A observação inicial quanto à mediação da *tecnicidade* se deu em período anterior às primeiras inserções nas reuniões, tendo em vista que o projeto nacional lança mão de recursos digitais para sua organização, tais como site, aplicativo e redes sociais, estas capilarizadas em mais de uma centena de núcleos locais no país e no exterior, organizados pelas mediadoras. Foi necessário que eu acessasse e acionasse esses locais para, enfim, chegar até clubes de Sinop (MT), Marechal Deodoro (AL), Mauá (SP), Belém (PA) e Caxias do Sul (RS) e suas respectivas coordenadoras, como já descrito no capítulo metodológico.

A seguir divido a análise desta mediação entre as discussões suscitadas pela ótica teórica da plataformização da leitura (MALINI, 2021) e acionadas pelos formatos com os quais as leitoras se utilizam para ler.

5.1.1 Leitoras plataformizadas

O ambiente é o ecrã, formado pelo vozerio de leitoras que se cumprimentam, algumas perguntam se o seu som está adequado, outras ligam as câmeras posicionando-as de modo a enquadrar seus corpos na tela, geralmente dos ombros para cima. No cenário amplo, vislumbro frações de quartos, salas, cozinhas, mesas de trabalho, jardins... Há também quem deseja manter-se “escondido”, mas saúda a todos por áudio ou pelo chat. A interface do *Google Meet* altera-se à medida que os integrantes adentram na videochamada. (DIÁRIO DE CAMPO, CLUBE CAXIAS DO SUL, JUN. 2021).

O relato acima advém de uma das observações realizadas entre março e agosto de 2021 com os clubes *Leia Mulheres*, mas também poderia servir para outras situações, como o início de uma reunião de negócios ou de uma aula na modalidade remota. Em decorrência da pandemia, o mundo vivenciou a migração de diversas atividades para a ambiência digital, o que demandou a muitas pessoas uma capacidade mínima de adaptação. No caso dos clubes de leitura, mediadoras e leitoras decidiram dar um novo uso à internet, tornando-a a ambiência

para manter a comunicação, ou seja, as *tecnicidades* assumiram ainda mais o papel de entorno comunicativo (JACKS; SCHMITZ, 2018) do projeto literário.

Ao interrogar, via questionários, 52 mediadoras de leitura de diferentes clubes sobre as plataformas que utilizam em seus grupos, destaco que a maioria delas usavam simultaneamente *Instagram* (92,3%), *WhatsApp* (78,8%) e *Facebook* (75%) para comunicação e organização dos encontros. A utilização do *Instagram* pode se dever pela popularidade do aplicativo no Brasil, usado por 60% dos leitores com ensino superior, segundo a quinta edição da pesquisa *Retratos da Leitura*. Além disso, a possibilidade da replicação dos convites para os clubes locais pelo perfil oficial do projeto no recurso dos *stories*, aliada à facilidade na postagem de fotos dos encontros e demais imagens com conteúdo literário, são fatores que corroboram ao uso social da plataforma. A entrevistada da região nordeste, Agatha, por exemplo, declarou que conheceu o *Leia Mulheres* de Mauá por meio dos *stories* do perfil oficial do *Leia Mulheres*.

Em contraste, o caráter assíncrono e formal da comunicação por e-mail sugere sua baixa aderência entre as mediadoras respondentes (14,8%), sendo instrumento mais útil a um primeiro contato com as coordenadoras nacionais para esclarecimento de dúvidas sobre a formação dos clubes do que à comunicação rotineira entre as comunidades locais. Notei que o e-mail auxiliou alguns clubes enquanto registro para ingresso na plataforma *Google Meet*, onde a discussão acontecerá. Algumas mediadoras, como as observadas em Mauá e Marechal Deodoro, marcaram os encontros através do *Google Agenda*⁹⁵, ou seja, foi necessário informar um e-mail para cadastro do evento no calendário dos grupos. Outras coordenadoras, a exemplo de Caxias do Sul, disponibilizaram mensalmente no perfil do *Instagram* um novo formulário de inscrição para preenchimento por novos interessados através da ferramenta *Google Forms*.

Ainda sobre os usos de plataformas, exponho que os dados coletados no questionário divergem parcialmente do que observei no site do projeto. Por meio de pesquisa manual na aba “Sobre nós”, em 03 de julho de 2020, encontrei 107 cidades com grupos no *Facebook* e 65 com página no *Instagram*, ou seja, um maior uso do *Facebook*. Destes municípios, constato que 65 gerenciavam apenas grupo no *Facebook* e 22 possuíam somente página no *Instagram*. Por outro lado, 42 apresentavam simultaneamente grupo no *Facebook* e página no *Instagram*, e uma cidade possuía página no *Facebook* e no *Instagram*, sem o uso de grupo. A busca no site também demonstrou que em 33 cidades não há links direcionando para redes sociais digitais, o que pode significar uma comunicação diretamente em grupos privados no *WhatsApp*, como

⁹⁵ Serviço gratuito de agenda e calendário on-line, por meio do qual é possível adicionar, controlar eventos, compromissos, compartilhar a programação com outras pessoas, entre outras funcionalidades.

apontado nos questionários, observação e entrevistas com alta porcentagem do uso do aplicativo. Após análise dessa temática, assumo que poderia ter aproveitado o instrumento quanti-qualitativo para entender quais exatamente eram as plataformas mais recorridas para criação das reuniões mensais. De qualquer modo, o *Google Meet* foi a ferramenta utilizada por todos os cinco grupos que observei, o que indica uma melhor adaptação e maior recepção desses grupos literários à interface e usabilidade da plataforma.

Apesar disso, a entrevistada Melissa participou de poucos encontros no clube de Mauá 2021 e atribuiu o declínio à fadiga das videochamadas⁹⁶. Nesse sentido, também foi possível perceber nas reuniões que a interface do *Google Meet* não apenas mostrava uma galeria de rostos, levando ao contato visual excessivo, como também desgastava os participantes, obrigando-os a se assistir, caso desejassem ser vistos pelos demais.

Verifiquei, portanto, a concentração do uso de plataformas pertencentes aos conglomerados estadunidenses *Meta* (*Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*) e *Alphabet* (*Gmail*, *Google Meet*, *Google Agenda* e *Google Forms*) para a sustentação da infraestrutura digital dos clubes observados. Essa tendência foi apontada por Malini (2021) ao descrever como as grandes corporações tecnológicas impactam nos rumos do mercado editorial e nas práticas de leitores que, especialmente durante a pandemia, se viram diante de uma expressiva dependência algorítmica⁹⁷.

Apesar disso, considerei que o *Google Meet* se constituiu principalmente em uma ambiência mediada (COGO; BRIGNOL, 2011), não na causa e tampouco no motivo para as leitoras reunirem-se. Poderia ser outro espaço digital, como relatado por Agatha, a partir de sua participação em quatro clubes do *Leia Mulheres*. Ela conta que o início dos encontros online foi interessante, porque era uma época de aprendizado para todos, porém as primeiras experiências mostraram-se “bem bagunçadas”. Durante um breve período, o grupo de Juazeiro, cidade onde ela reside, tentou o *Google Meet*, mas não se adaptou, migrando para a plataforma semelhante *Jitsi*, a qual decidiram manter, pois julgaram-na “melhor de conversar”.

Agatha é uma das leitoras que utilizou o momento pandêmico para participar de diversos grupos, fato antes dificultado pela presencialidade das reuniões circunscritas a bares, cafeterias

⁹⁶ De acordo com o repositório de pesquisas SSRN, as mulheres passam mais tempo por dia em reuniões, com intervalos mais curtos entre elas, do que os homens. Também relatam maiores níveis de ansiedade do espelho (ver a si mesmas) e se sentem mais presas às câmeras, com 13,8% mais fadiga em virtude de videoconferências do que os homens. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2021/04/fadiga-do-zoom-pode-perdurar-por-anos-veja-como-lidar>>. Acesso em 17 mar. 22.

⁹⁷ Os algoritmos estruturam e orientam sistemas eletrônicos a executarem tarefas. Além disso, decidem o que o usuário verá na internet a partir de sua ferramenta de coleta dados. Enquanto utilizamos a internet, sobretudo redes sociais digitais, eles identificam quem são os usuários e que tipos de conteúdo mais acessam. Assim, podem prever possíveis interesses em termos de anúncios, sugestões de amizade, etc.

e parques locais. Durante minha observação, com exceção do clube de Sinop, todos os demais revelaram participações como a de Agatha. No caso de Sinop, Djamila confessou a expectativa de que haveria novas pessoas participando na modalidade online, pois identificou a inclusão de vários membros no grupo de *WhatsApp*, contudo ficou desapontada quando, no dia do encontro, eram “sempre os mesmos rostos”. A única mudança destacada em sua fala é a adesão local de uma nova leitora, vinda recentemente do Rio Grande do Sul para residir no município.

Por outro lado, em Caxias do Sul, Conceição visualizou um cenário distinto, com mais participantes de diferentes localidades. Ela já estava acostumada a fazer cursos à distância, a exemplo de sua graduação em Biblioteconomia, então quando notou outros grupos transferindo suas atividades para a internet, incentivou o clube de Caxias do Sul a fazer o mesmo, a fim de manter os laços durante o difícil período da pandemia. “É uma maneira da gente se ver, trocar informação e pelo menos uma vez por mês se encontra. Não vai ter o café com torta na [livraria] Do Arco da Velha depois, mas a gente tem que fazer alguma coisa que não é enlouquecer”. No entanto, ela confirmou que o clube gaúcho demorou para se organizar, mesmo a discussão no *WhatsApp* seguindo presente. Segundo ela, quando reativaram os encontros, em junho de 2020, algumas pessoas não se adaptaram e não retornaram, mas continuaram lendo os livros e conversando pelo aplicativo de mensagens. “Muita gente que trabalha, é professor, dá aula no computador, já tem uma vida no computador... até hoje não voltaram porque falaram ‘pra mim computador é trabalho. Se eu ficar no computador pra lazer também, aí vai complicar’”. Nesse caso, convém pontuar que o momento de crise sanitária é vivenciado de diferentes maneiras pelas leitoras e leitores pertencentes aos clubes. Enquanto para algumas pessoas os encontros online possuem um caráter de união para o enfrentamento do isolamento, isto é, a leitura compartilhada como uma margem de manobra para superação de adversidades (PETIT, 2010), para outras, a ambiência digital é vista como local laboral, exaustivo e não prazeroso.

Relativo às limitações das redes e plataformas, percebi desde o primeiro encontro observado que a conexão era fator determinante para o desenvolvimento das discussões. Foram inúmeras ocasiões em que leitoras ou mediadoras foram desconectadas por conta de quedas de rede. Durante as entrevistas, a única leitora que não apontou esse problema foi Gloria, pois logo que começou a pandemia, ela adquiriu um pacote novo de internet, de outra operadora, e com maior velocidade, para trabalhar remotamente. Na conversa com Djamila, justamente na resposta relativa a essa temática, ela perdeu a conexão por cerca de cinco minutos até retornar apenas em voz: “Até durante as aulas... tenho que desligar a câmera só pra ficar no áudio. Às

vezes nos encontros eu tinha que sair da videochamada... [câmera de Djamilia congela]. Vou desligar a câmera, porque tá meio ruim, minha internet é péssima (risos)”.

Em Belém, houve uma das reuniões do clube em que uma das mediadoras precisou trocar de computador, pois seu notebook estava “travado”. Ela declarou que trabalha remotamente e raramente o desligava. Já em Sinop, uma das mediadoras perdeu, por alguns dias, a senha da conta do clube no *Instagram*, o que dificultou a comunicação e divulgação dos encontros para possíveis interessados que não estivessem no grupo de *WhatsApp*, único canal coletivo e ativo naquele período. Dessa forma, assinalo que além das limitações tecnológicas impostas pela conexão precária, os clubes necessitaram gerenciar problemas devido à qualidade do *hardware* utilizado pelas participantes e ao acesso às plataformas⁹⁸. Foram recorrentes as interposições entre trabalho e lazer, pois muitas leitoras tiveram a possibilidade de realizar suas atividades laborais de casa.

Somado às limitações individuais, o próprio *Google Meet* apresentou dificuldades de uso, sobretudo quando o serviço, em julho de 2021, voltou a cobrar por chamadas com mais de 60 minutos para três ou mais usuários, ou seja, contas gratuitas de *Gmail* depararam-se com a restrição de tempo⁹⁹.

A mediadora do *Leia Mulheres Caxias do Sul*, em meados de agosto de 2021, comunicou sobre essa mudança no grupo de *WhatsApp* de leitores caxienses. Ela enviou dois hiperlinks para salas do *Google Meet*, o que intrigou alguns membros. Em uma tentativa de explicar, ela escreve “sei que é confuso, mas a culpa é do Google Meet”. A frase me chamou atenção, porque por um lado indica o desconhecimento técnico – e comum – que a maioria das pessoas possui acerca das restrições e regras de uso das plataformas (ANDREA, 2020), e por outro, manifesta certa naturalização no uso cotidiano da internet (HINE, 2016) para resolução de um problema em decorrência da imposição tecnológica. Ora, a coordenadora desejava seguir com as reuniões de seu clube de leitura em um ambiente digital já familiar ao grupo desde junho de 2020, quando retomaram os encontros do núcleo gaúcho na modalidade remota. Entretanto, no início de seu “cargo” na mediação, ela criou um e-mail gratuito para o *Leia Mulheres Caxias do Sul*, a fim de autorizar a entrada das pessoas, ou seja, não era uma conta institucional. Por

⁹⁸ A velocidade da internet móvel brasileira está abaixo da média global, de 63.15Mbps para download, colocando o país no 76º lugar entre 138 nações. Embora a conexão avance ano a ano, a baixa performance é reflexo da desigualdade de acesso. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/velocidade-de-internet-no-brasil-esta-abaixo-da-media-e-expoe-desigualdade.shtml>>. Acesso em 17 mar. 22.

⁹⁹ Em maio de 2020, o serviço havia liberado a criação de chamadas de vídeo com duração de até 24 horas e limite de 100 pessoas. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/software/220968-google-meet-gratuito-volta-ter-limite-hora-reunioes.htm>>. Acesso em 05 jan. 22.

isso, apesar de haver participantes que poderiam ofertar essa possibilidade, foi inviável a resolução do entrave tecnológico.

Nos demais clubes, não observei uma divisão dos encontros, o que provavelmente indica que as mediadoras criaram os links das chamadas com contas pagas, seja pela instituição pública onde atuam ou de forma privada. No último encontro frequentado por Conceição, ela inclusive afirmou que o clube caxiense poderia ter discutido além do horário limitado imposto pela plataforma: “Semana passada a gente não foi pra outra sala, continuou falando e de repente foi derrubada! (risos) O Google Meet simplesmente fechou a sala, não deu tempo da gente sair... A gente sentiu a internet derrubando a gente, todo mundo caiu!”. Sua exposição reforça a proposta de d’Andréa (2020) sobre a incorporação da instabilidade dos espaços mediados como relevantes para as pesquisas na internet.

Contrárias à medida restritiva, por meio do *WhatsApp* reparei que as leitoras gaúchas expuseram o descontentamento com a plataforma, pois ao final da “parte dois” do encontro, a mediadora viu-se obrigada a registrar logo a foto do grupo, em seguida se despediram e a reunião acabou. Nesse caso, foi visível que a mudança das regras de uso do *Google Meet* afetou a própria *ritualidade* do encontro, sendo necessário fragmentar a discussão, isto é, um bom exemplo de como a *tecnicidade* dá forma à *ritualidade* dos clubes de leitura online.

Em relação aos dispositivos utilizados para o acesso às reuniões, notei que a maioria das leitoras possuía notebooks e uma minoria se valia de *smartphones*, cenário esperado quando relembro o perfil geral das participantes: professoras, estudantes e demais profissionais de classe média que usam computadores para trabalho/estudo.

Por outro ângulo, observei que a materialidade dos dispositivos mobilizou usos inesperados (ANDRÉA, 2020). Agatha informou ter participado de um encontro com o celular no bolso, enquanto “fazia um bico” em um restaurante, mas confessou que a experiência não foi agradável, pois o barulho do local impedia a escuta do clube. Além disso, uma leitora de Mauá, que foi ao encontro de *A menina submersa* mesmo sem terminar a leitura, não desejava ouvir spoilers¹⁰⁰, então toda vez que alguém estava contando algo sobre o desfecho da história, ela retirava seu fone de ouvido e pedia para ser avisada pelo chat quando estivesse “seguro” retornar à escuta, situação esta que rendeu boas risadas ao grupo. Em Sinop, por sua vez, na discussão do livro de poemas *Sangue Negro*, após uma das mediadoras ler em voz alta uma das poesias, ela diz que estava “ouvindo o cenário desse poema”. Isso porque durante a leitura,

¹⁰⁰ Spoiler significa revelar algo importante que vai acontecer em uma narrativa, geralmente referindo-se ao enredo de livros, séries de TV ou filmes.

escutou o ruído de algum microfone aberto que coincidentemente lembrou o som de uma onda marinha, assim como descrito nos versos declamados sobre pescadores da infância da autora moçambicana Noémia de Sousa. O fato surpreendeu as demais participantes que brincaram sobre o som na performance da leitora ser proposital.

Em todos os clubes, foram frequentes envios de links no chat com indicações de livros, séries, filmes, documentários, vídeos no *YouTube*, podcasts e demais conteúdos relacionados às obras em debate, sugerindo que as demais produções da indústria cultural são fomentadas pelo livro enquanto produto midiático (TRAVANCAS, 2013, 2020).

Enquanto Djamilia acessa conteúdos extras com antecedência, Agatha prefere visualizar esse material após os encontros, mas confessa que a falta de tempo a impede de ver todos os links “salvos para depois” em seu celular. Por outro lado, Melissa tem interesse em conteúdos audiovisuais das histórias, diferente de Gloria que não possui muita afinidade por vídeos ou quaisquer outras informações, até mesmo paratextos¹⁰¹ incluso no próprio livro: “Eu gosto mais de ter a minha a minha própria impressão sobre a obra e aí depois ir lá olhar a biografia dela. Não leio orelhas, sinopse, resenhas, nada, vou direto pro impacto”. Nesse sentido, foi possível verificar que a cultura digital “se agrega à hipertextualidade entre os distintos meios de comunicação social e indústrias culturais [...] e nos processos de interação social no contexto cultural mais amplo.” (BRIGNOL; COGO; MARTINEZ, 2019, p. 194).

Conceição informou que a prática das indicações já era conhecida nos encontros presenciais de Caxias do Sul: “tem um caderninho que a gente levava e anotava a dica de livro e depois colocava no *WhatsApp*. Outras vezes a pessoa que indicou tá com o celular na mão, *WhatsApp* aberto e já envia na hora ou também quando chega em casa”. Nessa direção, posso dizer que a hipertextualidade não foi uma novidade proveniente da modalidade remota, ela apenas ganhou maior intensidade com as reuniões online.

Dentre as entrevistadas, Agatha foi a leitora que mais demonstrou o uso de plataformas de apoio à leitura, como aplicativos de contagem de páginas, leitura de audiolivros pelo *Spotify*, e leitura coletiva via *live* no *Instagram* de uma influenciadora literária. Já Gloria apontou diferentes usos de dois aplicativos para controle de leituras: “O *Cabeceira* uso pra registrar os livros, porque lá não tem tanto recurso assim, mas no *Skoob* eu registro, faço a pontuação, às vezes faço uma resenha ou interajo com outros usuários... O *Cabeceira* não tem isso tudo”.

Tratando-se da proposta de Malini (2021), sobre leitores-seguidores, percebi que apenas Melissa não se encaixou nessa categoria. Ela explicou que não é uma “pessoa das redes”, mas

¹⁰¹ Conjunto de itens que acompanham o texto, trazendo informações para sua identificação e utilização.

aos poucos está mudando isso, até para divulgar seu próprio trabalho enquanto escritora. Além disso, as leitoras também seguem autores no *Instagram*, como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Lázaro Ramos e Antônio Fagundes, além de perfis de influenciadores literários e de outros clubes do projeto *Leia Mulheres*. Assim, o *Instagram* é indicado enquanto a principal rede social por onde acompanham autores, perfis literários e editoras e produzem conteúdo acerca de suas leituras.

Nesse ponto, Conceição demonstrou um compartilhamento literário mais intenso que as demais informantes, mediante produção de conteúdo em seu *feed* pessoal e participação em enquetes e replicação dos convites do clube de Caxias do Sul via *stories*. Somado a isso, ela segue a maioria das integrantes do grupo, tanto no *Instagram* quanto no *Facebook*.

Como sou bibliotecária, quando eu leio um livro muito bom, às vezes uma coleção, posto no *Instagram* com a legenda ‘livro pra quem quer ter uma leitura leve na pandemia, leia isso’ (risos). Quando leio uma coisa muito boa, compartilho no *Instagram* e no *Facebook*. Nos *stories*, quando alguém pergunta ‘o que você está lendo?’, respondo com a capa do livro, ou participo das enquetes. Dependendo do momento, no meu *stories* também coloco só a foto da leitura ou eu mesma pergunto ‘ah, o que você está lendo?’, aí as pessoas respondem. Quando o clube compartilha [o convite do mês] eu posto na véspera ou na antevéspera no *feed*... faço o convite na sexta-feira de manhã porque aí dá tempo do pessoal se organizar, mas desde um mês o convite fica rolando. Quando a mediadora lança o convite no *WhatsApp*, ele aparece nos *stories* de todas as pessoas quase ao mesmo tempo (risos). (CONCEIÇÃO).

A exposição até aqui corrobora à ideia de que as leituras compartilhadas pelas entrevistadas se estendem para além do *Google Meet*. Apesar de haver circulação de materiais hipertextuais no chat do encontro, eles também são postados nos grupos de *WhatsApp* e perfis dos clubes no *Instagram*, onde há maior possibilidade de permanência e busca posterior. Quando o interesse pessoal por literatura é significativo, as leitoras lançam mão de outras estratégias como postagem na linha do tempo de seus perfis pessoais ou nos *stories* das redes *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. Ao incentivar a leitura via indicações nas redes sociais, elas acabam transformando-se em mediadoras de leitura para seus próprios seguidores.

Nos encontros, a maioria das leitoras mostrou-se tecnicamente experiente acerca das competências de uso do *Google Meet*. Esses espaços tecnologicamente mediados tornaram-se público-privados há medida que revelaram informações antes restritas ao ambiente doméstico. Assim, se no amplo campo da recepção o interesse pelo que acontecia na tela passou para o que está na frente dela (ESCOSTEGUY, 2010), este estudo evidencia um outro movimento, isto é, as audiências que se viram sobrecarregadas por múltiplas telas e mecanismos digitais que restringem algumas formas de participação enquanto possibilitam outras.

5.1.2 Formatos de leitura

Para além da experiência subjetiva, as *tecnicidades* perpassaram a materialidade dos aparatos tecnológicos, não somente informando sobre a plataforma que alicerça a ambiência digital, a conexão de internet, o compartilhamento em redes sociais pessoais ou o acesso a computadores e *smartphones* pelas leitoras, mas também revelando seus formatos de leitura em distintas linguagens midiáticas: audiobooks, e-readers e livro impresso.

Gloria demonstrou uma interessante compreensão das possibilidades materiais do livro, enfatizando vantagens e desvantagens de cada suporte: “No físico tem o toque, né, o cheiro, eu gosto de sentir a folha, eu gosto de observar a fonte, eu gosto de observar todos esses detalhes, né, a construção do livro. Ver aquele caderno, a capa... tocar... a textura diferente da folha”. Já no digital ela ressalta os recursos de marcação de trechos, comentários – que ela não gosta de fazer no livro físico – escolha da tipografia para leitura e o modo noturno do Kindle: “às vezes eu deixo a página preta e as letras brancas”. Embora relate que no passado possuía aversão a e-books, atualmente ela não tem um único formato preferido: “o prazer que sinto ao ler um livro físico é diferente do prazer na leitura pelo Kindle”.

Agatha igualmente aponta a facilidade do Kindle para leitura à noite, então às vezes ela chega a adquirir a versão impressa para ler de dia e a versão digital para o período noturno, antes de dormir. Essa dupla aquisição deixa a leitura “mais rápida” em sua opinião. Para ela, outro fator que determina o formato seria o tamanho da obra, um interessante exemplo das articulações entre *tecnicidades*, *ritualidades* e *narrativas*: “livro grande tento ler pelo Kindle, mas não consigo, parece que você não sai do lugar e ali no físico você tem o controle, dá pra fazer cronograma”. Se Gloria destaca a marcação como vantagem do digital, Agatha coloca essa possibilidade para o impresso. Independente disso, as duas leitoras sofrem de insônia e, nesses momentos, preferem a companhia do Kindle.

De maneira oposta à Gloria e na direção de Agatha, Melissa não possui problemas em rabiscar no impresso: “é legal pegar o livro na mão, marcar a página. Você grifa no Kindle, mas não é a mesma coisa.” A escritora conta que quando lê no formato digital, faz prints de trechos inspiradores, como aconteceu na leitura de *Torto Arado*¹⁰², mas prefere grifar no impresso: “você tem uma apropriação, na hora que você marca uma página, você se apropria de alguma coisa ali. É muito mais fácil fazer no livro físico. Sem contar a capa colorida, tem outro estímulo ali”.

¹⁰² Romance de Itamar Vieira Júnior, vencedor dos prêmios Leya, Oceanos e Jabuti.

Djamila, por questões financeiras, muitas vezes lê o PDF dos livros no celular, mas afirma com convicção que não é seu formato preferido: “parece que não crio uma conexão, parece que falta algo, sabe? A gente tá muito distante... Posso tá entendendo a história, mas é como se não tivesse me conectado com a história”. A prática de Djamila me fez refletir, no sentido de que nem sempre a frequência de leitura em determinado formato implicará necessariamente em uma preferência por aquele suporte. Relembrou-me que há outras mediações atuando, no caso dela questões de classe que em alguns momentos podem sobrepor-se às demais. Em situação similar, Melissa, que também prefere ler em papel, declarou que 90% dos livros que leu nos últimos dois anos foram digitais (PDF ou Kindle): “não sei se esgotei disso, a questão da pandemia e muita tela. Tenho que criar coragem e comprar o aparelhinho, porque leio no site na Amazon”. No caso da escritora, o cansaço físico vem em decorrência do astigmatismo, uso dos óculos e brilho excessivo das telas.

Assim sendo, nas entrevistas despontaram tanto a corporalidade da leitura como elemento decisivo nas práticas das leitoras, quanto as suas percepções acerca da materialidade do objeto livro. Seus relatos reiteraram que as formas, suportes e estruturas de recepção escrita afetaram consideravelmente os possíveis usos e interpretações pelas leitoras (CHARTIER, 1998).

Ainda sobre os contextos particulares das leitoras, Agatha e Djamila residem em regiões distantes, onde o custo dos livros é encarecido, sobretudo pelas lógicas desiguais de distribuição editorial no país, o que impacta no preço do produto em livrarias locais ou nos fretes de entrega. Por isso, para elas a escolha do formato depende majoritariamente do preço.

Os livros estão muito caros, muito caros mesmo, pelo menos aqui o frete de Mato Grosso é muito caro, e aí eu tento procurar em PDF e quando eu não vejo que tem outra opção, aí eu vou lá e compro e parcelo meu rim (risos). (DJAMILA).

Os livros na livraria aqui na minha cidade são muito caros. Então compro mais pela internet aí eu fico mesclando, quando tá bom de preço. (AGATHA).

Nessa perspectiva mercadológica, Melissa sente-se culpada por adquirir livros pela *Amazon*, considerando o caráter predatório da multinacional em relação às livrarias e editoras de menor porte, como a Patuá, por onde lançou seu próprio livro: “é desesperador, porque você sabe que é barato, que eles fazem dano no mercado [editorial] e não pode comprar na *Amazon*, mas é tão rápido, né?”. Apesar da crítica, ela e as demais entrevistadas informaram que o maior acesso a livros nos últimos dois anos de pandemia foi via lojas virtuais, sobretudo *Amazon*. Para

Djamila, a pandemia pareceu encarecer ainda mais os livros. Ela foi a única das cinco leitoras que relatou ir à biblioteca desde o início da pandemia, mas apenas uma vez.

Conceição, embora também compre na distribuidora multinacional, foi a única que seguiu frequentando livraria, pois possui residência próxima e, durante o período mais rigoroso de distanciamento social, o estabelecimento valeu-se de estratégias de entrega com os devidos cuidados sanitários, além de ofertar desconto de 20% no valor dos livros para todos os membros do clube caxiense.

Na livraria tinha um esquema que a gente encomendava os livros e como eles têm uma janela, eles desciam os livros [faz gesto imitando uma corda] e a gente pagava por pix, eles fizeram logo um pix... transferência bancária, a gente dava um jeito de pagar. A gente só chegava ali e a dona... a gente só batia “Oi, tô aqui!”, aí ela abria a janela, jogava o livro pra baixo, era uma janela baixinha, ela oferecia e eu pegava e ia embora. Ela já entregava embrulhado... eles fizeram toda uma técnica de livros que eles colocavam dentro de uma sacola de papel e embrulhavam nessa sacola com o logo da livraria e eles também mandavam entregar, mas como eu moro a duas quadras da livraria, eu subia [a rua]. Era uma aventura pegar o livro. (CONCEIÇÃO).

Nessa direção, as entrevistas corroboraram ainda mais para que a investigação não ficasse demasiadamente centrada na internet, afinal há conexões de natureza imprevisível entre os âmbitos online e offline (HINE, 2016), como o caso da livraria caxiense.

Tais dados contrastaram em parte com os questionários realizados no segundo trimestre de 2020 com 52 mediadoras dos clubes. Segundo o instrumento, cerca de 70% das respostas indicavam que participantes dos clubes adquiriam as obras por lojas online, livrarias e sebos, via empréstimo – em bibliotecas ou entre amigos – e através de disponibilização de e-book. Os altos índices de acesso em meios presenciais podem ser decorrentes do momento recente, pois o questionário foi preenchido apenas dois meses após o decreto de isolamento. Nesse mesmo período, a pesquisa Painel do Varejo de Livros no Brasil apontou queda de 47,6%, quando comparado com abril de 2019. Já um ano depois, em abril de 2021, as varejistas registraram faturamento de R\$ 145,8 milhões, crescimento de 122% em relação a 2020, quando a receita apurada foi de R\$ 65,7 milhões¹⁰³. Percebeu-se que os clubes seguiram adquirindo as obras, fomentando o mercado editorial em um momento decisivo.

Por outro lado, as leitoras com quem conversei em novembro de 2021 apresentaram seu acesso aos livros concentrado no *e-commerce*. O contexto conflui para a informação de que o faturamento com a venda online de livros dobrou de R\$ 500 milhões para R\$ 923 milhões em

¹⁰³ Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2021/05/14/o-varejo-de-livros-um-ano-depois-do-inicio-da-pandemia>>. Acesso em 16 fev. 22.

2020, com 84% de aumento, segundo pesquisa da Nielsen Book e da Câmara Brasileira do Livro (CBL)¹⁰⁴, tendência ainda mais consolidada em 2021.

Os posicionamentos das leitoras convergem com a proposta de Chartier e Scolari (2020) acerca da coexistência de diferentes formatos e meios de acesso nas práticas de leitura contemporâneas, escolhidos conforme seus usos específicos. Tal coexistência não significa que todos os leitores deveriam ler ou teriam interesse por todos os formatos, mas sim que há espaço e opções de leitura em diferentes linguagens midiáticas. Nesse aspecto, Conceição é enfática quanto a ler apenas no impresso, em virtude da mobilidade e manuseio do livro: “não preciso ter carregador, não vou ficar sem bateria. Sou do livro físico, então essas plataformas, tipo *Skoob*, *Whatpadd*... não sou adepta”. Mesmo quando foi presenteadada com um Kindle, contou que o aparelho “ficou na gaveta” até devolvê-lo. A mediação tecnológica digital que consegui identificar em seu momento individual de leitura encontra-se em uma lista de desejos alocada em seu celular onde ela anota os livros quer ler e comprar.

No quadro 3, sintetizo os aparatos e formatos utilizados pelas entrevistadas para leitura.

Quadro 3 – Dispositivos e formatos de leitura das entrevistadas

	LÊ EM TELA?	FORMATOS
CONCEIÇÃO	Não	Impresso
GLORIA	Sim, dispositivo Kindle e smartphone	Impresso, mobi e outros ¹⁰⁵
DJAMILA	Sim, smartphone	Impresso e PDF
MELISSA	Sim, Kindle pelo computador	Impresso, mobi e PDF
AGATHA	Sim, dispositivo Kindle e audiobook	Impresso, mobi e áudio

Fonte: Elaborado pelo autor.

Cabe destacar que todas as entrevistadas privilegiam o formato impresso, apesar de Gloria também preferir igualmente o Kindle, e de Conceição ser a única que não utiliza dispositivos eletrônicos para leitura. Desse modo, as preferências das demais leitoras são corroboradas pelos questionários com as mediadoras, onde notei que as práticas de leitura transitavam entre o impresso e o digital, não havendo concorrência ou predominância de um suporte sobre o outro.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/pme/pequenas-empresas-grandes-negocios/noticia/2021/08/08/pequenas-livrarias-ganham-forca-com-vendas-pelo-e-commerce-durante-a-pandemia.ghtml>>. Acesso em 16 fev. 22.

¹⁰⁵ Gloria possui em seu *smartphone* um aplicativo de leitura chamado *Librera Reader*, o qual comporta diversos formatos de livro que vão além do mobi, único formato suportado pelo Kindle.

Segundo os questionários, enfatizo que os maiores índices de acesso se deram mediante compras em lojas online (82,7%) e por meio de e-books (82,7%). Este dado pode estar relacionado ao momento inicial de distanciamento social no Brasil, com fechamento de livrarias físicas e regras sanitárias rigorosas para o manuseio de entregas presenciais, indicando a preocupação das mediadoras em cumprir o isolamento naquele período.

Apesar da flexibilidade para as regras sanitárias em 2021, o acesso e os formatos de leitura das entrevistadas seguiram afetados pela pandemia, isto é, assim como as mediadoras em 2020, as leitoras também optaram por manter a aquisição via internet, quatro delas intercalando entre os formatos impresso e digital. Portanto, não se pode menosprezar o impacto da *temporalidade* pandêmica no modo de acesso às obras e seus respectivos formatos, mediante a decisão das leitoras por não mais frequentarem livrarias presenciais, ou, quando o fazem, é de forma rápida e incomum, como o caso de Conceição.

Parafraseando Chartier (1998), afirmo que a mutação pandêmica nos clubes *Leia Mulheres* será, ou melhor, já consiste ela mesma em uma mutação cultural e comunicacional das práticas de leitura. Participar de um clube virtual é diferente de frequentar um sarau literário na praça da cidade, pois se abrem novas possibilidades e usos. A reprodução online dos encontros presenciais modifica o ritual: ela substitui o contato offline pelos recursos visuais e sonoros advindos das interações nas plataformas; à captura imediata da leitora, ela a enquadra na câmera, tornada visível conforme sua escolha, aparato tecnológico e conexão. Dito isso, na sequência exploro como a dimensão das *ritualidades* foi percebida nesta conjuntura digital para além dos formatos de leitura em tela, oferecendo ainda mais reflexões sobre a relação leitura/pandemia.

5.2 “MEU RITMO DE LEITURA FOI AFETADO, PORQUE PASSEI MUITO TEMPO EM CASA”: RITUALIDADES

Neste estudo, considero as *ritualidades* em duas dimensões: uma de ordem individual, relativa aos hábitos de leitura das entrevistadas, e outra de aspecto coletivo, articulada aos cenários de interação entre leitoras nas reuniões. Assim, ao longo do trabalho de campo, observei que as *ritualidades* constroem as dinâmicas de funcionamento do clube de leitura – repetição mensal dos encontros, escolhas das narrativas e calendários de leitura, organização das falas pelas mediadoras –, além de revelarem o próprio ritmo como cada participante lê – local, horário, frequência, entre outros. Por conseguinte, divido a análise nesses dois âmbitos.

5.2.1 Hábitos individuais de leitura

Seria incorreto afirmar que os hábitos de leitura das entrevistadas são completamente individuais. Observei, por exemplo, que durante a leitura algumas leitoras comentam suas impressões em grupos de *WhatsApp*, publicam fotos dos livros em suas redes sociais, entre outras práticas que retiram momentaneamente o ato de ler de um fazer solitário. Muitas vezes a própria compra de determinado livro é fruto da indicação de amigos ou do clube. Ainda assim, optei por nomeá-los “individuais”, com base nos usos e apropriações específicos que cada leitora faz do objeto livro em seu cotidiano. (CHARTIER, 2011). Isto posto, o quadro 4 resume os principais hábitos de leitura das entrevistadas.

Quadro 4 – Hábitos de leitura das entrevistadas

	LOCAL	HORÁRIO PREFERIDO	FREQUÊNCIA	TÍTULOS LIDOS EM 2021
CONCEIÇÃO	Quarto, sala e consultório	Noite	Diária	20
GLORIA	Quarto e locais de espera	Noite	Diária	18
DJAMILA	Quarto	Noite	Semanal	8
MELISSA	Quarto, sala e praia	Noite	Diária	21
AGATHA	Quarto, sala e fila	Noite	Diária	50

Fonte: Elaborado pelo autor.

Todas as leitoras apontaram o quarto como o local onde mais leem, aliado ao horário noturno. Elas explicaram que isso se deve, sobretudo, ao alto volume de estudo/trabalho durante o dia que contrasta com o silêncio/descanso proporcionado pela cama à noite. Agatha e Gloria, sofrem de insônia, então quando estão dificuldade para dormir, ligam o Kindle no modo noturno e leem até que adormeçam. A professora destaca que prefere dormir e acordar mais tarde, pois para ela a “rotina de levantar e ler é difícil”. O hábito, aliado ao número de obras lidas – uma média de leitura muito acima de 2,5 livros inteiros lidos no contexto nacional apontado pela pesquisa *Retratos da Leitura* – indica que as leitoras priorizam a prática silenciosa e a leitura extensiva (CHARTIER, 1998) em um primeiro momento, para depois transformarem a atividade em um fazer coletivo nos clubes.

A seguir, nos relatos das leitoras, fica ainda mais evidente que o hábito de ler está relacionado ao bem-estar do corpo, como uma atividade prazerosa, relaxante e até mesmo terapêutica de autocuidado.

Frequentemente leio no quarto antes de dormir... fiquei muito tempo de homeoffice, voltei agora em agosto, e o quarto é o local mais silencioso, aí apaga a luz... a televisão... desliga o celular. O momento que mais leio literatura de lazer é de noite. Durante o dia às vezes preciso ler um livro porque vou emprestar ou por causa do Leia Mulheres. (CONCEIÇÃO).

Leio diariamente, porque a leitura para mim é aquele momento de tirar o stress, né. Tem gente que liga a TV, tem gente que bota uma música, tem gente que dá uma corrida, tem gente que sei lá... liga pra alguém... eu tenho que ler alguma coisa. Então eu leio uma página que seja assim pra mim já... ser aquele momento pra eu esquecer de tudo e ficar bem, então eu leio diariamente. É terapêutico, psicologicamente e fisicamente. (GLORIA).

Gosto de ler no meu quarto, de noite. Como é só eu e minha mãe, durante o dia a gente faz muita movimentação e minha mãe deita cedo, então lá por sete ou oito horas eu gosto de ler um pouquinho que tá silêncio. (DJAMILA).

Ultimamente tô lendo diariamente, nem que eu leia pelo menos uma página por dia, mas é diariamente, todo dia eu pego mesmo pra ler, porque geralmente na hora de dormir, independente de eu tá cansada ou não, pego ele e dou uma lidinha. (AGATHA).

Quando vou descansar do trabalho, vou ter um momento de lazer, eu me peguei sendo muito mais a pessoa que tá pegando o livro pra ler do que vai tá maratonando série. (MELISSA).

Vale ressaltar a constante comparação das interlocutoras entre a literatura e o audiovisual, indicando que o uso dessas *narrativas* midiáticas não é simultâneo, isto é, em suas *ritualidades* privilegiam a leitura perante outras formas de lazer, como a TV e o *streaming*. Isso não descarta o uso de outras mídias que, segundo Travancas (2020) são partes da indústria cultural, assim como o produto midiático livro.

Contrariamente às demais leitoras, Melissa não costuma ler antes de dormir, embora também preze pela leitura em momento anterior ao jantar. Segundo ela, se o livro está em seu início e a leitura “não engatou”, é aceitável ler antes do sono, inclusive ela descreve seu ritual de preparação: “tô bonitinha, de banho tomado e pijaminha, liguei o abajurzinho pra não precisar desligar a luz depois quanto tô meio sonolentazinha...”. Porém, se julga boa a leitura, ela não consegue dormir, por isso geralmente não realiza essa atividade com enredos que a deixam entusiasmada.

As entrevistadas também indicaram outros locais onde leem com menos frequência. Conceição é conhecida pela secretária de seu cardiologista como “a menina que anda com livro na mão”, tamanha é a presença física do objeto em seu cotidiano, ou melhor, em sua bolsa: “só

não pode ser calhamaço (risos)”. De maneira semelhante e formato distinto, Gloria possui os aplicativos de leitura “sempre à mão”, geralmente para ocasiões quando sabe que passará maior tempo de espera em algum lugar. Melissa, lembrando o período pré-pandêmico, confessou que adorava ler na praia: “férias é leitura, sempre foi isso. Você vai viajar e sempre tem a questão de quais livros vai levar pra ler, três ou quatro livros pra viagem porque posso querer mudar. Escolhia primeiro os livros do que as roupas”. Já Agatha gosta de ler enquanto aguarda em filas.

Entre os fatores que alteraram o ritmo de leitura das entrevistadas, a pandemia foi o mais citado, seguida do excesso de trabalho e/ou estudo – que também pode estar associado ao momento pandêmico¹⁰⁶. Gloria, que possui um contator de leituras em seu *smartphone*, informou ter lido 20 livros a mais em 2020, se comparado a 2019, justamente por conta do trabalho na modalidade remota. Ela descarta ter rotina certa para ler, mas sabe que todo dia haverá um tempo dedicado aos livros.

Meu ritmo de leitura foi afetado porque eu passei muito tempo em casa, né, eu tive esse... não sei se privilégio, né... talvez seja isso... de trabalhar em casa esse período. Então, como a minha demanda de trabalho no começo da pandemia foi muito alta e aí depois deu uma relaxada, uma quebrada, então tinha muitos intervalos durante o dia... então foi afetada no caso por eu ler mais. Eu consegui ler muito, muito mesmo na pandemia. (GLORIA).

Agatha também aumentou seu número de leituras, mas por razões distintas: o incentivo de um desafio literário e, posteriormente, a participação em quatro clubes de leitura. Ela destacou que em 2018 soube da proposta *#Desafio1LivroPorMês* da TAG – Experiências Literárias, empresa do ramo editorial que entrega kits de livros por assinatura: “antigamente eu lia cinco livros por ano... eu passava tempos lendo só um livro, lia um pouquinho e parava... aí a TAG lançou o desafio nos 12 meses por ano, um cada mês... foi onde eu comecei a ter essa rotina”. Antes da pandemia, ela ainda passava dias sem ler, mas depois de conseguir acesso a outros *Leia Mulheres*, foi consolidando sua própria rotina literária dedicada aos grupos. Mediante cronogramas diários, distribuídos em páginas ou em capítulos, leu de quatro a cinco títulos por mês, resultando na marca de 50 livros lidos em 2021.

¹⁰⁶ As cinco interlocutoras declararam que a maior parcela de 2020 foi efetuada em home office. Entre algumas das consequências da pandemia na esfera trabalhista, as pesquisadoras da Fundação Osvaldo Cruz, Monica Olivar e Thaís Cândido (2022, p. 244) destacam: “altas taxas de desemprego, informalidade e baixos rendimentos; longas e intensas jornadas de trabalho, desrespeito às normas de saúde e segurança do trabalhador e assédio moral; altos índices de acidentes e adoecimento.”.

Agora vou muito da questão de datas, tipo Petrolina é primeiro, aí vem Juazeiro, aí às vezes acontece de... porque lá é último sábado, última sexta, última quarta... aí agora ocasionou de ser primeiro Petrolina, o de Mauá, o de Marechal e por último o de Juazeiro. Aí às vezes já muda: o último é o de Mauá ou de Marechal, aí eu sigo quem é primeiro. Às vezes tem livro que não rende e atrapalha a leitura, e tu passa um tempão com ele e os outros tem um tempinho só pra tu ler (risos), aí não dá tempo e por isso que acaba às vezes acontecendo de eu não conseguir terminar. Ultimamente elas tavam com livros grandes... 300 páginas... aí complica. (AGATHA).

É interessante observar, no caso de Agatha, a importância de empresas do mercado editorial utilizarem seu alcance nas redes sociais digitais para incentivar a leitura. Isso demonstra que a matriz mercadológica impactou nos hábitos de leitura da professora – ainda que ela não fosse assinante do clube –, o que facilitou sua organização quando começou a participar de mais clubes de leitura pertencentes à iniciativa *Leia Mulheres*. A fim de diminuir o intenso ritmo de leitura, ela admitiu na entrevista que pretende declinar da participação no clube deodorense e possivelmente do clube paulista quando os encontros voltarem à modalidade presencial.

Conceição igualmente apresentou sua relação com os calendários dos clubes e leituras pessoais através de metas estabelecidas anualmente, como se desafiar a ler um livro a mais do que no ano anterior: “Ano passado fui além da meta, cheguei entre 20 e 21 livros. Ano sim e ano não eu leio mais que o ano anterior, depende do andamento do ano. Até brinco: 2020, quero ler 21; 2021, quero ler 22...”.

Enquanto Gloria, Conceição e Agatha exibiram um acréscimo na quantidade de livros após o início da pandemia, Djamila e Melissa demonstraram adversidades no ritmo de leitura em decorrência de suas atividades acadêmicas e laborais, respectivamente. A universitária sinopense, que lê uma vez por semana e finalizou cerca de oito livros em 2021, desabafou sobre ter problemas em casa que dificultaram a leitura. Além disso, a faculdade absorveu seu tempo e energia, sobretudo nos últimos dois anos, fator que implicou em ler nos poucos momentos em que estava disposta e com intervalos na rotina.

Minha frequência de leitura hoje em dia tá bem fraca. Um livro de cento e poucas páginas, bem pouquinho, eu demoro uma semana pra ler! Meu raciocínio não tá indo muito bem. Tô há dois anos com o TCC... então é muito desgastante você tá ali vendo que não acaba... Você só foca numa coisa e depois não tem energia pra ficar lendo no celular. Mesmo usando óculos, meus olhos doem muito. Às vezes não tô com vontade, outras vezes me forço a ler pra tipo, tentar, aí quando vê já tô lendo calmamente, tô gostando da história... (DJAMILA).

Nesse ponto, enquanto estudante que também priorizou diversas vezes a pesquisa em detrimento da literatura, fiquei comovido com o relato de Djamila. Percebi em sua fala certo

constrangimento em virtude do seu “baixo”¹⁰⁷ número de títulos lidos, a maioria acadêmicos direcionados ao seu TCC. Quando iniciou no clube, ela diz que se cobrava a ler, mas atualmente, mesmo com a consciência pesada, frequenta os encontros independente do término da leitura: “não consegui ler, mas vou participar, porque gosto muito da presença delas, quero saber o que tão discutindo, o que é... alguma coisa que tão falando ali pode puxar outro assunto que eu possa contribuir talvez.”.

Ela acredita que a cobrança para finalizar as leituras seria uma preocupação normal para qualquer membro de clubes de leitura, pista que surgiu frequentemente durante as reuniões que participei. Percebi que as leitoras se colocam a pressão de ler os livros, tendo listas acumuladas e sentindo-se mal caso não finalizem a leitura do mês. As frequentadoras exigem de si mesmas o compromisso com os livros e, caso não consigam concluí-los, justificam-se demasiadamente durante os encontros. Certamente as mediadoras incentivam a leitura, porém não notei sermões a quem, porventura, não tivesse logrado até a última página. Ao contrário, as coordenadoras demonstraram que mais importante do que terminar o livro, é a presença ativa na reunião, fato que experenciei como participante, afinal mesmo não lendo as obras, fui convidado a falar minhas impressões se desejasse, seja sobre o encontro, a pesquisa ou algum assunto relacionado ao enredo.

Agatha já participou de vários encontros sem terminar a leitura, mas privilegia a participação em clubes de *narrativas* que ela pretenda finalizar a história: “depende do livro, se não vou ler quase nada, não compensa muito, mas se geralmente leio mais da metade ou a metade, aí eu participo, porque gosto mesmo, as meninas são muito inteligentes... Eu gosto de aprender.”. Entretanto, ela compartilha da opinião de Djamila, pois se não concluir o livro antes, o do próximo mês logo aparece e fica na espera: “falo ‘ah, depois eu termino esse’. O ano passado eu deixei muito livro em aberto, participava sem terminar. Esse ano eu tive mais esse compromisso, muito poucas leituras mesmo que não consegui”. Assim, a preocupação com o acúmulo de leituras, em decorrência dos calendários e indicações literárias presentes no cotidiano das leitoras e nos encontros, surge enquanto mais um dos incentivos para ler.

A escritora paulista, por sua vez, atribuiu o declínio do ritmo literário em razão do foco atual no processo de escrita de um livro de sua autoria, que ganhou o incentivo Aldir Blanc¹⁰⁸. Aliado a isso, informou a falta de rotina e o cansaço de telas, tendo em vista que lê por meio do

¹⁰⁷ De acordo com a quinta edição da *Retratos da Leitura*, Djamila leu mais que o triplo da média brasileira de livros inteiros lidos em um ano (2,5). O “baixo” índice que ela apontou foi em comparação com as demais participantes do clube.

¹⁰⁸ Lei de fomento à cultura direcionada a prover recursos a projetos culturais.

leitor Kindle no computador: “a minha média baixa, porque eu sei que tá ruim, é de um e meio a dois livros por mês, isso é pouco. Vamos colocar 25 a 26 livros no ano de 2020, um pouco mais que isso em outros momentos. Em 2017, 2018 já cheguei a quatro livros num mês.”.

Quanto à possibilidade de releitura de obras em decorrência do clube, Conceição e Melissa não necessitaram reler nenhum livro dos escolhidos nos calendários, pois as *narrativas* mais votadas mostraram-se fora de sua zona de conforto. A única exceção, para a bibliotecária, foi um conto que estava em uma antologia já lida no clube gaúcho. Gloria, Djamila e Agatha leram apenas um livro cada: *Lugar de fala*, de Djamila Ribeiro, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e *Eu, Tituba, bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé, respectivamente. Seus relatos apontam justamente a oportunidade que o clube oferece em ler obras diferentes do que estão acostumadas. Na observação, as demais leitoras também sublinharam esse fator como um dos motivos para participarem do clube, isto é, descobrir novas histórias e autoras.

Dito isso, as *ritualidades* de leitura das entrevistadas articularam-se diretamente às *temporalidades* e *espacialidades* do momento presente, um *sensorium* contemporâneo que atravessou e modificou seu cotidiano (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019). A pandemia e o trabalho remoto comprometeram suas rotinas, dificultando a concentração em meio ao excesso de demandas e telas (Djamila e Melissa), mas também facilitaram algumas práticas como a possibilidade de ler mais (Gloria, Conceição e Agatha) e a organização do ritmo literário ao acompanhar clubes de outros estados (Agatha).

Embora todas as edições da pesquisa *Retratos da Leitura* demonstrem que os leitores têm a casa enquanto principal lugar de leitura, o período pandêmico de trabalho e estudo remoto certamente intensificou a prática.

5.2.2 Organização e funcionamento dos encontros

A partir dos questionários, aplicados entre maio e junho de 2020, notei diferentes tempos de existência entre os clubes coordenados pelas respondentes: 25% das respostas indicavam grupos com um a dois anos desde a criação; 23,1% menos de um ano; 21,2% entre dois e três anos; 19,2% entre três e quatro; e 11,5% entre quatro e cinco anos de atividades. Os dados informam uma expansão mais acentuada nos últimos três anos (2017-2020), se comparada ao primeiro ano do projeto, quando contabilizava 30 municípios. Nessa perspectiva, direciono o olhar para os cinco clubes observados e sistematizo no quadro 5 algumas de suas informações básicas relacionadas à mediação das *ritualidades*.

Quadro 5 – Ritualidades dos clubes investigados

	INÍCIO DO CLUBE	HORÁRIO DOS ENCONTROS	Nº DE MEDIADORAS MÉDIA DE PÚBLICO
BELÉM	Mai./2016	Último sábado do mês à tarde	2 13
CAXIAS DO SUL	Jul./2017	Segundo sábado do mês à tarde	1 18
MAR. DEODORO	Jul./2017	Última sexta do mês à noite	4 18
MAUÁ	Out./2017	Última quarta do mês à noite	2 15
SINOP	Mai./2019	Penúltimo domingo do mês pela manhã	2 5

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro revela que três dos núcleos observados surgiram no mesmo ano, o que sugere uma maior capilarização dos clubes a partir de 2017, conforme corroborado pelos questionários. Em relação à quantidade de organizadoras, os números destoam, pois enquanto os grupos onde participei tiveram maioria de uma ou duas mediadoras, o instrumento quantitativo demonstrou que 67,3% das respondentes notificaram que os seus clubes possuíam três ou mais leitoras-guia, nos termos de Yunes (1999). Das 21 mediadoras que haviam marcado encontros presenciais com limite de dez pessoas, 11 indicaram possuir três ou mais parceiras de mediação, ou seja, o número de participantes não necessariamente é proporcional ao número de mediadoras e vice-versa. Essa consideração também se mostrou coerente se vislumbrada a média de público nos cinco núcleos, em que o clube coordenado por uma única leitora (Caxias do Sul) possui a mesma média de frequentadores que o grupo mediado por quatro mulheres (Marechal Deodoro)¹⁰⁹. De todo modo, na observação participante não percebi dificuldade para as mediadoras coordenarem as falas, pois as leitoras inscreviam-se no chat, o que acabava por registrar a ordem dos comentários. O recurso era frequente, sobretudo nos clubes de Mauá, Caxias do Sul e Marechal Deodoro, com maior número de participantes.

Nesse ponto, de acordo com os questionários, os debates dividiam-se entre conversas livres conduzidas por alguns tópicos gerais (55,8%), reuniões sem roteiro ou regras (30,8 %) e bate-papo com roteiro de perguntas (7,7%). Em resposta complementar da questão, algumas respondentes contaram que, geralmente no início da reunião, fazem uma breve introdução da autora, sugerem tópicos para “quebrar o gelo” e partem para o debate livre sobre a obra, dinâmica similar ao identificado no trabalho de campo.

¹⁰⁹ Cálculo da média com base no número de frequentadores relativos aos três encontros observados em cada clube.

Em nenhum momento da minha observação, as mediadoras exigiram a participação dos membros. Pelo contrário, seu papel era de incentivo, motivação e provocação, como alguém que deseja ver seu clube desenvolver “vida própria”. Não distingui uma relação hierárquica mediadora-leitora¹¹⁰, pois quanto mais as leitoras interagiam sem o “pontapé” da coordenadora, mais as mediadoras pareciam confortáveis para se comportar como leitoras comuns sem a responsabilidade de conduzir a conversa a algum trecho ou tópico de discussão pré-estabelecido, apesar de notar que todas possuíam uma espécie de “roteiro”, acionado esporadicamente ao longo da reunião.

Na observação com o clube de Marechal Deodoro, por exemplo, a mediadora explicou que a discussão pode ser por capítulos ou não, a depender do dia e da vontade dos participantes, corroborando à proposta flexível de debate.

Cada clube é diferente mesmo. O de Marechal acho super bacana, por conta que tem bastante jovens, né, então leitura que tô vendo agora, nunca imaginei, não sabia... eles já têm essa oportunidade de tá lendo agora. Na parte da adolescência, entrando na vida adulta... então acho isso muito legal, a dinâmica deles lá é muito interessante. (AGATHA).

Entre as dinâmicas que destoam do comum (introdução, discussão, despedida), notei algumas particularidades, como no clube deodoroense que possui a “palavra do dia”, um momento ao final de cada encontro quando os participantes podem resumir o significado da reunião em um vocábulo. A mediadora explicou que a ideia surgiu com a migração das atividades para o online, pois no presencial havia a “hora do abraço/beijo”, substituída, então, pela interação remota. Na discussão de *Mulheres e a caça às bruxas*, por exemplo, surgiram os seguintes termos: resistência, afeto, ancestralidade, vacina, força, bruxas fofoqueiras, coragem, resgate, *gossip* (fofoca)/ escuta, união/paz e resistência/resgate.

Em Marechal Deodoro, no meu último encontro enquanto etnógrafo, também presenciei o sorteio de um exemplar de *Quem tem medo do feminismo negro?*, de Djamila Ribeiro. O livro pertencia a uma das leitoras que o leu e decidiu doar a algum dos jovens frequentadores: “é uma forma de incentivar a leitura e aprofundar esses laços que a gente cria no Leia Mulheres”. Assim, uma das mediadoras organizou os nomes dos participantes em pequenos papéis e chamou sua companheira, que também é mediadora e estava participando no quarto ao seu lado, para sortear. O ganhador foi um estudante residente em São Miguel dos Campos (AL), que após o encontro foi contatado para a entrega via Correios.

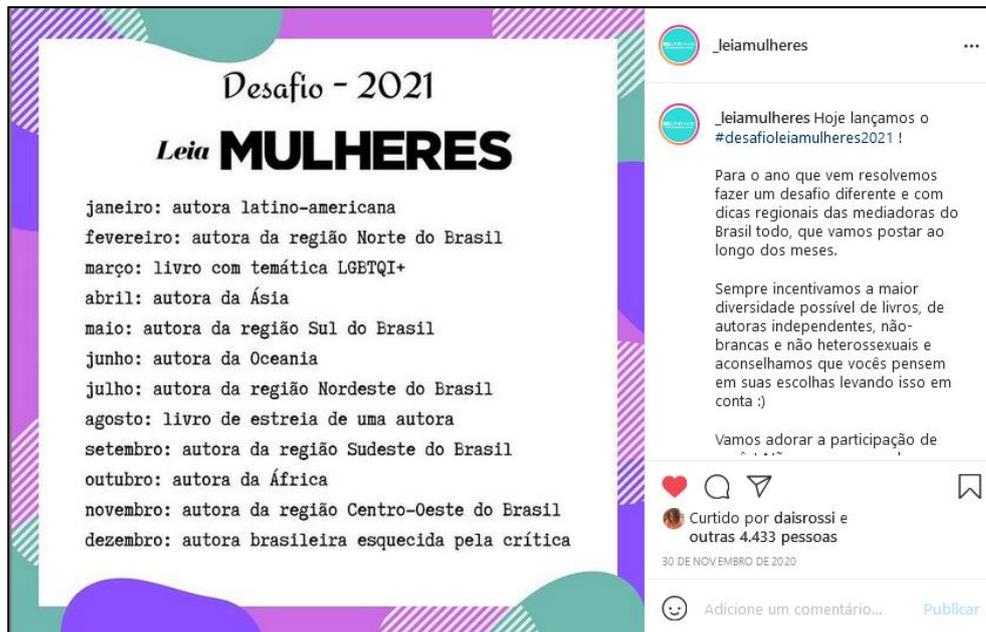
¹¹⁰ Vale pontuar, contudo, que nos grupos com duas ou mais responsáveis verifiquei que havia uma mediadora com maior “autoridade”, isto é, que se mostrava mais participativa na costura das falas entre as leitoras.

Em virtude do remoto, também houve ocasiões em que as mediadoras convidaram autoras nacionais para integrarem as discussões sobre seus livros, o que revestiu o momento de um significado especial. No período de observação, isso aconteceu apenas no clube de Mauá. A leitora-escritora Melissa evidenciou que se sentiu mais incentivada a participar por ter curiosidade pessoal e profissional sobre a percepção das autoras acerca de suas obras, em diálogo próximo com o pequeno grupo: “é um privilégio, dá pra você perguntar umas coisas muito específicas”. Por outro lado, alertou que viu os integrantes agirem diferente, de forma educada, às vezes com posicionamentos sobre o enredo destoantes daqueles compartilhados no *WhatsApp*, ou seja, nem sempre há uma convergência entre o exposto no *Google Meet* – de certa forma mais público quando conta com a presença da escritora – e no grupo mais íntimo de leitores. Nesse sentido, Yunes (1999) defende que encontros com autores não se categorizam enquanto clubes de leitura, pois corre-se o risco de os leitores sentirem-se intimidados pela presença do(a) escritor(a), e a reunião pode ganhar um tom solene, similar a uma palestra, como de fato foi informado pela leitora paulista.

Agatha e Melissa, ambas frequentadoras do clube paulista, foram convictas quanto à qualidade do gerenciamento grupal pelas duas mediadoras de Mauá. Agatha aponta que “é nota 10”, entre todos os clubes que participa, porque as coordenadoras são “muito prestativas”: “teve um livro que eu não tava conseguindo ler, aí no encontro mesmo elas falaram que se eu tivesse avançado, teria gostado.”. Já Melissa destaca o acolhimento e o diferencial da organização: “as meninas... a gente faz umas análises, vai pra uns lugares e perspectivas diferentes e entram uns debates que eu acho divertidíssimo.”.

Nos questionários, em pergunta de múltipla escolha sobre a seleção das obras, 80,8% das mediadoras indicaram que os livros são eleitos por votação entre os membros, enquanto 40,4% apontaram que elas próprias escolhem as *narrativas*. Segundo relatos na opção “outro”, houve clubes onde as mediadoras fazem uma pré-seleção de alguns títulos para votação pelos participantes, ou seja, haveria uma espécie de “curadoria literária democrática” com a participação tanto das mediadoras quanto das leitoras e leitores.

Os desafios literários anuais da iniciativa *Leia Mulheres* configuram-se em auxiliares para as mediadoras e leitoras no momento de escolha dos livros, ofertando categorias abertas, conforme indicado na figura 11 a seguir. Nesse sentido, cabe comparar se os cinco clubes observados de março a agosto de 2021 seguiram as sugestões do projeto nacional, isto é, se a *institucionalidade* do *Leia Mulheres* atravessa a curadoria dos núcleos locais.

FIGURA 11 – Desafio *Leia Mulheres* 2021

Fonte: Postagem disponível em <<https://www.instagram.com/p/CIN3M9BJXNP/>>. Acesso em 01 ago. 21.

Talvez em virtude de ter adentrado nos clubes quando seus calendários de leituras já estavam em andamento, não foi em todos os núcleos que identifiquei citações das mediadoras ao desafio de 2021, apesar de todas elas mencionarem, no início dos encontros, principalmente quando há novos membros, um breve resumo do que se trata o *Leia Mulheres*. De qualquer forma, a partir dos seus calendários já definidos e compartilhados nos perfis de *Instagram*, foi possível verificar se os grupos seguiram o desafio proposto.

Logo no primeiro encontro de Sinop, constatei que a escolha dos livros era efetuada de forma livre, ao final de cada reunião, por meio de indicações dos próprios participantes. Ao fim da segunda inserção etnográfica, as leitoras estavam “sem ideias” para a leitura de agosto e, para minha surpresa, pediram a mim uma sugestão, o que sugere a flexibilidade do núcleo quanto a não calendarizar suas leituras anualmente, deixando com os participantes o “poder de escolha”, característica única e diferente dos demais clubes.

O clube de Mauá seguiu o desafio, lendo autoras brasileiras do sudeste e nordeste. No entanto, não foi exatamente nos meses propostos na postagem. A exceção foi em março, em que leram *A menina submersa*, narrativa que coincidiu com a categoria temática LBGQTQI+. O núcleo de Belém também seguiu “corretamente” o desafio em março, mas teve a leitura de uma autora da África, a moçambicana Noemia de Souza, efetuada em maio e não em outubro, como previa a proposta do *Leia Mulheres*. Já os três livros de Caxias seguiram o desafio, só que todos com um mês de “atraso”, por exemplo, ao invés de ler uma autora da Ásia em abril, o grupo

gaúcho leu em maio. Conceição explica que isso ocorreu porque em 2020, houve um mês de pausa logo após o início da pandemia, o que postergou o calendário do clube. Em 2021, o grupo organizou seu calendário de leituras até janeiro do ano seguinte, recomeçando um novo calendário em fevereiro de 2022. Em virtude de Marechal possuir uma proposta própria com maior ênfase às temáticas do feminismo interseccional, nos meses observados o clube não cumpriu o desafio nos termos em que ele foi proposto, apesar de igualmente direcionar suas escolhas para garantia da bibliodiversidade.

Desse modo, foi possível observar que as *institucionalidades* do projeto medeiam a relação de alguns grupos com as *narrativas* escolhidas, ainda que o desafio literário anual não implique em uma imposição, afinal todos os clubes seguem seu próprio ritmo e elaboram seus calendários de forma autônoma. Nessa direção, as leitoras dos clubes *Leia Mulheres* podem ser consideradas dentro da estimativa de 1% de leitores influenciados por clubes de leitura no momento da compra de um livro, indicada pela pesquisa *Retratos da Leitura*.

O processo de curadoria ficou mais evidente no clube gaúcho, o qual acompanhei também pelo *WhatsApp*. Em 08 de dezembro de 2021, a mediadora de Caxias do Sul encaminhou no grupo um questionário elaborado a partir de determinadas categorias – muito semelhantes à proposta do desafio literário do *Leia Mulheres* para 2022¹¹¹ – por meio das quais leitoras e leitores pudessem sugerir obras para o cronograma do ano seguinte:

Olá, pessoal! O objetivo deste formulário é organizarmos as indicações para o cronograma de leitura do *Leia Mulheres* – Caxias do Sul de 2022. A partir dos gêneros textuais, coloquei mais algumas características para tentarmos diversificar nossas leituras (exceto em poesia, memória, história em quadrinhos e livro teórico, por já serem gêneros mais restritos). São 11 livros que precisamos escolher, pois em janeiro já leremos Júlia Lopes de Almeida. O formulário aceitará respostas até o dia 15/12. (MEDIADORA CAXIAS DO SUL).

As categorias contemplavam: 1) Livro escrito por uma autora indígena; 2) Romance de uma autora contemporânea; 3) Romance de uma autora clássica; 4) Romance de uma escritora da Ásia; 5) Romance de uma escritora da África; 6) Poesia; 7) Contos de uma escritora da região norte/nordeste do Brasil; 8) Contos de uma escritora latino-americana; 9. História em quadrinhos; 10) Memória (podendo ser biografia ou autobiografia também); 11) Teoria; e 12) Outra indicação que não se enquadra nessas categorias. Assim, as leitoras e leitores sugeriram os títulos que desejavam para posterior votação final em um “segundo turno” com os mais indicados.

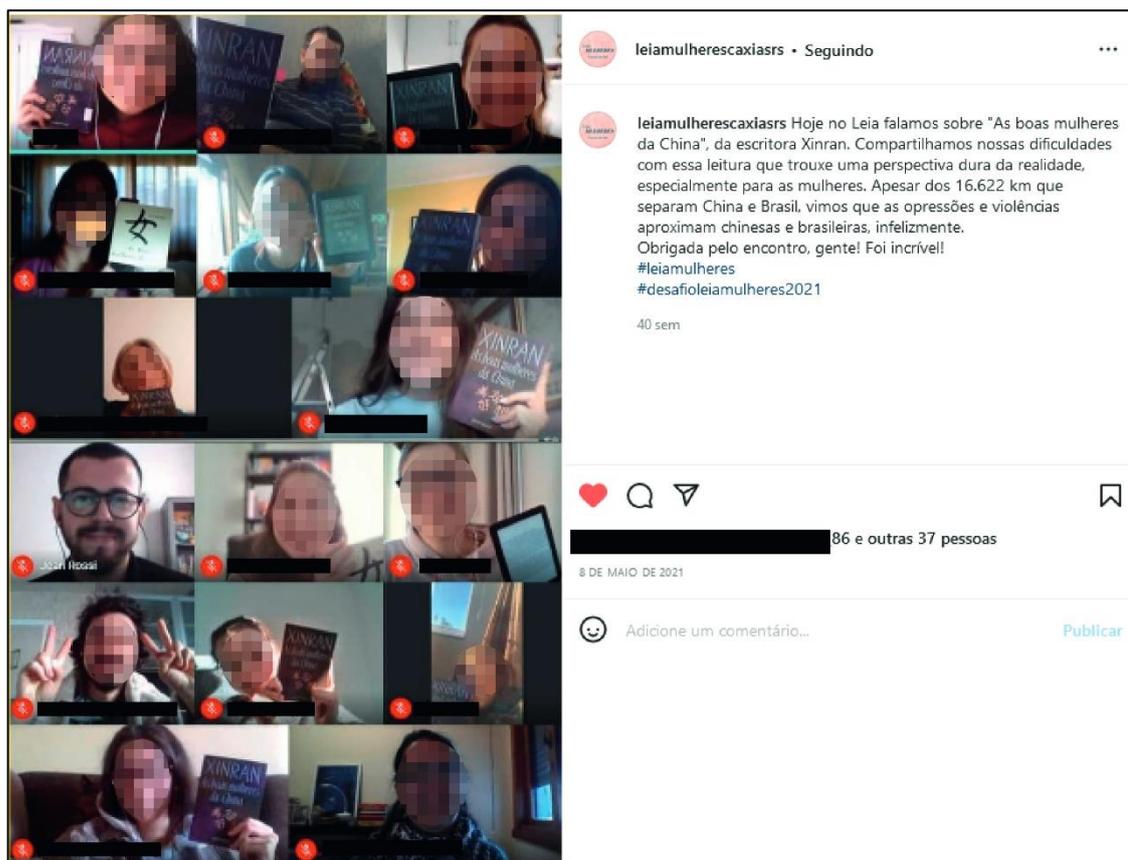
¹¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CYFFReKPYIr/>> Acesso em 14 fev. 22.

Conforme o primeiro turno de votos avançava, a mediadora compartilhava alguns resultados do formulário com as primeiras sugestões já definidas pela maioria e incentivava aos que ainda não haviam preenchido o instrumento que o fizessem. Alguns membros realizaram “campanhas” para que mais pessoas escolhessem os seus livros e autoras favoritos, entre os nomes surgiram Ursula K. Le Guin, Isabel Allende, Lélia Gonzalez e bell hooks. Conceição também participou do debate: “preenchi com três que estão na minha lista de leitura e alguns que já li”. Outras leitoras brincaram que não desejavam ler poemas em 2022, o que gerou um debate entre pró-poesias e contra. Após as votações encerrarem, em 30 de janeiro de 2022, a mediadora compartilhou no grupo de *WhatsApp* e no *Instagram* o calendário de leituras para o ano. O cartaz, editado por uma das participantes que é designer gráfica, foi impresso e fixado no interior da livraria caxiense, conforme foto encaminhada ao grupo pela mediadora.

Outro elemento já mencionado anteriormente configurou-se na dinâmica de comunicação entre as leitoras. Nos encontros com grande número de pessoas, a maioria dos comentários provocou duas ou mais respostas de outros membros. O padrão de levantar a mão e responder resultou em uma estrutura em que uma pessoa falava por vez. Longe de uma dinâmica linear, direta e sustentada em direção a um ponto, as ideias surgiam e eram deixadas de lado conforme a próxima fala, apenas para ser recuperadas por outro membro mais tarde na fila, ou até mesmo como um tópico na caixa de bate-papo do *Google Meet*. À medida que a conversa estava acontecendo, frequentemente notei discussões paralelas no chat. Assim, algumas discussões transformaram-se em uma justaposição de ideias em virtude da própria função do *Google Meet*.

Por último, uma normatividade comum a todos os grupos configurou-se no registro imagético dos integrantes com os livros em mãos, geralmente ao final dos encontros (figura 12). O momento é citado como um dos favoritos por Conceição: “eu brinco com a mediadora que ela esquece a foto e eu digo ‘a foto, gente, não vamos esquecer da foto’ (risos)”. Nesse aspecto, Conceição é quase uma auxiliar da coordenadora, inclusive houve ocasiões em que a mediadora não terminou a leitura e pediu para a bibliotecária iniciar a discussão, tamanha a proximidade entre elas, explicada com maior profundidade na seção seguinte.

Figura 12 – Exemplo do registro fotográfico ao final dos encontros



Fonte: Instagram leiamulherescaxiasrs. Captura em 17 fev. 22.

Na imagem, publicada no *Instagram* pela mediadora do clube gaúcho, é possível perceber o uso na legenda da *hashtag* referente ao desafio literário anual promovido pelo *Leia Mulheres* em 2021 – na ocasião, a leitura de uma autora asiática. Quanto aos participantes, treze exibem a narrativa em mãos, sendo dez com exemplares impressos (em duas edições com capas distintas) e três com o formato digital, no dispositivo eletrônico Kindle. Os demais integrantes, incluindo a mim e Conceição (canto inferior direito), aparecem sem o livro. O exemplo registra a infraestrutura digital que habitamos conjuntamente (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019).

Isto posto, a mediação das *ritualidades* foi explorada de modo a compreender em nível micro os hábitos de leitura das entrevistadas e, em nível macro, algumas normas de comportamento dos clubes. Identifiquei que a pandemia atravessou ambas as dimensões de análise, possibilitando, por um lado, maior tempo de leitura no ambiente doméstico para algumas leitoras, e por outro a dificuldade de concentração para ler em decorrência de problemas pessoais e do trabalho/estudo remoto. Nos encontros, houve a chance de participação de escritoras e a adaptação de dinâmicas provenientes da presencialidade, como a foto ao final

e a “palavra do dia”. Outras *ritualidades*, como a escolha das obras e o formato da discussão, pareceram ter menos impacto na modalidade remota do que as demais, pois dizem respeito ao papel das mediadoras locais na condução dos encontros e às lógicas já existentes nos grupos de *WhatsApp*, como o processo de votação via formulários online e os desafios anuais do *Leia Mulheres*. Ainda assim, em seu início, a pandemia acarretou a pausa dos encontros de Belém e Caxias do Sul, o que implicou na mudança dos calendários já previstos pelos clubes, alterando, portanto, o funcionamento dos grupos. Se, como propõe Chartier (1998), a leitura consiste em uma prática exercida entre gestos, espaços e hábitos, a mediação das *ritualidades* foi fundamental para a compreensão dos múltiplos manuseios e locais acionados pelos clubes *Leia Mulheres*, relativos tanto à leitura silenciosa nos quartos, quanto ao compartilhamento nas salas do *Google Meet*.

As *ritualidades* dos clubes igualmente implicaram no meu fazer etnográfico, afinal houve diversos encontros ocorridos na mesma semana. No intervalo entre os dias 23 e 29 de maio de 2021, por exemplo, participei de quatro clubes, o que demandou uma disposição significativa e tornou o trabalho de campo em múltiplas telas exaustivo em alguns momentos. O clube de Sinop, com encontros no domingo pela manhã e fuso horário diferente do meu, foi um dos maiores desafios de conciliar durante a observação.

Assim, se aqui descrevi alguns dos cenários de repetição e interação ancorados na mediação das *ritualidades* (RONSINI, 2010), a seguir elucido os principais usos coletivos da comunicação pelos atores sociais pertencentes aos clubes de leitura.

5.3 “QUANDO DÁ UMA DISCUSSÃO E VOCÊ TÁ ALI FALANDO, É MUITO LEGAL”: SOCIABILIDADES

A mediação das *sociabilidades* é acionada nesta pesquisa a fim de contemplar as interações nas comunidades leitoras, de modo a explicitar como se criam os laços sociais nos clubes, sejam eles momentâneos ou duradouros. Assim, primeiramente exponho materiais provenientes do trabalho de campo em que o contexto de isolamento atravessou as relações sociais das leitoras com os clubes, além dos vínculos entre mediadoras e entrevistadas, e, posteriormente, desenvolvo as *sociabilidades* literárias percebidas pelas entrevistadas e ao longo da observação.

5.3.1 Redes literárias

Quando perguntei nos questionários sobre a manutenção dos clubes durante o distanciamento social, descobri que 73% das mediadoras migraram das reuniões presenciais para a modalidade online. Por outro lado, dez respostas notificaram atividades suspensas. Dentre os tipos de migração para o encontro remoto, houve um equilíbrio entre diminuição dos públicos (28,8%) e igual número de pessoas (28,8%), além de aumento de participantes em 15,4% das respostas. O índice adverte, portanto, que ao menos naquele período inicial de pandemia, a troca do presencial pelo digital não significou necessariamente uma mudança de público em termos expressivos. Nesta questão, ainda percebi a existência de um clube inaugurado durante a quarentena em uma das cidades estrangeiras (não foi identificada qual).

Em complemento a isso, consultei a aba “Sobre nós” do site do *Leia Mulheres* em julho de 2020 e encontrei 161 clubes espalhados pelo Brasil e três ativos no exterior (Porto, em Portugal; na região de Aargau/Zurique, na Suíça; e Berlim, na Alemanha). Em nova pesquisa, efetuada em fevereiro de 2022, contabilizei 176 grupos no país, o que comprovou ainda mais a expansão dos clubes, apesar do período pandêmico.

Ao questionar sobre o passado recente dos encontros presenciais, observei mais da metade das mediadoras (53,8%) informarem que o público variava de 11 a 20 pessoas; 40,4% dos encontros contabilizavam até 10 pessoas; e uma pequena parcela (4,8%) apontou clubes com participação entre 21 e 40 pessoas, estes pertencentes às cidades de São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG) e Cascavel (PR). Nessa perspectiva, o estudo de Pacheco (2019), com o *Leia Mulheres* de Belo Horizonte, indica uma média semelhante de pessoas. Em determinado ponto, ela afirma que a “quantidade de participantes varia de acordo com a popularidade da obra — livros mais conhecidos ou recém-lançados costumam levar por volta de 40 pessoas, já livros menos populares movimentam cerca de 15 pessoas” (PACHECO, 2019, p. 49).

Nos três encontros observados em cada clube, não visualizei uma oscilação expressiva entre as participantes, com exceção de Belém que, no primeiro encontro possuía 14 leitoras, no segundo, 18, e no terceiro decaiu para sete. Durante o último encontro, ocorrido em 29 de maio de 2021 e dedicado ao livro de poemas *Sangue Negro*, aproveitei para perguntar às mediadoras sobre o baixo número de participantes. Elas declararam que poderia ser por dois fatores: devido ao desinteresse pelo gênero literário do mês e em virtude das manifestações políticas contra o

governo Bolsonaro, que coincidiram com o dia do encontro¹¹²: “o pessoal tinha dito no WhatsApp que iria no ato, mas a gente decidiu manter o encontro pra não atrasar o calendário”. Minutos depois, enquanto eu ainda participava do clube belenense, recebi notificações do grupo de *WhatsApp* do clube caxiense. Pelas mensagens, verifiquei que as leitoras gaúchas também estavam nas ruas e acabaram combinando na hora para se encontrarem durante o ato em Caxias do Sul. A legenda de uma das fotos postadas no grupo declarava “Leia é fora Bolsonaro”.

Figura 13 – Encontro das leitoras caxienses em protesto político



Fonte: captura de tela no grupo de WhatsApp em 29 mai. 21.

Atento sempre à perspectiva de Hine (2016) em articular os âmbitos online o offline, tendo em vista que a etnografia na internet tensiona os significados sociais, culturais e tecnológicos permeados ao cotidiano dos usuários, as coincidências vivenciadas naquele dia me marcaram enquanto etnógrafo. Foi possível observar que as *sociabilidades* entre leitoras não dizem respeito apenas aos livros ou encontros mensais, podendo ocorrer em outros âmbitos do cotidiano, como em uma manifestação nacional em que integrantes dos clubes *Leia Mulheres* do norte e do sul do país foram às ruas em meio à pandemia, até mesmo privilegiando o ato

¹¹² Os atos populares ocorreram nas ruas de diversas cidades brasileiras, onde os manifestantes reivindicaram “comida no prato” e “vacina no braço”, em alusão ao impacto da crise econômica na alimentação e à demora do governo para vacinação da população contra o vírus da Covid-19. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/liderados-pela-esquerda-protestos-contra-bolsonaro-reunem-manifestantes-nas-ruas-em-meio-a-pandemia.shtml>>. Acesso em 17 fev. 22.

político em detrimento do clube literário marcado na mesma data. Nesse sentido, Hine (2016) propõe uma abordagem sociocêntrica para além da internet, evitando que o etnógrafo decorra em midiacentrismos.

Se focarmos somente nas atividades observáveis nos espaços on-line, perderemos de vista a contínua recirculação do conteúdo on-line na medida em que este é apropriado pela mídia de massa e pelos usuários individuais, e incorporado na vida diária. Focar somente nas atividades evidentes nos espaços on-line também impede uma avaliação de seus significados para a maioria dos que são consumidores mais do que produtores de conteúdo on-line. (HINE, 2016, p. 14).

Ainda em relação aos clubes, supondo que o número médio de integrantes seja 15 (com base na maioria entre 11 e 20 indicada no questionário), somado à existência de aproximadamente 160 núcleos pré-pandemia, estimo que a comunidade *Leia Mulheres* possuía uma média equivalente a 2400 leitoras e leitores participantes nos clubes presenciais. Conforme notei na inserção online, em decorrência da pandemia, houve leitoras que integravam encontros de diferentes cidades. Assim, essa contagem não se aplica ao contexto digital nem a clubes “atípicos” – lançamentos ou encontro com a autora – e desconsidera pessoas que porventura participavam presencialmente em mais de um clube.

Cabe lembrar que somente o núcleo de Caxias do Sul possui uma única organizadora. Belém, Sinop e Mauá têm duas, enquanto em Marechal Deodoro há quatro. O clube alagoano contabilizou o maior número de participantes (22), o que sugere a importância de mais pessoas na coordenação e mediação das reuniões. Em Sinop, por exemplo, dos três encontros que participei apenas um teve a presença das duas mediadoras, pois em junho uma delas ficou doente, não podendo participar, e em agosto a outra teve uma prova no dia do clube, o que resultou na sua ausência. Percebi, desse modo, a construção de uma rede de apoio entre as coordenadoras sinopenses, onde o trabalho em equipe foi fundamental para realização das reuniões, sem decorrer em problemas ao calendário do grupo mesmo quando surgiram imprevistos pessoais.

Ao longo da observação com os clubes, também fui percebendo nuances por trás da função de mediadora: a demanda de tempo e dedicação para com o grupo, sobretudo no período pandêmico. Nesse sentido, ressalto a mensagem das criadoras do *Leia Mulheres*, publicada em fevereiro de 2022 no site da iniciativa juntamente da lista de mais lidos, enquanto registro do *sensorium* enfrentado pelos clubes nos últimos dois anos.

Apesar de todas as dificuldades impostas, os clubes do Leia Mulheres continuaram a acontecer de forma virtual ao longo de 2021 em todo o Brasil e em cidades pelo mundo. [...] A todas mediadoras e participantes que estiveram conosco no último ano, só podemos agradecer pela persistência e parceria em tempos tão nebulosos. Estamos ansiosas para que os encontros presenciais voltem a acontecer em todas as cidades, mas a pandemia ainda exige cuidado. (FUNDADORAS LEIA MULHERES, 2022, online).

O comunicado enfatiza um dos aspectos que mais registrei durante os encontros: a dedicação e empenho das mediadoras e leitoras em continuar com o projeto voluntário, mesmo em *temporalidades* tão desafiadoras como a vivenciada nos últimos dois anos no país. Notei algumas leitoras que chegavam atrasadas ou necessitavam sair mais cedo das reuniões, em virtude de responsabilidades laborais, domésticas, entre outras. Ora, o clube era uma entre várias atividades em seu cotidiano, às vezes colocada em segundo plano em detrimento de compromissos e contratempos. Ainda assim, essas participantes faziam questão de, ao menos, adentrar na sala por alguns minutos para “dar um oi” no intervalo de seus afazeres.

Identifiquei que as mediadoras de Belém, em decorrência da responsabilidade de gerir os clubes, desde postagens nas redes sociais e avisos nos grupos de *WhatsApp* até a condução dos encontros via *Google Meet*, sentiram-se mais sobrecarregadas pelo trabalho voluntário que vai além de apenas o evento mensal. Isso ficou claro em setembro de 2021, quando o perfil no *Instagram* do *Leia Mulheres Belém* publicou um informe sobre uma pausa nas reuniões e a escolha de novas coordenadoras para o grupo, passando por um processo de análise via questionário divulgado às interessadas em novembro no *Instagram*. Por meio do instrumento, consegui visualizar na prática as competências necessárias para mediar um clube de leitura voluntário, pois elas solicitaram às possíveis candidatas que preenchessem seu e-mail, nome, idade, ocupação, gênero, raça, frequência de participação no clube, atuação em outros clubes de leitura, capacidade para produção de conteúdo em mídias sociais, disponibilidade (em horas/mensal) para coordenação e para o dia específico de encontro (últimos sábados de cada mês das 14h30 às 18h), obra favorita, perfil no Instagram, expectativas como mediadora e status de vacinação contra o Coronavírus.

Nos últimos meses, as mediadoras do clube se esforçaram bastante para manter o engajamento nos encontros online, entretanto, estamos sentindo a necessidade de fazer uma pausa, pois esses encontros demandaram uma energia que nesse momento não se tem. Sabemos que a vida está voltando ao “novo normal” e estamos pensando numa forma estratégica para melhorar a dinâmica no clube. Estamos tristes por precisar fazer isso, mas precisamos diminuir o ritmo para nos reorganizarmos e voltarmos com ainda mais discussões literárias de qualidade. (MEDIADORAS LEIA MULHERES BELÉM, 2021).

Ao acompanhar o perfil, verifiquei que as reuniões só retornaram seis meses depois, presencialmente em fevereiro de 2022, com duas novas mediadoras, além de Laura que se manteve na coordenação, ou seja, apenas Ana declinou da função.

Durante os encontros, descobri que as mediadoras de Sinop possuíam relações anteriores à criação do clube, pois se conheciam do âmbito universitário, sendo uma discente e outra docente do curso de Letras no campus sinopense da UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso). Estes tipos de *sociabilidade* também foram apontados por Melissa e Conceição, que já conviviam com as mediadoras de seus respectivos clubes antes de iniciarem sua participação nos grupos, ou melhor, as três leitoras adentraram aos clubes por convite das mediadoras.

Melissa iniciou sua participação nos clubes *Leia Mulheres* em 2016, a partir do núcleo de São Bernardo do Campo, município onde reside, sendo lá que conheceu a futura criadora do *Leia Mulheres Mauá*.

Em janeiro os três clubes do ABC se unem, os Leia Mulheres de Mauá, São Bernardo e Santo André, e o encontro é com todo mundo. Aí em janeiro todo mundo leu o mesmo livro... elas fazem [o encontro] em outro lugar mais público, tentam trazer autora, aí tava xeretando isso e falei “nesse eu quero estar”. A Suzane, que é mediadora de Mauá, era do grupo de São Bernardo, então fiz amizade com ela ali, tanto que no dia que ela anunciou que ia fazer o Leia Mauá a gente tava na reunião, parabenizou pela iniciativa e tal. Numa dessas vezes, acho que em 2018, que fui nesses encontros gerais, voltei a falar com a Suzane, ela convidou e eu achava que ia conseguir frequentar os três e não consegui. Ia em um ou outro, acompanhava os grupos de WhatsApp, o que elas tavam lendo, ia atrás dos livros pra ler depois do mês, mas gostava das dicas, sabe, pegar a curadoria da coisa. Aí no final de 2019 me propus a frequentar o Leia Mauá, consegui ir em dois encontros e começou a pandemia. (MELISSA).

A união entre os núcleos, citada por Melissa, também foi percebida no clube deodorense. Em um dos encontros que participei, houve a parceria com os *Leia Mulheres* de Arapiraca e Maceió. No momento pandêmico, o clube de Arapiraca estava com poucos frequentadores, o que mobilizou as mediadoras a realizarem o encontro coletivo com os demais. Ao final da discussão, elas convidaram todos a participarem do núcleo arapiraquense. Isso demonstrou a existência de vínculos entre a rede de clubes *Leia Mulheres*, sobretudo núcleos próximos geograficamente, com propostas colaborativas para o crescimento e manutenção de cada grupo. Nesse ponto, relembro que mesmo em estudos de comunidades específicas, os rastros das conexões podem conduzir a relações com outros territórios, o que é ainda mais potencializado em estudos de grupos na internet, onde são maiores as possibilidades hipertextuais entre usuários e comunidades. (HINE, 2016).

Melissa, após declinar da participação em São Bernardo – o clube passou por uma troca de mediadoras e ficou temporariamente inativo nas redes sociais –, dedicou-se apenas ao núcleo de Mauá, pelo qual tem um “carinho especial”. Em março de 2020, um dia antes do decreto de isolamento, ela lançou de forma independente seu primeiro livro autoral e conta que o evento acabou tendo poucas pessoas, sem muita oportunidade para conversar sobre a obra. Contudo, em outubro de 2020, por iniciativa das mediadoras de Mauá, o clube escolheu seu livro para leitura do mês¹¹³.

Eu tava começando a aprender como divulgar meu livro e veio a pandemia, aí a Suzane e a Verônica vieram “ah, você tá achando que a gente desconsidera o seu livro que você lançou?” e eu “não acho que vocês tenham obrigação de ler meu livro” (risos) e como o de outubro era decisão delas, elas me convidaram como autora. A gente criou um formulário pras pessoas fazerem as perguntas. O primeiro momento que tive a oportunidade de conversar com gente que lesse o meu livro foi no Leia Mulheres Mauá. E foi absolutamente acolhedor e incrível, eu estava em um ambiente muito privilegiado, de leitoras muito ávidas, assíduas, com muita experiência de leitura... tendo lido meu livro e trazendo as suas impressões. (MELISSA).

Dias depois do encontro, duas outras integrantes do clube foram na casa de Melissa entregar uma cesta de presentes, inclusive contendo uma caneca, com foto dela, feita artesanalmente por uma das leitoras: “não dá pra dizer que não tenho amizade com esse povo. Eu achava que a gente não teria amizade, mas justamente no online tá tendo um desenvolvimento de alguns vínculos. Eu falei ‘o presente já foi vocês lerem o meu livro’.”

Conceição possui uma história semelhante à Melissa, porém no seu caso foi “intimada” a participar pela amiga e mediadora do clube gaúcho. Ela entrou no clube em 2019, mas já conhecia o projeto antes. Era amiga da mediadora há mais tempo, em função da coordenadora trabalhar próximo de sua mãe na biblioteca da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

A Carla me conhecia, as meninas, a professora [cita o nome] que conhecia de fora do grupo... E fiquei ali ouvindo “ah, interessante...” aí acabou o encontro, me chamaram pra foto oficial, falei “não, não...” e elas “mas tu participou!”. A Carla tinha meu WhatsApp e falou “tu tá intimada a participar, acabei de te colocar no grupo do Leia Mulheres”. Engraçadinha, né? Ela falou “eu sei que tu gosta de ler, sei que tu participa, então coloquei, nem te perguntei” e eu “ah, tá bom, valeu...” (risos). (CONCEIÇÃO).

Assim, quando entrou no clube, Conceição já conhecia algumas das participantes para além da coordenadora, e o ambiente familiar auxiliou na sua decisão por seguir frequentando os encontros.

¹¹³ Outubro é o mês de aniversário do *Leia Mulheres Mauá*, sendo o único mês em que as mediadoras possuem liberdade para escolher um livro sem consulta às leitoras.

Ainda no contexto universitário, Djamila relatou que ingressou no clube por convite da mediadora, que era sua professora e orientadora de TCC. A jovem descobriu a existência do projeto *Leia Mulheres* após a docente criar o clube no início de 2019 e começar a divulgá-lo via *WhatsApp* em grupos de estudantes da UNEMAT, campus Sinop. No primeiro ano, Djamila não frequentou em virtude de um período com fobia social, mas no início de 2020 começou a participar, ciente de que o grupo era formado por pessoas vinculadas à universidade. No seu primeiro encontro, o último antes da pandemia, ela combinou de ir com um amigo, também participante novato: “mesmo sabendo que vai ter as pessoas que a gente conhece, ainda dá um pouquinho de vergonha, mas foi muito legal. A gente foi com muito medo, com pensamentos negativos, mas quando a conversa fluiu, aí esquecemos o porquê do medo”.

Agatha, por outro lado, conheceu os clubes de leitura *Leia Mulheres* por indicação de uma amiga leitora e colega de trabalho que descobriu, via *Instagram*, a existência do núcleo de Petrolina. Ela já vinha comentando com amigos que desejava participar de algum clube literário, mas ainda não havia encontrado até 2019. Depois da indicação, Agatha chegou a entrar em contato com o perfil na rede social, contudo não conseguiu participar naquele ano. Em 2020, quando foi procurar o *Leia Mulheres* de Petrolina no recurso de busca do *Instagram*, deparou-se com o grupo de Juazeiro, onde reside. Desse modo, em fevereiro ela e a amiga iniciaram a participação nos dois clubes, e logo entrou a pandemia, assim como sucedido com Djamila.

Também em virtude da pandemia, uma das mediadoras de Marechal Deodoro participou duas vezes do clube de Petrolina, ocasionando assim que Agatha conhecesse o núcleo deodorense e decidisse adentrar nele também: “o online foi bom por isso, deu pra fazer essas parcerias”. A multiparticipante declarou que conheceu o *Leia Mulheres* de Mauá por meio das mediadoras nacionais que administram o perfil oficial do projeto *Leia Mulheres* no *Instagram*, o qual, quando marcado nas imagens, pode replicar em seu *stories* as fotos dos encontros publicadas pelos clubes locais. Por fim, Gloria descobriu o clube de Belém de maneira autônoma, através das sugestões de seguidores em seu *Instagram*.

Comecei a seguir, passei alguns meses seguindo, acompanhava os encontros pelo Instagram... fotos, os comentários, essas coisas... aí eu sempre dizia para mim mesma, né, “não, no próximo mês eu vou, no próximo eu vou...” aí veio a pandemia e os encontros passaram ser online, aí eu não tive mais desculpa pra não participar, né, aí um dia deu certo... tava aqui de bobeira... “ah, vou participar”. (GLORIA).

Somada ao relato de Agatha, também usuária da rede social para encontrar clubes, ambas colaboram significativamente com a noção de que os algoritmos e a plataformação

medeiam diretamente não só os hábitos de leitura, como as conexões e *sociabilidades* entre leitoras. (MALINI, 2021). Gloria, especificamente, só decidiu participar devido à descentralização dos encontros na modalidade remota, o que sugere uma outra percepção da pandemia para além das desvantagens do online, pois de certa forma a modalidade incentivou leitoras a adentrarem nos clubes, dado verificado na observação em Mauá, Marechal Deodoro, Caxias do Sul e Belém.

Isto posto, destaco que as *sociabilidades* entre clubes e leitoras na ambiência digital possibilitaram múltiplas formas de comunicação, mediante a “aproximação entre diferentes formatos e lógicas de mídias, a interação interpessoal e o diálogo, o estabelecimento de vínculos [...] e de lógicas colaborativas” (COGO; BRIGNOL, 2011, p. 88).

5.3.2 Compartilhamento em comunidade

Em estudo com leitores, mesmo se tratando de práticas individuais, os âmbitos privado e coletivo devem ser analisados na ordem de fenômenos complementares, afinal “não podemos chegar a um entendimento completo de práticas particulares de leitura, sem ao mesmo tempo considerar o papel das relações sociais.” (SEDO, 2011, p. 2). Dessa maneira, aqui discorro sobre algumas *sociabilidades* ainda pouco desenvolvidas ao longo da dissertação.

O primeiro ponto destacado configura-se no uso do *WhatsApp* pelos cinco clubes observados, sendo a ferramenta de comunicação cotidiana entre as leitoras. Relembro que o aplicativo é utilizado para mediar a curadoria dos livros via votações coletivas, além de ser uma espécie de “portal de avisos” e de compartilhamento de conteúdo adicional referente à literatura. Observei a disponibilização de hiperlinks para entrevistas com autora do mês, podcasts literários, notícias do mercado editorial, entre outras informações, como apontado pelas entrevistadas. Conceição destacou que no grupo de Caxias do Sul há troca de dicas de filmes e de livros e o *WhatsApp* também se torna espaço para seguir a discussão literária após os encontros. Ela contou que uma das integrantes necessitava restaurar um livro e a procurou, porque nos encontros há a roda de apresentação em que ela contou que era bibliotecária: “as nossas funções profissionais vão entrando junto”. Um dado inesperado foi que a rivalidade entre os times caxienses de futebol também é motivo para interações no grupo: “tem as meninas que torcem pro Juventude e as que torcem pro Caxias, aí um dia marcaram o encontro porque não tinha jogo naquele horário e o pessoal do Caxias soltou umas ‘farpas’.”

Agatha, que é membro dos quatro grupos de *WhatsApp* dos *Leia Mulheres* que participa, relatou que há o compartilhamento de promoções de livros e nota diferenças entre as *sociabilidades* conforme o clube: “o de Mauá a discussão é bem sobre o livro do mês, pouca coisa fora do assunto, agora o de Juazeiro e Petrolina a gente tem uma liberdade maior, tipo falar mal do presidente, não sei o que...”. Além disso, Agatha confidenciou que algumas leitoras de Mauá, juntamente com outras de São Bernardo, formaram um novo clube de leitura com apoio do *WhatsApp*, do qual ela também participa: “a gente não se contenta com um só, saiu outro clubezinho, umas oito mulheres, inclusive a Suzane e a Verônica, a gente chama de *Piriquetes Literárias* (risos) aí a gente já leu um monte de coisa, né, mulheres não muito”.

Já que a gente lê mulheres, vamos ler os homens aqui, aí já escolhe mais masculino, foi até o *Torto Arado* o primeiro que a gente fez, depois *A palavra que resta* e agora vai ser *Tristessa*, de Jack Kerouac. Mas a gente não conversa muito, só próximo do encontro. A gente faz os puxadinhos... e elas ainda tem um outro lá, esse eu corri, que é o *Calhamacinho*, que é ler só os calhamaços. Agora elas tavam lendo *O segundo Sexo*. No dia do encontro a gente vai dar sugestão, geralmente as meninas gostam de tirar os livros da estante, que tava parado, “vai esse” (risos). Ultimamente a gente tá escolhendo com poucas páginas, porque tem muito clube, né, aí quanto menor, melhor. (AGATHA).

Somado ao grupo extra, Agatha declarou que em Petrolina criou um clube dedicado à série de livros *Anne de Green Gables*: “todo mundo que lê eu boto pra dentro (risos), até minhas alunas que gostam. Depois que terminar [a coleção], pode ser que a gente entre em outra vibe”. Isto posto, a existência de extensões paralelas aos clubes *Leia Mulheres* constatou o desejo e a disposição das integrantes por mais oportunidades de leitura e interação. Mediante o acréscimo de novos grupos com diretrizes ainda mais autônomas que as da iniciativa nacional, as leitoras demonstraram estratégias inventivas e criativas (CERTEAU, 2014) para “movimentar” o fluxo de livros “estagnados” em suas estantes, aliando isso à *sociabilidade* literária, proveniente da proximidade entre elas. Assim, também incentivam a leitura a novos círculos sociais.

No grupo de *WhatsApp* de Belém, Gloria prefere ficar observando as conversas, talvez porque não possui tanta intimidade com as leitoras. Ela interage mais com uma das mediadoras via *Instagram*. Melissa, por outro lado, participa das discussões online, porém alerta que “amizade próxima não é com todas, é principalmente com a Suzane e com outra colega”. Já Djamila, em virtude de conhecer a maioria das integrantes do clube sinopense, sente-se confortável para interagir, mas não no *WhatsApp* que é um “pouco parado”, e sim nos encontros.

Observei que as *sociabilidades* nos encontros online convergem para diferentes assuntos, como indicado por Conceição: “às vezes a gente coloca política no meio da história,

a gente relaciona... ‘mas aquilo lá que tá acontecendo agora não é isso aqui do livro?’ (risos)”. Os clubes favoritos de Agatha são aqueles em que “rende a discussão”, porque às vezes ela vai na expectativa de que “o livro foi bom”, porém chega no encontro e não discutem quase nada do que ela pensava, o que seria um ponto ruim em sua opinião: “quando dá uma discussão e você tá ali falando, é muito legal”.

Com perspectiva semelhante, para Djamila, o clube possibilita a abertura para vários diálogos referentes às realidades de diversos países: “você começa a pesquisar a cultura de cada um e principalmente: você parar e olhar a sociedade que você vive, tipo o quê que tá acontecendo aqui ao seu redor?”. Essa dimensão foi citada por várias participantes das reuniões, indicando, assim como no estudo de Bosi (1973), que as leitoras buscam nos livros o enriquecimento cultural. A sinopse adicionou que as interações grupais são como uma “terapia”, um momento em que as leitoras podem “colocar pra fora o que estão sentindo”.

Percebi com frequência este valor “terapêutico” dos clubes, sobretudo através de manifestações críticas em relação ao governo, às mortes por Covid-19, além de desabafos privados, como leitoras que sobreviveram ao vírus, que estavam sobrecarregadas no trabalho, entre vários outros. Djamila revelou que um dos motivos para seguir nos encontros, apesar de problemas pessoais, foi para saber que as pessoas seguiam vivas: “quando eu tava no online, eu pensava ‘nossa, que bom que essa pessoa tá viva, tá bem...’”. Esse aspecto contraria os argumentos de Petit (2010) sobre a importância de estar vigilante nos encontros para não os tornar terapêuticos. Para a universitária, portanto, participar dos clubes era uma maneira de amenizar sua preocupação com a saúde das demais leitoras e a “terapia em grupo” um elemento evidenciado como positivo. Nessa direção, Melissa ressalta a importância do clube enquanto um ambiente descontraído e afetivo por meio do qual ela pôde fugir da rotina de trabalho e esquecer brevemente a pandemia.

Eu acho que o clube tem isso de te fazer ler o quê você não lia e te estimula, porque a discussão é interessante e você já tem uma amizade com o grupo, né? E tem coisas que você se relaciona e fala “nossa, li isso aqui e lembrei da fulana” então cria um círculo de afeto, esse grupo é muito afetivo, tanto que tinha ora que “ah, não me interessei tanto pelo livro, mas quero tá com elas”. E eu não sou muito essa pessoa, vou confessar que sempre fui muito de estar fazendo as coisas pelo objetivo. Durante a pandemia acho que foi fundamental pra saúde mental, sabe? Porque o online era pra trabalho/reunião e eu conversava com amigos de escola/trabalho e era só sobre cansaço... aí tinha o momento que era com o grupo que você já conhecia pra sair um pouco do combo “pandemia, mortes, crise econômica e que hora a gente vai sair do isolamento”. (MELISSA).

Conceição contestou veemente quando, em nossa entrevista, perguntei sobre a existência de momentos desconfortáveis no clube: “só de ter a companhia das meninas... não acontece nenhum momento de falar assim ‘cara, não gostei’... acontece de falar ‘ah, não vou poder participar’, se sentir triste por não participar, e não sentir mal-estar por ter participado”. Agatha reforçou ainda mais esse argumento, tendo em vista que se não participar de um encontro, ela afirmou em meios a risadas que “ficaria até doente”.

Tratando-se da modalidade favorita das entrevistadas, quatro preferem o presencial e Agatha gosta de ambos: “não sei se é porque convivi dois anos dando aula online, então já me acostumei, falo do mesmo jeito que no presencial. Pro Leia não senti cansaço de telas, e olha que Mauá a gente vai até... começa às sete e vai até dez horas [da noite]”.

Se considerados os relatos das demais leitoras sobre a exaustão das telas e da pandemia, aliados à saudade dos encontros em cafeterias ou bares, a preferência da maioria pelo offline não me surpreendeu. Conceição, por exemplo, dividiu a *sociabilidade* do presencial em três etapas: “tem o convívio (o antes que a gente se encontra), o durante, que é o encontro, e o depois, que é o café”. Djamila afirmou que seu encontro favorito foi o de retorno ao presencial, quando as leitoras realizaram um piquenique em uma praça pública da cidade: “gosto de estar ali, no cara a cara, uma perto da outra...”.

Gloria, a única das entrevistadas que não frequentou nenhum clube presencial, confessou que quando o clube de Belém decidir pelo offline, ela prontamente participará: “agora eu tô nesse movimento de me conectar novamente, então já tem tempo que eu anseio por esse momento de conhecer as pessoas pessoalmente, de estabelecer contato, vínculo...”.

Apesar de Melissa gostar dos encontros pelo *Google Meet*, porque não precisava se deslocar até a cidade vizinha, ela também anseia pelo retorno presencial: “tinha a questão de comer, no momento que a gente tava lá, tinha um café, um pão de queijo junto, né? Elas alternavam, cada encontro era num lugar diferente, obviamente dentro de Mauá”.

O presencial traz tudo isso, o ambiente que você tá... A vantagem do online é realmente o deslocamento. No online você tá no seu tempo, você ligou, você tá lá com todo mundo, melhor do que pegar “x” horas de trânsito. Mas nada vai substituir o presencial em termos de discussão, embora tenha essas perdas, por exemplo perderemos Agatha, aí como a gente faz? Coloca Agatha no computador só pra gente... Temos que pensar nisso. Eu sinto falta do presencial, não sei até que ponto é o cansaço do online que tá me fazendo ir menos nos encontros desse ano. (MELISSA).

A preocupação com a participação de Agatha em Mauá também apareceu na entrevista com a leitora. Ela confessou que se “apegou bastante pelas meninas” em decorrência do clube

“sempre ter gente participando”, sendo inclusive o seu núcleo favorito do *Leia Mulheres*. Contou que as mediadoras já falaram sobre a possibilidade dela e de outra leitora de fora de Mauá participarem online: “vão fazer alguma coisa lá pra levar a gente (risos). Se puder, eu fico... lógico que não vou exigir, porque dependendo do local pra tá levando notebook... e celular é bem ruim pra fazer essas coisas”.

É possível verificar diferentes ambiências de *sociabilidades* nos clubes *Leia Mulheres*: nos grupos de *WhatsApp*, nos encontros via *Google Meet*, nas interações pelo *Instagram* e nas relações presenciais. As leitoras demonstraram desejo pelo retorno aos encontros face a face, como uma maneira de reforçar os vínculos e modificar a dinâmica de discussão com outros elementos, sobretudo a possibilidade de confraternização. De todo modo, o compartilhamento online auxiliou na manutenção dos laços entre as comunidades *Leia Mulheres*, impelidas pelo contexto pandêmico a fortalecerem sua comunicação com a mediação das plataformas.

A dissolução das fronteiras entre espaços públicos e privados significou que as participantes frequentemente ouviam as paisagens sonoras privadas das casas umas das outras, seus acontecimentos domésticos e familiares. Nas entrevistas, por exemplo, ouvi o gato de Melissa miar em solicitação para sair do quarto, que estava com a porta fechada; vislumbrei rapidamente os pais de Conceição a avisando que iriam “dar uma volta”; e Gloria precisou aguardar enquanto eu buscava uma encomenda via Correios entregue logo nos primeiros minutos de nossa chamada. Assim, destaco que a percepção das nossas vidas privadas trouxe uma dimensão adicional de familiaridade, mesmo durante – na verdade, explicitamente em virtude da videoconferência. Nessa circunstância, passamos a nos conhecer melhor através de vislumbres da vida cotidiana ao redor das telas e câmeras.

Tratando da minha *sociabilidade* com as leitoras para além dos encontros e dos grupos de *WhatsApp*, segui todas as entrevistadas e algumas mediadoras na rede social *Instagram*. Quando postava *stories* sobre a rotina acadêmica ou a escrita/revisão da dissertação, houve ocasiões em que Conceição e Gloria responderam com a reação “aplauso” ou “amei”. Gloria, inclusive, me adicionou no recurso “melhores amigos” da plataforma, o qual possibilita enviar *stories* exclusivos a um grupo selecionado de seguidores. A seguir, a próxima mediação auxilia na compreensão de como as leitoras narram suas histórias mediante a escrita de outras mulheres.

5.4 “SÃO LEITURAS QUE CONVERSAM COMIGO”: NARRATIVAS

A mediação das *narrativas* é articulada aqui por meio das trajetórias de formação das entrevistadas enquanto leitoras e de seus relatos pessoais motivados pelas suas impressões acerca do enredo, personagens e outros elementos a partir do gênero literário das obras. Dito isso, primeiramente exponho materiais referentes ao incentivo da leitura na vida das entrevistadas e posteriormente aos livros, escritoras às *narrativas* proferidas pelas leitoras acerca desse produto midiático ao longo do trabalho de campo.

Convém ressaltar que talvez a exibição da trajetória inicial das entrevistadas enquanto leitoras fosse mais coerente se exposta anteriormente aos demais materiais analíticos, porém priorizei a “ordem” das mediações em detrimento de uma “cronologia” das práticas de leitura.

5.4.1 Trajetórias com os livros

Aqui pontuo as principais referências no incentivo da leitura e destaco o importante papel das mães, citadas por todas as entrevistadas enquanto importantes mediadoras literárias, assim como demonstrado nos estudos de Petit (2010) sobre a relevância da figura feminina para a arte de transmitir o gosto pela leitura.

A família de Conceição possui vários leitores – o pai é professor universitário aposentado e mãe é jornalista – e desde pequena, ela foi incentivada a ler.

Eles contavam histórias para mim e pro meu irmão para dormir. Todo dia na nossa infância tinha uma história. Eles contavam *As mil e uma noites*, *Os Contos de Andersen*, contos de fadas, fábulas... minha mãe falava que lia muita fábula pra nós. Nossos avós também contavam histórias, liam ou inventavam... Eu tinha em fita cassete as histórias da *Chapeuzinho Vermelho*, dava pra ouvir nos gravadores... tinha uma regra em casa que a partir das sete da noite a gente não descia pra brincar, a gente sentava em casa pra ler e olha que a gente morava em Joinville em condomínio com piscina (risos). Desde criança já tinha essa combinação entre hora de brincar e hora de ler. A gente tinha acesso aos livros e na escola também, eu e meu irmão, a gente era ratos de biblioteca e ratos de livraria. A gente entrava e ficava ali (risos). (CONCEIÇÃO).

Ela relatou que possui mais de 500 livros na casa que divide com os pais, onde as estantes são coletivas: “o que mais tem aqui em casa é livros. No meu quarto, no closet dos meus pais, atrás de mim... e agora tô organizando a coleção de livros no quarto do meu sobrinho que também tem livros do meu irmão”.

Um fato curioso descoberto ao longo da entrevista foi que Conceição gosta de livros que se passam em bibliotecas/livrarias e livros que estudam sobre livros, inclusive em seu trabalho, ela pesquisa teóricos da história da leitura, como Chartier e Darnton: “trabalho com livros raros, livros mais antigos. *A Ordem dos livros* e *A aventura dos livros* estão na minha fila pra ler”. Esse dado reforça os entrecruzamentos do perfil profissional com o interesse pessoal em integrar um clube de leitura, isto é, Conceição possui uma relação expressiva com a temática literária, fazendo dessa atração o seu ofício enquanto bibliotecária e pesquisadora.

Assim como a leitora gaúcha, Melissa também se considerava “rato de biblioteca”. Embora seus pais sejam contadores, com interesse por leituras técnicas e não literárias, desde pequena a mãe incentivou seu gosto pela leitura, que surgiu de forma autônoma desde a pré-escola: “até é bonito ela incentivar algo que ela não tinha. Meus pais vieram de classe trabalhadora, eles buscaram algo técnico, viável e fui orientada assim também”.

Quando eu falei pra minha mãe que queria ser escritora, falei isso com nove anos., aí ela “não, mas você vai viver de quê?”, eu era elogiada na escola, nas redações, mas tinha que escolher outra coisa e depois entrei em crise com a escrita... não dá dinheiro... fui mãe cedo e precisava de dinheiro, fiz curso técnico e tal. (MELISSA).

No caso de Melissa, também é interessante observar a intensidade do cruzamento entre os âmbitos profissional e pessoal. Ela mesma confessou que hoje não consegue mais separar o “lado leitora” do “lado escritora”.

De forma similar à Melissa, o interesse de Gloria pelos livros também surgiu de modo independente e devido à sua mãe que, apesar de ter sido leitora durante a infância e adolescência de Gloria, nunca a chamou para ler. No entanto, ela via frequentemente a mãe com os livros, o que a incentivou indiretamente: “a minha mãe sempre foi muito minha primeira referência, então eu via ela fazendo aquilo, aquilo dava tanto gosto... ela arranjava tempo na rotina do trabalho doméstico... que eu pensei ‘só pode ser bom’ e tomei a iniciativa de acompanhar ela”.

A minha mãe gostava muito de ler aqueles livros... aqueles romances de banca de revista, *Sabrina*, *Bianca*, *Júlia*... Ela gostava desses, tinha pilhas e pilhas... E semanalmente a gente ia em alguma banca trocar esses livros para ela. Eu lembro de sempre ir com ela e aí me bateu curiosidade um dia, eu peguei um livro e comecei a ler. Claro, aqueles livros não são para criança, né, mas ela era o que tinha à disposição (risos). Comecei a ler, a leitura é muito fácil, né, aí eu fui gostando... Fui gostando de ler, aí depois ele já estava devorando os livros... esse foi só a porta, que aí a gente vai procurando outras coisas. (GLORIA).

Também incentivada pela mãe, Agatha, por outro lado, iniciou na leitura com cerca de oito anos através dos gibis: “minha mãe conta que tudo que é gibi eu queria ler... meu primo

tinha um monte daqueles do *Homem-Aranha*, aquela coisa toda...e aí ele me deu um bolão já. Eu gostava muito da *Turma da Mônica*, aí eu comprava bastante e lia”.

Minha mãe sempre gostou muito dessa questão da educação, livros, essas coisas assim... não tinha condição de muita coisa, mas ela fazia questão de investir nisso. Minha mãe não tem muito estudo, ela gosta de pegar o livro, mas não é assim para terminar não, mas ela dá uma lidinha... agora ela tá aposentada, ela era cabeleireira. Aí quando eu entrei na adolescência eu pegava livro, mas para ler assim... eu lia um ou dois por ano, bem esporádico mesmo, bem difícil... Começar a ler mesmo já foi pra lá de uns 25 anos, mas não muito também, pouco mesmo, tipo uns três por ano no máximo. (AGATHA).

Em última instância, Djamila ressaltou que quando criança sua mãe a presenteava com livros infantis, fábulas e gibis, mas ela lia esporadicamente, isto é, não tinha “aquele gosto de ler toda vez, consumir livros um atrás do outro”. Foi interessante ouvir sua percepção de leitura, pois naquele período ela destacou que não se considerava uma “leitora de fato”, como se houvesse um modo “certo” de ler e reconhecer-se enquanto leitor. Tal nomenclatura, segundo ela, viria apenas no ensino médio, quando se interessou por séries literárias jovens, mediante o convite de uma colega. Assim, ela iniciou lendo *Percy Jackson* e gostou tanto que, junto da amiga, propuseram à diretora de sua escola que adquirisse mais livros para a biblioteca.

A minha mentalidade naquela época era só esses livros, pra chamar atenção do pessoal pra ler, né. E até que a gente comprou livros assim... *Harry Potter*, *Percy Jackson*... tinha outras séries de livros também... e daí o pessoal começou a lotar de verdade que começaram até roubar os livros, cê acredita?! Tinha gente que era fascinada nos livros também e viram que a diretora comprou, né, esses livros pra gente... Eu sei que a gente comprou umas seis ou sete séries de livros com a coleção inteira e era muito disputado... o pessoal realmente começou a ler. (DJAMILA).

Desse modo, a universitária teve o incentivo da mãe, da amiga e da escola em sua formação enquanto leitora, contemplando três diferentes agentes mediadores de leitura em seu círculo social.

Ao longo das entrevistas, percebi, então, que cada leitora cresceu em um ambiente familiar que proporcionou o contato próximo com os livros, algumas mais cedo que outras, de maneiras e intensidades diferentes. Foi evidente a importância de seus pais, sobretudo a figura materna, no incentivo a ler, corroborando aos estudos de Petit (2010) sobre a transmissão da leitura se manter frequente no núcleo familiar. Dito isso, novamente retorna a questão: mulheres incentivam a ler, são leitoras em maior número, mas as escritoras não possuem o mesmo reconhecimento dos autores homens. Nessa direção, vale aprofundar sobre as impressões das leitoras do *Leia Mulheres* sobre as *narrativas* de autoria feminina.

5.4.2 Autoras e leitoras

Por meio dos questionários, pontuo que grande parcela das mediadoras (69,3%) informou que nos clubes são visibilizadas, com frequência ou sempre, escritoras fora da lista dos livros mais vendidos, e o restante (30,8%) marcou que isso acontece “às vezes”. Adiciono que, na abertura do *Festival Leia Mulheres*, as cocriadoras informaram um levantamento das seis obras mais discutidas nos clubes durante o ano de 2019, o qual ilustro na figura 14.

FIGURA 14 – Ranking das narrativas mais lidas nos clubes *Leia Mulheres* em 2019



Fonte: Adaptado do evento “Festival Leia Mulheres – Mesa de abertura” no YouTube.

Evidencio a presença de quatro brasileiras, três delas negras, e de uma iraniana na lista das seis mulheres mais lidas entre todos os clubes no ano de 2019. Isso manifesta concretamente a preocupação do *Leia Mulheres* com a diversidade étnico-racial das escritoras e das *narrativas* selecionadas, valorizando também a literatura nacional e as interseccionalidades de gênero com raça e classe. Durante os encontros em Mauá, Sinop, Caxias do Sul, Belém e Marechal Deodoro, observei que essa bibliodiversidade também se faz presente nas obras/autoras escolhidas.

De acordo com os questionários, o gênero literário mais lido nos clubes foi o romance (65,4%), seja ele contemporâneo ou clássico. Em segundo lugar constaram obras de não-ficção (biografias, textos acadêmicos, memórias etc.), com 25%. Contos e poesias são lidos, mas não predominam sobre romances. No mapeamento apresentado pelas coordenadoras, pontuo que

quatro dos seis livros mais lidos são romances. Entre os demais, tem-se uma coleção de contos (*Olhos d'água*) e uma biografia (*Quarto de despejo*).

Em fevereiro de 2022, as fundadoras do *Leia Mulheres* publicaram no site do projeto uma lista¹¹⁴ com os livros mais lidos em 2021, onde novamente Conceição Evaristo aparece como a escritora mais lida, com as obras *Ponciá Vicêncio*, *Olhos D'Água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, lidas em quatro encontros cada. Em segundo lugar, lida em 11 encontros, aparece Jarid Arraes, com os livros *Redemoinho em dia quente* e *Heroínas negras*. Se contabilizadas as narrativas individuais mais lidas, tem-se a seguinte classificação entre as cinco primeiras: *Fique comigo*, de Ayòbámi Adébáyò (10 encontros); *Redemoinho em dia quente*, de Jarid Arraes (9 encontros); *Eu, Tituba, Bruxa Negra de Salém*, de Maryse Condé (9 encontros); *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei (7 encontros) e *Amora*, de Natalia Borges Polessio (6 encontros). Contabilizando Conceição, se considerado o critério de nacionalidade, o “pódio” literário indica quatro autoras brasileiras, enquanto pela perspectiva racial, tem-se quatro escritoras negras.

É interessante ressaltar que entre as listas de 2019 e 2021, há uma menor concentração no número de encontros em que as autoras em primeiro lugar apareceram. Conceição Evaristo, por exemplo, em 2019 foi lida em 24 clubes, já em 2021 se manteve em primeiro, mas escolhida por 12 núcleos. Em outra via, há mais *narrativas* e outras autoras despontando, diluídas em números menores, o que sugere uma tendência crescente em termos de bibliodiversidade nos clubes *Leia Mulheres*.

Durante as entrevistas, a escolha de duas leitoras pelo pseudônimo de bell hooks (uma por Gloria em segunda opção, e outra por Djamila) revestiu-se de um novo significado após a morte da escritora em 15 de dezembro de 2021, quase um mês depois da conversa com Gloria. A comoção com a partida de bell hooks foi repercutida nos grupos de *WhatsApp* dos quais participo (Sinop e Caxias do Sul). A sinopense comentou que “não acreditava” na notícia, mostrando grande pesar pela perda da autora. Em Caxias do Sul, clube que na época organizava-se para curadoria do ano seguinte, prontamente a mediadora informou que ela seria incluída no calendário de leituras de 2022. Isso indica que o reconhecimento de *narrativas* também é atravessado por acontecimentos do presente, neste caso como forma de tributo à memória de uma escritora.

¹¹⁴ Lista completa disponível em: <<https://leiamulheres.com.br/2022/02/os-livros-mais-lidos-em-2021/>>. Acesso em 15 fev. 22.

Gloria, nessa perspectiva, afirmou ler muitas autoras negras, pois recentemente está descobrindo sobre sua ancestralidade. Segundo ela, essas *narrativas* “conversam” bastante com as suas vivências e as de seus pais, a partir de memórias contadas por eles.

Elas me fazem pensar muito em como era a vida deles, né, como aprenderam certas coisas que hoje eu tô descobrindo que... né, que essa herança... isso que eles trouxeram pra mim... de onde foi trazido... então pra mim é muito interessante fazer esses paralelos... São leituras que conversam comigo e que são muito difíceis pra mim, porque eu não consigo tipo... ler como eu leio um romance policial, por exemplo, né, eu passo dias ruminando. (GLORIA).

Conceição ressaltou que as leituras “difíceis” proporcionadas pelos clubes são importantes, pois a tiram de sua zona de conforto, os romances românticos: “tem muitos assuntos que eu não gosto de falar nem de ver, tipo violência, estupro, escravidão... ainda mais pra quem gosta de água com açúcar. Tem livros que tratam de ser mulher e são de arrepiar”. Nesse quesito, o livro que julguei mais “pesado”, mediante a observação nos quinze encontros, foi *As boas mulheres da China: vozes ocultas*, da escritora Xinran, lido justamente do clube caxiense. Embora a dificuldade na leitura ser um fator frequentemente percebido em todos os clubes, na discussão dedicada à narrativa chinesa de não-ficção, algumas leitoras relataram passar por problemas de saúde em decorrência do livro, como náuseas, dor de cabeça e pesadelos, durante e após o término.

Conforme Martín-Barbero (2009, p. 300-301), os gêneros articulam narrativamente as serialidades e constituem uma “mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos”. Nesse sentido, percebi diversos pontos de intercessão entre as *ritualidades* de leitura com as *narrativas* e *identidades*. Para ilustrar essa articulação, exponho um trecho do diário de campo referente ao clube de Mauá, quando foi discutido o romance *A menina submersa*, de Caitlín R. Kiernan.

Leitora 1: “tive alucinações com um gato enquanto lia, acho que incorporei o livro”.
 Leitora 2: “o livro é um dos meus favoritos no Skoob”.
 Leitora 3: relaciona a esquizofrenia da protagonista com a mãe de uma amiga. Trabalhou em postos de saúde e sempre viu maridos abandonarem esposas com problemas mentais.
 Leitora 4: concorda com a leitora 3, pois fez estágio em hospital psiquiátrico e durante a leitura relembrou fatos dessa época.
 Leitora 5: no chat indica o livro “O holocausto brasileiro”, sobre os manicômios.
 Leitora 6: fala que uma amiga se descobriu autista e ela própria afirma ter algumas características dessa condição. Sugere o filme “O gênio indomável”.
 Mediadoras afirmam que a temática do mês era literatura LGBTQIA+, porém isso acabou ficando em segundo plano, pois a saúde mental apareceu mais.
 Leitora 7: discorda em parte, porque gostou de a sexualidade ser tratada com naturalidade na história.
 Quando uma nova participante adentra na sala, a maioria das leitoras acena um “oi”.
 (DIÁRIO DE CAMPO, CLUBE DE MAUÁ, MAR. 2021).

Apenas nesse recorte é possível identificar diferentes usos dos livros nos clubes *Leia Mulheres*. Há citação do impacto da *narrativa* no corpo (alucinação), a marcação do livro enquanto predileto na plataforma literária *Skoob*, a relação com a cotidianidade familiar (MARTÍN-BARBERO, 2018) nos relatos que atravessam histórias de conhecidos, familiares e de si mesma, as indicações de *narrativas* midiáticas complementares ao livro e as discordâncias de opinião entre leitoras.

Agatha, que assim como eu, participou de outros clubes, também captou tais contrapontos, por exemplo, quando participou de dois encontros relativos ao livro *Eu, Tituba, bruxa negra de Salem* – um no Leia de Petrolina e outro no de Marechal Deodoro: “aqui em Petrolina elas não gostaram da atitude da protagonista ser submissa do homem, já em Marechal, elas viram de forma diferente. Sim, ela foi submissa, mas não crucificaram como aqui”. Durante o encontro de Marechal, embora em menor número, houve leitoras que se decepcionaram com a protagonista. Por outro lado, as “defensoras” da personagem chegaram a criar uma *hashtag*, intitulada *#TeamTituba*, demonstrando que as opiniões divergentes acrescentam particularidades mais atrativas do que quando todas as leitoras têm a mesma opinião – o que não identifiquei em nenhum clube. Quanto mais ocorriam manifestações entusiasmadas e desviantes, mais as leitoras socializavam nos encontros. Os “conflitos literários amistosos” são percebidos também em relação à curadoria das obras, quando leitoras desgostam de determinado livro que foi indicado ou votado pela maioria. Segundo Conceição, isso aconteceu em relação ao livro *Holocausto brasileiro*, de Daniela Arbex: “uma menina indicou e a outra não gostou e depois no encontro seguinte, a indicação da segunda não foi do agrado da primeira. Foi a revanche (risos)”. Eu estava presente no encontro da “revanche”, mas na época não havia compreendido a piada interna quando as leitoras mencionaram a “vingança”.

Para Melissa, os gêneros literários podem desincentivar o interesse. Ela, por exemplo, não tem afinidade com livros de suspense e policiais, mas prefere “dar uma chance”, folheando as primeiras páginas do que ver algum deles na lista do *Leia Mulheres* e afirmar que não irá ler: “não tenho uma coisa de *a priori* não vou ler, até como escritora não posso fazer isso, mas se a leitura não pegou tudo bem”. Na entrevista, era visível sua empolgação ao se surpreender com a leitura de um livro fora de sua zona de conforto: “uma vez eu meio que xinguei a Suzane, porque não sou muito de fantasia, bruxinho, reino de *Nárnia* e tal... e um dos livros de fantasia do ano passado foi um dos que mais adorei! *Enraizados*, achei muito bem escrito”. Na ocasião, ao final do encontro, ela exclamou: “só vocês pra me fazerem ler fantasia!”, e a mediadora revidou: “é pra isso que você tá num clube de leitura”.

Gloria indica que depois das discussões, nunca ocorreu de abandonar sua opinião, e sim de adicionar outros entendimentos sobre a *narrativa*. Ela salientou o clube dedicado ao livro *A vegetariana*, de Han Kang.

Eu nunca tinha lido nenhum livro... nenhum romance coreano, então assim... eu não tenho referências de... Agora eu tenho, né, mas antes eu não tinha nenhuma referência de como é a escrita... o padrão de escrita coreano.... a construção literária, então pra mim foi tudo novo ali. Aí naquele encontro teve bastante gente, bastante discussão.... várias perspectivas diferentes sobre a obra e eu curti bastante de pensar por esses... de olhar a obra com esses outros olhos, né. (GLORIA)

Djamila declarou que um dos seus momentos favoritos nas reuniões é quando as pessoas começam a expor sua opinião. Todavia, ela possui a expectativa de que ideias semelhantes despontem: “no fundo a gente espera que seja um pensamento um pouco parecido com o nosso, que a pessoa tenha anotado no livro alguma coisa que a gente anotou”.

O encontro favorito de Conceição aconteceu em outubro de 2019, na feira do livro de Caxias do Sul, onde ocorreu um sarau literário sobre Conceição Evaristo em que cada participante pôde ler em voz alta um conto ou uma poesia: “Pegava muito de poesias negras... Foi um período que aquela menininha foi morta a tiros no Rio... foi na favela, então pegou um período que tava todo mundo falando sobre isso e pegou a leitura”. Retomo aqui a ideia de “narrativização do social” (MALINI, 2021), supondo que as discussões antirracistas intensificadas a partir da morte da criança negra – sobretudo pelos veículos midiáticos e redes sociais digitais – possam ter contribuído para tornar a reunião um momento importante para reflexão e aprendizado, e conseqüentemente o encontro predileto de Conceição. Como já demonstrado anteriormente, a autora Conceição Evaristo é uma das mais lidas e reconhecidas nos clubes, então não foi uma surpresa quando ela foi escolhida como pseudônimo. Em direção análoga, Gloria pontuou que o mais importante no clube de Belém consiste na prática de privilegiar o resgate da literatura de escritoras locais.

As meninas vão atrás, elas trocam ideias, elas leem mesmo, indicam os locais, as bibliotecas, onde é que tem, trocam arquivos e tudo mais, então elas incentivam bastante a literatura daqui... essa literatura que a gente não vê aí, né, nas vitrines. Isso é o que eu gosto mais, isso é um ponto de desafio de ler alguém que tu nunca ouviu falar! Eu gosto muito disso. (GLORIA).

De modo complementar, na visão de Djamila o projeto do *Leia Mulheres* seria o “início de uma revolução” que aos poucos está se espalhando pelo Brasil, sobretudo em cidades

interioranas, como Sinop: “a arte sempre resiste ao meio do caos, só é uma pena que nem sempre todos os livros que estão ali podem ser discutidos em uma escola”.

Dito isso, sublinho novamente a relevância do clube para as leitoras descobrirem histórias novas e inesperadas, ampliando seu repertório cultural, iniciado na infância com o incentivo da figura materna e mantido na idade adulta por mediação dos clubes *Leia Mulheres*. A partir da escuta nos encontros e nas entrevistas, foi possível distinguir que as leitoras leem os textos em contraponto com sua vida, interesses, memórias e experiências pessoais (YUNES, 1995, 2013). As impressões literárias, discordantes ou não, são parte fundamental do clube de leitura (SEDO, 2011) e tornam as discussões um espaço de aprendizado coletivo em que as leitoras podem refletir sobre a realidade mediante relatos que extrapolam o enredo das obras.

Por meio da recuperação e reconhecimento das histórias escritas por mulheres (hooks, 2020), os clubes *Leia Mulheres* potencializam a produção de um catálogo de narrativas, muitas vezes às margens do suposto cânone literário, como forma de intervenção ao mercado editorial majoritariamente masculino. As leitoras, por sua vez, exibiram diferentes maneiras de apropriação dos livros, inventando e produzindo significados individuais e coletivos (CHARTIER, 2009), atravessados por suas impressões em fricção com as opiniões das demais. É como afirmou a mediadora de Belém ao final da discussão sobre *A vegetariana*: “a gente chega com as nossas leituras e depois vem as outras”, isto é, as práticas de leitura privadas e públicas se misturam no tecer das relações estabelecidas em comunidade.

Nesse processo, o *Google Meet* não se configurou em um substituto para um espaço físico ou para as leitoras observarem seus arredores domésticos. A plataforma também forneceu uma estrutura para a conversa diferente do que aconteceria durante as interações presenciais. Como a tecnologia não lida bem com várias pessoas falando simultaneamente, as leitoras pareceram estabelecer normas inconscientes para as falas. Ouso pontuar que essa estrutura de conversação criou uma interpretação muito mais complexa das *narrativas* e permitiu que ideias diferentes se encaixassem de uma maneira que elas provavelmente não poderiam se pessoalmente. A não linearidade da comunicação entre leitoras se imprimiu como elemento fundamental aos modos como elas usam a internet para narrar a si mesmas por meio da literatura.

Por fim, no último ponto deste mapa analítico, enfoco na interpretação da mediação das *identidades* nos clubes *Leia Mulheres*.

5.5 “ESSA É A MISSÃO DO LEIA, ESTE É NOSSO ESPAÇO”: IDENTIDADES

Como já exposto anteriormente, a mediação das *identidades* se faz presente na proposta política do projeto *Leia Mulheres* por meio da leitura e valorização de obras de escritoras dos mais variados países e etnias. O reconhecimento das autoras mulheres em suas complexidades, além da consciência das desigualdades sociais de gênero no mercado editorial, também estão articulados nesta mediação. Nesse sentido, aqui aprofundo a percepção das leitoras e mediadoras acerca da relevância dos clubes enquanto espaços de pertencimento, reconhecimento de gênero e resistência coletiva.

5.5.1 Resistência e pertencimento

Entre as principais motivações pessoais para se tornarem coordenadoras dos clubes, os questionários indicaram que as mediadoras objetivam incentivar, disseminar, divulgar, compartilhar, valorizar e facilitar o acesso à literatura escrita por mulheres. Muitas apontaram a importância de construir este espaço de discussão em suas cidades, justificando que não havia grupos dedicados à leitura de mulheres em seus municípios. Também ouvi essa justificativa de Maria, fundadora do núcleo sinopense, que se mudou para a cidade após ser aprovada em um concurso para docente universitária e fundou o clube como uma maneira de resistência ao município com concentração de partidos de direita¹¹⁵. Assim, ela viu no grupo uma possibilidade de encontro com pessoas que tenham perspectivas de vida e até de política diferentes do que ela percebe na maioria de relações que tem na cidade. De forma semelhante, Djamilá também evidencia a escassez de espaços culturais no município mato-grossense.

O pessoal aqui é muito conservador né, é uma cidade muito boa, gosto da minha cidade para se viver, é uma pena que não tem mais locais públicos, de cultura, não tem investimento pra isso... quem domina aqui é o agronegócio, então assim... é um pessoal muito fora da casinha, tradicionais, pré-históricos como eu digo... então é difícil você ser um estudante de letras aqui na cidade de Sinop... qualquer matéria que sai, qualquer coisa que sai, a gente ou é maconheiro (risos) ou a gente é o único grupo petista que sobrou da UNEMAT. Então a gente não é visto com bons olhos, é bem ruim. (DJAMILA).

¹¹⁵ No primeiro turno das eleições de 2018, o então candidato Jair Bolsonaro teve 70,72% dos votos válidos no município. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipios-mato-grosso/sinop-mt/presidente/>>. Acesso em 23 fev. 22.

Tratando da carência de instituições culturais no Brasil, complemento que o número de cidades brasileiras com bibliotecas públicas caiu aproximadamente 10% de 2014 para 2018, sendo que mais de um terço das instituições localiza-se no sudeste do país. Também houve diminuição dos municípios com livrarias, museus, teatros e centros culturais¹¹⁶.

Durante os encontros em Sinop, as leitoras relataram que na Câmara de Vereadores da cidade há 15 parlamentares homens pertencentes a partidos de direita e apenas uma vereadora de partido de esquerda, inclusive ela frequentemente sofre ataques e ameaças pela sua posição enquanto mulher.

Assinalo que “resistência” diz respeito às estratégias feministas de luta contra a opressão dos poderes patriarcal, heterossexual, europeu, branco e capitalista que não apenas ordenam o funcionamento do mercado editorial, como também dos demais setores da sociedade. Se para bell hooks (2020), o amor é uma forma de resistência, nos clubes *Leia Mulheres* situo o *amor aos livros* como uma das principais características em comum entre as leitoras e mediadoras investigadas, facilitando a construção de laços e, inclusive, a minha entrada enquanto leitor-observador nos encontros. Nessa lógica, “reconhecimento” refere-se à “solidariedade política entre mulheres” (hooks, 2020, p. 36), na prática de visibilizar e discutir *narrativas* à margem do cânone literário, com base na conscientização das opressões e desigualdades sociais de gênero, raça, classe, entre outros marcadores.

Nesse sentido, conforme já indicado, a temática política foi presenciada em todos os clubes observados, seja nos debates em prol do protagonismo feminino nas *narrativas* ou nos assuntos “fora do livro” que surgiam no decorrer das conversas, como o atraso na vacinação, as perdas de amigos pelo vírus da Covid-19, entre outros. No primeiro clube que frequentei em Belém, por exemplo, durante a roda de apresentações a mediadora declarou “aqui todo mundo aqui é bem-vindo, menos bolsonarista”. Já em Caxias do Sul, Conceição revelou que em junho de 2021, quando leu uma notícia sobre a tentativa de o presidente Bolsonaro desobrigar o uso de máscaras (que previnem o contágio da doença), propôs à mediadora do clube caxiense que todas e todos estivessem usando suas máscaras na foto final do encontro¹¹⁷. Após, a ideia foi levada ao grupo de *WhatsApp*: “todo mundo disse ‘sim’, acho que não ouvi nenhum ‘não’, até

¹¹⁶ Em 2014 havia 6537 bibliotecas públicas no país. Atualmente são 6057 instituições, uma para cada 37 mil habitantes. O percentual de cidades com livrarias teve queda similar, indo de 27,4%, em 2014, a 17,7%, em 2018. Quanto aos museus, caíram de 27,2% para 25,9%; teatros ou salas de espetáculos, de 23,4% a 20,6%; e centros culturais, de 37%, para 31,2%. Dados disponíveis em: <www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/conjunto-de-bibliotecas-publicas-no-pais-e-insuficiente-e-mal-distribuido.shtml>. Acesso em 31 jul. 2021.

¹¹⁷ A proposta do presidente não foi adiante, ficando a decisão sobre o uso das máscaras a cargo dos governos estaduais e municipais.

porque todo mundo ali tem uma ideologia que é pro mesmo lado, pro mesmo sentido... pela democracia”. Durante minha observação no grupo, não percebi nenhuma manifestação a favor do presidente, logo, no grupo ou não há leitoras dissidentes de um posicionamento progressista, ou as participantes que o são não exteriorizam suas posições político-partidárias. A temática partidária, contudo, apareceu mais de forma implícita em diálogos esporádicos sobre a vacinação ou convites a novas manifestações nas ruas.

Djamila também confessou que no retorno presencial do clube sinopense, em que as leitoras fizeram um piquenique em roda na principal praça pública da cidade, sentiu-se preocupada com a opinião dos transeuntes: “imagina se passa um grupo de pessoas que votaram naquela ‘pessoa’ e começa a mexer com a gente, fazer alguma coisa... perguntar de onde a gente é...”. Ela sente orgulho por ser parte da comunidade acadêmica da UNEMAT, mas demonstrou receio de que pessoas com posições políticas discordantes violentassem as leitoras em seu momento de partilha. Independente disso, Djamila frisou a importância do *Leia Mulheres* em sua vida, registrando isso até mesmo nos agradecimentos de seu TCC¹¹⁸: “eu agradeço muito ao clube, principalmente porque me fez procurar mais sobre escritoras negras, mais temáticas. Se a universidade só tá ali trabalhando com teóricas brancas, se tá incrementando ali...”.

Nesse sentido, foi interessante vislumbrar a mediação das *cidadanias* despontar no trabalho de campo, embora esta dissertação não se proponha a investigá-la empiricamente. As leitoras manifestavam seus direitos enquanto cidadãs com distintas reivindicações, sobretudo aos direitos das mulheres, jovens e culturais ancestrais. (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019).

Em uma das últimas perguntas do questionário, fugindo ao interrogatório formal, solicitei um exemplo de como as mediadoras convidariam alguém para entrar no seu clube. Em suas exposições, as palavras mais repetidas pelas coordenadoras descreviam o *Leia Mulheres* enquanto um espaço acolhedor, aberto, plural, livre, afetuoso, igualitário, diverso, inclusivo e democrático. Longe de discordar das suas opiniões, apenas desejo colocar em perspectiva algumas percepções das entrevistadas que contrapõem em parte essa visão “ideal” dos grupos.

Gloria, por exemplo, sentiu-se insegura em seu primeiro encontro, tendo em vista que, não conhecia ninguém: “foi um começo difícil para mim (risos)”. Ela explicou que a distância proporcionada pela tela a auxiliou a se sentir mais confiante e, com o passar do encontro, a partir das conversas, apresentações e aberturas para fala, ela foi ficando mais confortável. Assim, justamente pelo acolhimento e abertura do clube, ela conseguiu superar a insegurança.

¹¹⁸ Sua temática envolvia a figura da mulher negra no filme *Pantera Negra* (2018), a partir da representatividade da personagem Shuri.

Melissa, para minha surpresa, revelou que ela própria seria uma presença “incômoda” nos encontros: “não fico quieta e elas deviam parar de me dar espaço, vou ter que tomar cuidado, porque acabo tomando espaço e as pessoas acabam se sentindo mais tímidas pra falar”. Eu presenciei algumas ocasiões em que isso aconteceu, não só no clube paulista. Algumas leitoras, sobretudo mais jovens, após exposições de frequentadoras mais experientes em determinados assuntos (teorias de gênero/feministas, História, Letras, Direito) acabaram por relatar que suas próprias falas que não eram “tão elaboradas” ou ainda que ficariam “apenas ouvindo”, pois as demais eram “muito inteligentes”, preferindo, assim, “ficar aprendendo”. Nesses casos, percebi que as relações nem sempre estavam ao mesmo nível de igualdade, embora a discrepância em nível de escolaridade não significar um ponto negativo, e sim ser encarada pelas leitoras mais introvertidas enquanto uma oportunidade de adquirir novos conhecimentos relacionados à leitura do mês.

Ouvir, de fato, tornou-se uma prática central das reuniões, não só para mim enquanto etnógrafo, quanto para as leitoras. Em determinados encontros, algumas participantes comentaram que permitiriam sentar-se, relaxar e ouvir a maior parte do tempo. Depreendi desses momentos o quanto a escuta também consistia em uma forma de engajamento e aprendizado (YUNES, 1999). A própria plataforma impelia esse comportamento, pois, devido ao ruído e interferência dos microfones, se mais de uma leitora falasse por vez, não se entenderia nenhuma.

O tempo de espera para as respostas dos membros na estrutura das conversas no *Google Meet* não me pareceu um gerador de impaciência ou frustração com as limitações da tecnologia, mas sim um reconhecimento compartilhado de que ouvir era tão importante quanto falar. Essa valorização de “escuta” e “fala”, como estilos de participação igualmente valiosos, também se refletiu no que observei como a mistura de “falantes” e “ouvintes” no grupo. Claro, havia uma composição diversificada de pessoas entre e além dessas duas funções, o que tornou os clubes de leitura mais dinâmicos. Assim como havia pessoas que “puxavam” a conversa e efetuavam muitas perguntas – nem sempre as mediadoras –, também visualizei leitoras que ficavam caladas durante a maior parte da reunião e depois ofereciam comentários em síntese dos demais e que eram bastante elogiados. Da mesma maneira, notei que as falas não seguiam um fluxo linear, isto é, algumas respondiam diretamente às anteriores, outras construía novos tópicos de discussão. Algumas pessoas ofereciam informações aqui e ali em pequenos trechos via chat que, temporariamente, transformava-se em um bate-papo à parte da discussão, até que alguém resgatasse o assunto escrito/lido para a conversa em áudio/vídeo. Nesse sentido, conforme

Lopes (2018b, p. 20), reparei vários “modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender, novas linguagens, novos modos de expressão, de textualidades e escrituras” que ressignificam a história da prática da leitura oralizada (CHARTIER, 1998), no cenário digital contemporâneo.

Os momentos de escuta e as expressões de solidariedade que surgiram nos clubes observados sugerem que estar em uma “sala” do *Google Meet* pode, de fato, funcionar para discussões sobre literatura, até mesmo produzindo novas formas de conversa, intimidade e pertencimento.

Ciente que as relações estabelecidas com as leitoras nos encontros foram delicadas, sutis e repletas de expectativas por ambas as partes (TRAVANCAS, 2011), o momento que careceu de maior sensibilidade foi vivido em uma das reuniões do *Leia Mulheres Mauá*, quando dois homens invadiram a reunião de 28 de abril que previa a leitura de *Coração na aldeia, pés no mundo*, cordel da autora indígena e nordestina Auritha Tabajara.

Os criminosos, identificados com foto e nome, entraram na chamada, ativaram o microfone e começaram a compartilhar um vídeo pornográfico de uma tela enquanto gritavam palavras de baixo calão. Tudo aconteceu muito rápido. Em pouco tempo as pessoas saíram da sala, e as mediadoras abriram outra com mais segurança. A maioria das leitoras, incluindo a mim, encerraram prontamente a sessão. Quando retornamos, em novo link enviado em privado pelas mediadoras, descobri que algumas integrantes permaneceram na sala e ouviram ameaças direcionadas à escritora (“eu sei onde está sua filha”) que estaria presente na reunião, porém não pôde participar tendo em vista a falta de conexão em sua residência.

Após o retorno, era notável a mobilização das integrantes para demarcar que o ocorrido não iria desestabilizá-las. Destaco o relato de uma das leitoras que ficou mais tempo na sala e aparentou um conhecimento maior acerca da vida da autora, conectando a violência à filha desaparecida de Auritha e à descoberta da sua sexualidade como uma mulher lésbica.

Eu entendi como um ataque pessoal a ela, porque toca num ponto vulnerável dela: a filha. Então, assim como ela tem superado preconceitos durante toda a vida de forma aguerrida, nós também vamos superar, vamos permanecer discutindo o livro e sabendo que existem pessoas infelizes e infantis, né? [...] nós tivemos uma pequenina amostra do que ela sofre diariamente. (LEITORA MAUÁ, 2021).

Em coro ao depoimento, as mediadoras propuseram manter a discussão, afirmando que “essa é a missão do Leia, estamos aqui, este é nosso espaço e vamos continuar resistindo”, discursos que me lembraram os relatos das leitoras estadunidenses no estudo de Radway (1984). Esta foi inclusive a segunda reunião com maior duração temporal entre todas as quinze observadas (o recorde seria “batido” por elas próprias no encontro do mês seguinte).

Esse acontecimento foi marcante na minha relação como etnógrafo, porque o invasor não contava que estaria sendo gravado. Assim, logo avisei a todas, via chat do *Google Meet*, que poderia compartilhar o vídeo com as mediadoras. Em virtude de o encontro prever a participação da autora, as coordenadoras apontaram que o link circulou para outras pessoas, o que poderia explicar o acesso para a ação criminosa. Assim, embora por um motivo infeliz, a gravação foi útil para o registro do boletim de ocorrência.

Ao pesquisar mais detalhadamente o contexto na cidade de Mauá, descobri que o município foi declarado um dos mais violentos do estado de São Paulo em 2018¹¹⁹. Neste mesmo ano, a cidade totalizou 48,56% dos votos no então candidato Jair Bolsonaro, no primeiro turno da eleição presidencial, porcentagem que aumentou para 62,07% no segundo turno.

Nesse sentido, enquanto “membro honorário do Leia Mauá”¹²⁰, aquele ataque me comoveu em auxiliar as participantes no que fosse preciso, entendendo que é uma violência da qual não sofro em razão de ser um homem branco. Nesse ângulo, o pesquisador Phillip Gripp (2020, p. 17) coloca que “é importante levar em conta os lugares de onde falam os sujeitos nas situações comunicacionais”. Em sua tese, acerca do lugar de fala na comunicação midiática, defende a possibilidade de articularmos um discurso posicionando-se em um lugar social por si mesmo ou em conjunto a outros/as. Dito isso, compartilho da proposição de Gripp (2020) acerca de sua posição social ocupada no espaço acadêmico e no campo de pesquisa.

Quando reconheço minhas adscrições identitárias como homem, cis, homossexual, branco, de classe média baixa e que teve acesso à universidade gratuita e de qualidade permito a imaginação ao/a receptor/a sobre os privilégios sociais que envolvem minha vivência [...]. Ademais, a tese me ensinou que, desde o lugar ao qual sou adscrito, posso apenas em imaginação e simpatia colocar-me no lugar de outra/o e assumir uma fala com ela/e sobre lutas político-identitárias correspondentes ao seu lugar. (GRIPP, 2020, p. 202).

Solidarizei-me, portanto, como um aliado em posição de escuta e aprendizagem junto às leitoras. Certamente minha escolha por compartilhar o vídeo não estava vinculada ao fato de “ser etnógrafo, logo mostrar-se útil”, mas sim porque, antes de estar lá como pesquisador, houve o estabelecimento de um vínculo pessoal com as integrantes. Nesta circunstância, foram tênues as fronteiras entre interferir ou não no campo, contudo a confiança e integridade me pareceram mais importantes do que ficar calado perante mais um caso de misoginia e machismo

¹¹⁹ Disponível em: <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/2885246/diadema-e-maua-aparecem-entre-cidades-mais-violentas-do-estado>>. Acesso em 08 fev. 22.

¹²⁰ Termo proferido por uma das mediadoras do núcleo paulista quando me despedi ao final do último encontro.

presenciado nos clubes *Leia Mulheres*.¹²¹ Reforço um dos pressupostos da antropologia, colocado por Travancas (2011).

O antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta por que as coisas não são diferentes. Ele ouve e procura entender quais são as verdades para aqueles “nativos”, quando e porque se enganam e muitas vezes se surpreende se perguntando por que as coisas na sua sociedade não são diferentes. (TRAVANCAS, 2011, p. 127)

Agatha, que estava presente na reunião invadida, afirmou que já estava “acostumada” com interferências externas em suas aulas desde o início da pandemia: “pra mim foi super tranquilo, mas sei que elas ficaram preocupadas, né, depois as mediadoras mandaram mensagem no privado, acho que mandaram pra todas”.

Assim, apenas citando a invasão ao clube de Mauá, percebo os entrelaçamentos entre todas as mediações elencadas, especialmente as *tecnicidades* e as *identidades* (uso da rede para violência étnica e de gênero). O fato, infelizmente por um motivo criminoso, demonstrou a união das leitoras e lembrou a todas da importância em defender o projeto literário e as reivindicações feministas como modo de resistência coletiva.

5.5.2 Gênero e feminismos

Para além da invasão, notei outras ocasiões em que as questões de gênero foram acionadas, frequentemente pelo enredo das *narrativas*. Melissa, ao tentar ler uma obra do gênero *chick-lit*¹²², proposta pelo grupo de Mauá, entrou em um “desacordo amistoso” com as mediadoras, o que resultou no abandono da leitura e na exposição da sua opinião durante a reunião:

Teve um dos encontros que xinguei o livro “Eu parei de ler *O morro dos ventos uivantes* pra ler isso! Vocês me fizeram ler isso!” (risos). Era um *chick-lit*. Abandonei com toda certeza, era essa coisa de “quem vai ficar com Mary?”, o livro era isso: com qual dos dois caras ela vai ficar. Não tô interessada, não sou time ninguém e o livro foi pra uma discussão de colocar a personagem pra ser só isso. Foi uma das reuniões que eu estava... (risos) e eu sou muito enfática no que falo, tava brava “olha, o que ela viajou, o que ela pensou... não, mas você vai voltar pra uma coisa família, seguir o

¹²¹ Fato similar já havia acontecido com o clube de Teresina em 26 de agosto de 2020, quando invasores agrediram verbalmente as mediadoras enquanto elas preparavam a sala online para o encontro mensal. Disponível em: <<https://www.portalodia.com/noticias/piaui/com-videos-pornograficos,-hackers-invadem-reuniao-online-do-leia-mulheres-teresina-379096.html>>. Acesso em 10 ago. 21.

¹²² O termo “chick lit” vem do inglês e pode ser traduzido como “literatura de mulherzinha”. É um gênero da ficção feminina que geralmente aborda relacionamentos amorosos, trabalho e família, possuindo finais felizes.

negócio dos seus pais, voltar e ter filhinho”. O chick-lit tem essa coisa de ser machista e a Suzane ficou preocupada “sério gente, vocês acham ruim?” e eu “não, Suzane, vambora, não se preocupa com o que tô falando, não me leva muito a sério, vamo ler” (risos) aí não deu, abandonei. (MELISSA).

O relato de Melissa expressou o contraste entre a proposta do *Leia Mulheres* e a escolha do clube por uma “literatura machista”, indicando que nem sempre as leitoras encaram a saída da zona de conforto como um elemento positivo em sua prática de leitura. Assim, posicionam-se quando julgam necessário, nesse caso para evidenciar e denunciar um enredo que coloque a mulher na figura objeto de desejo de homens e submissa à família.

Por meio dos questionários, interroguei se os debates ocorridos nos encontros seriam de caráter feminista. Entre as 52 mediadoras respondentes, uma se absteve e, do restante, 96% alegaram que as reuniões possuem dimensão feminista. Michelle, uma das coordenadoras nacionais, evidencia em sua resposta que o projeto “[...] é feito por mulheres de esquerda, logo, feministas.” Entre as demais exposições, focalizo em dois comentários de diferentes mediadoras: uma delas afirma que “[...] um grupo de mulheres, mediado por uma mulher, conversando sobre obras escritas por outras mulheres, não tem como não ter o feminismo presente em nossos debates.”. Outra assinala que, pela sociedade ser estruturada na opressão de gênero, é “impossível que estas questões não apareçam (em diferentes graus) nas obras que lemos, então sempre retornamos a essas questões e as discutimos abertamente.” Já as cinco entrevistadas se consideraram feministas, porém cada uma apresentou uma relação diferente com os feminismos¹²³.

Segundo Melissa, o Clube de Mauá nunca discutiu de maneira aberta se as participantes seriam feministas, mas ela acredita que há leitoras que não se consideram, pois na discussão do gênero *chick-lit*, enquanto ela estava irritada com o livro, houve duas colegas que ao final afirmaram gostar da história.

Pra mim era impossível gostar desse negócio, mas é uma estupidez, porque é muito vendido, tem um grande nicho de mercado, é a base pra comedinha romântica, é a base pra *Cinquenta tons de cinza* da vida – mas esse tinha pouco sexo, quase nada – e eu parar pra ouvir porque ela gostou e respeitar o sentimento da pessoa... o que ela tá vendo ali é importante, o que ela pegou pra ela... e tá, de umas coisas que eu acho que ela incorporou o machismo, mas eu não vou dizer. (MELISSA).

¹²³ Melissa faz parte do coletivo feminista brasileiro Mulherio das Letras e Gloria integra um grupo de estudos com perspectiva racial/feminista/interseccional.

Ainda assim, Melissa sustentou que há uma considerável pauta feminista nos encontros do *Leia Mulheres Mauá*, principalmente debates sobre representatividade LGBTQIA+¹²⁴: “tem leitoras que deixam claro nos encontros a sua orientação sexual”. A partir disso, é possível visualizar que nos clubes, ao mesmo tempo em que leitoras demonstram certa adesão aos valores tradicionais expostos nas narrativas, outras também subvertem esses valores. Se no estudo de Radway (1984), a leitura surgia como uma questão de independência, os clubes *Leia Mulheres* observados sugerem que a prática está mais associada à resistência coletiva em prol da luta pela garantia de *narrativas* plurais em que as mulheres possuam, de fato, protagonismo. Logo, a situação demonstra, como pontua Escosteguy (2008) que não existe uma identidade homogênea entre as mulheres. Os clubes atuam como lugar para a escuta do Outro, ainda que se exteriorizem as discordâncias entre as participantes.

Para Agatha, o feminismo “significa a luta por igualdade”. Ela declarou que repassa isso aos seus alunos: “não é querer ser melhor que ninguém, é ser igual, tanto homem quanto mulher”. Em complemento a essa ideia, Gloria, apresentou uma visão mais complexa que as demais entrevistadas, corroborada pela sua participação em um grupo acadêmico com temáticas transversais aos estudos das identidades.

O feminismo para mim não significa só essa luta pela equidade de gênero, né, que o feminismo tradicional... hegemônico... sei lá como tratam, prega né. Então assim... o que eu posso te dizer é que se você tá me perguntando se eu sou uma feminista que considera apenas o gênero como uma matriz de opressão, eu não sou... eu sou muito pouco feminista, porque é o feminismo que eu pratico considera outras matrizes de opressão, né, raça, classe, sexualidades... Então pra mim o feminismo que considera apenas o gênero, ele é ele é incompleto, porque eu não sou só mulher, sabe? Eu sou uma mulher, eu sou negra, eu sou nordestina... eu sou uma mulher cis... sou uma mulher hétero, então assim... eu sou atravessada por muitas outras coisas, né, então eu considero que há outras mulheres que são atravessadas por outras coisas diferentes e tudo isso é o que define a gente. Então eu sou uma feminista que considera... que pratica a interseccionalidade no caso. É isso... assim eu sou feminista. (risos). (GLORIA).

Com percepção semelhante, Djamilia também citou a importância da interseccionalidade (entrecruzamento de diferentes marcadores sociais – gênero, raça, classe, nacionalidade etc.) no feminismo, sobretudo o atravessamento racial: “pra mim é a luta constante das mulheres, principalmente das mulheres negras. Igual ao que a bell hooks fala, a gente pode se considerar irmã, mas não é só pra olhar pra um caminho, né, que é o das mulheres brancas”.

¹²⁴ Sigla para designar diversas minorias sexuais e de gênero, composta por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, queers, pansexuais, agêneros, pessoas não binárias, intersexo e demais espectros da comunidade.

Conceição, entretanto, possui uma relação com o feminismo dissidente das demais entrevistadas. Ela não se considera uma “feminista ferrenha/afoita”, mas ressaltou que luta pelos direitos das mulheres, assim como pelas demais minorias, citando a população negra e LGBTQIA+. Ainda pontou que as leitoras mais jovens do clube caxiense seriam “mais feministas” do que ela: “me manifesto, mas não sou aquela que vai pra rua enfrentar de frente. Sou a pessoa que vou pra internet, vou a protesto, mas não aquelas aguerridas”. Sua explicação alude em parte a um feminismo ideal, singular e até mesmo excludente que consideraria “válido” apenas determinado tipo de prática feminista, nesse caso a ida às ruas.

Nessa direção, indico mais um trecho do diário de campo, dessa vez referente ao encontro de *Terra das mulheres* (1915), romance da escritora feminista estadunidense Charlotte Perkins Gilman, a fim de elucidar outra ocasião em que questões de gênero presentes no enredo mobilizam a discussão entre as leitoras.

Após as apresentações individuais, a mediadora pergunta se as participantes gostaram ou não do livro.

Leitora 1: não gostou, porque a narrativa é do ponto de vista de três homens e ela preferia que fosse narrado pelas mulheres, mas releva, afinal a obra é de 1900.

Leitora 2: gostou bastante, achou envolvente e “viajou” na história.

Leitora 3: concorda com a leitora 1, afirma que as mulheres do livro são “doces e equilibradas” e isso retiraria a humanidade delas, como se fosse uma espécie fora da realidade: “os únicos personagens reais são os homens, com contradições, e as mulheres parecem uma massa homogênea com as mesmas características”. Lembra do seu ensino médio, quando aprendeu sobre a história do estado do Amazonas, baseada no mito das amazonas, vistas como mulheres perfeitas.

Leitora 1: Concorda que a autora exagerou na criação das personagens mulheres.

Leitora 4: Declara que foi uma leitura “arrastada” e “pedagógica”. Gostou do estranhamento dos homens em relação às mulheres. Percebeu uma relação ecológica na história.

Leitora 5: Achou cômico um romance feminista narrado por homens e entende que é uma escritora branca de 1915, mas o livro não leva em conta a ancestralidade das mulheres. Lê uma de suas anotações escritas logo após sua leitura: “meu deus, essas mulheres não vão falar?!” (DIÁRIO DE CAMPO, CLUBE BELÉM, MAR. 2021).

Mediante o debate, é possível verificar que a mediação das *identidades* se mostra por meio das opiniões, sejam elas em acordo ou discordância¹²⁵. De toda maneira, suas manifestações sugerem a reivindicação de uma posição igualitária de gênero. Elas contrapõem a escrita da autora e o contexto histórico da obra com as suas vivências pessoais e/ou profissionais enquanto mulheres. Privilegiam textos onde as protagonistas possuam voz, construindo suas impressões compartilhadas tendo em vista um horizonte feminista contra o sexismo e articulado às matrizes interseccionais de opressão (hooks, 2020).

¹²⁵ Alerto que os conflitos de opiniões expostos na análise se repetiram em outros clubes observados, de outras maneiras e com outras histórias, isto é, escolhi explorar algumas situações para ilustrar a recorrência encontrada.

Quanto à participação masculina, apesar de os clubes de leitura se mostrarem abertos a todas as pessoas interessadas em literatura de autoria feminina, a presença de homens foi citada como rara ou esporádica por 74,1% das mediadoras nos questionários. Os estudos de Petit (2010) corroboram para essa questão, ao indicarem a ausência ou raridade de homens em grande parcela dos clubes com os quais a antropóloga teve contato na América Latina. Igualmente, Pacheco (2019) destaca a aparição de dois a três homens em cada reunião do *Leia Mulheres* Belo Horizonte. Sedo (2004), por outra perspectiva, coloca que a presença de homens gerava desconforto em algumas participantes dos clubes de leitura norte-americanos que investigou – também compostos majoritariamente por público feminino.

Como já citado, o número máximo de homens entre os quinze debates observados foi três, e as mulheres atingiram 20. Na última observação de Marechal Deodoro, o número de leitoras superou em 10 vezes o número de leitores. Sinop foi o único núcleo em que não houve homens além de mim durante a observação participante, embora eu tenha visualizado pelo *Instagram* do clube que em maio, mês relativo ao encontro “perdido” devido à confusão de horários, havia um leitor no registro fotográfico do evento online. Portanto, tal como percebido na etapa dos questionários e na consulta de outras investigações sobre clubes de leitura, a participação de homens nos clubes *Leia Mulheres* mostrou-se incomum.

Na abertura do *Festival Leia Mulheres*, uma das fundadoras coloca em questão um ponto importante nesta discussão: as diretrizes do projeto esclarecem que toda e qualquer pessoa é bem-vinda nos clubes, pois a ideia visa justamente romper com o estereótipo de que livros escritos por mulheres seriam uma literatura “de nicho”. Assim, vejo que a pergunta central está em “Por que os homens não participam dos encontros?”, ou melhor, “Por que os homens não leem mulheres?” ao invés de “Por que os encontros têm poucos homens?”, raciocínio este subentendendo que os clubes de alguma forma “impediriam” a participação do gênero masculino.¹²⁶

Melissa citou um exemplo que vivenciou quando participava do clube de São Bernardo do Campo. Em uma das reuniões ocorrida em um shopping, havia um homem que preferiu ficar dando voltas no estabelecimento do que participar do clube com a filha e a esposa. Certa hora ele foi buscar algo com elas e a mediadora o convidou para sentar-se, porém ele recusou, parecendo sem graça de estar ali: “É uma tristeza que os homens não participam, né? Eles veem escrito ‘Leia Mulheres’ e acham que não é pra eles”. Em nossa conversa, a leitora ainda

¹²⁶ Destaco o artigo *Why do so few men read books by women?*, assinado por Marie Ann Sieghart e publicado no jornal *The Guardian* em julho de 2021. Disponível em <www.theguardian.com/books/2021/jul/09/why-do-so-few-men-read-books-by-women>. Acesso em 29 jul. 21.

provocou um ponto de vista que renderia uma interessante investigação: “fico em dúvida se livros escritos por mulheres não geram identificação por homens, porque eu consigo me identificar com vários personagens masculinos”.

Nos encontros, quando as leitoras reclamaram repetidamente dos personagens homens ou de homens no geral, algumas aconselharam em tom descontraído para que eu “relevasse”, porque estão cientes da existência de “homens legais”. Djamila, ao final da entrevista, disse que desconstruiu sua aversão a “homens sulistas preconceituosos”, desejando que houvesse mais homens como eu, interessados na literatura escrita por mulheres. Em outro momento, Melissa ficou aliviada por eu não estar presente em um clube realizado no ano anterior, pois as leitoras brincaram sobre “ter crush”¹²⁷ em um dos personagens: “ele era bad boy, teve uma questão erótica muito forte no livro”. Ora, nos encontros em que participei, sobretudo em Mauá, não visualizei essa prática, o que me fez refletir se as integrantes ficaram desconfortáveis comigo, ou se as *narrativas* dos quinze clubes frequentados – nenhuma delas categorizada como erótica – apenas não mobilizaram esse tipo de comportamento naquelas ocasiões¹²⁸. De todo modo, achei intrigante que, para a leitora-escritora, minha presença seria estranha em um encontro onde um personagem fictício foi objeto de desejo.

No final das contas – e dos contos – as narrativas de autoria feminina impulsionaram as participantes a compartilhar suas próprias histórias de vida, articuladas às suas trajetórias enquanto leitoras. Esse compartilhamento era como um “passe autorizado” pela escrita da autora, pela proposta do projeto *Leia Mulheres*, pelo incentivo próximo da mediadora local e pelo ambiente acolhedor proporcionado pelo grupo. Há medida que cada uma se expressava (em áudio, vídeo ou chat), ia costurando sua fala com as anteriores, em diferentes matizes que não apenas o acordo ou a discordância. Certamente houve ali quem estava presente apenas para ouvir, talvez em seu primeiro encontro, mesmo assim era raro que novos membros não se manifestassem.

Com base na análise dessa mediação, ficou evidente que as estratégias de posicionamento, reconhecimento, relacionamentos e expressões político-culturais das leitoras (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019) fazem-se presentes nos encontros e nas suas práticas de leitura. Os conflitos observados, violentos ou não, sinalizam para a importância do projeto *Leia Mulheres* e o impacto da escrita de autoria feminina na vida das leitoras. Elas se

¹²⁷ Paquera, paixão ou amor não correspondido.

¹²⁸ O mais próximo que consegui observar sobre o atravessamento da minha posição social enquanto participante homem foi durante o primeiro encontro de Mauá: uma das leitoras mais falantes do clube transmitiu-me as boas-vindas e perguntou em tom de brincadeira se eu estava solteiro.

reconhecem a partir das *narrativas* ao mesmo tempo em que narram suas histórias, interpretações e percepções político-identitárias. Seus relatos apresentam, então, identidades móveis e transitórias (RONSINI, 2010), ancoradas na solidariedade digital, afirmação de si e trocas subjetivas (YAMAMOTO, 2014).

De forma similar à proposta dos estudos culturais, elas questionam hierarquias vigentes a partir de oposições entre tradição e inovação, grande arte e culturas populares. (ESCOSTEGUY, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mutações do livro e da leitura sempre engendraram diferentes comportamentos leitores ao longo da história. Desde a Antiguidade, o ato de ler consistia em uma prática coletiva, ministrada pela figura dos letrados que oralizavam a escrita a seu público ouvinte nas ágoras e monastérios. A partir da invenção da prensa tipográfica, a produção de livros expandiu-se consideravelmente, levando o hábito da leitura para novos públicos. Ao final do século XX, a popularização da internet e dos dispositivos eletrônicos complexificou ainda mais essa prática, suscitando outras maneiras pelas quais comunidades leitoras poderiam reunir-se para falar sobre livros. Nesse contexto, aos nos aproximarmos da temática dos clubes de leitura durante a pandemia de Coronavírus no Brasil, é possível visualizar uma mudança em curso, quando o cenário atual impôs novas e velhas competências midiáticas aos públicos leitores conectados.

Este estudo buscou investigar as práticas de leitura compartilhada nos encontros online dos clubes *Leia Mulheres*, a partir das mediações *narrativas, identidades, tecnicidades, ritualidades* e *sociabilidades*. Tivemos como objetivos específicos observar as práticas de leitura compartilhada em reuniões online de cinco clubes pertencentes ao projeto literário no país; entender a importância do clube de leitura para as mediadoras e leitoras participantes; e analisar os usos dos livros e da internet pelas integrantes do projeto *Leia Mulheres* a partir das mediações já citadas.

Metodologicamente, efetuamos um trabalho etnográfico que combinou diferentes técnicas para nos aproximar dos clubes: diário de campo, questionários, observação participante e entrevistas. Assim, no segundo trimestre de 2020, aplicamos questionários com 52 mediadoras de leitura, a fim de levantarmos algumas informações sobre o perfil das responsáveis pelas reuniões em cada cidade e sobre o funcionamento dos encontros. A partir dessas etapas, em março de 2021, consultamos o site do projeto a fim de escolhermos os cinco clubes para realização da inserção etnográfica (os *Leia Mulheres* de Sinop - MT, Mauá - SP, Belém - PA, Caxias do Sul - RS e Marechal Deodoro - AL) e contatamos seus perfis institucionais no *Instagram*, administrados pelas mediadoras locais. Usando o *Google Meet*, empreendemos tanto a observação participante em quinze encontros (três em cada núcleo), entre março e agosto de 2021, quanto as entrevistas com cinco leitoras, em novembro de 2021, para aprofundarmos nossa análise perante as mediações elegidas. Através desse percurso, foi possível compreender as percepções das leitoras sobre as práticas de leitura compartilhadas nos encontros, pois, mesmo que estudos indiquem a carência de pesquisas sobre clubes de leitura,

observamos que, por adentrarmos nas reuniões mensais, as técnicas empreendidas mostraram-se adequadas ao desenho da pesquisa e ao cotidiano das participantes.

Durante o trabalho de campo foi visível a proximidade de comunicação e parceria entre mediadoras locais e nacionais, afinal todo trabalho na manutenção dos clubes é voluntário. Não apenas as 52 mediadoras respondentes dos questionários como também as cinco entrevistadas indicaram, no mínimo, ensino superior incompleto, ou seja, possuem (ou possuíram) contato com o meio acadêmico. Destacamos a reunião de pessoas com um perfil semelhante em termos de escolaridade, embora os encontros virtuais permitissem uma maior diversidade em termos de idade, localização e profissão. Reconhecemos, no entanto, que existiram outras áreas em que a diversidade dos grupos foi limitada, por exemplo, em termos de raça e classe. Além disso, relembramos que a participação em um clube de leitura online requer acesso a um computador ou dispositivo móvel e uma conexão com a internet, um aparato tecnológico que nem todos dispõem.

As entrevistadas compõem um grupo geograficamente distinto, mas com amplo acesso aos livros desde o período da infância, sobretudo pelo incentivo da figura materna. Embora esperássemos grandes diferenças em termos regionais sobre as práticas de leitura e usos sociais das mídias entre os clubes, encontramos um contexto com diversas similaridades. Evidentemente não podemos justapor o que verificamos neste estudo aos demais núcleos da iniciativa *Leia Mulheres*. Isso não significa que desconsideramos a existência de grupos com outras características e diferentes maneiras de acesso. Os resultados encontrados certamente contribuem na compreensão do perfil social das integrantes do projeto literário, corroborados pelas investigações de Pacheco (2019), Salomão (2020) e Goulart (2021).

Identificamos que a organização do *Leia Mulheres* perpassa pelas mediações das *tecnicidades*, no que se refere aos usos da internet pelos clubes com produção e compartilhamento de conteúdo, nos encontros online mediados por aplicativos de mensagens, plataformas de reuniões e por redes sociais; *ritualidades*, por meio dos hábitos individuais de leitura, escolha dos livros, organização e repetição dos encontros; *sociabilidades*, através do compartilhamento de leituras, criação de vínculos e o impacto da pandemia nas relações sociais; *narrativas*, diante dos relatos pessoais e coletivos motivados pelos livros enquanto produtos midiáticos; e *identidades*, a partir do reconhecimento de si e das autoras mulheres, do projeto literário feminista e do clube como espaço de pertencimento e resistência.

Afirmamos que as *tecnicidades* se constituíram essenciais para a expansão coletiva do *Leia Mulheres* a outros municípios, sendo igualmente necessárias para a visibilidade e continuidade dos clubes mensais e das ações nas redes do projeto, desde a *hashtag*

#ReadWomen2014 que inspirou a criação da iniciativa. A partir de informações no website, participações no canal do *Youtube*, gerenciamento das páginas no *Instagram* e de grupos no *Facebook* e *WhatsApp*, as mediadoras e leitoras comunicam-se além do momento dos encontros mediados pelo *Google Meet*, contribuindo para a manutenção das *sociabilidades* na comunidade leitora mediada por plataformas. Além disso, a maioria das entrevistadas mostraram-se leitoras-seguidoras, ou seja, usuárias cotidianas das redes sociais, seguindo autoras, autores, editoras, influenciadores literários, entre outros perfis. A plataformização da leitura (MALINI, 2021), articulada à mediação das *tecnicidades*, ganhou destaque no estudo, pois refere-se ao entorno comunicativo (JACKS; SCHMITZ, 2018) utilizado pela iniciativa. Relativo à sustentação da infraestrutura digital dos clubes, despontou a concentração de grandes corporações tecnológicas, sobretudo os conglomerados estadunidenses *Meta* (*Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*) e *Alphabet* (*Gmail*, *Google Meet*, *Google Agenda* e *Google Forms*).

Além das limitações tecnológicas impostas pela conexão precária, os clubes necessitaram gerenciar problemas devido à qualidade do *hardware* utilizado pelas participantes e ao acesso às plataformas. Nesse percurso, a hipertextualidade não foi uma novidade proveniente da modalidade remota, ela apenas ganhou maior intensidade com as reuniões online.

Os hábitos de leitura nos clubes *Leia Mulheres* dividem-se entre modalidades extensivas, em momentos mais íntimos, geralmente quando as leitoras estão sozinhas no quarto à noite; e práticas coletivas, em que elas compartilham impressões literárias e constroem sentidos em conjunto, seja por meio de suas redes sociais para seus seguidores, grupos de *WhatsApp* dos clubes ou durante os encontros mensais via *Google Meet*. Desse modo, as práticas de leitura compartilhada passaram por uma série de *ritualidades* não apenas de acordo com seus modos de acesso às obras e rituais de leitura individuais/coletivos, como também aliados às lógicas, potencialidades e limites das plataformas utilizadas, procedimentos que se anunciaram autônomos e distintos para cada clube de leitura, conforme suas particularidades locais. Relembramos ainda que os hábitos de leitura são diversos em conteúdo e em suporte, mediante o acesso às *narrativas* em formato impresso e digital. Foi interessante observar o atravessamento de outras mídias, especialmente televisão e cinema, com base nas dezenas de indicações de filmes, séries, entrevistas e documentários com aderência à temática do mês. Nas entrevistas, ficou ainda mais evidente que o hábito de ler – sozinho e em grupo – está relacionado ao bem-estar do corpo, como uma atividade prazerosa, relaxante e até mesmo terapêutica de autocuidado. Um prazer relacionado ao entendimento que as leitoras possuem de

não se encontrarem sozinhas em suas impressões, expectativas, frustrações e leituras no sentido mais amplo da palavra. Elas sabem que poderão contar com o clube para descobrir novos lados das *narrativas*, tirar dúvidas sobre o enredo e/ou a autora e expandir suas compreensões acerca dos livros.

A preocupação com o acúmulo de leituras, em decorrência dos calendários e indicações literárias presentes no cotidiano das leitoras e nos encontros, surge enquanto mais um dos incentivos para ler. A pandemia atravessou ambas as dimensões das *ritualidades*, possibilitando, por um lado, maior tempo de leitura no ambiente doméstico para algumas leitoras, e por outro a dificuldade de concentração para ler em decorrência de problemas pessoais e do trabalho/estudo remoto. Foram recorrentes as interposições entre trabalho e lazer, pois muitas leitoras tiveram a possibilidade de realizar suas atividades laborais de casa. Nos encontros, houve a chance de participação de escritoras e a adaptação de dinâmicas provenientes da presencialidade, como a foto ao final em todos os grupos e a “palavra do dia” no núcleo de Marechal Deodoro.

Os clubes sugeriram uma ambiência para falar dos livros, sim, mas também consistiam em um momento mensal para estar à vontade, longe das tarefas laborais ou domésticas. Uma das razões pelas quais as leitoras adentraram nessa zona de *sociabilidade* encontra-se no desejo de transformar a leitura em uma atividade solidária, no diálogo entre comuns (SODRÉ, 2014). Assim, enquanto algumas participantes privilegiavam as reuniões no *Google Meet* como um momento voltado principalmente a discutir suas opiniões literárias, muitas outras leitoras que conhecemos lá, participando junto delas, revelaram uma camada a mais de importância: o clube era um espaço para ouvir e ser ouvida (desabafos sobre o governo, os problemas pessoais, o contexto sanitário, a saudade do presencial...), na reivindicação de um local próprio de resistência coletiva. O livro certamente consistia no mediador central, mas nas bordas dos relatos havia diversos outros aspectos que por vezes ganhavam mais relevância do que a construção do enredo, por exemplo.

A mediação das *identidades* vinculou-se de diferentes maneiras às práticas de leitura nos clubes *Leia Mulheres*, mediante o posicionamento político das mediadoras e leitoras que fomenta os debates, a escolha das obras, a organização local e a coordenação nacional do projeto. Os relatos apontaram o cunho político do *Leia Mulheres*, em consonância com as investigações de Petit (2010) junto a mediadoras de leitura na América Latina, cujos clubes assemelham-se a coletivos militantes na busca democrática pela voz ativa das suas frequentadoras. As motivações pessoais dessas mulheres, com alto nível de instrução educacional, para liderarem clubes locais em suas cidades e promover a literatura de autoria

feminina perpassaram pela denúncia da desigualdade de gênero, especialmente no mercado editorial, mas também se relacionam a marcadores de classe e raça.

As *narrativas* lidas indicaram uma pluralidade na curadoria em termos de autoria, gênero literário e temáticas, geralmente fora da “zona de conforto” das leitoras, o que as desafiava a conhecer outras culturas, especialmente pelo ponto de vista de protagonistas mulheres, com maior aderência à ficção. Assim sendo, elas leem os textos em contraponto com sua vida, interesses, memórias e experiências pessoais (YUNES, 1995, 2013) e depois essa dinâmica é acrescida dos pontos de vistas das demais. As impressões literárias, discordantes ou não, são parte fundamental do clube de leitura (SEDO, 2011) e tornam as discussões um espaço de aprendizado coletivo em que as leitoras podem refletir sobre a realidade mediante relatos que extrapolam o enredo das obras. Assim, posicionam-se quando julgam necessário, em matizes que encontram-se entre denunciar um enredo que coloque a mulher na figura objeto de desejo de homens e submissa à família e evidenciar uma *narrativa* que aborde as complexidades e tensionamentos de gênero. Como informaram nos questionários, as leitoras-mediadoras investem seu tempo no *Leia Mulheres* pelo objetivo comum de promover a literatura de autoria feminina no país. Esse interesse pela leitura é oralizado por meio de vivências profissionais e pessoais, promovendo, assim, um senso de comunidade e pertença associado à resistência coletiva em prol da luta pela garantia de *narrativas* plurais em que as mulheres possuam, de fato, protagonismo.

Dessa maneira, os questionários, as observações e as entrevistas corroboraram à hipótese de que os clubes *Leia Mulheres* são indissociáveis dos movimentos feministas e das questões relativas ao gênero, embora uma pequena parcela de mediadoras e leitoras não reconheçam o viés político nas conversas e apresentem concepções dissidentes de feminismo. Isto posto, evidenciamos que a iniciativa manifesta práticas incipientes de ativismo digital (DUHAU; ROCHA; FLAMINI, 2021), ainda que não tenha esse objetivo em primeiro plano. A curadoria das obras privilegia a bibliodiversidade de *narrativas* com protagonistas que possuam voz. As leitoras compartilham suas impressões tendo em vista um horizonte feminista contra o sexismo e articulado às matrizes interseccionais de opressão (hooks, 2020).

Convém aqui recordar o conselho de Jesús Martín-Barbero (2018) pelo desdobrar das mediações há medida que as práticas sociais acontecem, tomando essas dobras comunicativas e culturais enquanto sobreposições de categorias com ordens distintas e complementares à apreensão da comunicação em processo, isto é, em constante mutação. Nessa perspectiva, em vez de focar apenas nas plataformas, o uso das leitoras foi significativo quando tratamos das

razões pelas quais a ambiência digital mostrou-se importante aos clubes *Leia Mulheres*, independente da variável pandêmica.

Visualizamos empiricamente a “fronteira simbólica” das *tecnicidades* perante outras mediações, como as *sociabilidades* que auxiliaram de modo mais efetivo no entendimento das relações subjetivas entre as leitoras. Alertamos que isso não significa um desprezo pelo aparato e suas possibilidades de uso, só desejamos registrar um dos motivos pelos quais, neste estudo, uma análise muito restrita e separada das mediações resultaria em uma estratégia incoerente. Nesta dissertação, portanto, as *tecnicidades* aparecem com o papel de mediação estruturante para as demais mediações ocorrerem. Nos clubes observados, a dimensão das *tecnicidades*, *ritualidades* e *sociabilidades* contribuiu para que leitoras pudessem *narrar* suas *identidades*.

Todavia, estamos cientes de que a densidade etnográfica pode ter sido comprometida em razão da extensa quantidade de materiais analíticos sobre os quais não foi possível debruçar-nos inteiramente. Certamente a pesquisa ganharia um rumo diferente se fossem analisados apenas os dados da observação e questionários, porém há medida que as entrevistas foram efetuadas, os relatos das cinco leitoras trouxeram encadeamentos que facilitaram a análise de modo que privilegiamos a densidade das entrevistas, sobretudo quando o assunto enfatizava a prática da leitura compartilhada nos encontros. A partir disso, articulamos nossas percepções com as das leitoras, vislumbrando nossa contribuição conforme o próprio conceito de mediações (MARTÍN-BARBERO, 2018): pontos e linhas dispersos conectados em rede por traçados diferentes que, quando vistos à distância, revelam um mapa-registro para um *sensorium* cultural e comunicacional específico dos clubes de leitura em *temporalidades* pandêmicas.

Durante o período de migração ao online, enquanto algumas frequentadoras viam as reuniões virtuais como uma oportunidade de união para o enfrentamento do isolamento, isto é, a leitura compartilhada enquanto uma margem de manobra para superação de adversidades (PETIT, 2010), outros participantes do momento pré-pandemia perceberam a ambiência digital como local laboral, exaustivo e não prazeroso, optando assim por declinar da participação online. Nossas interlocutoras, no entanto, estiveram dispostas a contornar as dificuldades sanitárias por meio de uma prática cultural historicamente associada à ambiência offline das ágoras, monastérios, ruas e salões literários. Assim, a “mutação pandêmica” exigiu que as leitoras encontrassem outras maneiras de acessar aos livros, conectar-se e formar comunidades na distância física recomendada nos últimos dois anos, resultando, então, em mutações culturais e comunicacionais que impactaram e potencializaram mudanças já recorrentes no circuito da produção editorial, sobretudo a compra via lojas virtuais e a leitura em telas.

Os clubes adaptaram-se em resposta às adversidades pandêmicas, com novas normas sociais de comportamento, substituição de mediadoras, pausa nos encontros, aprendizagem das competências necessárias para manusear os recursos do *Google Meet*, além de seguirem sua expansão pelo Brasil e realizarem parcerias entre si, apesar dos desafios, o que corrobora à flexibilidade coletiva e à disposição das mediadoras em fundar novos núcleos em seus municípios. Ao acompanhar como as conversas entre leitoras foram moldadas pelos aspectos físicos e subjetivos das reuniões virtuais, aprendemos que tanto as circunstâncias da pandemia quanto as tecnologias do *Google Meet* exigiram que os clubes não tentassem simplesmente “replicar” uma prática de compartilhamento offline, mas sim ajustar os modos de ouvir e falar para que as leitoras pudessem compreender umas às outras e descobrir juntas como fazer funcionar as reuniões. Isso, aliado com a natureza pessoal das *narrativas* de autoria feminina, resultou em compartilhamentos de experiências inesperados e tocantes. Em todos os núcleos, ficou evidente o quanto os membros enfatizaram a importância da diversidade de perspectivas para o enriquecimento cultural, bem como a visibilidade de enredos e autoras desconhecidas para uma grande parcela de frequentadoras.

Compreendemos que as *temporalidades* atuais mobilizaram e ressignificaram as dimensões socioculturais dos clubes de leitura nas mediações das *tecnicidades* e *ritualidades*, em maior grau, se considerado o funcionamento prático dos encontros, ou seja, a solução encontrada pelas leitoras e leitores para continuar falando sobre livros. Por outro lado, as *sociabilidades*, *identidades* e *narrativas* apresentavam uma continuidade com um menor – mas ainda assim expressivo – impacto, afinal dizem respeito às pessoas, aos relatos compartilhados e aos livros, elementos que, no online ou offline, sempre mantiveram ativos os laços de comunidade literárias, como nos conta a história da leitura. (CHARTIER, 1998; YUNES, 1999). De todo modo, as *temporalidades/espacialidades* da pandemia de Coronavírus no Brasil de Bolsonaro, foram constitutivas do trabalho. O projeto *Leia Mulheres* expôs agentes do livro contra um discurso sexista sobre as mulheres e que privilegia a democracia, sinalizando que a mediação das *cidadanias* também está presente no estudo, isto é, os usos sociais das mídias pelas leitoras articulam-se a um consumo ativo e cidadão (MARTÍN-BARBERO, 2018).

Contra nossas expectativas sobre o cansaço de telas e a timidez de adentrar e participar publicamente em uma sala digital com estranhos, os clubes de leitura observados descortinaram um grupo de pessoas onde nem todas se conheciam offline, com novos membros em quase todos os encontros. Ainda assim, testemunhamos o curioso entusiasmo de muitas leitoras, com desejo de abordar uma série de tópicos, incluindo assuntos profundamente pessoais. Foi

vivenciada uma mistura de perspectivas advindas de diferentes perfis e localidades geográficas que só foi possibilitada pelo formato digital. Nesse caso, não há contraponto presencial à experiência etnográfica multilocalizada (HINE, 2016) vivenciada na investigação. Apesar das possibilidades hipertextuais dos encontros, a internet também expôs fragilidades da rede, por meio da instabilidade e ruído das conexões, e como ambiência propícia à realização de violências às leitoras e autoras, conforme experienciado no clube de Mauá.

Ao deslocar o olhar do livro, na figura de objeto estético, para as mediações que o rodeiam, não desconsideramos o importante papel do mercado editorial e demais instituições nos hábitos de leitura das participantes. As obras atuaram, assim, como produtos midiáticos (TRAVANCAS, 2013, 2020) vetores da socialização entre leitoras, enquanto a internet operou transversalmente (JACKS; SCHMITZ, 2018) às *sociabilidades* e *ritualidades* dos encontros. Dito isso, entendemos que “leituras compartilhadas” diz respeito não apenas sobre o que era dito (narrativas identitárias), mas também *como* era dito (o ritual coletivo na estrutura digital). Logo, atentamos a não centralizar nossas reflexões apenas nas *narrativas*, e sim articular outras dimensões dos clubes conforme elas interpelaram e configuraram as práticas culturais e comunicacionais das leitoras e mediadoras.

Concluimos que, mais importante do que “encaixar” nossos dados em alguma das dimensões analíticas, o próprio campo evidenciou que as mediações se contaminam, coexistem e esbarram-se umas nas outras. Desse modo, aceitamos que partir da perspectiva dos usos sociais das mídias é abrir-se às brechas, às bordas e aos potenciais da leitura, sem nunca enclausurar ou afirmar enfaticamente processos sempre em mutação. Os *fluxos* comunicacionais e culturais das dinâmicas grupais ofereceram uma compreensão elástica dos usos sociais pelas *redes* do *Leia Mulheres*, dando a entender que, mediante a leitura, os clubes se organizam de forma colaborativa, seja politicamente ou não.

Como pistas a trabalhos futuros com clubes de leitura na internet, recomendamos uma abordagem que priorize ainda mais a densidade das interações em um grupo específico, pois entendemos que a escolha por trabalhar com cinco campos empíricos distintos e cinco categorias de análise acabou limitando a exploração completa dos resultados da pesquisa. Ainda assim, acreditamos que há um vasto campo de lacunas teórico-metodológicas acerca dos usos da internet para socialização literária, principalmente se for ainda mais explorada a perspectiva da plataformização da leitura, tendência emergente no século XXI.

Dito isso, a paisagem cultural e comunicacional que ousamos mapear nesta dissertação não é um campo estático dedicado exclusivamente a interesses capitalistas, mas, sim, um terreno vivo constituído por práticas de pessoas provenientes de contextos distintos, cuja

atividade em comum se encontra, sobretudo, no gosto pela leitura em grupo. Certamente a dimensão mercadológica da indústria editorial majoritariamente branca, masculina, rica e heterossexual está ali, em tensionamento com a proposta política do projeto *Leia Mulheres*, no entanto esta pesquisa em suas limitações acabou por tangenciar as *institucionalidades*, atendo-se em maior rigor às mediações que julgamos mais próximas do campo empírico revestido por aspectos do popular e do massivo, do partilhado e do privado, do profissional e do voluntário.

Diante da crise do mercado editorial brasileiro, ainda mais agravada pela pandemia, a sobrevivência de iniciativas como o *Leia Mulheres* passa a ter ainda mais relevância para fomentar as vendas no setor, sobretudo por meio do apoio às editoras e autoras com menor visibilidade. Da mesma forma, o mercado também influencia os clubes, diante de parcerias com autoras, editoras e livrarias. O projeto integra, no entanto, um movimento político maior do que o mercado editorial, isto é, consiste em uma das engrenagens da complexa rede de articulações feministas emergentes. Mobiliza, desde sua fundação, o uso das redes sociais digitais enquanto ambiência dedicada à manutenção e capilarização dos clubes para potenciais audiências conectadas em diferentes regiões do Brasil e do mundo. Esse cenário sugere, conforme ressalta Goulart (2021), que as mudanças no mercado editorial também vêm de fora, dos pequenos grupos e articulações como o *Leia Mulheres*. Quando somadas, suas vozes ecoam para além das plataformas, tirando a leitura de uma suposta aura solitária.

Assim sendo, esta pesquisa não é somente um retrato sobre a leitura, mas também um registro da postura de mulheres, em determinados lugares do Brasil, que se reúnem com objetivos em comum. Foi importante observar que o gênero feminino mantém uma forte relação com a literatura, seja desde as rodas de tecelãs na Idade Média ou dos salões literários do século XIX. Neste registro contemporâneo, as mediadoras e leitoras dos clubes *Leia Mulheres* leem livros com questões feministas interligadas a um contexto político mundial que cada vez mais possibilita a expansão de mobilizações de mulheres nas mais diversas esferas sociais.

Ao longo do percurso no mestrado também acompanhamos como as leitoras avaliaram o período de adaptação ao remoto e a volta às confraternizações face a face, conforme o trabalho de campo e a vacinação contra o Coronavírus avançavam. No início dos encontros online, a aprendizagem sobre os aparatos era uma questão relevante, que cedeu espaço ao cansaço das telas, conforme demonstraram os relatos das entrevistadas ao fim de 2021. A expectativa do retorno ao offline, todavia, foi recorrente nos 15 encontros observados. Nesse ponto, salientamos que os clubes de Sinop e Belém retornaram à modalidade presencial, respectivamente, em setembro de 2021 e fevereiro de 2022, enquanto os clubes caxiense e

deodorenses preveem a volta dos encontros offline para o mês de abril, isto é, um ano após o início da nossa empreitada etnográfica digital. Enfatizamos, entretanto, que o *Leia Mulheres Mauá* é o único dos clubes investigados que ainda não possui previsão de retorno presencial até a entrega desta dissertação, em abril de 2022, o que pode se explicar devido à impossibilidade de participação de Agatha e de outras leitoras residentes fora do município. Apesar disso, a volta da presencialidade na maioria dos clubes de leitura durante os primeiros quatro meses de 2022 relaciona-se ao alto grau de imunização na população brasileira, ao enfraquecimento mundial da pandemia de Covid-19 e ao desejo das leitoras em se conectar de outras formas após dois anos de distanciamento social, contexto que certamente renderia novas investigações.

Isto posto, consideramos que os objetivos propostos foram alcançados e desejamos que novas pesquisas sejam provocadas pelas discussões e inquietações aqui lançadas, sobretudo na área da Produção Editorial. Realizar um estudo etnográfico multilocalizado em meio a uma pandemia foi desafiador, mas, ao mesmo tempo, relevante para registrar como a leitura ainda é importante para as pessoas superarem adversidades, viajarem a outros países enquanto o deslocamento físico foi impossibilitado e compartilharem suas inquietações motivadas pelos livros, mantendo e construindo laços em comunidade. Vimos que as mediadoras e leitoras dos *Leia Mulheres* contribuem para propor mudanças estruturais no mercado editorial brasileiro, resistindo em coletividade às crises política, econômica, cultural, sanitária e ambiental do país.

Em momentos de isolamento, talvez um dos pontos centrais da leitura coletiva na internet esteja justamente no ritual barulhento, bagunçado, nas risadas, nos desabafos, na instabilidade da rede, no tumulto de vozes de diferentes pessoas que, ao construir um espaço comum e acolhedor para o compartilhamento de obras escritas por mulheres, também narram a si mesmas, seus sonhos, seus anseios, seu cotidiano. Verificamos, portanto, potencialidades criativas no redesenho dos usos das tecnologias pelos clubes de leitura investigados e delineamos um entre tantos ecossistemas em que o livro se vincula às práticas midiáticas contemporâneas. Neste *sensorium* cultural e comunicacional dos clubes *Leia Mulheres* no início dos anos 2020, a leitura figurou enquanto uma atividade plataformizada, móvel, diversa, social e política.

REFERÊNCIAS

ALBARELLO, Francisco; ARRI, Francisco; LUNA, Ana Laura García. **Entre libros y pantallas**: los booktubers como mediadores culturales. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Universidad del Salvador, 2020.

ALEIXO, Mariah Torres. Literatura entre feminismo (s) e reconhecimento: notas sobre o #leiamulheres Porto Alegre. **Reunião Brasileira de Antropologia**, v. 31, p. 1-18, 2018.

ANDRÉA, Carlos d'. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras operárias. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COGO, Denise; MARTINEZ, Silvia. Lago. Redes: dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. (orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ediciones Ciespal, 2019. p. 187-214.

_____; ROSSI, Jean Silveira. Representação de gênero no mercado editorial brasileiro: reflexões sobre a mobilização social em rede #LeiaMulheres. **Temática**, v. 16, p. 139-155, 2020.

_____. Tecnicidades e Identidades Migrantes nos Usos sociais das mídias: Uma Aproximação à Diáspora Senegalesa no Sul do Brasil. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, v. 64, p. 1-36, 2021.

CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. Introdução. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (orgs.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, p. 5-10, 2016.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1998.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

_____.; SCOLARI, Carlos A. **Cultura escrita y textos en red**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2019.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. **Matrizes**, v. 4, n. 2, p. 75-92, 2011.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

_____. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, jan.-abr. 2021

DEPEXE, Sandra. Distinção em 140 caracteres: classe social, telenovela e Twitter. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria, 2015.

DUHAU, Bárbara; ROCHA, Taluana Wenceslau; FLAMINI, Antonella. Un cuarto compartido y conectado a la red: entrecruzamiento entre mujeres, literatura e Internet en América Latina. **Debate Feminista**, v. 61, p. 19-45, 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Um tributo a Martín-Barbero: fazendo memória de trajetos. **Intexto**, n. 43, p. 24-34, 2018.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Instituto Pró-Livro, 2020.

FADANELLI, Sabrina Bonqueves; DALL'AGNOL, Samira. Círculos de leitura em ambientes não formais de educação: estudos e reflexões. **Claraboia**, n. 16, 2020.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Epistemologia da Comunicação: asserção e indecisão. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 143-156.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula Guimarães. O objeto da comunicação e a comunicação nas ciências. In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula Guimarães. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 19-43.

GALVÃO, Vitória; VIEIRA, Manuela. Bial do livro, consumo e cultura material: debates e ações sócio-políticas e de gênero. **Temática**, n. 04, p. 193-209, 2020.

GOMES, Itania Maria Mota. The Uses of Literacy: Hoggart e a cultura como expressão dos processos sociais. **Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas II**. Salvador: Facom/Edufba, 2000.

_____. **Efeito e recepção: A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

GOULART, Clarice de Mattos. Pequenos retratos de gestos: histórias sobre mulheres e livros. **Tese de doutorado**. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura. Rio de Janeiro, 2021.

GRIPP, Phillip Dias. O lugar de fala na comunicação midiática contra o sexismo: ambivalência discursiva e política. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria, 2020.

GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2011.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (orgs.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, p. 11-27, 2016.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **Matrizes**, v. 12, n. 1, p.115-130, jan./abr. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 65-80, jan./jun. 2014.

_____. A teoria barberiana da comunicação. **Matrizes**, v. 12, n. 1, p. 39-63, 2018a.

_____. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018b.

LOUSA, Pilar Lago; SANTOS, Maria Clara Dunck. Leia mulheres: Literatura, empoderamento e divulgação da autoria feminina em Goiânia. **Em Tese**, v. 22, n. 3, p. 62-77, 2016.

MACHIAVELLI, Marina. Usos e apropriações do livro por adolescentes: a internet como mediadora de novas práticas. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria, 2018.

MALINI, Fabio. A plataformização da leitura e redes sociais: impactos no consumo de livros. In: FAILLA, Zoara. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación fin de siglo. ¿Para donde vá nuestra investigación? **Telos**, 47, Madrid, 1996.

_____. Jóvenes, comunicación e identidad. **Pensar Iberoamérica**, v. 6, 2002.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

_____. As formas mestiças da mídia. Entrevista concedida à Mariluce Moura. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 163, p. 10-15, 2009.

_____; LLUCH, Gemma. **Proyecto Lectura, escritura y desarrollo en la sociedad de la información.** Madrid: CERLALC, 2011.

_____. Dos meios às mediações: 3 introduções. **Matrizes**, v. 12, n. 1, p. 9-31, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas.** Editora Vozes Limitada, 2018.

OLIVAR, Monica; CÂNDIDO, Thaís. O ano em que o mundo do trabalho parou?. **Revista Serviço Social em Perspectiva**, [S. l.], v. 6, n. 01, p. 231–250, 2022.

PACHECO, Gabriela Barbosa. Mediações no clube de leitura Leia Mulheres: reconhecimento e sociabilidade a partir da literatura escrita por mulheres. **Dissertação de Mestrado.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte, 2019.

PARDUCCI, Amparo Marroquín. Prólogo. Sobre el inmenso oficio de cartografiar y otras herencias asombrosas de Jesús Martín-Barbero. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. (orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero.** Quito: Ediciones Ciespal, 2019. p. 13-15.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** São Paulo: Ed. 34, 2010.

PIRES, Michelle Claudino. ‘Literatura feminina’ do Wattpad e o projeto ‘Leia Mulheres’: repertórios literários em discussão no sistema literário brasileiro. **Dissertação de Mestrado.** Centro Universitário Ritter dos Reis. Faculdade de Letras. Porto Alegre, 2019.

RADWAY, Janice. **Reading the Romance: Women, Patriarchy and Popular Literature.** University of North Carolina Press, 1984.

REIMÃO, Sandra; QUINTINO, Felipe. Os estudos sobre editoração no campo da Comunicação. In: Lima, Joao Claudio Garcia; Melo, Jose Marques de. (Org.). **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil.** Brasília: IPEA, 2013, v. 4, p. 261-274.

REIS, Josemira Silva; NATANSOHN, Graciela. Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a “Primavera Feminista” brasileira. **Tríade: Comunicação, Cultura E Mídia**, 5(10), p. 113-130, 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Livro: edição e tecnologia no século XXI.** Belo Horizonte: Moinhos: Contafios, 2018.

_____.; MOREIRA, Paula Renata de Melo; COLORADO, Paula Andréa Marin. Mulheres na edição: pioneirismos, coletivos e experiências políticas. **Apresentação.** Vinco – Revista de Estudos de Edição, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2021.

RINCÓN, Omar. Epílogo: mi invención sobre el mapa para comprender el *sensorium* de la contemporaneidad. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. (orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Quito: Ediciones Ciespal, 2019. p. 263-274.

_____.; MARTÍN-BARBERO, Jesús. MAPA INSOMNE 2017: Ensayos sobre el *sensorium* contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. (orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Quito: Ediciones Ciespal, 2019. p. 17-23.

RONSONI, Veneza Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: XIX Encontro Anual da Compós, 2010, Rio de Janeiro. **Anais** Biblioteca Compós, 2010.

ROSSI, Jean Silveira. TAG Livros: Comunicação de Experiências Literárias em uma Comunidade de Leitores. **Monografia de Graduação**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2018.

_____.; BRIGNOL, Liliane Dutra. Práticas de leitura compartilhada nos clubes Leia Mulheres: estudo exploratório com mediadoras de leitura. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual. **Anais** GP Produção Editorial, 2020.

_____. Investigando a leitura no Brasil: um mapeamento de pesquisas com leitores na Comunicação (2015-2020) e de estudos sobre clubes de leitura (1990-2020). In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual. **Anais** GP Produção Editorial, 2021.

SALOMÃO, Amanda. Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Edilma José da; SANTOS, Elaine Cristina Rapôso dos. Leitura e interseccionalidade: a experiência do Leia Mulheres Marechal Deodoro. **Interritórios** - Revista de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, v.6, n.10, p. 243-263, 2020.

SANTOS, Mara Aline de Campos dos. *Do igual, o igual*, conversas desarmadas: um estudo sobre a experiência estética da leitura dialógica em clubes de leitura. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. São Paulo, 2019.

SCARAMUSSA, Taiga Bertolani; DALVI, Maria Amélia. Lendo “Hibisco Roxo” num clube de leitura de autoria feminina. In: **Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades**. GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação, 2016.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; PINHEIRO, Naira Leticia Giongo Mendes. Movimento# EleNão: reconhecimento e afirmação do ato de fala das mulheres na política. **Educação (UFSM)**, v. 45, p. 1-15, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEDO, DeNel Rehberg. Badges of wisdom, spaces for being: A study of contemporary women's book clubs. **Tese de Doutorado**. School of Communication-Simon Fraser University, Burnaby, Canadá, 2004.

_____. (org.). **Reading communities from salons to cyberspace**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.

SOARES, Raysa Ferreira. #leiamulheres: campo literário e ciberespaço. **Dissertação de Mestrado**. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Brasília, 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014. [e-book].

TOMAZETTI, Tainan. Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas teses e dissertações em Comunicação do Brasil (1972-2015). **Tese de doutorado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2019.

TRAVANCAS, Isabel. A Etnografia no campo da comunicação de massa. **Humanidades**, Fortaleza, v. 26, n. 1, p. 125-142, jan./jun. 2011.

_____. O livro como produto midiático e os estudos de recepção. **Contracampo**, Niterói, v. 26, p. 87-105, mai. 2013.

_____. **A experiência da leitura entre adolescentes**: Rio de Janeiro e Barcelona. Rio de Janeiro: Appris, 2020. [e-book].

YAMAMOTO, Eduardo. O Conceito de Comunidade na Comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 438-458, 2014.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Ana Laura Silva. Literatura e feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 6, n. 2, p. 48-61, 2018.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista Letras**, v. 44, p. 185-196, 1995.

_____. Círculos de Leitura: teorizando a prática. **Leitura: teoria & prática**, Porto Alegre, n. 33, p. 17-21, 1999.

_____. **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. Um ensaio para pensar a leitura. **Verbo de Minas**, v. 14, n. 23, p. 5-18, 2013.

_____. É contando que se dá a ler. **Letras em Revista**, Teresina, v. 5, n. 2, p. 9-22, 2014a.

_____. Leituras Com partilhadas, leitores multiplicados. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 4, n. 8, p. 1-13, 2014b.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Prezada mediadora,

Convido você a participar da primeira etapa da pesquisa "Práticas de leitura nos clubes Leia Mulheres: entre mediações tecnológicas e de gênero" (título provisório), de responsabilidade do mestrando Jean Silveira Rossi, sob orientação da professora Dra. Liliane Dutra Brignol, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS.

Para colaborar na realização deste breve estudo, você precisa apenas responder as perguntas das quatro seções que seguem (com duração total estimada de 6 minutos). Sua participação é VOLUNTÁRIA e de extrema importância para a compreensão das particularidades dos diversos clubes existentes e das mulheres que os conduzem. Ao se voluntariar para responder, você concorda que os resultados desta pesquisa sejam publicados em livros, revistas científicas e congressos, com total garantia de que sua identidade não será revelada (a menos que você concorde). Após a conclusão da pesquisa, além do depósito em biblioteca virtual, os resultados serão repassados à organização do *Leia Mulheres* e demais interessadas(os).

Se, em qualquer momento, você se sentir desconfortável com as perguntas e/ou respostas, não concordar com as perguntas e/ou respostas disponibilizadas, você pode desistir, retirando seu consentimento e cancelando o envio, pois as respostas serão computadas somente ao final. Caso tenha dúvidas, você pode entrar em contato com o pesquisador pelo e-mail jeanrossi109@gmail.com ou com sua orientadora pelo e-mail lilianebrignol@gmail.com.

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

- Concordo em participar da pesquisa.
- Não concordo em participar da pesquisa.

Perfil - Seção 1/4

1. Selecione o estado onde você mora: (única escolha)
(27 opções com as unidades federativas brasileiras, além da opção “moro fora do Brasil”)
2. Como você se autodeclara? (única escolha)
 - Branca
 - Negra/Preta
 - Amarela

- Indígena
- Parda

3. Qual a sua idade? apenas o número. (aberta)

4. Qual o seu nível de escolaridade? (única escolha)

- Ensino Fundamental incompleto.
- Ensino Fundamental completo.
- Ensino Médio incompleto.
- Ensino Médio Completo.
- Ensino Superior incompleto.
- Ensino Superior completo.
- Pós-graduação incompleta.
- Pós-graduação completa.

5. Qual a sua renda familiar mensal? (única escolha)

- Até 2 salários mínimos.
- De 2 a 4 salários mínimos.
- De 4 a 10 salários mínimos.
- De 10 a 20 salários mínimos.
- Prefiro não dizer.

Funcionamento do clube - Seção 2/4

6. Há quanto tempo existe o clube no qual você atua? (única escolha)

- Menos de um ano.
- Entre um e dois anos.
- Entre dois e três anos.
- Entre três e quatro anos.
- Entre quatro e cinco anos.

7. Qual(is) plataforma(s) vocês utilizam para organização e comunicação dos encontros? Pode marcar mais de uma opção. (múltipla escolha)

- Facebook
- Instagram
- E-mail
- WhatsApp
- Outros: ____

8. Qual era a média de público nos encontros presenciais?* (única escolha)

*Considerar o período pré-pandemia

- 1-10 pessoas.
- 11-20 pessoas.

- 21-30 pessoas.
- 31-40 pessoas.
- 41 ou mais pessoas.
- Nunca fizemos encontro presencial.

9. Sobre encontros do clube na modalidade online: (única escolha)

- Nunca realizamos encontros via internet.
- Começamos nessa modalidade após a pandemia, com público menor.
- Começamos nessa modalidade após a pandemia, com público igual.
- Começamos nessa modalidade após a pandemia, com público maior.
- Sempre fizemos encontros na modalidade online.

10. Qual a frequência de participação de homens no seu clube? (única escolha)

- Nunca.
- Raramente.
- Algumas vezes.
- Frequentemente.
- Sempre.

Livros e leitura – Seção 3/4

11. Como são escolhidos os livros do clube? Pode marcar mais de uma opção. (múltipla escolha)

- Escolha pela(s) mediadora(s) local(is).
- Por sugestões das administradoras nacionais do projeto via e-mail ou redes sociais oficiais.
- Votação entre os membros do clube.
- Outros: _____

12. Com que frequência leem autoras fora da lista dos best-sellers (não tão conhecidas)? (única escolha)

- Sempre.
- Frequentemente.
- Algumas vezes.
- Raramente.
- Nunca.

13. Como os participantes do clube têm acesso às obras? Pode marcar mais de uma opção. (múltipla escolha)

- Via compra em livrarias, bancas ou sebos.
- Via compra em lojas online.
- Via disponibilização de ebook dos livros.
- Via empréstimo em bibliotecas ou entre amigos.

14. Qual gênero literário é mais lido no seu clube? (única escolha)

- Não-ficção (biografia, história, memórias, texto acadêmico...)
- Romance (histórico, romântico, contemporâneo, de fantasia...)
- Poesia
- Contos
- Outros: _____

Debates e mediação - Seção 4/4

15. Como acontecem as conversas sobre a obra? (única escolha)

- Seguem um roteiro de perguntas ou tópicos.
- Livremente, mas seguindo algumas questões.
- Não há roteiro ou regras para o debate.
- Outros: _____

16. O clube no qual você atua possui quantas mediadoras? (única escolha)

- Uma.
- Duas.
- Três.
- Quatro ou mais.

17. O que te motivou a ser mediadora do clube *Leia Mulheres*? (aberta)

18. Como você descreveria o seu clube para alguém que gostaria de fazer parte dele? (aberta)

19. Na sua opinião, os debates do seu clube seriam de caráter feminista? Por quê? (aberta)

20. Se, posteriormente, você estiver disposta a continuar sua participação através de uma entrevista, deixe abaixo seu e-mail e cidade. Desde já, agradeço! (aberta)

Obrigado pela sua participação!

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Perfil da leitora: idade, profissão, escolaridade, classe social, residência e família.

Práticas de leitura

1. Quando iniciou sua trajetória como leitora?
2. Como você costuma acessar aos livros que lê? Com a situação pandêmica, houve mudança nesse acesso?
3. Com qual frequência lê? A pandemia afetou seu ritmo de leitura?
4. Onde você costuma ler? O local sofreu alterações em decorrência do isolamento?
5. Como é sua organização para leitura, considerando demais atividades como trabalho, estudo, amigos e família?
6. Você prefere alguma temática ou autora?
7. Você prefere ler em qual formato? Por quê? O que muda para você?

Leia Mulheres

8. Como conheceu o projeto *Leia Mulheres*? E o clube local que participa?
9. Iniciou sua participação presencialmente ou já no contexto online? Com qual frequência participa?
10. Participa de outros clubes de leitura ou de assinatura de livros? Se sim, quais?
11. Você está satisfeita com o modo de escolha dos livros no clube que participa? Já sugeriu títulos? Se sim, foram aceitos?
12. Teve alguma obra escolhida que já havia lido? Ou alguma que abandonou a leitura/sentiu-se incomodada? Por quê?
13. Depois de um encontro, já ocorreu de alterar sua opinião sobre alguma autora/narrativa? Por quê?
14. Você fez amizade para além dos encontros? Convidou conhecidos/amigos a entrarem no clube?
15. Você já se sentiu motivada a agir sobre um problema depois de discutir um livro específico?
16. Na sua opinião, qual a importância do clube para você? E do projeto *Leia Mulheres* em nível nacional?
17. Você se considera feminista?

Internet

18. A partir do início da pandemia, como se sentiu em relação aos encontros na modalidade remota? Percebeu um público diferente do presencial?
19. Já teve problemas de conexão que impossibilitaram ou dificultaram sua participação nas reuniões online?
20. Seu clube retornou ou pretende retornar os encontros presenciais? Como foi/está sendo esta adaptação/preparação para você?
21. Além dos encontros via Google Meet, há outras plataformas onde você compartilha seu interesse por livros?
22. Você costuma acessar outros conteúdos relacionados ao livro/autora do mês? Se sim, em quais canais? Antes, durante ou depois da leitura?
23. Acompanha autoras e/ou editoras em redes sociais digitais? Já comprou algum livro por indicação delas?
24. Qual sua parte preferida dos encontros online? Gosta mais de qual modalidade? Por quê?
25. Independente da modalidade, qual foi seu encontro favorito? E o menos favorito? Por quê?

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu, _____, concordo e **autorizo** com a minha participação na pesquisa “**Mutações culturais e comunicacionais em leituras compartilhadas na internet: estudo com os clubes Leia Mulheres no Brasil**” (título provisório), através de entrevista realizada em ___ de novembro de 2021. O estudo faz parte da pesquisa de dissertação de Mestrado do estudante Jean Silveira Rossi, aluno do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), matrícula 202060490, sob a orientação da Prof. Dr.^a Liliane Dutra Brignol.

O objetivo da pesquisa é investigar as práticas de leitura compartilhada em encontros online dos clubes *Leia Mulheres*, a partir das mediações narrativas, identidades, tecnicidades, ritualidades e sociabilidades. Para isso, busca pesquisar teoricamente a relação entre usos e apropriações do livro e da internet, de maneira que consiga observar as práticas de leitura compartilhada em encontros online de cinco clubes pertencentes ao projeto *Leia Mulheres* no país; entender a importância do clube de leitura para as mediadoras, leitoras e leitores participantes; e analisar os usos dos livros e da internet por integrantes do projeto *Leia Mulheres*.

Declaro, ainda, estar ciente da utilização dos dados coletados na forma de gravação via plataforma Google Meet, exclusivamente, para fins de análises acadêmicas, mantendo preservada a minha identidade.

_____, ___ de novembro de 2021